



MANOEL  
DE OLIVEIRA FRANCO  
SOBRINHO

# O LITERATO PRECOCE

Crônicas literárias publicadas  
em jornais de 1933-1938.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Biblioteca do UnicenP - Curitiba

---

Franco Sobrinho, Manoel de Oliveira  
F825 O literato precoce : crônicas literárias publicadas em jornais de 1933–  
1938 / Manoel de Oliveira Franco Sobrinho. Curitiba : Instituto Manoel de Oliveira  
Franco Sobrinho, 2004.  
288 p. : il.

1. Crônicas paranaenses. I. Título

CDU 869.0(816.2)-4  
CDD B869.4

---

IMPRESSO NO BRASIL / PRINTED IN BRAZIL

Copyright © 2004 Manoel de Oliveira Franco Sobrinho  
Todos os direitos desta edição reservados ao:

Instituto Manoel de Oliveira Franco Sobrinho  
Rua Visconde do Rio Branco, 237  
Curitiba – PR – CEP 80410-000  
Fone: (41) 3028-8311 – FAX (41) 3028-8300  
secretaria@institutooliveirafranco.org.br  
<http://www.institutooliveirafranco.org.br/>

Revisão:

*Tomás Barreiros e Yvana de Andrade Barreiros*

Capa e Projeto Gráfico:

*Nancy Marchioro*

Fotolitos e Impressão:

*Maxigráfica*

MANOEL  
DE OLIVEIRA FRANCO  
SOBRINHO

# O LITERATO PRECOCE

Crônicas literárias publicadas  
em jornais de 1933-1938.

---

INSTITUTO  
MANOEL DE OLIVEIRA FRANCO SOBRINHO

REALIZAÇÃO

INSTITUTO  

---

MANOEL DE OLIVEIRA FRANCO SOBRINHO

## COLABORAÇÃO

Academia Paranaense de Letras  
Professor Ivo de Angelis  
Adv. Priscilla Placha Sá  
Tânia Mara Melo Medeiros

## APRESENTAÇÃO

**E**m 1933, quando começa publicar seus ensaios e crônicas literárias em jornais e revistas da época, Manoel de Oliveira Franco Sobrinho, tinha apenas 17 anos de idade.

Aguçava-lhe a inquieta e robusta inteligência penetrar os mistérios do cosmo, alcançar a sabedoria e as lições da natureza, entender o homem como “centro de todas as coisas”, buscar o sentido da vida, enfim compatibilizar a realidade interior do homem com a realidade exterior do mundo.

A resposta às indagações e ansiedades, ao mesmo tempo anseio de aperfeiçoamento pessoal e intelectual, o estudante adolescente foi buscá-la na leitura, no convívio permanente das grandes obras literárias dos expoentes da literatura nacional e estrangeira.

Mais tarde, já como crítico literário, afirmava: “quanto à literatura brasileira, quanto aos movimentos que lá fora se processam faremos a crítica com total imparcialidade, obedecendo às boas regras da conduta intelectual, o balanço das atividades da inteligência indígena”, ao qual somava, como constatamos nos textos, a apreciação e a crítica séria, meticulosa, sensata, das obras dos mais laureados autores da literatura universal.

Entendia com Tristão Athayde que “a história da humanidade, como das civilizações, é uma resultante de obras, de autores e de movimentos. Os grandes autores não são apenas homens do seu tempo mas de toda a eternidade, pois habitam a região das verdades perenes, a região do gênio, onde todas as coisas são claras, todos os fenômenos possuem explicação e a vida tem sentido.”

Durante sete anos nosso jovem crítico literário dedicou-se intensamente e apaixonadamente à análise e à crítica das obras e da vida dos grandes pensadores e escritores, disseminando-as pelos jornais e revistas do país, contribuindo valiosamente para a formação intelectual e espiritual de seus leitores. Nutria a nítida convicção de que, como ensina Rui, “a cultura da alma humana é o primeiro elemento não só moral, como econômico e político de uma Nação.”

Consciente, exerceu a crítica literária sem ferir suscetibilidades, vencendo o cabo dos preconceitos e do rancor, prezando a dignidade do pensamento humano: um trabalho de história e de crítica profunda, uma fotografia de episódios e personagens, “quadros da vida real sem excesso de pintura e de imaginação privilegiada”.

Nesse percurso não transformou a pena em cutelo para decepar personalidades literárias nem jamais transformou-se em servo de seus sentimentos e do seu saber.

O fecundo e precioso exercício da leitura e da crítica literária habitava, então, inteiramente a alma do jovem escritor, e renunciava o triunfo luminoso do futuro advogado, juriconsulto e professor.

Nos textos, o literato precoce pratica, sim, uma arte engajada mas sem renunciar à independência da arte e do artista e que fosse, como no dizer de Otavio Paz, “responsável ante a sociedade, livre ante a arte e a consciência”.

Ao trazer dados salientes da vida e da obra dos autores, estudar o reflexo de seus pensamentos nos textos que deixaram, presta o autor subida homenagem às faculdades ideais do espírito humano. Ainda mais, suas análises e associações de

idéias levam o leitor a refletir sobre a sociedade de hoje e sobre a condição humana no seio desta sociedade.

“O Literato Precoce”, uma coletânea de ensaios de crítica literária, inicialmente esparsos, singelos e despretensiosos, constitui substancial alimento espiritual ofertado aos que tiverem a alegria e o proveito de servê-lo.

MARIA OLIMPIA DE OLIVEIRA FRANCO MACEDO

MANOEL ANTONIO DE OLIVEIRA FRANCO

JOÃO MANOEL DE OLIVEIRA FRANCO

## PREFÁCIO

Oportuna e louvável a iniciativa do Instituto Cultural de Jornalistas do Paraná de reunir crônicas, ensaios e críticas literárias, extraídas de jornais e revistas do passado, de autoria do inesquecível professor e acadêmico Manoel de Oliveira Franco Sobrinho.

São trabalhos produzidos ao tempo da sua juventude, que resgatam bens sócio-culturais, ressuscitam valores humanos e retratam paisagens inspiradas de uma fase romântica e buliçosa.

Intelectual eclético e fecundo, Oliveira Franco fez-se analista criterioso das realidades culturais e políticas da sua época.

Ele nunca perdeu de vista, nesse afã, a qualidade estética, a expressão filosófica e a espiritualidade semântica. Sua filtragem dessas evidências não se contaminou da acidez com que certos críticos costumam escarpelar os autores. Suas observações foram sempre repassadas de generosidade e boa fé, longe do método iconoclasta ressentido que a tudo recrimina.

Preciosa matéria-prima a deste livro, que nos revela outro ângulo dessa personalidade cativante e polivalente, cujo talento criativo inundou gerações surpreendidas com os avanços das novas correntes literárias em ascensão.

Ele foi, sobretudo, um instrumento dessas transformações, tanto no campo da literatura, quanto no jurídico e jornalístico. Chamaram-no de “bandeirante cultural” dado o seu fervor pela cultura, a difusão de idéias modernas e um sincero amor pela investigação.

A leitura desses textos nos enriquece o espírito, quanto nos permite uma visão abrangente do universo cultural em que ele exercitou a inteligência e o paranismo.

Curitiba, 10 de maio de 2004

Túlio Vargas

PRÉSIDENTE DA ACADEMIA PARANAENSE DE LETRAS

## ÍNDICE

Apresentação .....	11
Prefácio .....	15
Perfil Geral .....	21
Um Paranaense nas Trincheiras da Lei .....	25
São Francisco de Assis e a Poesia Cristã .....	29
Doidinho .....	32
Espírito de Nosso Tempo .....	35
Lampião .....	38
Sinhá Dona .....	41
Fantásias e Matutadas 1 .....	43
Fantásias e Matutadas 2 .....	44
Mocambo .....	46
Luxúria .....	48
O Romancista Gastão Cruls .....	50
Romance e Novela .....	53
À Margem da Literatura Universal .....	57
Um Contista Singular .....	60
Victor Hugo .....	62

Proust, Hugo, Pirandello, Ibsen e Cia. ....	69
"Estrangeiros", de Agrippino Grieco.....	71
A Nova Literatura Brasileira .....	75
A Falência do Verso.....	79
Em Torno de Marcel Proust.....	82
Três Figuras do Século XX.....	87
Pirandello e o Homem Pirandelliano .....	93
Gastão Cruls, O Romancista do Mistério .....	97
O Mundo de Dostoiiewski.....	101
Mr. Aldous Huxley e o Brasil.....	104
Sobre Marcel Proust.....	107
Gente Nova do Brasil.....	110
O Romancista Jorge Amado .....	112
Marcel Proust e o Nosso Tempo .....	115
A Vida Inquieta de Raul Pompéia .....	118
A Vida Singular de Isadora Duncan .....	122
O Teatro de Pirandello.....	126
Território Humano .....	129
Inglesas .....	131
Didatismo .....	136
A Posição de Henry de Montherlant .....	139
Nicolas Berdiaeff, José Veríssimo & Cia. ....	143
Em torno de "Usina" .....	146
Notícia de Pirandello .....	148
A Originalidade Técnica na Obra de Luigi Pirandello .....	150
Mar Morto - Críticas e Crônicas - A Luz do Subsolo .....	156
A Nova Literatura Brasileira .....	160

Como Definir o Romance de Plínio Salgado .....	165
O Mágico Claudel.....	168
Descobrimento da Vida .....	170
Caminho de Pedras - Experiências .....	173
Letras e Letrados 1 .....	176
Letras e Letrados 2 .....	182
Letras e Letrados 3 .....	191
Letras e Letrados 4 .....	199
Letras e Letrados 5 .....	205
Letras e Letrados 6 .....	211
Letras e Letrados 7 .....	218
Em Homenagem a Paulo Setúbal.....	224
O Livro de Magdalena Camucé.....	226
Panorama do Moderno Romance Brasileiro.....	228
García Lorca .....	233
Roger Martin du Gard, Prêmio Nobel de Literatura 1937 .....	236
Ainda Sobre Roger Martin du Gard .....	239
Aspectos da Evolução da Crítica Literária no Brasil .....	242
Vidas Secas - O Romance de 1938.....	246
Vida, Obra e Morte de Newton Sampaio.....	250
Dickens e o Sentido da Compreensão.....	259
Ernest Hemingway, Hervey Allen, James Farrell & Outros .....	263
Inteligência do Norte.....	268
O Romance Norte Americano.....	273
Um Pouco Sobre Marcel Proust .....	276
Cronologia .....	279
Bibliografia .....	283

# MANOEL DE OLIVEIRA FRANCO SOBRINHO

## PERFIL GERAL

### O LITERATO E O JORNALISTA:

Ainda na juventude, Manoel de Oliveira Franco Sobrinho dedicou-se à literatura, escrevendo crítica literária, ensaios, contos e poesias em jornais e revistas de âmbito local e nacional, como “Revista do Directorio”, “Fon-Fon”, “A Ordem”, “Jornal das Moças”, “A Semana”, “A Época”, “Revista Nacional”, “Invicta”, “Revista da Academia Paranaense de Letras”, sem contar sua participação em inúmeros periódicos técnicos. Dentre as centenas de artigos aos quais dedicou sua reflexão, inscrevem-se trabalhos sobre a obra de significativos intelectuais dos séculos XIX e XX. Nomes como Victor Hugo, Bergson, Marcel Proust, Jacques Maritain, entre outros, foram centrais para a consolidação do pensamento crítico de Manoel de Oliveira Franco Sobrinho. Ao lado do diálogo mantido com esses e outros pensadores, Franco Sobrinho também inclinou-se para uma experiência literária própria, e nessa dimensão encontram-se contos como “Imortalidade”, publicado na revista “A Semana”, em 1932; “Amor e morte”, inserido na edição de maio de 1934 da revista “Fon-Fon”, e, ainda no mesmo ano, “O amor de Carlos”, publicado no “Jornal das Moças”. Nos anos de 1934 e 1935, participou da criação da Academia de Letras de Moços do

Paraná e do Centro Ronald de Carvalho, dois pólos destinados a estimular a produção intelectual de jovens literatos do Paraná. Foi também membro de importantes centros da intelectualidade paranaense, nos quais se destacam o Círculo de Estudos Bandeirantes, o Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico do Paraná e o Centro de Letras do Paraná. Como fundador ou membro dessas organizações, sempre procurou uma renovação no campo das letras e da crítica no Paraná, valorizando, no entanto, o legado cultural das gerações anteriores. Com o correr do tempo, ateu-se mais aos temas ligados às suas especialidades na área jurídica ou à sua carreira pública, sem nunca ter abandonado a paixão pela literatura que, segundo ele próprio, foi a base fundamental de sua formação. Em novembro de 1966, a comunidade intelectual paranaense, reconhecendo sua importante e valiosa contribuição literária, elegeu-o para a cadeira nº 13 da Academia Paranaense de Letras.

Desde o início de sua atuação no mundo das letras, Manoel de Oliveira Franco Sobrinho participou ativamente na produção jornalística de Curitiba e do Paraná, colaborando em diversos periódicos, como “O Dia”, “Gazeta do Povo”, “Diário do Paraná” e “O Estado do Paraná”, por meio de artigos, ensaios e críticas em várias áreas. Com o amadurecimento de sua vida pessoal e profissional, tornou-se mais ativo no setor da comunicação. Na década de 1940, exerceu a função de diretor da sucursal no Paraná da Empresa Editora “A Noite” e participou da direção de outros periódicos, como “Gazeta do Povo” e “O Dia”, de Curitiba. Atuou também marcadamente em diários de nível nacional, como “Jornal do Brasil”, com o qual contribuiu intensamente durante toda a década de 1980, “Correio da Manhã”, “Jornal do Commercio”, “A Noite”, todos do Rio de Janeiro; e, ao final da década de 1950, com “O Estado de São Paulo” e “Folha da Manhã” (atual “Folha de São Paulo”). Sua atividade na imprensa sempre foi pautada pela transparência, traduzindo para os leitores, de forma clara, as questões momentâneas e resgatando-as em sua historicidade. Foram enfocadas em seus artigos questões relativas à legalidade constitucional face às contradições sociais, problemas como o custo de vida, a educação, o potencial energético, a

moralidade no trato da coisa pública e outras referências do cotidiano. Preocupou-se também com o próprio “status” do jornalismo no Brasil, participando de debates sobre as responsabilidades e os limites legais das atividades da imprensa. Além dos periódicos de que participou com mais assiduidade, foi colaborador de outros jornais, tais como “A Nação” e “O Globo”, do Rio de Janeiro; “La Mañana”, de Montevidéu, e “A Tribuna”, de Santos. Em 1939, sob o certificado nº 74, foi um dos primeiros jornalistas registrados profissionalmente no Paraná. Diversificando continuamente sua produção em jornais, manteve-se ativo no setor da comunicação por mais de seis décadas. Na qualidade de cientista político e social, produziu colunas semanais no jornal “Gazeta do Povo” até seu falecimento em 2002.

Curitiba, junho de 2004.

# UM PARANAENSE NAS TRINCHEIRAS DA LEI

*Correio do Paraná – 10 de abril de 1933.*

Sei quão difícil é, para mim, fazer um julgamento, qualquer seja, sobre este livro, quando conheço o autor, ainda que de nome e pelos discursos que já o ouvi fazer em praça pública e também no seio da nossa classe universitária. Conheço e admiro Elias Karam, apesar de nunca ter mantido relações de amizade com ele. Conheço-o e aprecio-o, pelas suas qualidades que o fazem querido. Vejo nele o verdadeiro acadêmico, o acadêmico que estuda, que trabalha, que aplica o seu saber em prol da coletividade. Farei, portanto, o julgamento desta bela obra em que a figura altiva do Paraná interpreta os principais e os mais decisivos papéis, imparcialmente, dizendo o que verdadeiramente penso e sinto sobre o trabalho do acadêmico de Direito Elias Karam.

Nós paranaenses somos sempre os rebaixadores das nossas próprias coisas. Não conhecemos a nossa realidade. Não compreendemos o Paraná, nem a alma desta já tradicional e gloriosa mocidade que chefia o nosso povo. Não me refiro a pessoas e nem me podia referir, refiro-me somente à nossa gente, à gente da nossa terra e também refiro-me a psicologia obscura e desconhecida que teve o seu primeiro sorriso, o seu primeiro raiar, num livro, livro este, padrão de orgulho para o nosso povo e glória para o Paraná.

Curitiba foi anos atrás um verdadeiro centro intelectual, o verdadeiro foco de irradiação de uma literatura puramente regional, mas de caráter nacionalista,

fazendo então a inteligência dos paranaenses verdadeiros prodígios, imortalizando poetas, escritores, nas já imortais colunas das letras nacionais.

Mas sabemos ainda escrever. Possui ainda o Paraná verdadeiros mestres na literatura. Infelizmente, o marasmo, o caos, parecia ter dominado a alma do paranaense. Nada produzíamos, nada fazíamos. Estávamos estagnados e nem sequer pensávamos numa possível queda das nossas letras. Eis, porém, que neste tremendo caos aparece uma luz; luz que vem gritar para o heroísmo acanhado do nosso povo; luz que é o Paraná; luz que mostra a verdadeira alma do povo da terra dos pinheirais. Essa luz é Elias Karam, que com a sua brilhante obra vem mostrar ao Paraná o seu verdadeiro valor, quer moral, quer intelectual. Que vem mostrar ao Brasil que, no glorioso templo universitário do Paraná, possuímos homens, além de mentalidades, como as que vimos na revolução constitucionalista de 1932; homens capazes, não de morrer, mas sim de viver e lutar pelo Paraná, para o Brasil forte e unido. Mostra Elias Karam o verdadeiro valor do filho das terras das Araucárias nas trincheiras paulistas, debaixo do sibilar das balas ditatoriais e debaixo do fuzilar das metralhadoras assassinas. Este livro mostra que o verdadeiro exército de uma nação é a sua mocidade. Ele encerra capítulos do mais puro heroísmo pátrio. Ele mostra os horrores de uma guerra entre irmãos, para a garantia de uma pátria e liberdade de um povo. Ele é finalmente o eco da mocidade oprimida que clama por liberdade, a voz sagrada da redenção entoando o hino à Constituição.

Abramos agora o livro de Elias Karam. Entremos nestes maravilhosos subsídios para a história epopéica de S. Paulo.

O Prefácio é do professor Milton Carneiro, da Faculdade de Medicina do Paraná. Mentalidade culta a serviço da humanidade e pena de ouro a serviço das letras pátrias. Pinta em belas páginas o retrato de S. Paulo, a grandeza brasileira e o seu dinamismo para o progresso como a verdadeira alavanca da glória do Brasil. Descreve a realidade brasileira de S. Paulo de um modo invulgar e portentoso, mostrando quanto o Brasil deve a S. Paulo e quanto devemos nos orgulhar da terra bandeirante. História verdadeiros episódios de heróicos e

abnegados derramando o seu sangue para o bem da nossa pátria e para a garantia do nosso símbolo: ORDEM E PROGRESSO.

Ninguém até hoje conhecia Elias Karam, para mim nada mais era do que um simples acadêmico jornalista com o dom da palavra, mas agora eu o conheço como uma mentalidade, como um espírito produtor que emprega sua pena e inteligência no trabalho produtivo, que honra a classe acadêmica do Paraná e também a terra bandeirante da qual descendemos.

Descreve Elias Karam todas aquelas fases pré-revolução de uma maneira admirável. Fala de S. Paulo, da Constituição e da Ditadura, como diz, traidora dos nossos sacrosantos princípios liberais e democráticos.

Depois mostra a psicologia do povo da terra dos pinheirais. Revive as promessas feitas ao Paraná e nunca cumpridas. Revive as misérias ditatoriais no esbulho dos bens e dos direitos do paranaense. Mostra ainda, naquele seu ardor, que o Paraná em 1930 não aderiu à revolução e sim fez a revolução, dando ganho de causa à mesma, que do contrário teria ficado somente nos pampas. Por fim, depois de demonstrar a alma do brasileiro e do paranaense pela lei e pela ordem e pelo progresso, traça-nos Elias Karam a ação da caravana acadêmica de Direito do Paraná nas lides constitucionalistas, pois que, a 3 daquele mês histórico, tinha partido de Curitiba a falada gloriosa falange de moços, que, por destino, iam nos representar na maior luta travada na América do Sul. Fala-nos Elias Karam dos seus colegas de Combate. Mostra de uma maneira eloqüente, que faz vibrar todo o verdadeiro coração brasileiro, os amargores e as crises de um soldado da liberdade.

A atitude paranaensemente brasileira do Tenente Coronel Plínio Tourinho não é esquecida. Eleva o nosso chefe e General de 1930 aos apogeus da glória, de trás da qual está o Paraná.

A nossa classe universitária merece do nosso já ilustre colega os maiores louvores, honrarias e elogios. Osny Duarte Pereira, aquele caráter acadêmico, tão já nosso conhecido nas diversas campanhas universitárias e nacionais, também colabora grandemente neste precioso livro. Traça em poucas linhas, em linguagem

de coragem e conforto para os brasileiros, a sua fuga de Curitiba para ir ao encontro das tropas constitucionalistas. Fala e descreve minuciosamente e em boa linguagem as suas extraordinárias e tão faladas peripécias que o elevaram no seio da universidade paranaense e no rol da mocidade brasileira, não só pela sua inteligência, mas também pela sua audácia e pelo fecundo plano de ação que pôs em prática no litoral do Paraná.

Depois de muitos outros ótimos capítulos, encerra Elias Karam o seu maravilhoso livro cheio de documentos para a nossa história.

É um belo livro. Merece ser lido por todo aquele que conhece a sua terra e que dela orgulha-se. Salve, pois, Elias Karam. O teu livro é o arauto das letras acadêmicas. Mostraste o valor e a inteligência de um acadêmico filho do Paraná. Traçaste páginas que cantam heroísmos. Soubeste fazer um livro. Soubeste traçar as linhas que levam uma mocidade à vitória. Eu te saúdo como acadêmico que sou e saúdo ainda a caravana acadêmica do Paraná, cuja história só agora pude conhecer pelo maravilhoso livro “UM PARANAENSE NAS TRINCHEIRAS DA LEI”. Estou certo de que será retumbante a vitória deste livro. Far-se-ão diversas edições e cada uma delas mais queimará a nossa alma, mais nascerá em nós a chama sagrada do patriotismo. Mocidade que possui elementos como Elias Karam tem que vencer, o seu destino é a vitória e o progresso. Marchemos, portanto, confiantes, que o nosso futuro está garantido. Já possuímos uma mocidade que luta e que trabalha e que compreende a liberdade.

## SÃO FRANCISCO DE ASSIS E A POESIA CRISTÃ

*O Dia – 28 de setembro de 1933.*

**P**ublicando São Francisco de Assis e a Poesia Cristã, mostra-se este espírito sublime que é Agrippino Grieco, crítico e historiador. Crítico dos mais afilados, esteta, dum estilo superabundado de idéias novas, duma maneira de escrever impressionante e justa, juiz severo defensor do nosso idioma. Historiador fecundo, busca nas fontes as verdades históricas necessárias ao seu espírito crítico. Caráter híbrido de historiador e crítico, história criticando, haja vista a Evolução da Prosa e da Poesia Brasileira, livros em que o hibridismo de Agrippino mais se nos apresenta. A história a serviço da crítica é o seu alimento principal. Busca nas fontes os motivos de sua crítica, mas o belo dos seus livros está na pura psicologia literária, está na análise admirável que faz nos seus estudos críticos-sarcásticos, lançando contra a mediocridade que escreve o fel da verdade. Vejamos Vivos e Mortos. Nada mais recomendável, portanto, do que uma obra de Agrippino Grieco, deste Agrippino tão temido, tão sarcástico e tão grande.

O seu último trabalho – São Francisco de Assis e a Poesia Cristã – é um trabalho de história e de crítica profunda. É o último livro de Agrippino uma biografia. Não biografia de datas, de passagens da vida biografada. Faz biografia, mas puramente psicológica. Estuda Dante, Tasso, Lamartine, Verlaine, Milton, Varela, Gomes Leal, etc. em sua intelectualidade.

A poesia cristã é desde há muito uma potência criadora, derramando luz sobre a terra e espargindo o misticismo sobre os espíritos. Seu caráter mitológico amedronta como a voz ao além. É a oração de poetas cristãos, inspirando o nosso sentimento religioso de homens, por um mundo superior, por um mundo divino. Segundo a gênese, existe na imensidade estonteante do infinito uma divindade, poderosa, onipotente, monarca absoluto e dominador de todo o mundo terrestre e celeste. Este monarca é Deus. E poetas, antigos e modernos, dominados por uma paixão temerosa a esse ente, traçam em eloqüentes palavras rimadas todo o seu sacrifício:

A noite que passou  
O Cristo no Calvário  
Um rouxinol cantou  
Sobre a cruz solitário.

São versos do poeta Gomes Leal, na sua história de Jesus. E o nosso Varella.  
O que eu adoro em ti, ouve, é tu'alma.

E Grieco traça em linguagem vibrante as vidas de Dante, S. Tereza, Chateaubriand, Péguy, Milton, Southey, Wilde, Antero, etc.

Começa o ilustre escritor com a Legenda Franciscana. Fala nos monges da Itália e nos solitários da Tebaida... e de S. Francisco: Abismava-se em Deus, saciava-se de solidão, mas também vinha ao mundo para lutar. Esse orfeu batizado foi um dos maiores organizadores do seu tempo. Muito contente com a sua libré de estamemha, não a trocaria por uma veste de púrpura, achando preferível ser laçao de Cristo a ser príncipe dos homens. E mais adiante: Como no hálito de um pastor que só se nutre de frutos, na boca de S. Francisco só havia o aroma de Deus, porque o nome de Deus era o seu alimento preferido. Agrippino também é poeta. Traçar páginas como as que traçou sobre S. Francisco, é preciso estar ouvindo a lira, a lira sacrossanta de Jesus entoando o hino à redenção. Termina o capítulo com a morte de S. Francisco, ser imortal e possuidor do eterno e imperecível segredo de Cristo, na órbita infernal em que vivia, dentro das misérias,

vendo doentes, acalmando com beijos os leprosos, confiante que estava na grandeza e onipotência de Deus.

Teve só agora S. Francisco as páginas que merecia na Literatura brasileira. Agrippino foi o autor. Largou a pena de crítico e todas as verdades historiadas, para ser um discípulo dos seus sentimentos e do seu saber. É S. Francisco de Assis e a Poesia Cristã um dos livros mais benéficos, eruditos e interessantes, cheios de páginas instrutivas. É a última palavra sobre a poesia Cristã.

# DOIDINHO

*O Dia – 12 de novembro de 1933.*

**E**stá sobre a minha tosca mesa de estudos um novo livro recebido da Ariel Editora. É um livro de José Lins do Rego. Quem não conhece este vigoroso estilista que é José Lins do Rego? Há vários meses deu a luz da publicidade ao seu primeiro pequeno romance, “Menino de Engenho”. Hoje aparece com “Doidinho”, mais firmando ainda o seu já grande prestígio de romancista. “Doidinho” vem continuar as aventuras do nosso Carlos de Melo de “Menino de Engenho”. Neste último trabalho, vemos o nosso herói na vida livre da fazenda, gozando as delícias do menino ignorante e debaixo do olhar amigo das pessoas da família. Em “Doidinho” o cenário é outro. É Carlinhos num colégio provinciano, onde a palmatória medrava, onde o menor desvio fazia desandar a cólera furibunda do irascível diretor contra os pobres inofensivos alunos. É um romance duma psicologia profunda. É a alma revoltada e sedenta de liberdade do pequeno brasileiro que nos revela o autor.

Começa com a entrada do menino no colégio do seu Maciel, verdadeiro antro, nauseabundo, dos mais atrozes castigos para as almas rebeldes e livres da infância. É um livro maravilhoso. As suas últimas páginas são duma realidade amedrontadora. Com a covardia dos mestres acompanhada de sofrimentos morais sem fim, entra na cabeça do nosso menino a idéia de Deus. Será que existe este

ser supremo protetor de fraco e juiz dos fortes? Por ignorância, atravessa todos os obstáculos e, numa tentativa corajosa, inconsciente tenta renegar Deus, mas não pode. Sente-se fraco. Sozinho para renegar aquele que era o seu único apoio moral. Aquele que lhe fazia ver um futuro melhor com alguma felicidade. Surge a idéia da morte em seu minúsculo cérebro até – o primeiro amor – as primeiras insones noites em que no desespero amargurador o menino vê diante de si, junto, ao seu lado, o ente amado. Era a primeira luta do seu sexo contra a sedenta natureza. Era o instinto sexual que o fazia vibrar pela primeira vez.

É um ótimo e inesquecível romance. Está a literatura brasileira enriquecida com mais uma obra de valor. Ler “Doidinho” é conhecer a luta e a alma do pequeno brasileiro. É um trabalho excepcional, revelador da cultura do seu autor e da cultura brasileira, tão escassa em trabalhos deste gênero. Apresenta quadros dum realismo formidável. É, sem dúvida, um dos melhores e mais bem feitos romances brasileiros. Será – estou certo – uma das grandes vitórias livrescas.

O DIA 7-1-1934  
Espírito do nosso tempo

Oliveira FRASCO Sobrinho  
É o professor Gilberto Amado um dos maiores luminares da ciência brasileira, sendo a leitura de suas obras, pelo seu admirável talento e cultura, necessária a todos os espíritos que desejam ser contemplados por um mesquinho raio de luz do saber. Os seus estudos cheios dos mais altos ensinamentos, numa linguagem dum estilo dúctil e vibrante, dum ardor eloquente, mostra que o autor não tem outra preocupação, senão a de estudar o Brasil e os seus problemas, de dar o remédio necessário ao futuro, buscando na história os elementos com que possa prever o que seremos mais tarde, quando hoje somos dominados por esse marasmo nacional, que nos leva para o aniquilamento, para a morte, sacrificando todo um passado, criando o seu mundo livre da inquietação hodierna. Estudamos Spengler, Keyserling, Ortega y Gasset. Spengler com a sua "Decadência do Ocidente" dando ao mundo os rumos do Oriente. Uma nova realidade fundamentada na técnica, numa nova era puramente mecânica. Mostrando a covardia de sermos idealistas, porque o idealismo é realidade inventiva, utópica, sacrificadora das verdades e contra a colaboração do espírito produtivo na técnica. Keyserling com a renovação da cultura e do organismo espiritual, fazendo a apologia da decadência da atual civilização. Com a sua literatura psico-filosófica retratando o espírito e pondo as claras o cérebro humano. Quase que pregando a guerra por achar que tem bases sólidas na genesse do mundo por que como ele mesmo nos afirma, a vontade de aniquilar vem do meio primitivo, reconhecendo a guerra como Direito para que possa haver o acordo e o equilíbrio entre as exigências contrárias.  
Ortega y Gasset, sentindo um mundo florescente, esplendoroso e belo em sua vitalidade propulsora do progresso, na substituição dos homens, das gerações, pela vitória da cultura moderna. Diagnosticando o nosso tempo e a nossa vida atual, como mesmo diz: repertório de possibilidades, magnífica, exuberante, superior a todas historicamente conhecidas. Vida que não pede ter origem básica no passado e sim no estudo do seu próprio destino, porque a vida coletiva é o produto da vida individual em suas reações e transformações. A primeira age sobre a segunda diretamente como a segunda age sobre a primeira, indiretamente. Gasset é o modernismo filosófico-social, o primitivismo e a técnica, a história, o mundo e a vida.  
Gilberto Amado é um verdadeiro intérprete e pensador. Contra isso em seus ensaios as teorias

de Spengler, Keyserling e Gasset, mostrando que o mundo atual já dominado pelo idealismo vive numa linha de colapso. Cada um abismo a mais se nos abre deante dos pés. É a decadência do ocidente. Tenuidade das civilizações que se chocam no conflito destruidor de uma época a caminho da técnica: técnica da perfeição que regerá os tempos futuros, confiante como estamos na atual geração. O catolicismo, a guerra em busca da estabilidade. E pergunta: mas, como organizar a paz política num regime de conflitos econômicos?  
—  
Em segunda edição, o seu livro "Espírito do Nosso Tempo" não podia ter deixado de trazer algumas palavras sobre estas três conferências do grande pensador de "A chave do Salomão" e "Grão de Areia". O "Espírito do Nosso Tempo" é livro dum pensador moderno, modelador do pensamento nacional. Em suas páginas vibrantes confunde o antigo modo de pensar com o de Grotius e Comte, dizendo existir uma verdadeira corrente de reação que do alto da sociedade ameaça descer sobre as massas contra o conjunto de idéias em torno das quais se formaram as gerações que nos guilaram no século passado isto é, reação contra o progresso material, a ciência, que o favoreceu, a indústria que o realça, defendendo Pierre-Jean Menard, que acha ser o mal do nosso século ter ele perdido a cultura e a sinceridade e as almas desoladas prematuramente.  
A vida se nos apresenta o mais cedo possível, cheia de amarguras, em que o nosso inaperfeto espírito é avassalado e modelado pelas premissas necessárias e adaptadas a conveniência de mais forte, daí, o envelhecimento moral e a molheidade — que devia estar forte e coesa na luta pela reação — sujeita-se por comodismo marasmo às velhas e quasi botocentas ideologias. Nasce a luta contra a modernidade. É a reação que se nos apresenta ainda mais atenuada com a indústria hodierna. É o surto de Marx em choque com a religião em procura da realidade; de São Thomas de Aquino com a religião ganhando estabilidade. Volta da metafísica. Apesar do declínio de outro Direito.  
—  
Ler Gilberto Amado é conhecer o Brasil, as suas necessidades e as suas possibilidades. Estuda em "Espírito do Nosso Tempo" dum maneira admirável o mundo moderno, expõe Voltaire, Descartes, Raman, Russetan e muitos outros reformadores. Possui a obra mais de dez outros ensaios — Comparações e Góethes — escritos e debates com a mesma erudição de sempre. É um belo livro.  
17-12-1933.

# ESPÍRITO DO NOSSO TEMPO

O Dia - 04 de janeiro de 1934.

É o professor Gilberto Amado um dos maiores luminares da ciência brasileira, sendo a leitura de suas obras, pelo seu admirável talento e cultura, necessária a todos os espíritos que desejam ser contemplados por um mesquinho raio de luz do saber. Os seus estudos cheios dos mais são ensinamentos, numa linguagem dum estilo dúctil e vibrante, dum ardor eloquente, mostram que o autor não tem outra preocupação, senão a de estudar o Brasil e os seus problemas, de dar o remédio necessário ao futuro, buscando na história os elementos com que possa prever o que seremos mais tarde, quando hoje somos dominados por esse marasmo nacional, que nos leva para o aniquilamento, para a morte, sacrificando todo um passado, criando o seu mundo livre da inquietação hodierna. Estudamos Spengler, Keyserling, Ortega y Gasset. Spengler com a sua "Decadência do Ocidente" dando ao mundo os rumos do Oriente. Uma nova realidade fundamentada na técnica, numa nova era puramente mecânica. Mostrando a covardia de sermos idealistas, porque o idealismo é realidade inventiva, utópica, sacrificadora das verdades e contra a colaboração do espírito produtivo na técnica. Keyserling com a renovação de cultura e do organismo espiritual, fazendo a apologia da decadência da atual civilização. Com a sua literatura psico-filosófica retratando o espírito e pondo às claras o cérebro humano. Quase que pregando a guerra por achar que tem bases

atávicas na gênese do mundo porque, como ele mesmo no-lo afirma, a vontade de aniquilar vem do medo primitivo, reconhecendo a guerra como Direito para que possa haver o acordo e o equilíbrio entre as exigências contrárias.

Ortega y Gasset, sentindo um mundo florescente, esplendoroso e belo em sua vitalidade propulsora do progresso, na substituição dos homens, das gerações, pela vitória da cultura moderna. Diagnosticando o nosso tempo e a nossa vida atual, como o mesmo diz: repertório de possibilidades, magnífico, exuberante, superior a todas historicamente conhecidas. Vida que não pode ter orientação básica no passado e sim no estudo do seu próprio destino, porque a vida coletiva é o produto da vida individual em suas reações e transformações. A primeira age sobre a segunda diretamente como a segunda age sobre a primeira indiretamente. Gasset é o modernismo filosófico social, o primitivismo e a técnica, a história, o mundo e a vida.

Gilberto Amado é um verdadeiro intérprete e pensador: concretizou em seus ensaios as teorias de Spengler, Keyserling e Gasset, mostrando que o mundo atual dominado pelo idealismo vive num ritmo de catástrofe. Cada dia um abismo a mais nos abre diante dos pés. É a decadência do ocidente. Transição de duas civilizações que se chocam no conflito destruidor de uma época a caminho da técnica; técnica da perfeição que regerá os tempos futuros confiante como estamos na atual geração. O cataclismo, a guerra em busca da estabilidade. E pergunta: mas, como organizar a paz política num regime de conflitos econômicos?

\* \* \*

Em segunda edição o seu livro “Espírito do Nosso Tempo”, não podia eu deixar de traçar algumas palavras sobre estas três conferências do grande pensador de “A chave de Salomão” e “Grão de Areia”. O “Espírito do nosso Tempo” é livro dum pensador moderno, modelador do pensamento nacional. Em suas páginas vibrantes confunde o seu modo de pensar com o de Ortega e Gasset, dizendo existir uma volumosa corrente de reação que do alto da sociedade ameaça descer sobre as massas contra o conjunto de idéias em torno das quais se formaram

as gerações que nos guiaram no século passado, isto é, reação contra o progresso material, a ciência que o favorece, a indústria que o realiza, defendendo Pierre Jean Menard, que acha ser o mal do nosso século ter ele perdido a candura e a sinceridade e as almas defloradas prematuramente.

A vida se nos apresenta o mais cedo possível, cheia de amarguras, em que o nosso inexperiente espírito é avassalado e modelado pelas prementes necessidades, e adaptada à conveniência do mais forte, daí, o envelhecimento moral e a mocidade – que devia estar forte e coesa na luta pela reação – sujeita-se por comodismo marasmo às velhas e quase bolorentas ideologias. Nasce a luta contra a modernidade. É a reação que se nos apresenta ainda meia aleijada com a indecisão hodierna. É o surto de Marx em choque com a religião em procura da realidade; de São Tomás de Aquino com a religião ganhando estabilidade. Volta da metafísica. Aparecimento de outro Direito.

\* \* \*

Ler Gilberto Amado é conhecer o Brasil, as suas necessidades e a suas possibilidades. Estuda em “Espírito do nosso Tempo” duma maneira admirável o mundo moderno, expondo Voltaire, Descartes, Renan, Rousseau e muitos outros reformadores. Possui a obra mais dois ótimos ensaios – Comparações e Goethe – escritos e debatidos com a mesma erudição de sempre. É um belo livro.

# LAMPIÃO

*O Dia – 01 de fevereiro de 1934.*

Mais um progresso sensível dominou a nossa literatura regional com o aparecimento de “Lampião” de Ranulpho Prata. Confesso sinceramente que, ao ler Lampião, senti as maiores emoções possíveis que uma boa leitura nos pode dar. Trata-se dum romance vívido, quase fantasmagórico, horripilante, de inúmeros crimes e destruições.

Lampião, ou melhor, Virgolino Ferreira, é a figura mais célebre de cangaceiro do Brasil atual. É parte integrante, um tanto complexa, da nossa dura e inesquecível realidade, tão falada e tão comentada nos últimos tempos por nossos jornalistas, ensaístas e políticos. Lembra-me Lampião o livro Brasil Errado, de Martins de Almeida, que tanta celeuma causou no mundo do conservadorismo retrógrado.

Lampião faz parte da política regional brasileira dos Estados do Norte. É a Bahia lançando a sua bem armada milícia contra o grupelho do rei do sertão quase invisível. Pernambuco, Sergipe organizando batalhões armadíssimos guiados por homens do mato em procura do famigerado, sempre longe das curtas garras, deprimentes, da força do governo.

É o verdadeiro rei do nordeste. Assim exprime-se o autor desse novo livro, ao retratar a figura amedrontadoramente simpática de Lampião: Cruel, vaidoso,

considera-se interventor do nordeste, alardeando a sua superioridade sobre todos os cangaceiros que andaram em correrias por esses sertões. Não fita as pessoas com o único olho que lhe resta. Olha sempre por baixo e de soslaio, num relance fugaz. É retraído, pouco comunicativo, não gostando muito de conversa. Quase nunca solta gargalhadas gostosas como os da súaia. O seu riso, pouco e sóbrio, parece parar na laringe, transformando-se num quase gargarejo. Tem fala lenta e remorada, mas brusca e autoritária. E mais adiante: A sua religiosidade é feita de um fetichismo bárbaro, de abusões católicas, e se condensa de um misticismo extravagante e selvagem. Jamais desrespeitou um padre. Trata-os como pessoas sagradas, intocáveis, merecedoras de respeito e garantia. Quando os topa pelos caminhos apeia-se pressuroso e humildemente lhes beija as mãos. É a alma de Lampião. Teme somente o eterno e o criador. Zomba das coisas terrestres. Menospreza da justiça e do direito. Cria a sua medicina de curandeiro. A sua engenharia imaginária. É o tipo do sertanejo brasileiro. Valente e intemerato, covarde e desambicioso. Desassombrado na conquista e na luta. Temeroso e astucioso em face de tropas regulares. Tornou-se célebre nas suas façanhas hediondas chefiando um grupo de renegados do sertão. Autentifica o tipo nacional: analfabeto basofiante, desconfortista. Punindo os crimes ditados pela lei de sua consciência com castigos e mortes. “Parece indiferente com a sorte que o aguarda. Um espécimen como este deve ser estudado profundamente.

Quais as determinadas intrínsecas do seu comportamento criminal? É uma questão que só a análise dos degraus mais remotos do seu psiquismo pode resolver. Que complexos inconscientes se ocultam nos bastidores de sua alma? (Ranulpho Prata).”

Virgolino Ferreira é a figura mais célebre do banditismo brasileiro. Ninguém o superou. Astucioso e pouco conversador a todos venceu. Merecia um livro. Livro que retratasse o seu perfil étnico puramente brasileiro, que concretizasse a sua aspiração de dominador do sertão nacional.

Ranulpho Prata, em páginas duma literatura elevada, soube estudar a figura estranha de Lampião. As suas características anatômicas e o seu psiquismo. Contando as lutas sanguinolentas, saques, queimadas. Leiamos “Lampião” sem

temor e nem pudor. Para os estudiosos das nossas realidades e verdades, Virgolino não representa o passado nem o presente, sim o futuro.

Livro bem escrito e documentado produziu o sr. Ranulpho Prata. Usou de todos os recursos fixativos e taxativos do nordeste. Que os brasileiros leiam este livro e compreendam que o Brasil não está somente no solo, nas indústrias, no comércio, mas também no brasileiro.

## SINHÁ DONA

*O Dia – 17 de fevereiro de 1934.*

**O**s meios intelectuais e a crítica carioca registraram com verdadeiro entusiasmo o aparecimento do primeiro livro do jornalista Heitor Marçal.

Raro é o romance puramente brasileiro que deixa de impressionar a todo aquele, arguto ou não, não pesquisador das realidades nacionais. Assim vemos o aparecimento de obras de autênticos vultos, de autores renomados em nossa literatura. É um Gastão Cruls com “Coivara”, um Amado Fontes com “Os Corumbas”, Peregrino Junior com “Matupas”, Jorge Amado Fontes com “Cacau”; agora Heitor Marçal com “Sinhá Dona”. Este é um livro de estudos psicológicos regionais onde pululam as figuras típicas dos nossos homens de província – enfim, toda uma sociedade provinciana – com seus retrógrados aventureiros, jornalistas de pena enferrujada no escrever solene e entrecortante de frases mirabolantes de um Ruy Barbosa, em penadas de excelsa grandeza sertaneja, na concretização do indivíduo misto de petulância, bazófia e ignorância da maioria dos homens de letras do interior brasileiro. “Sinhá Dona” está longe de ser um livro perfeito. Bem escrito, é uma estréia triunfante do poeta de “Na quietude do Claustro” na prosa. Revela nossa realidade atual. É o retrato vivificante do Ceará de hoje. De Fortaleza com o seu movimento de capital, com jornais arranjados, centros literários, culturais, onde poetas e pretensos romancistas satisfazem de justa maneira a esperança de serem algum dia iluminados pelo sol das letras. De Camocim cheirando a mofo do Brasil colonial.

Como romance, “Sinhá Dona” segue as modernas diretrizes literárias. Romance de imaginação de ficção, é um tanto naturalista. As cenas entre Antonio Neves e Felícia são do mais puro realismo: – Ande me dê uma boquinha – dou não. E mergulharam os dois no fundo da rede (p. 43). O amor domina as páginas da obra, tornando-a sentimental. Impressiona pela delicadeza no desenvolver do enredo, pelo bom estilo domina o leitor do começo ao fim da leitura no entrecho que de vida de lances emocionais de sofrimento.

Com “Sinhá Dona”, alcançou Heitor Marçal os primeiros louros da vida nas letras. “Sinhá Dona” rivaliza com “Os Corumbas” revelando um escritor de pulso. Desdenha críticas. Registremos, portanto, sem mais delongas, o seu aparecimento, fazendo votos de que a Editora Record continue a presentear o mundo leitor com obras de valor, como esta que Heitor Marçal escreveu.

## FANTASIAS E MATUTADAS 1

*O Dia – 03 de abril de 1934.*

**E**moção, elegância de forma, perfeição de estilo, simplicidade, bom ritmo em boa rima, são as características que mais concretizam a poesia da escritora Maria Eugênia Celso. Sua lira, dúctil maleável, revela um aprimorado talento de escol, celebradora ardente do amor e da saudade, ou mesmo da ironia mordaz aniquiladora.

Seu novo livro “Fantasias e Matutadas”, já em 2.<sup>a</sup> edição, mostra-nos a admiração em que é tida a autora primorosa de “Vicentinho”.

“Fantasias e Matutadas” é um tonel de belas e inspiradas produções. Numa a revelação admirável do sentimentalismo sofredor da autora; noutras a criticidade violenta, irredutível, insuperável, dum humor elevado.

Um coração é um sujeitinho triste  
Que ninguém nunca pode compreender,  
Nem eu mesma, por vezes, e se existe  
Creio que é só para me aborrecer

Os poemas “Eu gosto de você” e “Carta ao bem Amado” são outras produções de real humor. “Um home” é o poema do sertanejo brasileiro. Ler “Fantasias e Matutadas” é gozar algumas horas de bom prazer. “Humor is the mistress of tears” (Thackeray). Maria Eugênia Celso é uma alma de artista. Nada mais recomendável.

## FANTASIAS E MATUTADAS 2

*O Dia – 04 de abril de 1934.*

**E**moção, simplicidade, elegância de forma, perfeição de estilo, bom ritmo em boa rima, são as características que mais concretizam a poesia da escritora Maria Eugênia Celso.

Faz lembrar, a maviosidade da poesia da senhora Maria Eugênia Celso, a tão conhecida frase de Horácio, mestre dos mestres, em sua “arte poética”: Quem faz um bom poeta? A natureza ou a arte? A natureza cria e ensina, a arte modela e aperfeiçoa.

Tanto a natureza como a arte tornaram Maria Eugênia Celso uma cantora lírica de sagrados enlevos, que, ao som da lira, recebe as homenagens de toda uma natureza escrava de seu talento, de sua sensibilidade, no trabalho pela perfeição.

O mais apreciável da prosa e da poesia de Maria Eugênia Celso – que deixa indelevelmente em nosso espírito a impressão extasiante do belo – é o encanto da simplicidade, suavíssima de emoções reais, verdadeira sensibilidade artista, a retratar, em incisivas sínteses, uma intensidade emocional.

Maria Eugênia Celso é bem uma alma de artista.

\* \* \*

“Fantasias e Matutadas”, já em segunda edição, mostra-nos a admiração em que é tida a autora primorosa de “Vicentinho”.

Nesse último livro, soube Maria Eugênia Celso revelar a ductibilidade aprimorada dum talento de escol, celebrando o amor, a saudade e também a ironia mordaz aniquiladora.

Mostra-se exímia sonetista. Defensora da métrica. O poema “Meu home” é de grande alcance para o nosso folclore. “Pecados” é outro poema original, cheio de espontaneidade.

“Fantasias e Matutadas” é um tonel de belas emoções.

Originalíssimo – como já disse – em seu conteúdo – para não negar o aforisma de Anatole France: “quem nos quiser contar uma bela história tem de sair um pouco da experiência e do costume” – e acima de tudo, uma beleza expressiva – também para coadjuvar Dostoiewski, quando afirmou: “a beleza salvará o mundo”.

Não quero porém dizer que nos livrará desta angustiante e periclitante situação. Pelo menos nos fará sonhar, admirar o belo, como a forma imperecível da superioridade humana. Ainda que bem.

“Fantasias e Matutadas” foi editada pela Ariel. Nada mais recomendável.

# MOCAMBO

*O Dia – 06 de abril de 1934.*

Apareceu ontem o novo livro do jovem escritor universitário O Emboaba.

“Mocambo” é caracteristicamente um livro regional, pelos temas prediletos do autor e pela espontaneidade de linguagem de quem muito viveu no sertão brasileiro, conheceu no íntimo o nosso matuto. Além de escrito com leveza de estilo peculiar de O. Emboaba, revela um temperamento de moço, apaixonado pela arte, principalmente no que diz respeito à literatura sertaneja.

O seu estilo dum pureza de forma excepcional é correntio. Desdenha o vocabulário rico e os floreios de retórica, para com simplicidade dizer o que pensa.

Os seus contos reunidos em “Mocambo”, como “Pela posse de uma mulher”, “Negro Fужão”, “O violeiro do Rancho Velho” e “Camotin de Jequitibá”, são dum técnica toda invejável.

A sua poesia sertaneja, que secunda o enredo mavioso de alguns de seus contos, são de pura emoção, de simplicidade admirável, bom ritmo em boa rima.

“Mocambo” significa um rancho sertanejo, para diversos (usos), geralmente de pau a pique (do autor).

Quisera – se tão exíguo não fosse o espaço – escrever mais minuciosa e livremente sobre o novo livro do colega Emboaba.

Basta, porém, que se diga: Osmani Emboaba é um grande escritor. Mais do que isso – é um grande contista, que sabe dar vida e movimento aos seus personagens, interpretar o sentir do caboclo, não muito fácil, pois abraçou um ramo de literatura completamente esquecido.

É um discípulo fervoroso de Cornélio Pires, maior ainda admirador de Catulo Cearense.

Quem dirá ainda o discípulo não suplante os mestres?

# LUXÚRIA

*O Dia – 13 de abril de 1934.*

Escrevendo certa vez sobre Gastão Cruls, disse, entre outras coisas, ser ele o príncipe dos tradutores da língua portuguesa. Com efeito, mau grado inúmeras apreciações de críticos brasileiros, Gastão Cruls continua a ser a personalidade completa e invejada do homem de letras. Sua arte não está moldada a escolas. Possui o primado da inteligência sem definida, e amor à estética.

Seria, como tradutor, o intérprete consumado de Barbusse, mesmo de Morand. Sua arte moderna e realista, seu espírito objetivista, compreenderia a alma de Robert Garrie, na sua observação profunda dos homens e das coisas. Seria, ao transportar a obra dum Girandoux para a literatura brasileira, verdadeiro imitador, concretizando condições essenciais e a psicologia dos personagens, necessárias a qualquer obra de ficção.

Enfim, seria um cooperador arguto de Paul Valery, ou de um André Tide.

A sua nova tradução – Luxúria – é obra do escritor francês J. Kessel, que ultimamente publicou, com grande vitória, a biografia de Stavisky.

“Luxúria” é a história duma pobre mulher dominada pelo instinto sexual. Transviada do bom caminho, na sede sanguinolenta da carne, não trepidando ir ao assassino para salvar o que mais prezava: o nome.

Severina – heroína de “Belle de Jour” (título de Luxúria em original), não é como mesmo diz Kessel uma aberração sexual. É a tragédia dum amor. Custava

a Severina aceitar uma nova visão de vida. Queria perante a sociedade ser fiel ao marido. O sangue, porém, a levava ao leito dos amantes, porque sentia a superioridade mental, intelectual do homem que a lei lhe dera, que Deus lhe destinara. Era sua companheira de espírito, não de carne.

J. Kessel descreve admiravelmente os autores parisienses, os cabarés subterrâneos da cidade luz.

Lembra-se Balzac: “Não será Paris um vasto campo agitado sem cessar por uma tempestade de interesses no meio da qual revolteia uma seara de homens que a morte ceifa com mais freqüência que em outra parte, e que vão sempre renascendo na mesma proporção, cujos rostos arredondados, torcidos, deixam sair por todos os poros o espírito, os desejos, os venenos de que os seus cérebros estão cheios, rostos que são antes máscaras; máscaras de fraqueza, máscaras de alegria, máscaras de hipocrisia”.

As vendilhonas de amor, vício, ruína, miséria.

Severina é um drama diário. Cruel mas verdadeiro.

“Luxúria” foi editada pela Ariel.

# O ROMANCISTA GASTÃO CRULS

*O Dia – 01 de janeiro de 1935.*

*Republicado em: A Nação – 10 de janeiro de 1935, L1/18.*

O sr. Gastão Cruls, como romancista, é uma das figuras mais interessantes que tenho visto na literatura brasileira. É o escritor que mais acentuadamente se preocupa com a eterna força da natureza, a movimentar a vida e a impulsionar os homens, como se todos os indivíduos fossem meros bonecos, empurrados para cá e empurrados para lá, seguindo unicamente, ainda que mesmo contra a sua própria vontade, a trajetória traçada pelo destino.

A força intransigente do destino é parte importante e integrante da obra do sr. Gastão Cruls. Parece que ele tira da vida objetiva o trecho dos seus romances, o desenvolver dos seus contos, e na confusão terrível de sentimentos os mais variados de seus personagens principais está a finalidade completa do seu romance ou do seu conto.

Todo livro do sr. Gastão Cruls apresenta ao observador atento do evoluir contínuo da literatura universal um aspecto por tudo bastante original: são livros antigos e são livros modernos. Explico-me mais claramente: o sr. Gastão Cruls conserva aquela forma que podemos chamar clássica de romance e moderniza integralmente o assunto, o conteúdo e também a finalidade.

Esses comentários nada apresentam de vago e de impreciso. O que mais encanta nos romances do sr. Gastão Cruls, além dessa forma antiga, mas que

julgo, acima de tudo, deliciosa, é, sem dúvida, não somente o seu modo de narrar, mas a displicência absoluta dos seus personagens ante a força formidável do determinismo. Todos eles (os personagens) sentem-se impelidos à vida por uma força suprema, que o autor de “Coivara” chama simplesmente de força da natureza.

Em “Vertigem”, o sr. Gastão Cruls retrata com a máxima fidelidade possível a vida vivida por uma família brasileira. O círculo de ação deste novo romance é pequeno, mas em seu bojo está a vida da sociedade brasileira, com a sua gente, os seus vícios, a sua política, os seus homens e as suas idéias.

O romance, hoje, não mais exige do público leitor que ele seja exclusivamente uma criação do seu autor. As obras de criação não mais existem. O que queremos é realismo, é retratação dos fenômenos da natureza; o que se exige no romancista moderno é cultura, para assim contribuir na estruturação do retrato da vida social.

A emoção não está na fantasia imaginada, está sim na realidade. Foi Dostoiévski o primeiro a atentar para essa verdade irrefutável do realismo. O naturalismo literário não foi substituído, como se pensa, pelo modernismo, porque, se o modernismo está condensado na noção que possuímos do que seja moderno, o modernismo em si não é uma forma completa de aspiração literária onde o próprio termo é indeterminado e impreciso. A forma naturalista é uma só, não varia como o modernismo, de indivíduo para indivíduo, e de época para época. Mesmo o naturalismo literário é hoje, como há um século, o mesmo, e será o mesmo sempre.

O sr. Gastão Cruls, se não é naturalista, tem uma tendência inata para o naturalismo. À primeira vista, se examinarmos os seus livros e as suas obras traduzidas (“Luxúria” de Kessel e “Ciúme” de Albert Guzman), veremos que o sr. Gastão Cruls é um discípulo leal de Dostoiévski. Se não sofreu influência de Dostoiévski, sofreu pelo menos a influência da escola de Dostoiévski.

Em “Vertigem”, todos os seus personagens têm o seu destino traçado, desde o doutor Marcondes (médico burguês, famoso, de grande clientela, cheio de filhos, já meio alquebrado pelos anos, que se deixa medrosamente apaixonar pela

bela dona Clélia, mulher do dr. Santos Lima e sobrinha do seu amigo o deputado dr. Braga) até os outros personagens, como d. Alice (esposa do dr. Marcondes, tipo completo da mulher brasileira, católica até o misticismo, com um defeito apenas, que era o de pouco compreender os sentimentos do marido), como as duas filhas, Ruth (casada com um moço médico bastante charlatão, chamado Cassio Gama, que pretendia senvergonhosamente explorar o bom nome profissional do sogro) e Licinha (mais velha do que Ruth, solteira, por ter o seu noivo desaparecido, tragado pela morte) e os dois filhos, Lulu (acadêmico de direito), Dandy (filho querido de d. Alice, depravado) e Jorge (ainda meio guri, diferente do irmão ignorante, que compreendia a vida como um eterno fluir, vivia empanturrado de leituras apaixonadas sobre a Rússia Bolchevista, até tornar-se comunista perseguido pela polícia) são figuras típicas da sociedade brasileira. O dr. Braga é um personagem comum, que vemos a todo instante, e que perambula, gozando sempre, por todos os cantos e recantos do Brasil. D. Clélia, como mulher linda, surge para perturbar a pacatez da vida normalíssima do dr. Marcondes.

“Vertigem” é um livro completo, nada falta para ser um grande livro. Em “Vertigem”, Freud também ocupa o seu lugar de bastante destaque. A figura do dr. Amaral Marcondes seria digna de um atento exame psico-analítico.

“Vertigem” é um romance bem brasileiro, sem o vício estúpido do linguajar caipira, e só por isso é superior a todos aparecidos ultimamente.

## ROMANCE E NOVELA

*O Dia – 04 de janeiro de 1935.*

Muita gente que anda escrevendo por aí pensa que fazer literatura é transplantar para o papel o ridículo e bastante estúpido linguajar regionalista, pensa que interpretar a alma e o sentir o nosso matuto é só compor frases sem expressão, e, mais ainda, contra a estética da forma literária.

Este vício com o tempo tornou-se em hábito, em tendência, formando uma outra escola de literatura, já vitoriosa em todos os setores da atividade mental aqui no Brasil.

Só compreendo duas razões para que o indivíduo escreva, duas razões para que se publiquem livros: ou o indivíduo faz obra de arte ou faz, unicamente, obra de estudo. Fora destas duas razões ficam os escrevinhadores vulgares que só escrevem pela volúpia imbecil de escrever. Essa é a verdade.

\* \* \*

O aparecimento de “S. Bernardo”, do sr. Graciliano Ramos, inspirou-me a vontade não pequena de afirmar algo sobre essa nova tendência do romance brasileiro. A distância que vai de “Caetés” a “S. Bernardo” é bem grande, e a diferença entre os dois romances do novo romancista do norte é por demais sensível para que fique sem comentários.

Em “Caetés”, o sr. Graciliano Ramos deixou transparecer claramente a tendência para a literatura regional. Esse o mal inicial do romance, pois esta literatura, encabeçada e escrita em ortografia caipira, está fadada, como toda obra de pouco fôlego, a uma vida efêmera. Somente a obra de arte, que interprete com fidelidade o ritmo da vida social, ficará para sempre: as demais desaparecerão tragadas pelo tempo, porque na ficção a arte está na interpretação fiel da vida objetiva.

Em “S. Bernardo”, pelo contrário, o sr. Graciliano Ramos não procurou sintetizar quadros de uma vida real imaginada, mas, muito pelo contrário, procurou ver a vida como ela deve ser vista: com realismo, sem excessos de pintura e nem de imaginação privilegiada. Fez livro completo.

“S. Bernardo” é uma autobiografia de um indivíduo medíocre. E passagem de um homem pelo mundo que se chamou Paulo Honório: “Começo declarando que me chamo Paulo Honório, peso oitenta e nove quilos e completei cinquenta anos pelo S. Pedro”.

A forma, como o trecho, é originalíssima. A atração do romance está mesmo na originalidade do enredo e da forma.

O sr. Graciliano Ramos é um romancista de fato. Todas as figuras que ele ativa são figuras reais e não imaginárias. Prefere mais a descrição simples e expositiva à linguagem decadente de floreios retóricos. Como Jorge Amado e Lins do Rego, é um romancista totalmente moderno.

\* \* \*

Francisco de Assis Barbosa é um escritor novato. “Brasileiro tipo 7” é uma novela também nova e muito interessante, que foge por completo a essa literatura absorvente que combato.

O autor, no início, logo vem explicando: “Se o livro está mal escrito pouco me importa. Fiz ele por brincadeira. Não penso noutra coisa nessa minha estréia literária do que aparecer em público. Não me preocupei de aparecer mal ou bem”.

Isso nos basta. O sr. Francisco de Assis Barbosa não se preocupou de forma alguma em fazer literatura. Teve uma idéia e escreveu essa idéia e, infelizmente ou

felizmente, nos deu a notícia de um homem importante: José Maria Boaventura de Jesus, o “Brasileiro tipo 7” e mais tarde deputado à Constituinte brasileira.

O nosso comentário não interessa ao público. Parece mesmo que iríamos contrariar a intenção do sr. Francisco de Assis Barbosa. Fiquemos, portanto, no seu registro, mostrando com isso que os nossos escritores novos procuram livrar-se dos grilhões do sertanejismo chato.

\* \* \*

Uma pergunta: porque os livros do escritor José Lins do Rego, em tão pouco tempo, deram ao seu autor o renome de um dos maiores romancistas patricios?

A resposta é fácil: o sr. Lins do Rego, apesar de fazer romance regional, não faz literatura cabocla. Essa também é a vantagem de “Suor” de Jorge Amado, sobre “Cacau”. E também o sucesso dos romances do sr. Gastão Cruis, como “Vertigem”, é devido unicamente à forma universal verdadeira que esse escritor dá aos seus romances.

Ao que parece, em breve, essa literatura absurda que há tempo domina a nossa vida intelectual desaparecerá sem deixar vestígios. Estou certo, será bem melhor para todos nós.

Basta-nos somente a genialidade de um Euclides da Cunha e o talento literário de um Afonso Arinos!

Esse registro de crítica ligeira dos livros novos dos srs. Graciliano Ramos e Francisco de Assis Barbosa foi feito com a intenção de mostrar que a nossa novela e o nosso romance procuram as formas que mais parecem verdadeiras da literatura universal, somente isso e nada mais.

# A margem da -- literatura universal

Para O DIA — Oliveira Franco Sobrinho

O meu intelligente amigo e collega Julio Rocha Xavier, é um verdadeiro amante das coisas de Portugal. Tudo quanto parte da terra lusa é sagrado para elle. Ainda outro dia veio cumprimentar-me por um pequeno artigo em que eu comentava em poucas palavras, os resultados do congresso do "Instituto Internacional de Cooperaçào Intellectual" de Madrid, em que eu fazia, uns merecidos elogios ao escriptor Julio Dantas, bastante admirado, que no meio de tantos sociologos e philosophos como Garcia Morente, Unamuno, Jules Romains, um ficcionista como Julio Dantas, quasi sempre vive afastado da realidade social, tivesse a visào mais viva da actualidade universal. É um phenomeno mesmo de admirar, isso não ha duvida.

Se remontarmos ao passado da literatura, analysando-a desde de Cervantes, até os nossos dias, veremos, todos os ficcionistas quando muito, reflectirem o ambiente social em que vivem. Não falemos aqui de um Goethe ou de um Schiler e de outros tantos, elevados pelo sopro da genialidade creadora, mas dos intellectuaes, que vivendo num mundo, só comprehendem esse mundo. Assim fructo de uma época foi criador de D. Quixote e Sancho Pança, foi Shakespeare, foi Ibsen, foi Diderot, foi Rousseau, foi Beaumarchais, etc. Assim, mesmo no Brasil de hoje, vemos os nossos melhores intellectuaes preocupados terrivelmente, com a nossa situação actual. Uns abraçam a literatura revolucionaria concepccionando romances proletarios; outros, os catholicos, fazendo romances inspirados em seus ideaes religiosos; uns mostrando a vida da fazenda de café; outros a vida dos engenheiros do assucar, a existencia tragica dos colhedores de cacau. Todos elles, discipulos de Graça Aranha, vivem na inquietude formidavel da renovação revolucionaria. Tivemos um Alencar no romantismo chocho do passado, tivemos lyricos quando o Brasil ainda vivia impulsionado pelo lyrismo barato dos nossos politicos de aldeia, tivemos um Machado de Assis num periodo de transição cultural com a in-

vasão do objectivismo e do scientificismo avassalador do seculo XIX, conhecemos um Graça Aranha, quando o nosso paiz chafurdava miseravelmente na immoralidade publica com processos politicos os mais vergonhosos. São todos elles escriptores de reneção e todos elles representam épocas e periodos da historia.

O mesmo facto observamos no resto do mundo. Na Hespanha com Ortega y Gasset, com Blasco Ibanez, com Miguel Unamuno, Garcia Morente; nos Estados Unidos com Upton Sinclair: é um Tristan Bernard com "Visites Nocturnes", um Aguilera Malta com "Don Goyo", um Flaherty com "The Informer", um Ivan Bunin, um Girardoux, um André Maurois, um Knut Hamsun e mesmo Malraux com o seu admiravel romance "La Condition Humaine" e Stephan Zweig com a sua literatura suggestiva de interpretação psychologica.

Esse foi o motivo principal de minha admiração pelas palavras de Julio Dantas quanto ao futuro da cultura.

Portugal de hoje, possui uma geração de intellectuaes bem mais culta que a geração dos Eças e dos Camillo. É a geração de Ferreira de Castro, o autor maravilhoso de "A Seiva" passado na nossa soberba amazonia e de Osorio de Oliveira, o fino estheta e ensaísta invejado.

Não será essa reaccção contra as phantasias mirabolantes de um Anthero de Quental, lieção de Oliveira Salazar?

A literatura hoje de Portugal possui um caracter mais amplo, expandiu-se, universalizou-se totalmente. E só vemos e examinarmos as obras de um Osorio de Oliveira, de um Ferreira de Castro, de um Martinho Nobre de Mello, e, fazermos a comparação analytica dessas obras, com as de Pinheiro Chagas e Forjaz de Sampaio.

Julio Dantas, pertencente a geração que transpoz o seculo XIX, modernizou-se, não adaptou-se a uma época e sim, comprehendeu melhor a vida e o mundo, integrou-se na realidade cosmica.

## À MARGEM DA LITERATURA UNIVERSAL

O Dia — 14 de março de 1935.

O meu intelligente amigo e colega Julio Rocha Xavier é um verdadeiro amante das coisas de Portugal. Tudo quanto parte da terra lusa é sagrado para ele. Ainda outro dia, veio cumprimentar-me por um pequeno artigo em que eu comentava, em poucas palavras, os resultados do congresso do "Instituto Internacional de Cooperaçào Intellectual" de Madrid, em que eu fazia uns merecidos elogios ao escriptor Júlio Dantas, bastante admirado, que no meio de tantos sociologos e filósofos, como Garcia Morente, Unamuno, Jules Romains, um ficcionista como Júlio Dantas, quase sempre vive afastado da realidade social, tivesse a visào mais viva da actualidade universal. É um phenomeno mesmo de admirar, isso não há duvida.

Se remontarmos ao passado da literatura, analisando-a desde Cervantes até os nossos dias, veremos todos os ficcionistas, quando muito, reflectirem o ambiente social em que vivem. Não falemos aqui de um Goethe ou de um Schiler e de outros tantos elevados pelo sopro da genialidade creadora, mas dos intellectuaes que, vivendo num mundo, só comprehendem esse mundo. Assim, fructo de uma época foi o criador de D. Quixote e Sancho Pança, foi Shakespeare, foi Ibsen, foi Diderot, foi Rousseau, foi Beaumarchais, etc. Assim, mesmo no Brasil de hoje, vemos os nossos melhores intellectuaes preocupados terrivelmente com a nossa

situação atual. Uns abraçam a literatura revolucionária concepcionando romances proletários; outros, os católicos, fazendo romances inspirados em seus ideais religiosos; uns mostrando a vida da fazenda de café; outros a vida dos engenhos de açúcar, a existência trágica dos colhedores de cacau. Todos eles, discípulos de Graça Aranha, vivem na inquietude formidável da renovação revolucionária. Tivemos um Alencar no romantismo chocho do passado, tivemos líricos quando o Brasil ainda vivia impulsionado pelo lirismo barato dos nossos políticos de aldeia, tivemos um Machado de Assis num período de transição cultural com a invasão do objetivismo e do cientificismo avassalador do século XIX, conhecemos um Graça Aranha, quando o nosso país chafurdava miseravelmente na imoralidade pública com processos políticos os mais vergonhosos. São todos eles escritores de reação, e todos eles representam épocas e períodos da história.

O mesmo fato observamos no resto do mundo. Na Espanha com Ortega y Gasset, com Blasco Ibanez, com Miguel Unamuno, Garcia Morente; nos Estados Unidos com Upton Sinclair; é um Tristan Bernard com “Visites Nocturnes”, um Aguilera Malta com “Don Goyo”, um Flaherty com “The Informer”, um Ivan Bunin, um Girardoux, um André Maurois, um Knut Hansun e mesmo Malraux com o seu admirável romance “La Condition Humaine” e Stephan Sweig com a sua literatura sugestiva de interpretação psicológica.

Esse foi o motivo principal de minha admiração pelas palavras de Júlio Dantas quanto ao futuro da cultura.

Portugal de hoje possui uma geração de intelectuais bem mais culta que a geração dos Eças e dos Camillos. É a geração de Ferreira de Castro, o autor maravilhoso de “A Selva”, passado na nossa soberba Amazônia, e de Osório de Oliveira, o fino esteta e ensaísta invejado.

Não será essa reação contra as fantasias mirabolantes de um Anthero de Quental lição de Oliveira Salazar?

A literatura hoje de Portugal possui um caráter mais amplo, expandiu-se, universalizou-se totalmente. É só vermos e examinarmos as obras de um Osório

de Oliveira, de um Ferreira de Castro, de um Martinho Nobre de Mello, e fazermos a comparação analítica dessas obras com a de Pinheiro Chagas e Forjaz de Sampaio.

Júlio Dantas, pertencente à geração que transpôs o século XIX, modernizou-se, não se adaptou a uma época e sim compreendeu melhor a vida e o mundo, integrou-se na realidade cósmica.

# UM CONTISTA SINGULAR

*O Dia – 10 de maio de 1935.*

*Republicado na revista: Época – p.45-46, sine die, junho de 1935, OFS2, p.45-6.*

**H**á em todo contista um fixador ligeiro de quadros, um tradutor apressado da vida que vive o homem na sociedade. Todos eles (os contistas) se revelam pela originalidade na observação aguda, pela simplicidade na exposição e, também, por uma percepção afilada das ações e reações a que estão sujeitos os personagens ideados.

Ao contrário do romance, que se desenvolve à medida que o autor penetra na alma do personagem, ao contrário da novela, que vai se desenvolvendo como que numa completa desunião entre o autor e os personagens, no conto, a técnica literária é bem outra, e as figuras que interpretam o pensamento do escritor já têm os seus destinos traçados: ou é gente impelida pela fatalidade intensa da vida humana ou é gente impelida pela fatalidade universal. Um determinismo cósmico obriga a todas essas figuras de fantasia (do conto principalmente) a agirem desta ou daquela forma. É a independência pessoal do personagem que está assim sujeita ou à vontade do autor que o cria, ou mesmo é uma transplantação da realidade social por meio do espírito.

\* \* \*

Acabo de ler “Segredo”, o livro de contos de Aluízio Napoleão. Outro “conteur” não inspiraria melhor o que já disse mais acima. O sr. Aluízio Napoleão

é um fixador eloqüente de quadros fortes que impressionam terrivelmente. A sua argúcia bastante louvável de psicólogo ligeiro constrói, materializa visões soberbas que refletem com alguma fidelidade mesmo a própria vida. São contos que tocam ao sentimento, são pedaços perdidos e aproveitados da eterna tragédia do homem. É até admirável o sr. Aluízio Napoleão, quando, em certas cenas, deixa de dizer o que mandam as aparências para dizer o que sente. Em certas outras passagens, traz consigo toda a tristeza universal. Os contos “Verdade Dura” e “Diálogo que o Tempo Escreveu” são cheios de um sentimentalismo sadio. No segundo, vemos o ciclo da existência humana, da existência do homem, a luta aniquiladora de duas épocas, o conflito de duas gerações. No primeiro, a realidade junto ao idealismo, junto à ilusão. Em outros contos, vê-se que o sr. Aluízio Napoleão sente-se inteiramente perturbado entre o “ser” e o “dever ser”: com a realidade e o ideal em choque constante. No “Encontro”, apesar da vulgaridade do assunto escolhido, o sentimento da tragédia universal não deixou de preocupar o sr. Aluízio Napoleão. O que mesmo destrói a monotonia da vulgaridade estúpida é a rapidez com que o sr. Aluízio Napoleão transpõe para o papel alguns pedaços da vida. O conto “O Filho”, apesar de bastante fraco, não pesa absolutamente na cotação do livro.

Para que se possa avaliar o livro do sr. Aluízio Napoleão, basta que se diga que, com algumas exceções sem grande importância, em “Segredo” vemos autênticas cenas da vida real e que, pela sua originalidade regular, o sr. Aluízio Napoleão é um contista bem singular...

# VICTOR HUGO

*Folha da Manhã – 14 de julho de 1935.*

Victor Hugo é o século XIX. Sentiu a soberba inquietação universal do século que passou. Foi um farol. Foi um dos homens que mais soube interpretar a tristeza cósmica e que mais consciência teve do sofrimento humano. Por isso é que foi todo o século XIX.

Nele, a literatura fez-se mais intensa, mais profunda, mais trágica, porque ele sentiu como ninguém a tragédia social da humanidade inteira. Foi um espírito em completa harmonia com o meio. Nascido num ambiente terrível de lutas desastrosas, foi um formidável lutador tirando das complexidades da vida, dos mais variados e descontraídos sentimentos do homem, a real tradução da angústia humana.

Com Victor Hugo, a frase de Protágora ganhou mais razão de ser e, mais do que nunca, vimos que, como verdade, “o homem é a medida de todas as coisas”. A sua obra é um mundo. Age em torno do espírito, buscando o abismo imenso da alma do homem. É uma obra que vive, que sempre viverá porque exprime algo de novo.

Victor Hugo não foi somente um criador supérfluo de imagens mirabolantes. Foi um homem que, no seu tempo de há quase um século, viu com mais intensidade e profundidade o viver da vida. Foi um homem que viveu, que viveu verdadeiramente integrado na “grande vida”.

Como afirma Pierre Descaves, “não houve êxito literário mais completo que o de Victor Hugo. Conhecido desde os dezoito anos, célebre aos vinte e sete, ilustre aos trinta e cinco, acostumado às mais embriagadoras carícias da fama, admirado por gente culta e pelo povo, poeta quase laureado nos reinados de Luiz XVIII e Carlos X, par da França no reinado de Luiz Felipe, viveu até aos quarenta e cinco anos como um príncipe das letras; desterrado no reinado de Napoleão III, o desterro torna ainda mais simpática a sua figura. De regresso à França depois de 1870, morre em plena apoteose, arrastando atrás do seu coche fúnebre um povo tão orgulhoso do seu poeta que suas exéquias mais parecem um triunfo supremo, a festa de um gênio, celebrada por uma grande nação. Repousou durante as primeiras horas do seu último sono debaixo do Arco do Triunfo, que já havia cantado em seus versos, único francês que obteve essa honra antes do soldado desconhecido e dos vencedores da grande guerra”.

Não houve vida nem morte mais magnífica. Nem o trágico Musset, nem o irônico Anatole, nem o sarcástico Voltaire, nem o sentimental Baudelaire conquistaram tanto o coração do mundo. Nem mesmo o cético Goethe agitou tanto, arrebatou tanto quanto Victor Hugo.

\* \* \*

Quando lemos a Victor Hugo, todos nós que vivemos dentro deste mundo do século XX sentimos uma ânsia feroz de revolução. E essa ânsia feroz de revolução vem quando conseguimos penetrar no inacessível, na região do abismo e do silêncio, na região da verdade e do mistério, como diria o nosso Farias Britto, levados pelo gênio, região “onde os nossos ouvidos não ouvem o som e os nossos olhos não vêem a luz – o que faz que nossa consciência nada possa aí perceber e se sinta aniquilada e como morta. Região do ser sem relações e da unidade sem pluralidade, ou antes das idéias eternas, onde o pensamento é ação e a idéia é ato; o que quer dizer que aí a palavra é corpo e as idéias coisas vivas e reais... É a região da transcendência dinâmica, do infinito positivo e real; ou, mais claramente, da consciência idêntica à existência, da ação idêntica ao conhecimento; do ser imutável e eterno, superior a todo o número como a toda a grandeza; inacessível a toda a

visão como a todo pensamento; onde a mais alta consciência a si mesmo se desconhece e a luz, por assim dizer, se oculta nas trevas, o que significa que toda consciência limitada desaparece e totalmente se anula como fragilíssima luz no fundo do mais insondável abismo”. É a região do gênio. É a região das verdades perenes. Aí todas as coisas são claras, todos os fenômenos possuem a sua explicação, e mesmo a vida tem outro sentido. É a região do iluminado. Para a inteligência mediana, nada apresenta de atraente, de sedutor. Para o gênio, aquela escuridão é a luz; aquele silêncio o rumor da verdade; aquele abismo a profundidade grandiosa das coisas. A escuridão lhe permite apalpar o vácuo; o silêncio o faz compreender o próprio sentimento; o abismo o dá a impressão verídica das verdades eternas. É a região inacessível, misteriosa e sombria onde viveram Victor Hugo, Goethe e Byron. Lá, todos eles sentiram a verdade, e a verdade, de todos eles, fez gênios, pois os fez sentir o cosmos no milagre da criação.

\* \* \*

Neste momento em que Paris toda inteira festeja o meio século da morte de Victor Hugo, nos vimos também interpretar o pensamento do gênio.

O homem que se julga grande, o homem que no seu íntimo se julga superior, é o homem medíocre. O gênio é um homem igual a todos nós, todavia com mais compreensão das coisas e do mundo. O gênio é o autêntico homem massa, homem coletivo, homem social; o homem que sente por todos os homens, que sente pela coletividade, que sente pela sociedade. A grandeza do homem-gênio está em sentir mais do que nós outros sem deixar de ser igual a todos nós. Por isso não se pode dizer que o autor de “La legende des siècles” não foi um gênio, pois ele o foi na verdade. O que o fez cair na antipatia de muitos foi a sua coragem de afirmações audaciosas e severas, mas reais e verdadeiras. Perscrutador do coração humano, analisador da natureza do homem, não podia deixar de ter inúmeros inimigos. Assim foi Victor Hugo.

Ainda hoje, passados já cinquenta anos de sua morte, os adversários de Victor Hugo medram por toda parte, procurando diminuí-lo, torná-lo vulgar e grotesco.

Que qualificativos empregar para essa gente? Artista dos mais finos, o autor de “Les Misérables” tem de ser compreendido como um sofredor, como um homem que acumulou em si, dentro de si mesmo, a ânsia revolucionária e libertária de uma época. Surgiu para a vida no período mais crítico da revolução francesa. Viu o desencadear do ódio burguês contra a aristocracia e o clero, viu a marcha fracassada dos miseráveis com o retorno vitorioso da monarquia absoluta. E viu ainda, com tristeza incontida, todo o povo francês recalçando raivosamente aquele sentimento de rebeldia provocado pelas promessas agradáveis de Jean Jacques Rousseau e pelas ironias pérfidas de Voltaire, que, ao mesmo tempo que dormia em aristocráticos leitos, pregava a emancipação do absolutismo horroroso de classes privilegiadas. Só assim podemos compreender a Victor Hugo, porque ele não fugiu ao movimento romântico do século XIX, mas o seu romantismo não foi o romantismo de Chateaubriand nem o romantismo de Goethe. Se Goethe e Chateaubriand foram tradutores de romantismo todo pessoal, Hugo, muito pelo contrário, foi possuidor de um romantismo social: o romantismo da revolução francesa.

\* \* \*

Victor Hugo, como já dissemos, pertence ao século que passou e foi quem melhor sintetizou a rebeldia revolucionária do século XIX na literatura. É dentro daquele século, portanto, que ele necessariamente tem de ser estudado, dentro mesmo de sua própria geração.

Este é o erro mais pueril que divisamos logo de início em todos os adversários intransigentes de Hugo. Eles querem, como Georges Batault, analisar a personalidade do poeta de “Les orientales” à luz do nosso tempo! O que é impossível. Victor Hugo representa um período autônomo da história universal, e somente dentro deste período autônomo pode a sua obra ser satisfatoriamente interpretada.

O que não acontece com o exame da obra de um Balzac, de um Tolstoi, de um Dickens, acontece com o exame da obra de Victor Hugo.

Até hoje ninguém deixou de traduzir o pensamento socialista de Tolstoi afastado da época em que viveu o romancista russo. O mesmo acontece com

Dickens e Balzac. E, no entanto, com Victor Hugo tal, infelizmente, parece não se dar. Há uma certa ojeriza para com o poeta francês. Mas de onde surgiu esta ojeriza tão prejudicial? Podemos responder: das próprias forças que desencadearam a revolução francesa. Victor Hugo viveu num conflito fantástico de idéias e, melhor do que qualquer outro escritor do seu tempo, soube sentir todo aquele conflito de ideologias contrárias.

Foi um bem ou foi um mal? Não podemos discutir tal coisa. Exaltemos o gênio. Exaltemos um homem que foi capaz de integrar-se na tristeza cósmica para sentir o todo universal.

Georges Batault, no seu livro “Victor Hugo – Le pontife de la demagogie”, não sabendo dar este sentido que damos à vida e à obra de Victor Hugo, faz o maior ataque possível de se fazer a um homem de gênio. É violento, cruel e injusto. E, para avaliarmos a intensidade do ataque de Batault, basta-nos dizer que Claude Farrère, lendo este escritor, chegou a afirmar sem preâmbulos “que Victor Hugo foi indubitavelmente o imbecil mais formidável do século XIX”. Se não fosse a autoridade de Farrère, recebido ultimamente na Academia Francesa, o indivíduo que tivesse a ousadia de tal frase seria repellido como louco... Precisamos concluir: tanto Claude Farrère como Georges Batault não foram sinceros. A glória de Victor Hugo permanece intacta e sua obra continua como continuará a ser patrimônio valioso da humanidade. Não admira que um livro como esse tenha provocado discussões. O que admira é que um escritor da estatura de Farrère faça afirmações ofensivas tão ridículas. Mais uma vez exaltemos o gênio! Exaltemos o homem que foi capaz de integrar-se na tristeza cósmica para sentir o cosmos. Só assim seremos capazes de compreender a Victor Hugo.

# PROUST, HUGO, PIRANDELLO, IBSEN & CIA.

Oliveira Franco Sobrinho

A diferença entre Hugo e Proust é de analyse somente. O primeiro via o homem vivendo para fóra. O segundo via o homem vivendo para dentro. Em ambos faltou equilíbrio. Faltou visão global. Faltou visão integral. E Proust, já no século XX, traz em sua obra aquella falta de harmonia, aquella idéa fixa de desagregação, de desdobramento, de dissociação de valores que tão bem plasmou o século passado. O unilateralismo dominou em ambos. Em Proust menos do que em Victor Hugo. Em todo caso, tanto um como outro, pela analyse procuraram uma synthese que, infelizmente, não chegaram a alcançar. No mesmo erro em que caiu o poeta de "Les Orientales", muitas vezes eliminando a alma como elemento dispensável, caiu Marcel Proust, quando multiplicava a alma. Para o primeiro o universo estava na materia visível. Para o segundo o universo existia porque era sentido pelo espírito que via, apalpava, agia e transformava.

Proust no estudo do consciente aproxima-se de Freud. Sofre influencia decisiva do professor de Vienna. Como vimos, na interpretação dos estados especiais de espírito está a sua originalidade. Deixou-se, porém, ficar nos limites da personalidade. O que lhe interessava sobremaneira era a vida interior reflexa. Neste ponto se distingue de Luigi Pirandello cuja unica preocupação é a dissociação integral da personalidade humana indo até a loucura, até aos estados

diagnosticados de pathológicos. A diferença fundamental entre os dois é que Pirandello sempre lança a duvida isolando o personagem numa especie de vacuo horrivel. Ao passo que Proust nunca abandona o seu personagem. Protege-o encaminha os seus passos, segue-o com os cuidados pueris de um pae amoroso. Bem differente de Pirandello, Proust, conclue, não fica em meio da estrada.

Como em Ibsen, nota-se em Proust um amargo sentido de tragedia. Pirandello de vez em vez é alegre. Proust como Ibsen são melancolicos. Evoquemos toda a sua produção litteraria e seremos obrigados a deduzir que os personagens de Ibsen como os de Proust procuram livrar-se do fatalismo universal. A tendencia de Proust pela dissociação é uma attitudo audaciosa de defeza ante a tragedia de Frederico Nietzsche representando toda a tragedia do pensamento do século XIX. Elle Proust — aqui se distingue claramente de Freud, Pirandello, Hugo e Ibsen — procurava os estados de espírito que affirmassem alguma coisa, que servissem para collocar o em contacto com o mundo exterior. Elle Proust fazia do personagem um intermediario entre os dois mundos, entre os dois mundos que elle mesmo Proust representava em seu isolamento.

(Trecho do ensaio "Em Torneo do Marcel Proust" publicado no "Correio da Manhã", do Rio de 18-8-1935).

# PROUST, HUGO, PIRANDELLO, IBSEN & CIA.

O Dia - 02 de agosto de 1935.

A diferença entre Hugo e Proust é de análise somente. O primeiro via o homem vivendo para fora. O segundo via o homem vivendo para dentro. Em ambos faltou equilíbrio. Faltou visão global. Faltou visão integral. E Proust, já no século XX, traz em sua obra aquela falta de harmonia, aquela idéia fixa de desagregação, de desdobramento, de dissociação de valores que tão bem plasmou o século passado. O unilateralismo dominou em ambos. Em Proust menos do que em Victor Hugo. Em todo caso, tanto um como outro, pela análise, procuraram uma síntese que, infelizmente, não chegaram a alcançar. No mesmo erro em que caiu o poeta de "Les Orientales", muitas vezes eliminando a alma como elemento dispensável, caiu Marcel Proust, quando multiplicava a alma. Para o primeiro o universo estava na matéria visível. Para o segundo o universo existia porque era sentido pelo espírito que via, apalpava, agia e transformava.

Proust no estudo do consciente aproxima-se de Freud. Sofre influência decisiva do professor de Viena. Como vimos, na interpretação dos estados especiais de espírito está a sua originalidade. Deixou-se, porém, ficar nos limites da personalidade. O que lhe interessava sobremaneira era a vida interior reflexa. Neste ponto se distingue de Luigi Pirandello, cuja única preocupação é a dissociação integral da personalidade humana, indo até a loucura, até aos estados diagnosticados

de patológicos. A diferença fundamental entre os dois é que Pirandello sempre lança a dúvida isolando o personagem numa espécie de vácuo horrível. Ao passo que Proust nunca abandona o seu personagem. Protege-o, encaminha os seus passos, segue-os com os cuidados pueris de um pai amoroso. Bem diferente de Pirandello, Proust conclui, não fica em meio da estrada.

Como em Ibsen, nota-se em Proust um amargo sentido de tragédia. Pirandello de vez em vez é alegre. Proust como Ibsen são melancólicos. Evoquemos toda a sua produção literária e seremos obrigados a deduzir que os personagens de Ibsen como os de Proust procuram livrar-se do fatalismo universal. A tendência de Proust pela dissociação é uma atitude audaciosa de defesa ante a tragédia de Frederico Nietzsche representando toda a tragédia do pensamento do século XIX. Proust – aqui se distingue claramente de Freud, Pirandello, Hugo e Ibsen – procurava os estados de espírito que afirmassem alguma coisa, que servissem para colocá-lo em contato com o mundo exterior. Proust fazia do personagem um intermediário entre os dois mundos, entre os dois mundos que ele mesmo, Proust, representava em seu isolamento.

## “ESTRANGEIROS”, DE AGRIPPINO GRIECO

*O Dia – 03 de agosto de 1935.*

**C**rítico de larga projeção intelectual, o sr. Agrippino Grieco é uma figura bastante interessante em nossa literatura e, mesmo, motivo excelente para um tema de polêmica revolucionária no mundo fantástico de nossas letras. A primeira impressão que tive do sr. Agrippino Grieco foi com a leitura de “Vivos e Mortos”, em que o autor de “Evolução da Poesia Brasileira” de bisturi em punho decepara com todas as regras de um bom professor de anatomia muitas personalidades literárias, cheias de fama terrivelmente amedrontadora. E essa impressão foi de assombro ante a audácia incorrigível do sr. Agrippino Grieco deitando a marreta numa gente que, para mim, eu mal tinha deixado o curso secundário, era grande porque ser grande era ter um nome numa péssima história da literatura e fazer parte dessas antologias que andam espalhadas por todos os cantos desse imenso país, assustando, com bisonha austeridade, os pequeninos brasileiros, inocentes, ante tanta balbúrdia intelectual. Nos primeiros momentos de leitura indignei-me com o sr. Agrippino Grieco. Blasfemei. Quis gritar mas não pude. A imprensa daquele belo tempo não aceitava tão facilmente bobagens de criança ingênua sem a menor noção disso que por aí chamam de realidade nacional. Eu não compreendia, então, a importância da obra de Agrippino Grieco em nossas letras. Era incapaz de compreender. Não estava na minha vontade. Eu era ainda o reflexo da vontade de mestres que

impingiram a mim, como a todos os meus colegas, ídolos. E aceitamos a grandeza (??) desses ídolos, admiramos mesmo com a nossa inocência infantil a toda essa gente famosa, como ainda hoje olhamos assombrados a beleza resplandecente da Guanabara e a firmeza do Pão de Açúcar. Estávamos longe de compreender: aqueles ídolos deviam admirar as nossas vistas e os seus nomes deviam cantar em nossos ouvidos. Nada mais. É uma questão que não pode ser discutida. Ela fixa um momento de nossa vida. Fixa o momento da inconsciência. Pouco importa. O que importa é que o movimento renovador de nossa literatura nesses dez últimos anos serviu para refazer o espírito brasileiro dos abalos sofridos em todo um período histórico de ilusões ridículas. Naturalmente, a lógica do adulto substituiu a lógica infantil, e a influência de todo o movimento modernista cavou um abismo profundo entre dois períodos de nossa história geral. Depuramos a noção de realidade da noção de fantasia. Ainda que bem.

Há de dizer o leitor que estou embaralhando o tema de que devo tratar hoje. Acontece porém que escrever sobre o sr. Agrippino Grieco não é coisa tão fácil como parece à primeira vista. Ainda não vi pessoa tão encrencada para uma análise sincera como esse senhor Agrippino Grieco. Encrencado até no nome. Encrencado na obra. Critica de tudo. Escreve sobre tudo. Parece mesmo que entende de tudo. E a gente para ser sincero precisa saber de tudo, conhecer de tudo. A compreensão somente não basta. “Estrangeiros” publicado o mês passado pela Ariel Editora assim se apresenta. Vemos nesse livro, por sinal que o único no gênero em toda a nossa literatura, Edgar Allan Poe ao lado do redentor Lincoln, Tolstoi ao lado do idealista Camille Desmoulins, Papini pegado ao “homem adorável” que é o português Raul Brandão, o sr. Raul Brandão ao lado do profeta Chesterton, o sensualíssimo Misset junto ao convencidíssimo Robert de Montesquieu “que se dizia consanguíneo de d’Artagnam”.

Apesar de tanta gente boa e de tanto nome bombástico que o sr. Agrippino Grieco – indiscutivelmente o mais original dos nossos críticos pela espontaneidade fácil e simplicidade de estilo – critica com vivacidade elevada, eu apreciei mais o estudo do autor de “Vivos e Mortos” sobre Luigi Pirandello, o italiano admirável

do “bom senso pelo avesso”. Não sei se isso seja devido a um contato mais direto com o escritor Siciliano. Pirandello é de há muito senhor poderoso de minha admiração. O “Carnaval dos Mortos” do detentor do último prêmio Nobel produziu em mim tal emoção pelo imprevisto quase trágico do enredo que eu trago ainda na memória aquelas cenas do “marido da mãe que não é o pai do filho”, aquelas cenas tragi-cômicas do “pequenino e sofredor engenheiro Todi pai de brincadeira”. “La signora Frola e il signore Ponza, suo genero” do livro “E domani Lunedì” é uma peça extraordinária que atrai pelo desenvolver brusco e ao mesmo tempo confuso. Neste conto o leitor é que fica na dúvida, na incerteza, pois Pirandello não conclui, deixa-se ficar no meio do caminho para que o leitor conclua e dê liberdade à imaginação. “No entender do teatrólogo siciliano, como diz Agrippino Grieco, cada homem é uma idéia em marcha. Cada um de nós é o seu próprio mito. Somos todos duplos, triplos, múltiplos, diante dos demais e de nós mesmos, escamoteando, fraudando a nossa própria personalidade. Cada homem é um, dez mil, todos e, afinal, zero”. Ou melhor, na novela pirandelliana, “eu não sou eu, tu não és tu, ele não é ele. Dezenas de – eus – justapostos ou aglutinados. O subconsciente sai do subsolo e mata o dono da casa, mata o consciente, matando, de resto, apenas uma sombra, o sonho de uma sombra. Como que o dramaturgo, segundo Etinne Rey, brinca de esconder com o público”. Este ensaio fiel do sr. Agrippino Grieco sobre o autor misterioso de “La Vita muda” é perfeito. Creio que não exista melhor. O sr. Tristão de Athayde na 2.ª série de seus “Estudos” dedica um pequeno trabalho a Luigi Pirandello. Mas o seu trabalho tem mais caráter de exame psicológico do escritor italiano do que caráter crítico da obra de Pirandello. O sr. Agrippino Grieco foi mais completo. Analisou ambas as partes. Foi mais além e traduziu melhor o espírito que move Pirandello na confecção de suas novelas e contos. Tristão diz falsamente: “Pirandello é o mais inumano dos homens. Para Pirandello o homem não existe”, quando pelo contrário, “esse filho de Girgenti (é Agrippino quem fala) prossegue no seu gosto de espionar as partes mais secretas das almas, de ver como é feita a roupa de baixo dessas almas”. Para Pirandello o homem existe, existe em vários sentidos

e vive à procura do seu “eu” verdadeiro. Pirandello somente duvida do que nós chamamos realidade. Ele não sabe e não quer saber se nós somos sombras de homem ou se o homem é sombra de nós sombras. Ele somente duvida... O caso do falecido Mattias Pascal é típico.

“Estrangeiros” é para mim o melhor livro do sr. Agrippino Grieco. É claro que não podemos fazer comparação lógica entre essa obra de vários ensaios críticos e os demais livros do autor. Agrippino Grieco difere em cada produção nova. O ponto de relação entre todas elas é o crítico.

Em “Estrangeiros” o sr. Agrippino vira-se para fora e estuda os “grandes” lá de fora. Robert de Montesquieu por ser amigo do falecido Marcel Proust é distinguido com um ensaio lisonjeiro e mordaz como só o sr. Agrippino escreve neste Brasil. “Amigos e Inimigos de Goethe” é outro estudo curioso. Henri Bergson é chamado de o “maior dos franceses vivos” com muita razão. Agrippino Grieco não pôde deixar de reconhecer a influência do autor de “Evolução Criadora” em toda a filosofia do século XX até a filosofia fenomenológica de Edmundo Husserl nascida também da filosofia bergsoniana. Husserl é um continuador de Bergson e isso nos mostra Curvitch. Desde as “Investigações Lógicas” que ele não pode abandonar os dados imediatos da consciência. Sem dúvida, a diferença fundamental, em toda essa filosofia chamada do século XX, está no método. Ou orientada no sentido da ciência natural ou cultural, ou orientada segundo a teoria do conhecimento ou seguindo o sentido da vida, a filosofia espiritualista do nosso século é bergsoniana, anti-kantiana e anti-intelecutalista. E assim escreve o sr. Grieco: “Comte dispunha de gênio filosófico e não dispunha de estilo. Renan possuía estilo, mas sem gênio filosófico”. E Bergson para o sr. Grieco possui ambas as coisas que o fazem admirado e respeitado e justifica a inclusão do seu nome “entre os cinco ou seis grandes escritores e os cinco ou seis grandes pensadores da França, desde que ele, sem alarido, foi espalhando pela Europa as suas “teorias”. Outros trabalhos inteligentes e de menos importância são os sobre Chamfort e Tennyson. “Estrangeiros” é um grande livro de erudição.

## A NOVA LITERATURA BRASILEIRA

*O Dia – 07 de agosto de 1936.*

Um livro do sr. Andrade Muricy é, para nós paranaenses, motivo de sincero júbilo. Isto porque o sr. Andrade Muricy, filho do planalto, é, na geração atual, uma das figuras de mais lúcido espírito crítico e de mais penetrante capacidade de observação. Com Tasso da Silveira, o sr. Muricy está na vanguarda do pensamento novo do Paraná. E, com Tasso, é o representante dessa alma mística, alma “dos chapadões altíssimos, de horizontes de bruma ou cristal”.

Quando apareceu “Festa Inquieta”, eu ainda me encontrava incapaz de julgar o valor do livro do sr. Andrade Muricy. E no entanto, criança ainda, eu senti, melhor do que ninguém, aquela terrível sentimentalidade fria e aquela ânsia sublime para o infinito, aquele terror e aquela angústia, aquela tendência para o absoluto que tão bem caracterizou, entre nós, o grupo de “Festa”.

Disseram-se que “Festa Inquieta”, a nostálgica novela do sr. Muricy, era filha de um estado de espírito transitório que em nada tinha relações com a forte personalidade do autor. Em “Suave Convívio” é que o sr. Andrade Muricy transbordava toda a sua inteligência crítica e toda sua capacidade de condensação estética. Acredito ainda que isso seja verdade. O que não posso entender é como “Festa Inquieta”, onde a alma paranaense se reflete tão amiúde e onde aquele frio montanhoso de manhãs de vento, de manhãs paradas, pesa no íntimo dos

personagens, seja produto de um momento psíquico. Temos que levar em conta a parte climática, a índole da terra e a fisionomia da gente – o clima suíço tão paranaense, a geografia curitibana, a formação contemplativa do nosso povo. O sr. Andrade Muricy é, como Tasso da Silveira, um brasileiro do “hinterland”. “A névoa e o céu profundamente escancarado alternam naquela região (o Paraná)”. “Névoa, essa névoa que quiseram expulsar de nossa poesia, por estrangeira, e de que Ribeiro Couto, simpaticamente, reconheceu a naturalidade brasileira. Névoa que favorece a meditação e o recolhimento... Céu aberto que parece aproximar de Deus”.

“Festa Inquieta” ficou sendo para mim a novela mais tipicamente paranaense: paranaense em tudo, na forma, no conteúdo, na vida, na intensidade lírica, na virtuosidade e na poesia comum das coisas. E “Suave Convívio”, como “Igreja Silenciosa” e “Alegria Criadora”, o pensamento frio e contundente do paranaense intervindo nas criações emanadas do pensamento da Amazônia, do nordeste sensual e da metrópole rumorosa.

Agora, surge o sr. Andrade Muricy, com mais um livro de crítica. “A Nova Literatura Brasileira” (Edição da Livraria do Globo de Porto Alegre) tem pelo menos uma vantagem sobre todas outras obras no gênero, aparecidas ultimamente: define posições. “Em toda esta obra, raríssimo foi afastar-me do tom mais objetivo e impessoal. Estudei com interesse, parece-me que bem evidenciado, cada caso. Despi-me das mais justificadas preferências para não prejudicar o julgamento do leitor. Julguei (e, até certo ponto, julgar era inevitável) pouquíssimo, com a prudência indispensável a quem trata de matéria mais do que apenas contemporânea, porque, mal ou bem, sou partícipe da obra da geração”. Bela coisa é o julgamento de uma geração por uma figura dessa mesma geração. E esse foi o trabalho panorâmico do sr. Muricy.

“A Nova Literatura Brasileira”, como obra de apreciação crítica e, ao mesmo tempo, como antologia, vem prestar às letras nacionais um serviço inegável que é de colocar cada escritor dentro da posição adotada em face da vida. Os estudos do sr. Muricy sobre a poesia de Tasso da Silveira, Ronald de Carvalho, Raul Bopp, Murillo Araújo, Gilka Machado e Augusto Meyer são estudos admiráveis,

de precisão, fecundidade e síntese. O modo de interpretar, aliás, bastante original, a obra de José Américo de Almeida, José Lins do Rego, Jorge Amado, Alvaro Moreyra, Amando Fontes, pode, na verdade, não agradar por serem um tanto violentas as conclusões do sr. Muricy, mas, com isso, revela um temperamento crítico como poucos já possuímos no Brasil. O elogio de Amando Fontes e Barreto Filho, como as restrições apresentadas aos romances de Jorge Amado e Lins do Rego, as páginas de admiração sobre Jackson e Veiga Lima, a prosa risonha de Adelino Magalhães, como as palavras quentes sobre Plínio Salgado, dão, ao sr. Andrade Muricy, lugar de real destaque.

“A Nova Literatura Brasileira” vem compor o quadro exato do momento literário nacional. Livro de um paranaense, vem mostrar a elevação luminosa desses espíritos do planalto.

# A falência do verso

(Para O DIA — Oliveira Franco Sobrinho)

Andou bem o sr. Dante Milano, juntando as produções dos poetas modernos mais representativos do mundo intelectual brasileiro. Essa "Anthologia de Poetas Modernos" serve para avaliarmos a evolução da nossa poesia. Sem dúvida, esta anthologia tem um caracter documental e fixa uma época literária. Quando digo evolução de nossa poesia não quero absolutamente aproximar o vocabulo "evolução" do vocabulo "progresso", mas simplesmente indicar a marcha do espirito da poesia nacional. Ela — a poesia moderna — nasceu da formação de uma nova mentalidade sedenta de libertação e de formas novas que traduzissem o anseio de renovação social. E o poeta mais singular de todo este movimento renovador foi o sr. Ronald de Carvalho a figura mais tipicamente revolucionaria de nossa literatura. Uma coisa, porém, cumpre dizer: "Esta poesia chamada de moderna ainda possui o mesmo caracter experimental de tentativa de ha dez annos passados. Com excepção dos srs. Ronald de Carvalho, Tasso da Silveira e Ribeiro Couto que fizeram obra definitiva para a época, os demais, ou andam a procura de uma esthetica revolucionaria ou são poetas nas horas vagas, são poetas de brincadeira. O sr. Mario de Andrade apesar do seu grande talento deixou-se levar para a poesia fútil e ridícula sendo assim mesmo uma das mais fortes expressões da intellectualidade brasileira. O mesmo aconteceu com o sr. Manoel Bandeira. O sr. Jorge de Lima não fugindo ao estado de espirito do tempo abandonou o parnasianismo integrando-se no modernismo cheio de escrupulos, chegado ao ponto em que o

rito Mendes passou dos limites. Com os srs. Felipe d'Oliveira e Carlos Drummond de Andrade chegou até onde na realidade devia chegar. A serenidade de Felipe d'Oliveira ao lado da exaltação pantheista de Murilo Araújo o coloca em situação de inferioridade não chegando, porém, ao lyrismo chocho e triste, á emoção ingenua do sr. Augusto Frederico Schmidt.

Foi Amiel quem afirmou que a primeira qualidade do poeta é a sensibilidade que o coloca em contacto com as angustias humanas. A sensibilidade é indispensavel no poeta. No entantanto, a maioria dos poetas chamados de modernos do livro do sr. D. Milano não possuem a minima sensibilidade. São poetas mecanicos. Dese mal está cheio o modernismo. Não são expressões de nada, não sentem coisa alguma. A primeira vista parecem que escrevem poesias pelo prazer infantil de serem chamados de poetas. . . Dese mal está livre o sr. Frederico Schmidt que é um poeta de verdade.

A anthologia do sr. Milano veio suprir uma lacuna. Para a "Evolução da Poesia Brasileira" do sr. Agripino Grieco nada mais possuímos sobre o modernismo a não ser os pequenos artigos do sr. Tristão de Athayde nas series diferentes de seus "Estudos". Tanto Agripino Grieco como Tristão de Athayde fazem critica o que não acontece com o sr. Milano que deixa a critica a vontade do leitor. É uma vantagem está visto, pois, sem influencias, podemos julgar este ou aquelle poeta, a poesia deste ou daquelle poeta. Assim é, que podemos ver e observar nesta commoda anthologia do sr. Milano todo o movimento modernista sem precisarmos recorrer a centenas de volumes magnantes.

Ha gente que eu julgava fã de versos, mas não é o sr. Afonso Ar

Frederico Schmidt é um poeta da verdade. Alvaro Moreyra um tanto relaxado em suas produções é sempre encantador como diria o sr. Agripino Grieco. Augusto Meyer, Francisco Karam, José Geraldo Vieira, Luiz Martins e João Alphonsus possuem espontaneidade apreciavel e fazem poesia passavel.

A "Anthologia de Poetas Modernos" é o reflexo de uma época. O seu autor prestou um grande serviço as letras brasileiras. É um livro que deve ser lido e de grande interesse para os futuros historiadores de nossas letras.

Antes de terminar é bom que se diga: é fatal a falencia do verso. O modernismo acabou com o verso conservando a poesia. Analysemos todos os trabalhos da utilissima anthologia do sr. Milano e veremos que a preoccupação dos poetas novos é criar um rythmo proprio, fazer poesia abandonando o verso. Está decretada a falencia do verso.

# A FALÊNCIA DO VERSO

O Dia — 09 de agosto de 1935.

Andou bem o sr. Dante Milano juntando as produções dos poetas modernos mais representativos do mundo intelectual brasileiro. Essa "Anthologia de Poetas Modernos" serve para avaliarmos a evolução da nossa poesia. Sem dúvida, "esta anthologia tem um caráter documental e fixa uma época literária". Quando digo evolução de nossa poesia, não quero absolutamente aproximar o vocabulo "evolução" do vocabulo "progresso", mas simplesmente indicar a marcha do espirito da poesia nacional. Ela — a poesia moderna — nasceu da formação de uma nova mentalidade sedenta de libertação e de formas novas que traduzissem o anseio de renovação social. E o poeta mais singular de todo este movimento renovador foi o sr. Ronald de Carvalho, a figura mais tipicamente revolucionaria de nossa literatura. Uma coisa, porém, cumpre dizer: "Esta poesia chamada de moderna ainda possui o mesmo caráter experimental de tentativa de há dez annos passados. Com excepção dos srs. Ronald de Carvalho, Tasso da Silveira e Ribeiro Couto que fizeram obra definitiva para a época, os demais, ou andam a procura de uma esthetica revolucionaria ou são poetas nas horas vagas, são poetas de brincadeira. O sr. Mário de Andrade, apesar do seu grande talento, deixou-se levar para a poesia fútil e ridícula, sendo assim mesmo uma das mais fortes expressões da intellectualidade brasileira. O mesmo aconteceu com o sr.

Manoel Bandeira. O sr. Jorge de Lima, não fugindo ao estado de espírito do tempo, abandonou o parnasianismo, integrando-se no modernismo cheio de escrúpulos, cheio de um medo que o faz o único dos novos agarrado a certas leis do verso e a resíduos de classicismo poético que o torna original até certo ponto. O modernismo, com os srs. Mário de Andrade, Manoel Bandeira, Oswald de Andrade e Murilo Mendes, passou dos limites. Com os srs. Felipe d'Oliveira e Carlos Drummond de Andrade, chegou até onde na realidade devia chegar. A serenidade de Felipe d'Oliveira, ao lado da exaltação panteísta de Murilo Araújo, o coloca em situação de inferioridade, não chegando, porém, ao lirismo chocho e triste, à emoção ingênua do sr. Augusto Frederico Schmidt.

Foi Amiel quem afirmou que a primeira qualidade do poeta é a sensibilidade que o coloca em contacto com as angústias humanas. A sensibilidade é indispensável no poeta. No entanto, a maioria dos poetas chamados de modernos do livro do sr. D. Milano não possuem a mínima sensibilidade. São poetas mecânicos. Desse mal está cheio o modernismo. Não são expressões de nada, não sentem coisa alguma. À primeira vista, parecem que escrevem poesias pelo prazer infantil de serem chamados de poetas... Desse mal está livre o sr. Frederico Schmidt, que é um poeta de verdade.

A antologia do sr. Milano veio suprir uma lacuna. Fora a “Evolução da Poesia Brasileira”, do sr. Agrippino Grieco, nada mais possuímos sobre o modernismo, a não ser os pequenos artigos do sr. Tristão de Athayde nas séries diferentes de seus “Estudos”. Tanto Agrippino Grieco como Tristão de Athayde fazem crítica, o que não acontece com o sr. Milano, que deixa a crítica à vontade do leitor. É uma vantagem, está visto, pois, sem influências, podemos julgar este ou aquele poeta, a poesia deste ou daquele poeta. Assim é que podemos ver e observar nesta cômoda antologia do sr. Milano todo o movimento modernista sem precisarmos recorrer a centenas de volumes maçantes.

Há gente que eu julgava fazedores de versos, mas nunca poetas. O sr. Afonso Arinos de Melo Franco, por exemplo, eu reputo um brilhante espírito, mas um péssimo poeta. Falta-lhe sentimento. “Robinson Crusoe” é uma amostra irritante

dessa poesia mecanizada. “Elegia da Paz em Lausanne” é uma bonita página em prosa. Nada mais.

O sr. Abgar Renauld conheci por intermédio do “Fon-Fon”. É um espírito suave e medroso com tendências para ser um bom poeta. Cassiano Ricardo tem qualidades inegáveis. O modernismo estragou-o, como estragou a Menotti del Picchia, figura das mais inteligentes de sua geração. Menotti estaria melhor no parnasianismo, como também Cassiano Ricardo. A gente sente que os dois estão deslocados. O mesmo acontece com o imaginoso Olegário Mariano. Guilherme de Almeida é mais parnasiano que modernista.

O sr. Onestaldo de Pennaforte, Pádua de Almeida, Paula Torres e Pedro Nava são os menos poetas de todos os poetas da antologia do sr. Milano. Principalmente o sr. Pedro Nava é um péssimo poeta. E não resta dúvida, é preferível não ser poeta do que ser um péssimo poeta como esses senhores Nava, Torres, Almeida e Pennaforte. No mesmo plano do sr. Nava está o sr. Pennaforte.

Raul Bopp já teve os seus bons tempos. Ribeiro Couto é sempre um bom poeta, como sr. Frederico Schmidt é um poeta de verdade. Alvaro Moreyra, um tanto relaxado em suas produções, é sempre encantador, como diria o sr. Agrippino Grieco. Augusto Meyer, Francisco Karam, José Geraldo Vieira, Luiz Martins e João Alphonsus possuem espontaneidade apreciável e fazem poesia passável.

A “Antologia de Poetas Modernos” é o reflexo de uma época. O seu autor prestou um grande serviço às letras brasileiras. É um livro que deve ser lido e de grande interesse para os futuros historiadores de nossas letras.

\*\*\*

Antes de terminar, é bom que se diga: é fatal a falência do verso. O modernismo acabou com o verso conservando a poesia. Analisemos todos os trabalhos da utilíssima antologia do sr. Milano e veremos que a preocupação dos poetas novos é criar um ritmo próprio, fazer poesia abandonando o verso. Está decretada a falência do verso.

# EM TORNO DE MARCEL PROUST

*Correio da Manhã – 18 de agosto de 1935.*

**M**arcel Proust não foi mais que um inteligente com grande visão do mundo e das coisas do mundo. O interesse que despertou foi devido quase que unicamente ao seu contato direto com a consciência do homem. Correspondeu a uma necessidade premente do nosso espírito dominado por um materialismo dogmático agnóstico que caracterizou quase todo um período autônomo da história. Sua obra revela a força de uma imaginação louca. É obra de um cerebral que sente a revolução nos espíritos. De um multiplicador de realidades absolutas. De um isolado. De um eterno torturado.

Ágil, de sensibilidade agudíssima, analista romântico, para ele a alma do homem em conflito com a alma do mundo era tudo, e tudo tirava desse conflito entre a realidade interior do homem e a realidade exterior do mundo que se projetava, refletindo no espírito humano. O que quer dizer que para Proust o microcosmos fazia-se reflexo do cosmos. Influência de parte do todo universal sobre o indivíduo isolado. Foi, como vemos, um escritor, para quem o mundo exterior só representava valor quando em ação direta determinava os rumos da existência, as diretrizes do pensamento. Através do homem, via o mundo real, chegava às causas determinadoras de nossa peregrinação terrestre, portanto, tinha o homem em si como realidade primária, como elemento único criador, como ponto de partida para um número indeterminado de direções.

Cada um de nós, para Proust, deve compenetrar-se de que é com a inteligência que aumentamos o nosso poder material e também que essa nossa inteligência, como refratora instável de nossa sensibilidade, sofre influência direta das coisas materiais. O homem age sobre o mundo tendo a sensibilidade como intermediária imprescindível, como ponte de passagem, como ponto de relação. Na inteligência e sensibilidade, Proust coloca toda a ação do cosmos sobre o microcosmos e mesmo do microcosmos sobre o cosmos. Acredita numa interpretação. Nada mais lógico.

Proust, que era ficcionista acima de tudo, divinizou o espírito humano. Acentuou o drama interior do homem como superando o drama intenso da natureza propriamente dita. Foi unilateral. Foi um quebrador do equilíbrio entre a parte corpo e a parte espírito? Estou ciente de que não. É de certo modo um caminho a seguir. Uma orientação exigida. Como explicar, porém, essa ascendência do espírito sobre a matéria? Proust explica pela desagregação contínua da personalidade. Ao passo que a matéria se conserva una e indivisível, o espírito fraciona-se, desagrega-se. Há uma dissolução da própria personalidade, como na novela pirandelliana. Há mesmo um dinamismo exaltado que age desagregadoramente. Uma insatisfação. Uma vontade incontida de expansão que não se nota nos personagens pirandellianos. Parece que o dinamismo da matéria organizada, que todo o materialismo da deslumbrante civilização do século que passou, que a civilização da máquina, vamos dizer, não consegue fazer desaparecer, de forma alguma, o dinamismo do espírito, do espírito que agita e cria, que subleva e revoluciona. Essa é a razão por que Proust em sua obra se mostrou um profundo dominador de espíritos, um completo dominador de homens. Ele penetrou na região sombria das verdades desconhecidas como pesquisador atento da alma do homem. Indiferente ao tempo. Olhando somente os estados de espírito. Nada mais.

Hoje, outra é nossa concepção. Estamos longe do mundo que Proust observou. Somos escravos do tempo. Nós acreditamos no domínio das massas, no determinismo físico ou social. Acreditamos em tudo que nos parece ser verdade. Tememos o absoluto e por isso procuramos o segredo do absoluto.

Há, em toda a parte, uma tendência para aniquilar a força que parte do homem que não tenha finalidade comum. Proust, já disse, foi um isolado. Viveu num mundo à parte. Sozinho. Independente. Ou melhor, viveu entre dois mundos. Recebeu ensinamentos de duas civilizações. Foi do século XIX, como foi do século XX, muito mais, porém, do século XIX, sem dúvida. Ele é um elo vigoroso que prende dois períodos autônomos da humanidade. Ao contrário de Victor Hugo, que acreditava na invariabilidade da personalidade, dominado pela ciência e pela cultura do século XIX, que acreditava na força do “eu”, na energia pessoal arbitrária na orientação de certos fatos, que acreditava na razão pura, isto devido ao século XVIII, Proust, ao contrário de Victor Hugo, em nada disso acreditava. Enquanto o autor de “Les Misérables” acreditava na eliminação da alma, uma vez que o ambiente em que vive o homem isso ordena, na supressão mesmo do espírito devido a condições imanentes do meio social, no aniquilamento da alma em virtude das necessidades crescentes do corpo, Proust virava-se serenamente para a vida interior. A diferença entre Hugo e Proust é de análise somente. O primeiro via o homem vivendo para fora. O segundo via o homem vivendo para dentro. Em ambos faltou equilíbrio. Faltou visão global. Faltou visão integral. E Proust, já no século XX, traz em sua obra aquela falta de harmonia, aquela idéia fixa de desagregação, de desdobramento, de dissociação de valores que tão bem plasmou o século passado. O unilateralismo dominou em ambos. Em Proust pelo menos do que em Victor Hugo. Em todo caso, tanto um como outro, pela análise, procuraram uma síntese que, infelizmente, não chegaram a alcançar. No mesmo erro em que caiu o poeta de “Les Orientales”, muitas vezes eliminando a alma como elemento dispensável, caiu Marcel Proust, quando multiplicava a alma. Para o primeiro, o universo estava na matéria visível. Para o segundo, o universo existia porque era sentido pelo espírito que via, apalpava, agia e transformava. Proust, no estudo do consciente, aproxima-se de Freud. Sofre influência decisiva do professor de Viena. Como vimos, na interpretação dos estados especiais de espírito, está a sua originalidade. Deixou-se porém ficar nos limites da personalidade. O que lhe interessava sobremaneira era a vida interior reflexa.

Neste ponto, se distingue de Luigi Pirandello, cuja única preocupação é a dissociação integral da personalidade humana indo até a loucura, até aos estados diagnosticados de patológicos. A diferença fundamental entre os dois é que Pirandello sempre lança a dúvida, isolando o personagem numa espécie de vácuo horrível. Ao passo que Proust nunca abandona o seu personagem. Protege-o, encaminha os seus passos, segue-o com os cuidados pueris de um pai amoroso. Bem diferente de Pirandello, Proust, conclui, não fica em meio da estrada. Como em Ibsen, nota-se em Proust um amargo sentido de tragédia. Pirandello de vez em vez é alegre. Proust como Ibsen são melancólicos. Evoquemos toda a sua produção literária e seremos obrigados a deduzir que os personagens de Ibsen, como de Proust, procuram livrar-se do fatalismo universal. A tendência de Proust pela dissociação é uma atitude audaz de defesa ante a tragédia de Frederico Nietzsche encarando toda a tragédia do pensamento do século XIX. Ele, Proust – aqui se distingue claramente de Freud, Pirandello, Hugo, Ibsen – procurava os estados de espírito que afirmassem alguma coisa, que servissem para colocá-lo em contato com o mundo exterior. Ele, Proust fazia do personagem um intermediário entre os dois mundos, entre os dois mundos que ele mesmo, Proust, representava em seu isolamento. Pelo deslocamento do espírito, ele procurava o “porque”. Reduzia a matéria a espírito e com esta redução lógica, até certo ponto, ele tentava espiritualizar a matéria e dominá-la em seus arroubos de impureza com a pureza límpida do espírito virgem. Foi mais audaz que Freud e mais profundo que Hugo ou Pirandello. Igualou-se a Ibsen. Viveu entre a inteligência que o fazia compreender os homens e a sensibilidade que o fazia compreender a vida. O princípio da vida, o princípio causal da existência do homem e do mundo (universo em si) está assim na consciência de que existimos, de que vivemos porque sentimos a vida. Tudo reduz a uma consciência metafísica. O universo fica sendo apenas um produto de nossa existência interior, da chama de vida que dinamiza fantásticamente o todo infinito. Um produto dos nossos sentidos. Para ele, Marcel Proust, nada existe de definitivo, de permanente, de estável. A transitoriedade nasce da própria necessidade. O oposto produziria um recalçamento esterilizante da força do espírito. Na sua timidez de isolado eterno,

penetrou a fundo na alma do homem. Não precisou abandonar a intimidade do seu ambiente para chegar até as anormalidades causadoras dos fenômenos. Em seu abandono total do mundo, evocou e reproduziu o mundo. Observado à primeira vista, Proust parece em sua agitação ser um prolongamento do mundo exterior e tão intimamente ligado estava à realidade do todo universal que sua obra é um desdobramento contínuo em busca da perfeição. Acreditou na harmonia. Amou os descontroles da vida. Rebelou-se contra preconceitos. Mostra-nos Marcel Proust que seria grandiosa a vida, inebriante de felicidade o mundo, o indivíduo cheio de alegria se conseguíssemos, ao mesmo tempo, chorar e ri, gozar e sofrer, amar e odiar, se conseguíssemos sentir, abandonando as falsidades da moral utilitária, os contrastes assoberbantes do ser cósmico, afastar a realidade da razão, sobrepor o ser ao dever ser. A beleza está no imprevisto, na fatalidade. E o espírito do homem nada mais é do que um dominado pelo fatalismo do infinito. A beleza está no contraste. A realidade é o próprio contraste.

## TRÊS FIGURAS DO SÉCULO XX

*Folha da Manhã – 18 de agosto de 1935.*

**É** cedo ainda para apontar o resultado da influência de Henri Bergson na marcha do pensamento universal anti-kantista e anti-intelectualista, acreditando mais na força da intuição humana, na mística que faz com que os católicos o considerem um dos seus. Esse descendente de semitas prega a restauração do espiritualismo e o primado da inteligência. Com Oswald Spengler e Hermann Keyserling, seguidos de Edmundo Husserl, de Hartmann, Lask e Max Scheler, podemos dizer, criadores do fenomenismo filosófico ou da filosofia fenomenológica em oposição à filosofia neo-kantiana de antes da guerra de 1914, Bergson chefia todo o movimento anti-intelectualista e anti-kantiano, caracterizador do nosso tempo.

Existe, hoje em dia, em forte combate à triste realidade dos fatos sociais, uma intensa reação romântica. Fazendo parte integrante deste reacionarismo filosófico está o autor da “Evolução Criadora”. Os erros produzidos pela mecanização e pela tecnicização estão longe de serem avaliados. O progresso mecânico deslumbrou a sociedade do século XIX. O avanço da técnica impediu o homem de agir conscientemente, conforme as forças do capitalismo e do comunismo que abalam os alicerces da sociedade contemporânea. Senhor de uma filosofia de êxito fácil, de um racionalismo pedante e extremado imbuído

do culto do próprio indivíduo, aproveitou-se o homem da técnica, para chegar mais depressa ao sucesso com a riqueza. E deu-se então a revolução reacionária anti-intelectualista e anti-kantiana. E é Nicolas Berdiaeff que nos mostra em cores vivas toda a angústia de nossa época: “Deus criou o homem. O homem criou a máquina para amenizar as asperezas da vida. Surgiu a técnica. A máquina, já indispensável, rebela-se contra o homem. O homem inquieto insurge-se contra Deus. A criação revolta-se contra o criador”. Eis toda a tragédia do progresso! É a nova fé substituindo a antiga fé, o culto da máquina substituindo o culto de Deus, como nota René Fullop Miller. E a reação, com Bergson à frente, nasce daí. A reação esperada. A reação necessária.

Com Bergson, surgiu o bergsonismo. Ele é quase toda a filosofia do século XX. Aplaudindo a força da inteligência, nega o bergsonismo que só com a inteligência possamos abraçar a realidade de todo infinito. E defende a intuição como capaz de nos dar uma compreensão total do absoluto, vibrando assim um golpe de morte no materialismo histórico. Negando a ciência natural e a ciência cultural, isto é, em oposição à filosofia orientada no sentido da ciência natural e contrário à filosofia orientada no sentido da ciência cultural, o bergsonismo propõe a filosofia da vida. “O pensamento é fraco em face da vida, é incapaz mesmo de compreender a vida, que, para ser na verdade sentida, precisa da intuição que não é inerte nem superficial”.

Possuidor de um estilo claro e conciso, de uma lógica quente e de um raciocínio frio, argumentador completo, fácil foi para Henri Bergson mostrar que a civilização materialista estava cansada e, como todas as civilizações cansadas, decadente, fraca, sem forças para ir adiante, para marchar, para viver. E pregou o regresso ao espiritualismo, liderando, inconscientemente, a reação romântica, o romantismo exaltado, reacionário mas utilíssimo, deste século de decisão das lutas ideológicas do século que passou. Só o misticismo pode salvar o mundo. No ímpeto vital está a energia que move o cosmos. O élan vital é que nos leva diretamente a Deus. Acreditando tanto no elemento psíquico, jogou-se contra o sociologismo de Durkheim, jogou-se contra toda a sociologia-filosofia dominante. Jogou-se contra o positivismo de Comte,

contra Spencer e Mill, contra o naturalismo impotente, contra o racionalismo puro e Emmanuel Kant. Enfim, jogou-se contra o materialismo e o mecanicismo e formou uma corrente filosófica à parte, que podemos chamar de moderna.

É claro que no pouco espaço de um artigo de jornal não se pode discorrer sobre o autor dos “Dados Imediatos da Consciência”. Dissemos o necessário. Basta o que abordamos para penetrarmos no pensamento do iniciador do movimento que criou a filosofia da vida.

Henri Bergson gerou Spengler e Keyserling, os dois filósofos e maiores pensadores da atualidade, figuras das mais representativas do pensamento político-social universal. Como Bergson, são místicos e espiritualistas. Mostram que, da realidade, nós pouco conhecemos, que não sentimos toda a realidade e que só aos poucos podemos nos integrar totalmente nela. Limitam o mundo ao nosso sentimento porque o que está fora dos nossos sentidos e da nossa intuição não nos pode interessar. Querem unir a filosofia com a vida, esperando que dessa união nasça a harmonia entre o pensamento e a ação.

Essa reação romântica de que falamos, da qual fazem parte Bergson, Spengler e Keyserling, em procura de um destino para a humanidade, neste momento em que a palavra de demolição vai aniquilando as energias mais profundas, desesperadamente colocou-se entre o capitalismo e o comunismo. E a corrente fascista que invade o mundo inteiro é o produto dessa reação romântica. Combatendo cegamente tanto o capitalismo como o comunismo, Spengler, que pregou assepticamente a decadência do ocidente, e Keyserling, que anunciou o nascimento de um novo mundo, são resultados da inexorável renovação mental do século XX. E todos esses movimentos nacionalistas que pensam reabilitar o mundo das energias perdidas em noites seguidas de análise do espírito estão eivados de romantismo, refletem o rumo que há de tomar a humanidade ante os pronunciamentos das verdades da terra, do homem, da raça.

Spengler é o espírito desanimado. O estado de coisas depois da grande guerra não o ilude. É o espírito crítico assombrado com os resultados a que chegou. Místico antes de tudo, concluiu pelo esgotamento do ocidente que acha

ter chegado ao fim da sua caminhada histórica através dos séculos. Para esperarmos melhores dias, é preciso o ressurgimento de uma cultura que anteceda uma civilização. Portanto, sem uma cultura não podemos esperar uma civilização, pois a civilização é o resultado do esgotamento da cultura. Afirma audaciosamente porque ele sabe como “historiador que a sua maior tarefa é compreender os fatos do seu tempo e pressentir, interpretar e desenhar o futuro”. Ele fixa um momento como Keyserling fixa uma atitude. “Vivemos uma época de fatalidade. Época da história a mais grandiosa, não só da cultura faustosa da Europa ocidental, com o seu tremendo dinamismo, senão de toda a história universal. Mais empolgante e mais terrível que as épocas de César e Napoleão”.

Keyserling, ao contrário de Spengler, considera-se o reabilitador da filosofia, trazendo-a para fora dos gabinetes dos filósofos, para a rua, para a vida. Ao contrário de Spengler, prega renovação e não esgotamento. Ele sente o nascimento de um novo mundo, de uma nova civilização escorada no oriente em virtude do fundo pessimismo que corrói a alma do homem ocidental. Ele pensa em uma nova era, grandiosa e mais feliz. É tão místico e tão crítico quanto Spengler. Maldiz a mecanização que concorreu para o equilíbrio total entre a civilização e a cultura.

É pena que essas linhas entaladas na pequenez deste artigo não permitam uma maior exposição sobre a obra destes homens bastante representativos deste período angustioso. Continuaremos ainda um dia o que deixamos hoje começado. Pela situação que ocupam, eles bem merecem a nossa atenção.

Imaginemos uma pirâmide. Coloquemos Henri Bergson no vértice dessa pirâmide. As linhas que partem do vértice correspondem a cada um dos pensadores orientados pelas idéias de Bergson, como Spengler, Keyserling, Husserl, Hartmann, entre os maiores.

Não há exagero em tal imagem. Os poucos traços sobre o pensador francês e sobre os dois alemães que aqui deixamos dizem, sem dúvida, alguma coisa dessa influência...



do homem e colocou despido, nu, inteiramente nu, em uma espécie de picadeiro de circo, chamando a atenção da multidão de assistentes para esse pobre filho de Eva, nu como o seu primeiro pai Adão, e, para as roupas de baixo, largadas ao chão, desprezadas, abandonadas, sujas, ou limpas, não importa, feitas sob medida pelo alfaiate, criador de preconceitos da humanidade.

Prosador completo, aproveita-se do seu talento de escritor para negar todas as verdades, afirmar todas as mentiras, inverter a ordem natural das coisas, mudar o aspecto, a fisionomia dos fenômenos, bolindo com o gênio místico de D'Annunzio. Um endiabrado autor que vê todos os homens como vê a Tulio Buti do seu livro "Tenzetti", um homem "que não escrevia nem recebia cartas, não lia jornais, não parava nem se virava para ver o que quer que acontecesse pela rua e que atraísse a alheia curiosidade, um homem que, se alguma vez uma chuva qualquer o colhia de improviso, continuava caminhando no mesmo passo, como se nada tivesse acontecido", usando e abusando do contraste, um homem negação do próprio homem. Tudo em Pirandello é paradoxo. Ou não é paradoxo e nós é que invertemos as coisas, não as vendo como elas de fato devem ser vistas.

\* \* \*

O que mais nos interessa na obra de Luigi Pirandello é o homem pirandelliano. Segundo o teatrólogo italiano, o homem é por excelência um animal que se dissocia. Um animal de várias almas. De almas inúmeras. De vários estados de espírito. Um homem com alma verdadeira e alma falsa.

O homem pirandelliano é ao mesmo tempo um abandonado e um protegido. Quando não se encontra isolado da vida é porque está integrado no viver humano. É um homem que estabelece a dúvida. É um homem para quem os sonhos se transformam em realidade devido à desagregação contínua a que está sujeita a sua personalidade. Sempre um revoltado. Querendo fazer do seu universo o universo todo. Reagindo. Tomando diferentes atitudes. Impondo decisões. Tirando conclusões.

O homem autoritário sempre pronto a aproveitar todas as oportunidades possíveis. Um dissimulador, enfim. Com vários "eus". E à procura do verdadeiro

"eu". Autor e ator, ele assiste indiferente à sua própria tragédia. Generalizador intransigente de caracteres, é Pirandello o Freud da ficção.

Luigi Pirandello, tal como Ibsen e Proust, não liga ao homem. Ele liga mais ao mistério que encerra o psiquê humano. A vida é um intenso drama e os homens os atores do drama da vida. Longe do mundo são seres deslocados em faculdade de afirmação. Dentro do mundo é o ser que brinca de cabra cega, que recua para avançar, que se esconde, que fraudava, que é ladrão e honrado de uma só vez, covarde e valente, poltrão e audaz.

Como o homem proustiano, o homem pirandelliano é um ser que se dissocia. De tocaia em tocaia vai avançando, esperando o momento propício para saltar e fazer vítimas tal como aqueles personagens tétricos de Poe.

O escritor de "É Domani Lunedì..." não acredita no ridículo. Nem na razão. Nem na verdade. São para ele termos indeterminados. Imperiosos. Sem explicação lógica. Um drama de Pirandello (com surpresa do leitor ou espectador) é uma comédia. Uma comédia, uma tragédia. E vice-versa.

Quem ler, por acaso, "La signora Frola e il signor Ponza, suo genero" não pode deixar de ficar embaraçado ante o conflito medonho de afirmações autênticas. No começo descobrimos na "signora Frola" uma maluca. Logo depois o maluco já é o "signor Ponza", seu genro. Em suma, é tanto maluco o genro como a sogra? Não! Nem o genro nem a sogra e sim a mulher do "Signor Ponza" e filha da "signora Frola". Os malucos somos todos nós leitores que não compreendemos, que não enxergamos, que não penetramos no pensamento do autor? Ou são todos os pobres habitantes de Valdana que não entendem o "Signor Ponza" dando ouvidos às conversas fiadas de sua sogra? Ou louco é o sr. Pirandello? Ou louca é toda a ingênua humanidade? Ou malucos somos nós dois, tu, leitor, e eu, o crítico (?), como diria Agrippino Grieco?

\* \* \*

O homem criado às pressas por Pirandello não se preocupa com a vida em si. Nem com problemas políticos. Nem com problemas econômicos. Não se preocupa

com coisa alguma que não diga respeito exclusivamente à sua vida íntima. Não liga aos problemas da sociedade. Busca sempre o repouso e a luta na solidão.

Esconde-se de si mesmo, nega a própria existência, blasfema contra Deus, brinca com o amor para andar nervosamente à procura de si mesmo, para procurar em si próprio a razão ou a falta de razão da existência, para no fim ser uma vítima da fatalidade e um atingido pelo amor que o torna ridículo.

Amando a má sorte, a falta de gosto, quanta delicadeza existe nesse prosador original?

A sua obra é um mundo a desbravar. Humaníssimo. É uma obra que vive e que merece, portanto, todos os cuidados da crítica. Obra para todos os paladares, precisa ser analisada com cuidado devido aos imprevistos que embasbacam o leitor. O crítico precisa, sem dúvida, colocar-se no lugar de Pirandello. Porque, no fundo desse cômico fazedor de dramas teatrais, há um espírito que vibra pela perfeição artística e que se deixa levar, horas e horas enegrecendo papel para, com suas blagues, assustar a humanidade.

## GASTÃO CRULS, O ROMANCISTA DO MISTÉRIO

*O Dia – 12 de outubro de 1935.*

O romance no Brasil passou por três fases distintas: 1) a fase lírica, parnasiana, poética, simbolista ou romântica, tendendo às vezes fugir para o realismo ou para o naturalismo ensinado pela escola francesa; 2) a fase revolucionária espiritualizadora da obra de arte; 3) a atual fase, renovadora, conseqüência lógica da fase anterior.

Na primeira fase teve lugar destacado Machado de Assis, o extremista Aluísio de Azevedo, Joaquim Manoel de Macedo, o contemplativo Alencar, Castro Alves e Álvares de Azevedo, na ordem em que exerceram influência no movimento literário nacional. A segunda fase nasceu com Graça Aranha, com o início da reação modernista improvisada pelo autor de “Viagem Maravilhosa”. E a terceira fase, a mais intensa e a mais dramática, é a fase da volta à terra, a fase do interesse da literatura pela vida social, pelo homem, pelo grupo, pela sociedade e pelo futuro do gênero humano.

Se a primeira foi a fase da indiferença e a segunda a fase do êxtase e da contemplação, essa terceira fase, orientada por uma mística criadora e audaz, reflexo das idéias em luta ou expressão pura de novas formas de vida, é a fase decisiva da ação, da ação renovadora em oposição constante às repetições inúteis e aos reflexos de escolas mortas.

O sr. Gastão Cruls – já é a segunda vez este ano que trato demoradamente da personalidade de Cruls – é um resultado destas três fases, uma simbiose, se podemos dizer, da primeira e das duas últimas englobadas. E isso, notamos, principalmente, em “Vertigem”. Acha-se preso ainda àquela forma antiga de se fazer romances de amor e de aventura, discorrendo com facilidade e leveza de espírito, do começo ao fim, sem romper nunca a idéia ideal que o domina na confecção do livro ou da obra. Além dessa forma purista e clássica, por assim dizer, o sr. Cruls deixa-se levar pelo pensamento moderno e pelas conquistas contínuas da cultura, fazendo livro de atualidade. É o que se dá com “Elsa e Elena”, em parte com “Vertigem” e em “A Amazônia Misteriosa”. “A Criação e o Criador” não foge a essa originalidade. É um característico afirmador do sr. Gastão Cruls. E essa originalidade e esse característico, às vezes paradoxal mas sempre interessante, ainda vemos, o que vem mais uma vez mostrar a verdade de nossa asserção, nas traduções que tem feito ultimamente o autor de “Coivara”. Nos livros transportados para o nosso idioma de Guzman, Matthews e Kessel – de Kessel em primeiro lugar – há certa identidade com livros do sr. Cruls. “Luxúria” e “Vertigem” são livros irmãos. As duas heroínas, Severina e Clélia, são figuras típicas saídas de um mesmo pensamento.

\*\*\*

Em todo o livro do sr. Gastão Cruls, há sempre um enigma a ser desvendado que preocupa tenazmente o leitor passivo, do começo ao fim da leitura. Um mistério que impede abandonarmos a leitura ou deixarmos o livro para mais tarde. E isso deu motivo ao título de nosso artiguete de hoje, aproveitando assim, o espaço, para traçarmos alguns ligeiros comentários à margem do “Amazônia Misteriosa”, agora em sua 4.<sup>a</sup> edição.

Em “Elsa e Helena”, por exemplo, há um delicioso sentido de mistério, e a gente se deixa levar mansamente, através daquelas complicações psicológicas tão do gosto do sr. Cruls, que não se chega a sentir o desenrolar dos fatos. É uma viagem longa que se faz sem olhar o meio de transporte, por uma região rica,

onde a natureza selvagem, a cada instante, nos reserva surpresas e imprevistos. E o sr. Gastão Cruls nada deixa passar sem um registro especial minucioso, demorado, às vezes, sem interesse direto. Preocupa-o demasiado o assunto e o modo de como analisar o assunto para melhor atrair o leitor. E aqui está o caso de Elsa e Helena – a Elsa e Helena da dupla personalidade – um caso característico de dissociação. E a figura de D. Clélia, de “Vertigem”, não foge também, quando deixa o marido para procurar novos amores com um indivíduo desclassificado, a essa vontade do autor de fixar caracteres.

Em “Amazônia Misteriosa”, outra é sem dúvida a orientação tomada pelo sr. Cruls. Para não fugir à realidade, o romance desenvolve-se como se fora um diário de viagem, através de nossas selvas amazônicas.

“É preciso conhecer o que é a imensidade da Amazônia para poder avaliar a mesquinhez ridícula que assumem as cartas geográficas, quando, diante delas, procuramos refazer mentalmente algum trecho já percorrido. Distâncias enormes, entrecortadas de rios caudalosos e florestas imensas, minguem então aos nossos olhos e o que exigiu dias e dias sem conta de lutas e sacrifícios para ser vingado, aparece como itinerário de qualquer jornada amena e a alcance do primeiro turista displicente. Assim sucede com a Amazônia, uma das regiões menos conhecidas e onde há rios e rios que nem figuram nas cartas”.

Nas primeiras páginas o romance do sr. Cruls é bastante monótono. Aos poucos, porém, com a entrada dos seus heróis pela mata adentro, muda completamente o aspecto do livro. E surgem as assombrações. E a floresta bizarra anima-se. E depois ainda, a caminhada até o “país das amazonas”, o conhecimento de Rosina, a morte de Piauhy, a fuga e as experiências científicas do sábio alemão escondido da civilização, fazem deste livro do sr. Cruls uma preciosidade. É superior a “A Selva”, do sr. Ferreira de Castro, onde os diálogos muito longos e a dissertação muito fraca dão uma impressão de maçudez paulificante. O sr. Gastão Cruls é bem mais conciso que o sr. Ferreira de Castro. Leva uma vantagem formidável na exposição: ele sente a grandeza da terra.

Não admira que “Amazônia Misteriosa” tenha alcançado quatro edições numa terra onde pouco se lê. É um livro belo na essência e firme na forma. Real. Cheio de vida.

## O MUNDO DE DOSTOIEWSKI

*A Nação – 10 de novembro de 1935, L1/45.*

*Publicado no: Diário da Tarde – 31 de agosto de 1935, sob o título O mundo visto por Dostoiewski*

*O Dia – 23 de novembro de 1935, L1/46, sob o mesmo título (textos integrais).*

Quem analisar bem as obras de Fedor Dostoiewski poderá ver que o escritor nervoso de “Crime e Castigo”, ao contrário dos Poes, dos Hoffmanns, dos Rousseaus e dos Voltaires, procurava a cor da realidade com que pintar fielmente os seus quadros cheios de vida e movimento intenso.

Fugia das mistificações do sr. Hoffmann, corria das fantasias do sr. Edgar Poe, ria dos exageros voltaireanos e embasbacava-se ante a audácia incontida do sr. Rousseau, o caricaturista fraco de um mundo que mal conheceu.

Em resumo: Dostoiewski foi dos únicos artistas que não isolou o homem do mundo, que soube conservá-lo tal qual ele é, cheio de infortúnios, e vivendo uma vida tão profunda quanto a do próprio autor. O homem como fator da existência da humanidade. Como elemento imprescindível de vitalidade criadora. Como elemento de luta, de energia, de dinamismo. Como elemento real. Como elemento transfigurador de renovação. Como expressão do próprio cosmos. Como ponto destacado de convergência.

A grande tragédia, porém, dos personagens das obras de Dostoiewski está na atitude resoluta de combate assumida em face da vida. Eles querem viver e de qualquer forma vivem. Como anarquistas. Como assassinos. Como ladrões. Como

criminosos de toda a espécie. Como idealistas políticos. Como mártires de um ideal de grandeza perene.

O que eles, na verdade, temem, é o determinismo natural que os impele, que os obriga a agir contrário à vontade social. São figuras místicas. Acabrunhadoras. Carregando sobre as costas o peso morto de uma sorte cruel. Figuras da fatalidade. Figuras presas às mãos fortes do destino, porque, para Dostoiewski (não só para Dostoiewski), existem três espécies diferentes de homens: 1) os que têm o destino nas mãos e traçam serenamente o roteiro do futuro; 2) os que passam ingênuos e despercebidos longe do bulício do mundo; 3) os que dependem do destino, os que são joguete à mercê de uma força mais poderosa.

Neste ponto, os personagens de Dostoiewski demonstram possuir consciência metafísica do universal. Em confronto com outros escritores de seu tempo, realizou uma obra de síntese social tão grande, só comparável às obras dos maiores pensadores da humanidade. Ele avançou em arte. Fez-se precursor. Abriu caminhos. E deslumbrou-se, inquieto, ante os novos horizontes que divisava, resignando-se humilde ante o sofrimento dos povos, porque “Cristo sofreu e ordenou que nós também sofrêssemos”.

Dostoiewski pertence a essa terceira categoria de homens estraçalhados pelo destino. Tem-se a impressão de que ele criava para reagir e que também ele sabia amar como poucos a desgraça que o consumia e o fazia um revoltado amante da dor e da miséria. Dostoiewski adorava o destino que o perseguia. Escravizado a vida inteira a uma existência amargurada, ele nunca teve palavras de rancor contra ela, enfrentando a cada instante a morte. Era a fatalidade, o determinismo natural que o transformara em intérprete das humilhações, das provações e das perseguições, quicá do aniquilamento moral da humanidade. Dostoiewski foi uma aurora. Uma aurora sangrenta após uma noite secular de paixões criminosas onde se sacrificava friamente a civilização à barbárie. Por isso ele nunca pôde esquecer a Rússia. Não esqueceu a Rússia porque lá o povo, a raça toda, espiava com indizível renúncia, anunciando o surgimento de melhores tempos com uma nova era, os erros e as faltas de todos os povos e de todas as raças.

Dostoiewski foi dos únicos a compreender (e compreender é tudo) a beleza do sofrimento, a beleza que encerra a tragédia de sofrer pelos outros, a tragédia que fecha o coração e o cérebro do comum dos homens e abre perspectivas grandiosas à inteligência do gênio, como Tolstoi, como o burguês Tolstoi, inimigo da burguesia, amava a destruição. Só o “formidável” existia para Tolstoi. Só o “real” existia para Dostoiewski. Tudo o mais era imposição do forte ao fraco. Subserviência. Irrisão. Deslocamento de valores.

O mundo de Dostoiewski! Como é cheio de trevas o caminho que nos leva a esse mundo! Antes de mais nada, sem o sentimento comovedor da realidade da desgraça e da miséria, as duas fontes maiores da arte do Dostoiewski, não chegaremos nunca ao mundo que habitava o genial torturado de “Humilhados e Ofendidos”.

A terra só não lhe bastava. O homem só de nada lhe adiantava. Ele queria viver no mundo transcendental de Deus e parar no conhecimento final da vida, no “porque” da existência, nas leis supremas da casualidade universal. E, para tanto, precisava crer. Só a fé adivinharia as maravilhas da força cósmica, penetraria o mistério da fatalidade, só a fé seria capaz de levá-lo vitorioso à conquista da liberdade integral em Deus, seria capaz de levá-lo ao Deus, princípio e fim, causa e efeito, ao Deus síntese do amor e da felicidade, harmonia do universo. Quantos não terão procurado irritantemente atingir o princípio da verdade e quantos não terão procurado em Deus o enigma do destino! Poucos, no entanto, como Dostoiewski, chegaram a conhecer a realidade da desgraça e da miséria, a realidade do amor e da felicidade, ponto de interseção entre o mundo do homem e o mundo de Deus! O mundo de Dostoiewski, o mundo intermediário entre o finito e o infinito, o mundo aspirado dos que se elevam pela fé.

# MR. ALDOUS HUXLEY E O BRASIL

*O Dia – 16 de novembro de 1935.*

Há coisas em literatura que a gente não pode dizer sem incorrer na pena dos nossos chefes de escola. Há outras, porém, mais compensadoras e mais agradáveis, que a gente tem a obrigação de dizer para esclarecer o pobre do leitor de nossas parcas letras, para que ele não fique na ilusão de estar com a verdade, somente porque um foliculário qualquer aventurou-se em dizer que aquilo era a verdade e que o resto não passava de torpe mentira. Faz-se ambiente em torno de um fato qualquer e de pronto aquele fato fica sendo como verdadeiro, como autêntico, sem que se possa desmentir, mostrando que a verdade não é aquela, mostrando que a verdade está em outro lugar. É o caso de Aldous Huxley em nosso delicioso mundo literário.

Não só de Aldous Huxley, mas também de muita gente boa que lá na Europa escreve com inteligência.

No Brasil tudo é interessante. A política, o ensino, a literatura, etc. Somos originais dos pés à cabeça. Com o defeito porém de copiarmos a nossa originalidade. Em literatura então essa nossa originalidade vai mais longe. Surge um escritor e só porque a crítica do “Figaro” dá-lhe evidência ou porque o “Times”, ou outro qualquer órgão cita-o com insistência, nós, aqui no Brasil, temos a obrigação de mostrar que, se já não possuímos um escritor de idênticas

tendências, possuímos pelo menos escritores que se assemelham em construções intelectuais. Aldous Huxley, por exemplo, no momento, é uma de nossas vítimas preferidas. O autor de “Brave New World” vê-se assim violentamente discutido e comentado no maior deserto de “cultura” que é o novo mundo, especialmente o Brasil de Ruy Barbosa e Machado de Assis, o Brasil onde os homens “inteligentes” fazem a questão de serem “bárbaros” para serem “brasileiros” e fazem questão de não serem “cultos” para serem “americanos”.

Mr. Aldous Huxley até há pouco tempo era um nosso desconhecido. Não se ouvia falar por aqui desse tradicionalista escritor inglês, desse anglo-saxão puro, que, ainda bastante moço, já conseguiu na Inglaterra e na América do Norte uma boa posição pela sua firme e novíssima técnica novelesca, uma verdadeira posição de destaque pelas novíssimas formas de exposição em matéria de conto, novela ou romance, em um país que, desde a morte do delicioso Dickens, não faz outra coisa a não ser preocupar-se com inovações em matéria de arte. Depois do louco H. G. Wells, havia, sem dúvida, de surgir o idealista Huxley do “Brave New World” com a sua grande visão política do futuro, grande em arrojo e pobre em realidade, pregando para os povos a máxima um tanto ridícula: “Comunidade, Identidade, Estabilidade”.

Mas voltemos ao nosso assunto. Como íamos dizendo, é uma humilhação para o intelectual brasileiro não estar a par do movimento livresco de outras terras tidas como mais adiantadas. Bastou que Aldous Huxley vencesse, impondo-se perante a crítica, para que nós o julgássemos um grande escritor, o maior de sua geração no antigo continente, o escritor a ser seguido pelos amenos ficcionistas da nova geração brasileira, o escritor última palavra em novidade lá na Europa.

E com fama de huxleyano surgiu triunfante o sr. Érico Veríssimo, um bom romancista dos pampas que de huxleyano nada tem, apesar de muito ter lido Huxley, como já declarou publicamente entrevistado pela imprensa sobre a sua formação, como fazem todos os novos vitoriosos. O sr. Érico Veríssimo apareceu com “Clarissa”, uma leve história de amor, sem as impertinências extra-científicas do Mr. Huxley. Depois publicou “Caminhos Cruzados”. Com este último livro, a crítica no Rio de Janeiro, sempre sorridente, não esqueceu que Érico Veríssimo gostava de Huxley, que

tinha lido Huxley, que já tinha falado de Huxley, portanto era discípulo de Huxley. Nem que forcemos um paralelo conseguiremos identificar o escritor brasileiro com o escritor inglês. O sr. Érico Veríssimo caracteriza-se pela subjetividade no modo de construir as suas novelas, ao passo que Aldous Huxley, muito pelo contrário, é de uma terrível objetividade com uma tendência confusa para temas de caráter científico, creio eu, por ser neto de Henry Huxley, o comentador do darwinismo na Grã-bretanha, nos fins do século passado.

Vejamos o que diz um compatriota de Huxley, o escritor Charles Duff, sobre a obra desse inglês displicentemente cientista e por vontade da imaginação rebelde ficcionista construtor de novelas estupendas quanto tema: “Seu espírito aristocrático é fortalecido por uma grande erudição. Dotado de uma paciência de investigador científico, destaca-se como especulador dos resultados de sua investigação tal como faz um puro homem de ciência. Seu estilo é seguro, exato e agradável. O que mais fracassa em Huxley é o sentido que dá a forma. Deixa-se dominar tanto por uma idéia que ela o conduz inesperadamente a fins diversos. Por isso, em suas obras de ficção faltam simetria e equilíbrio onde tudo é tão real e nada tem de artificial.”

Ora, falemos com franqueza. Érico Veríssimo nada tem de investigador científico e é perfeito na forma. Huxley deixa-se levar pela idéia. O nosso escritor gaúcho sabe de começo onde vai chegar e o que vai fazer quando lá chegar. Huxley tem um sabor de mistério. Érico Veríssimo ao contrário. E ainda dizem que ele é o maior discípulo de Huxley no Brasil? Onde está a razão dessa afirmação? Em todo o caso, aí ficam essas poucas linhas, para que mais tarde não se vá dizer que engolimos a pílula sem notar que ela é grande demais para atravessar a garganta...

## SOBRE MARCEL PROUST

*Folha da Manhã – 17 de novembro de 1935.*

*Republicada em: O Dia – 10 de dezembro de 1935, L1/47.*

Marcel Proust, aquele inconfundível precursor de Luigi Pirandello, aquele inconfundível fragmentador da realidade e criador admirável de sensações estava bem longe de imaginar que viria ser um dos orientadores da literatura contemporânea.

Porque a época seja de incompreensão e a luta pela vida provoque a ferocidade e estimule a falta de sinceridade, a obra de Marcel Proust não pode ser traduzida ao pé da letra, o que impede penetrarmos o seu pensamento básico, seguirmos o seu raciocínio seco, divulgamos as suas idéias convulsionadas pelo drama interior que consome a existência do homem.

Nem por isso a complexidade luminosa de Proust nos entusiasma. Dá-nos somente a impressão de pesada atualidade e de que Proust, como o seu irmão de pátria, Henri Bergson, procura dar ao espírito um lugar de destaque, uma posição mais cômoda ao seu desenvolvimento instintivo.

A contrário, porém, de Bergson, Proust no domínio da idéia e do pensamento livre, não procurou tomar posição nem possuir uma única atitude que explicasse todas as suas outras atitudes. Procurou ser moderno e fazer-se compreender através das emoções e sensações que transmite consciente ou instintivamente por intermédio de suas obras aos que o haviam de suceder e tal como Bergson,

precisou lançar-se contra a falada unidade universal decompondo as forças caprichosas que integram o mundo. E assim, por longo tempo, há de transmitir sempre o mesmo sabor de modernidade.

A sua vida, pouco acidentada e de pouco interesse para os que o conhecem de perto, ainda que sem entender a sua linguagem e a sua dialética, é cheia de sombras o que não permite, fazer-se dele, como já se fez de outros tantos personagens especiais, um romance.

Não teria por certo, a mesma atração, o mesmo sentido heróico, o mesmo desenrolar louco, o mesmo gosto de luta, a mesma ânsia apaixonada, o mesmo desejo ardente que a vida de um Tolstoi, ou de um Dostoewski, que a vida de um Nietzsche ou de um Goethe em contraste com o atraso do tempo que os queria sujeitar, impondo-lhes condições determinadas, impedindo-lhes de se analisarem internamente e de se colocarem em contato comunicativo direto com o meio.

Proust foi um pacato e um afirmador da vontade de sua época. Ninguém o viu uma vez sequer abandonar o formalismo tradicional para seguir com os reformadores ou com os revolucionários. Era levado pela corrente. Ao que parece tem-na o destino. Desconfiava do futuro. Entregava-se à fatalidade.

Fracamente de saúde, em começo, habituou-se, pervertendo e viciando o talento, aos desregramentos de uma sociedade fútil e displicente, que o acolhia indiferente sem o mais leve sinal de encantamento pela sua prosa discreta e suave, pelo seu mundanismo excessivo igual ao ambiente acanhadamente mundano em que se agitava uma multidão enorme de seres efêmeros, igual ao ambiente elegante e chique onde respirava um ar envenenado com pieguices de indivíduos de inteligência rasteira e cultura de salão, onde a ociosidade empedernida e o ridículo se juntavam, formando uma elite decadente faminta de poder e glória fácil.

Aí, nesse meio de fulgências incarácterísticas e de fulgurações mentirosas, adquiriu o estúpido gosto de ociosidade e o amor inútil do epicurismo grosseiro. Nunca soube negar. Iniciou-se covardemente. Com humilhações. Sem reagir. Quietamente e silenciosamente. Quietamente e silenciosamente porque temia tirar daquela pasmaceira, às vezes deslumbrantes e às vezes sem sentido algum, uma sociedade fanada a uma

vida estéril de ilusões multicores. Faltava-lhe vontade de libertação. E só mais tarde, desesperado, ajoelhou-se humilhado diante de si mesmo, contemplando a grandeza misteriosa do universo. Transfigurou-se vencendo o terror. E começou a sua ascensão.

Marcel Proust veio mostrar mais uma vez, que na sublime libertação do espírito está a grandeza do poder criador. Procurar a verdade, sobrepondo-se à melancolia e à indiferença, superando o destino e excedendo-se a si mesmo, é o fim de todos nós. A duração real o preocupa tirando-o a tranqüilidade. E no entanto, é só em contato com o tempo que ele consegue a justa tranqüilidade. Com o tempo exterior em função do tempo interior.

Desta forma, a carga de um longo passado ditava o seu mundo relativamente original de examinar os fenômenos. Ele mesmo sentiu, existindo como imortal de dois mundos de orientação antagônicas, a substituição barulhenta do milenar moralismo de Platão pelo utilitarismo filosófico de nossos dias.

Proust, o Proust introspectivo, o Proust virado para dentro, o Proust interiorizado, o Proust cujo estado místico afastava-se cada vez mais do mundo preferindo o isolamento a esse mundo. Foi o primeiro intérprete da decadência próxima com a dissociação integral dos valores que sustentavam a velha cultura e a velha civilização.

Foi o primeiro a antever a morte de tudo, o cansaço da sociedade medieval, o esfaifamento do espírito e da memória que era para ele o fundamento capital do princípio de continuidade histórica. Sentia o desfalecimento sem prever nada. Sentia a fase agônica sem que o seu instinto o auxiliasse. Encontrava-se irremediavelmente perdido no seio de uma floresta imensa sem saber para quem apelasse na sua vaidade incontida de homem civilizado. A sua penetração psicológica ia às profundezas da alma recuando medrosamente à obscuridade do inconsciente. Proust parece um homem que procurando atingir o infinito encontro diante de si um abismo inexpugnável, sentindo-se impelido para dentro dele, achando-se na iminência de ser por ele tragado.

## GENTE NOVA DO BRASIL

*O Dia – 10 de janeiro de 1936.*

Há certa dificuldade em se traçar resumidamente uma súmula das atividades mentais dos novos do Brasil. Essas atividades, no decorrer dos últimos anos, têm sido tão variadas e se exercido em tão variados campos de ação que é quase impossível, mesmo com unidade e síntese, escrevermos, sinteticamente, sobre elas. A obra de um escritor como o sr. Jorge Amado distancia-se tanto da obra de um escritor como o sr. Lins do Rego, Jorge de Lima ou Graciliano Ramos que se torna de todo inútil uma apreciação única. O ruralismo expressivo dos romances do sr. José Lins do Rego, o romance de costumes baianos do sr. Jorge Amado, o introspeccionismo do sr. Jorge de Lima, os romances inteligentemente meditados do sr. Graciliano Ramos, não se confundem e não se podem confundir na apreciação sensata de um crítico.

Além disso, as contribuições de uma Rachel de Queiroz, de um Lauro Palhano, de um Plínio Salgado, de um Herman Lima, de um Paulo Setúbal, de um Miguel Osório, de um Oswald de Andrade, de um Amando Fontes, etc. – todos eles inteligências as mais poliformes e de tendências as mais antagônicas – não se juntam. O sr. Érico Veríssimo, por exemplo, habita em planeta diferente do sr. Benjamin Costallat. Assim a sra. Lucia Miguel Pereira com o sr. Heitor Marçal, o sr. Theofilo com o sr. Godofredo Rangel ou o sr. Lúcio Cardoso com o sr.

Clovis Amorin ou com a sra. Carolina Nabuco. O sr. José Américo vive bem longe do sr. Gastão Cruls. Como o sr. Veiga Lima, bergnonista extremado, do sr. Thomas Leonardo e seu freudismo um tanto romântico. Cada romance revela uma índole distinta e uma personalidade original.

Esse foi o trabalho do sr. Agrippino Grieco escrevendo “Gente Nova do Brasil”. É um livro que define posições. Ninguém melhor que o sr. Agrippino Grieco aqui nestes brasis para falar e escrever sobre tal assunto. “Gente Nova do Brasil” – o título não condiz bem com o conteúdo – é um verdadeiro índice da vida intelectual brasileira nestes últimos anos. É um livro grande e forte, escrito com imparcialidade característica e com a clareza peculiar de tudo quanto sai da pena do nosso crítico mais original que é o sr. Agrippino Grieco. Este livro do sr. Agrippino Grieco tem a vantagem incontestável de poupar o trabalho alheio no concernente à história de nosso período literato. Aí está o seu valor.

Discorrendo sobre os romancistas com o sr. Jorge Amado à frente, sobre o conto com o sr. Marques Rebello, sobre história e política com os srs. Gilberto Freyre, Cândido Motta Filho e outros, sobre teatro e crítica, encerra o sr. Agrippino Grieco o seu livro com dois notáveis estudos sobre dois mortos a quem dedicou profunda admiração. Ronald de Carvalho e José Geraldo Bezerra de Menezes a quem comovidamente chama de “meu amigo e meu mestre”. Soube o autor de “Estrangeiros” fazer obra de síntese. “Gente Nova do Brasil” é mais um desses livros de vida longa pela sua utilidade e de sucesso pela sua palpitante atualidade.

## O ROMANCISTA JORGE AMADO

*O Dia – 10 de janeiro de 1936.*

Chego tarde para falar do sr. Jorge Amado, tido, hoje em dia, como o romancista prodígio do Brasil.

Escritor sincero, sem nada de supérfluo, pouco paisagístico e mais humano, ele vive com os seus romances e faz deles obra de puro sentimento e de profunda dor. Não procura estilo vistoso para se esconder. Claro, personalíssimo, com o gosto da síntese aliado ao gosto da análise, há no sr. Jorge Amado um grande estudioso de costumes, um grande tradutor das misérias do proletariado rural (veja-se “Cacau”) e urbanista (veja-se “Suor”). Cada homem, para esse jovem escritor, é um mundo de ideais de libertação, cada indivíduo a idéia revolucionária reivindicadora em marcha. Cada página sua nada tem de artificial: é impressionante como impressionante é a realidade. O sr. Jorge Amado afirmou-se como tradutor de anseios, como retratista fiel de ambientes. Em poucas palavras, com sobriedade de psmar ele pinta os quadros mais confusos, interpreta os pensamentos mais desconexos, paixões, conflitos de estarrecer. E em tudo não esquece um pouco de romantismo, uma dose de lirismo, um pouco de poesia. Nada tem de paulificante como tantos romancistas que andam por aí a comprar a paciência alheia...

Cada figura de um romance do sr. Jorge Amado tem o seu destino marcado, age segundo esse destino, existe para cumprir o seu destino. Não foge a ele. Pelo

contrário, procura-o, vai ao seu encontro. Assim são todos os personagens de “Jubiabá”, desde a velha Luiza até Antonio Balduíno. E o sr. Jorge Amado nunca esquece que os personagens de seus romances são figuras humanas e não fantoches. Antonio Balduíno será a figura mais popular entre as figuras criadas pelos nossos ficcionistas. Ágil e lépido, não tem a importunar-lhe pensamentos filosóficos nem frases feitas com silabismo ridículo. É sincero até no falar. Não esconde o que pensa e diz o que pensa, como pode um homem do “morro” dizer sem se tornar artificial ou mesmo ridículo. A figura do macumbeiro Jubiabá, essa então é notável. Todos nós a conhecemos de perto, todos nós admiramos e temos verdadeira veneração pelo seu jeito modesto e sensato de dono de espíritos ignorantes, mais ingênuos que ignorantes. Jubiabá é uma figura típica nesse Brasil imenso, fértil em macumbeiros de todas as espécies e profissões. O sr. Jorge Amado excedeu-se no seu “Jubiabá”. É um livro para todos os públicos. Comove e encanta. Saturado de vida. Não encontra similar entre os romances aparecidos nesses cinco anos.

Acredito que o sr. Jorge Amado – a quem a técnica do romance não encerra mais mistérios – tenha chegado com “Jubiabá” à sua maturidade intelectual, o que é de admirar devido à pouca idade que dizem ter o escritor nervoso de “Suor”. Chegou cedo onde muito figurão das letras não consegue chegar nem mesmo na velhice. Criou tipos que hão de ficar. “Jubiabá” é o nosso maior romance moderno.

Nada falta para a consagração do sr. Jorge Amado como romancista. “Jubiabá” é livro que não se pode ler só uma vez. As cenas do morro, a toada triste que vem do mar, a viagem no saveiro, as cenas passadas em Feira de Santa Anna, são dignas de serem firmadas por qualquer dos maiores romancistas da Europa ou da América do Norte. Domina uma multidão de personagens com a maior naturalidade e sem forçar motivos.

É uma outra revelação esse sr. Jorge Amado de “Jubiabá”! Vigoroso, humano, domina desde as primeiras páginas o leitor mais exigente.

# MARCEL PROUST E O NOSSO TEMPO

Oliveira Franco Sobrinho  
(Para A NAÇÃO)



Ilustração de uma velha crônica de Proust — "Na rua — 2 horas da madrugada; 6.º andar de zero — o ar abafado dos porões é doce aos dedos enregelados..."

A CONSTRUÇÃO de uma novela, até bem pouco tempo, dependia mais da imaginação e da inspiração que da investigação, da percepção, da observação ou da inteligência. O artista para agradar era obrigado a afastar-se da vida, imaginando assuntos escabrosos, temas de assombrar, argumentos que emocionassem o leitor através de novidades absolutas, mesmo afastadas da realidade.

A vida em si nada representava de extraordinário. O anseio e os ideais humanos, longe de servirem de inesgotável fonte ao novelista, eram pesadelos incapazes de trazer algo de aproveitável. O

indivíduo preferia fugir à realidade, escapar-se à vida, do que viver na leitura novelesca uma nova vida com as mesmas misérias, as mesmas inquietudes, os mesmos martírios.

Tão somente nos períodos épicos da história da humanidade a realidade abraçou e dominou os produtos da imaginação. Nos períodos de transição, transformação ou lutas políticas intensas, a sensibilidade, tornando-se mais aguda e mais fraca a índole imaginativa do homem, o sentimento do real preocupava mais que as criações essencialmente utópicas. Aí, a vida possui os seus imperativos. A verdade

atrás porque todos temem alguma coisa. É a tragédia e a angústia coletiva, colocando o indivíduo no centro dos conflitos onde se decidem os destinos das massas humanas. Nesses períodos, existiram Hugo, Tolstoi, Dostoiewski, Proust e outros tantos. Os três primeiros exteriorizaram a sua dor entrando em contato direto com as multidões sofridas. O quarto preferia sofrer sozinho, sentir isolado a miséria social, aquela dissociação fatal que preparava no sub-consciente do homem o fracasso de uma civilização. E fez da sua arte um elemento de investigação, de sondagem da vida, um instrumento de observação do indivíduo.

II  
Intelectualista e possuído de uma sensibilidade profunda, cerebral, Proust não compreendia a vida sem sentir a vida. Inteligência e sensibilidade equilibravam-se em Marcel Proust. Harmonizava o indivíduo com a sociedade, fazia nascer o seu tempo interior em função do tempo exterior e daí resultar a duração real. O que parece, à primeira vista, incapacidade de viver, nada mais é que coragem de viver, coragem de isolar-se para viver, sabendo que no isolamento maior é a dor, mais aguda o sentido da dor, mais terrível a ansia de sobreviver, mais tormentosa a existência.

É o aproveitamento da dor, da angústia, das convulsões internas, que fazem do autor de "Les Temps Retrouvés" um artista original. (Continua na 2ª página)

## MARCEL PROUST E O NOSSO TEMPO

O Dia — sine die, janeiro de 1936.

Republicado em: A Nação — 19 de janeiro de 1936, L1/48n.

A construção de uma novela, até bem pouco tempo, dependia mais da imaginação e da inspiração que da investigação, da percepção, da observação ou da inteligência. O artista para agradar era obrigado a afastar-se da vida, imaginando assuntos escabrosos, temas de assombrar, argumentos que emocionassem o leitor através de novidades absolutas, mesmo afastadas da realidade.

A vida em si nada representava de extraordinário. O anseio e os ideais humanos, longe de servirem de inesgotável fonte ao novelista, eram pesadelos incapazes de trazer algo de aproveitável. O indivíduo preferia fugir à realidade, escapar-se à vida do que viver na leitura novelesca uma nova vida com as mesmas misérias, as mesmas inquietudes, os mesmos martírios.

Tão somente nos períodos épicos da história da humanidade a realidade abraçou e dominou os produtos da imaginação. Nos períodos de transição, transformação ou lutas políticas intensas, a sensibilidade tornando-se mais aguda e mais fraca a índole imaginativa do homem, o sentimento do real preocupava mais que as criações essencialmente utópicas. Aí, a vida possui os seus imperativos. A verdade atrai porque todos temem alguma coisa. É a tragédia e a angústia coletiva, colocando o indivíduo no centro dos conflitos, onde se decidem o destino das massas humanas. Nesses períodos, existiram Hugo, Tolstoi, Dostoiewski, Proust e outros tantos. Os três

primeiros exteriorizaram a sua dor entrando em contato direto com as multidões sofredoras. O quarto preferiu sofrer sozinho, sentir isolado a miséria social, aquela dissociação fatal que preparava no subconsciente do homem o fracasso de uma civilização. E fez da sua arte um elemento de investigação, de sondagem da vida, um instrumento de observação do indivíduo.

## II

Intellectualista e possuidor de uma sensibilidade profunda cerebral, Proust não compreendia a vida sem sentir a vida. Inteligência e sensibilidade equilibravam-se em Marcel Proust. Harmonizava o indivíduo com a sociedade, fazia nascer o seu tempo interior em função do tempo exterior e daí resultar a duração real. O que parece, à primeira vista, incapacidade de viver nada mais é que coragem de viver, de isolar-se para viver, sabendo que, no isolamento, maior é a dor, mais agudo o sentido da dor, mais terrível a ânsia de sobreviver, mais tormentosa a existência.

É o aproveitamento da dor, da angústia, das convulsões internas que fazem do autor de “Les Temps Retrouvé” um artista originalíssimo. Longe do mundo, ele procurou concentrar-se no sofrimento. A natureza íntima das coisas o atraía. Era levado, tal qual um filósofo da velha Hélade, à investigação febricitante das primeiras causas. E entre emoções e sensações foi elevando o seu pensamento e crescendo a sua obra. Cada nova emoção era uma nova descoberta. Cada nova descoberta, um mundo a estudar. Tudo surpreende e tudo pasma. Nada é antigo nessas regiões para onde Proust se transportou à procura de calma para o seu corpo enfermo, de silêncio para a sua dor. E as vidas se sucedem numa vontade contínua de imprevistos, de dramas psicológicos, de formações psíquicas, o sobrenatural agiganta-se, o impalpável torna-se palpável.

Procurando o tempo perdido, Proust chegou a outros mundos. Esses mundos novos são o fim dos maiores romancistas, que procuram neles novos “eus”, outras personalidades e outras individualidades. A consciência movimenta essa vida interiorizada. Nada mais estupendo que o que produz tudo o que nos envolve. A luta da consciência é formidável, como é formidável o valor das forças negativas que a

tentam dominar. Ela, na verdade, é o elo vital entre esses dois extremos que se chocam. E toda sorte de reação se anula ante a descoberta de novos horizontes. Consciência e sentimento se harmonizam. Os dois mundos se interpenetram, se confundem.

## III

Agora, que se publica, em nova edição, “Les Plaisirs et les jours”, o primeiro livro de Marcel Proust, nada melhor que um balanço da influência de Proust na literatura moderna. Joseph Peyré, Marcel Arland, Kessel, François de Roux, Bertrand de La Sale, Dominique, Louis Guilloux, este último concorrente notável ao prêmio Goncourt, são os descendentes mais destacados daquela literatura íntima e intensamente humana, celebrizadora do gênio de Proust. Estes entre os novos da casa dos quarenta anos e em França. Mesmo Pirandello, o mais autêntico representante da literatura Proustiana de antes da guerra, muito se diferencia desses escritores novos, ocupados com o problema da reespiritualização das massas humanas.

A todos nós, Proust ensinou a preservarmos o nosso íntimo, a estudarmos a nossa consciência, a penetrarmos às regiões desconhecidas da psique. E essa geração formada no horror das batalhas, sentindo horror à vida, para retemperar-se, precisou voltar-se para dentro, fugindo de assistir o desmoronamento de uma humanidade. Sentia a inferioridade de nada poder fazer para tornar a vida mais agradável, mais pura, mais aceitável, mais sincera à vontade do homem, mais angélica à tragédia da destruição. No abandono das coisas transitórias estava a salvação. Na procura de um novo destino, a certeza de uma nova vida. Na exaltação da própria personalidade, o segredo de novas energias. Proust foi, sem dúvida, o precursor dessa literatura íntima que enche todo o nosso tempo. E como precursor faz-se mestre, e como mestre abriu caminhos. Abriu caminhos fazendo arte, trabalhando para criar, criando para viver.

## REPORTAGEM LITERÁRIA

# A VIDA INQUIETA DE RAUL POMPÉIA

*O Dia – 28 de janeiro de 1936.*

Isadora Duncan no seu livro admirável que é “Minha Vida” fala da “chama intelectual da beleza pura” que, por uma existência inteira, devorou a Henri Bataille.

O mesmo podia-se dizer de Raul Pompéia. Romancista de uma consciência, dominado de um fogo interior fecundo, Pompéia divisou a beleza pura e, como artista, conservou-se fiel à arte que o atraía, ao ideal de grandeza que produzia em seu espírito uma formidável tragédia íntima.

O poeta é uma criatura para quem o mundo exterior não existe, já o disse o amorável Theophile Gauthier. Tudo é transfiguração no poeta. A própria realidade exterior transforma-se ao sentir contato deslumbrante com o espírito inquieto do artista, cuja necessidade é criar, empreender, transformar, edificar outra realidade na forma do sentimento do belo. O poeta é sentido exclusivamente. Tudo quanto toca sua emotividade é vida que ele vê, é emoção que domina, é ardor que o impele para a grande vida, para a vida sincera do ideal, para a grandeza sublime das coisas eternas. Ele alarga o domínio do mundo, ele intensifica a força da consciência do homem, destrói limites filosóficos, desbrava caminhos através de mundos desconhecidos, revela o que é mais encantador, uma índole e uma tendência que vibram pelo todo, pelo futuro do gênero, pela aspiração de domínio da arte sobre as coisas transitórias. E através desse estado emocional chegam os verdadeiros

poetas ao mundo e vislumbram melhor que todos nós o dinamismo febricitante que caracteriza a vida social. Sutileza e luminosidade, fé e crença, ardor e angústia, lutas íntimas terríveis, fazem do autêntico poeta um espírito totalitário integralizador.

Mas Raul Pompéia não foi só poeta. Ao lado do subjetivismo arrebatador, um objetivismo frio de analista de fatos. Ao lado do imediatismo intelectual, o mediatismo libertador. E isso o fez romancista, perscrutador e observador do mundo em si. Quanto mais observava e perscrutava, encontrava Raul Pompéia novos horizontes, novos mundos, estradas desconhecidas. O mundo nascia para ele com cada nova alvorada. Cada nova alvorada era o ressuscitar extraordinário de uma nova vida. Cada nova vida trazia consigo a alegria do tempo perdido, o retorno às horas mortas de um longínquo passado, a memória histórica de suas emoções, o índice de seus sofrimentos. Como romancista é um caso original em nossas letras. Ainda cedo, quando estava em pleno domínio o naturalismo e o simbolismo em nossos arraiais literários, ele fez-se, entre nós, precursor daquela literatura íntima, às vezes um tanto enferma, que imortalizou a Marcel Proust. Como renovador, levou Araripe Júnior a dizer do herói do “Ateneu”: “Sérgio não é Sérgio; Sérgio é um composto de transfigurações dolorosas, muitas vezes extraordinárias, durante as quais, se, como em certos casos patológicos, citados pelos psiquiatras, a sua consciência nem sempre se anula de todo, pelo menos sua vontade sofre as conseqüências da superposição de uma, de outra e tantas vontades quantas lhe aparecem. A arte, para esse artista, converte-se numa contínua agressão ao próprio caráter”.

O sr. Eloy Pontes, publicando “A Vida Inquieta de Raul Pompéia”, lavrou um magnífico tento. Até agora, pouco se sabia da vida e da obra do mestre do “Ateneu”, a não ser rebuscando, nos velhos jornais, os artigos de crítica e apreciação dos escritores da geração e do tempo de Raul Pompéia. Porém, a tarefa, não podemos negar, é bastante árdua, e requer maior paciência ainda. E nisto está o mérito do sr. Eloy Pontes. Este livro, pelos documentos que apresenta, como trabalho completo, minucioso, pelo valor das citações, imparcial, além de ser a história de uma grande personalidade de nossas letras, é a descrição fiel de uma das mais movimentadas da história da inteligência brasileira.

“O estudo da vida e da obra de Raul Pompéia foi trabalho penoso, que levamos a termo através de obstáculos e constantes retificações. Por isso mesmo tivemos que citar e transcrever muito às vezes. O que aí está transcrito ou é inédito ou quase inédito, também... Os ensaios literários, entre nós, em via de regra, se agarram aos livros, abandonando os autores e esquecendo o panorama dos anos. Escasseiam provas e documentos. Tudo anda esparso em velhos jornais”. Se, em certos pontos, o assunto muda bruscamente, rudemente transforma-se o ambiente e o aspecto; ou outros pontos, como o da estada de Pompéia em Recife, fraquejam como descrição, ou mesmo em autenticidade, por falta de documentação proveitosa, o livro do sr. Eloy Pontes nada deixa a desejar. É um esforço notável que cumpre reconhecer. “Ninguém compreenderá nitidamente a obra literária de um escritor sem conhecer os fatos de sua vida, enquadrados no meio e esclarecidos pelos fenômenos que os determinaram. Os homens de gênio não são produtos espontâneos. As doutrinas que os impelem e lhes animam o espírito não brotam por acaso, nem resultam de simples inspirações. As influências coletivas, as heranças de toda a ordem, as idéias hereditárias e outros fatores atuam sempre, gerando surpresas. Há boa soma de fenômenos que decidem a nossa conduta e são inacessíveis à observação e à análise. Para bem compreendê-los temos de recorrer às provas conjeturais. Raul Pompéia, nesse livro do sr. Eloy Pontes, não foi afastado do seu meio nem dos ambientes que influíram em sua formação. Vive com sua geração. É trabalho mais histórico que de crítica. As citações, ao invés de assustar, firmam os propósitos louváveis do autor em autenticar o que afirma. Qualquer livro sobre uma vida grandiosa como essa possui os seus atrativos.

Passando pelo Colégio Abílio, pelo Imperial Colégio Pedro II, depois pela Academia de S. Paulo e Recife, mostrando forte formação moral e mais forte consistência espiritual, ninguém podia esperar que o grande psicólogo que foi Raul Pompéia, após as últimas lutas pela consolidação da República, terminasse os seus dias de modo tão trágico. A fraqueza dominou-o no momento em que ele precisava de todas as suas forças morais e espirituais para subsistir. “Nunca deixara injúria sem réplica! Enfrentando as mais cruéis vicissitudes pudera triunfar

da indiferença geral. Por que a fraqueza? Desta vez, a falsa fé tinha conquistado solidariedades por toda a parte! Os cumprimentos nas ruas eram raros... Assim parecia. Não tinha consciência da saúde escassa. O que os nervos comunicavam, por força duma eclosão indomável de antigos males, reprimidos a custo, durante anos, heranças hereditárias, tinha por certo o inquestionável. Não estava ali a prova? “A Notícia” não tivera a publicação do seu folhetim? Apenas porque todos eram solidários com o artigo de Luiz Murat! Estava desonrado! Mas ainda dispunha de reservas morais. Ainda podia reagir! Ergueu-se. Foi à mesa. Garatujou estas linhas, rápidas e incisivas: “À ‘Notícia’ e ao Brasil declaro que sou um homem de honra”. Pôs o nome no fim, nervosamente, datando-as. Depois, estendeu-se, de novo, na “chaise longue”, varou o coração com uma bala”.

Termina aqui a “história de um temperamento”. “Filho de pai hipocondríaco e de mãe nervosa, crescendo até os nove anos sob as impressões dramáticas da guerra, Raul Pompéia nunca teve traços de perfeito equilíbrio. É possível que, evitando o suicídio, a natureza lhe escolhesse destino mais trágico. Naufragaria, sem dúvida, na loucura. O suicídio foi a única solução para os seus nervos em desordem”.

Utilíssimo livro deu-nos inesperadamente o sr. Eloy Pontes nos fins do ano passado. Utilíssimo e comovedor.

## A VIDA SINGULAR DE ISADORA DUNCAN

*O Dia – 31 de janeiro de 1936.*

Isadora Duncan, que viria a ser uma das grandes reformadoras da arte moderna, foi a artista mais original de nosso tempo e o espírito mais revolucionário de nossa época.

Mística, mas de um misticismo que a levava até ao êxtase, Isadora Duncan, dominada de belas idéias renovadoras, com Sarah Bernhardt e Eleonora Duse, formou o trio espiritual que nos começos do século vinte e nos fins do século dezenove havia, com justos triunfos, escoradas na expressão divina da alma humana, dominadas pela “chama intelectual da beleza pura e pela chama candente que o amor atea no coração da mulher”, fazer da arte a própria vida e da vida a síntese suprema e luminosa da realidade cósmica.

Nascida junto ao mar, ela sentiu os seus fluxos e refluxos, o seu vai e vem monótono e inquietante, teve nele o primeiro inspirador da sua dança libertária que, mais tarde, haveria de entusiasmar os povos que primeiro sentiram o contato febricitante de Isadora Duncan. “Nasci junto do mar e já notei que todos os grande acontecimentos de minha vida sempre ocorreram nas suas proximidades. A primeira idéia de movimento da dança veio-me certamente do ritmo das vagas. O mar sempre me atraiu, enquanto que as montanhas me dão um indefinido mal estar e incitam-me a fugir. Elas me trazem uma impressão de ser uma prisioneira

da terra. Quando levanto os olhos para os seus cumes, não experimento a admiração da generalidade dos turistas, mas apenas o desejo de saltar por cima deles e escapar-me. Minha vida e minha arte nasceram do mar”.

Amante espiritual de Walt Whitman, ouviu com o grande poeta americano, sob a inspiração do mar, o hino libertador da América Nova, ansiou pela América livre ouvindo a América cantar. “Eu vi a figura ideal da Mocidade americana dançando no alto das Montanhas Rochosas. O poeta supremo da nossa terra é Walt Whitman. Descobri a dança que é digna dos poemas de Walt Whitman. Em verdade, sou a filha espiritual de Walt Whitman. Para as crianças da América, quero criar a dança que seja a expressão da América”.

Figura extraordinária! Frágil de corpo, intensamente cerebral, quase sempre revelando estupenda genialidade, otimista, cada gesto de Isadora Duncan era a tradução do ideal social e político do último século, pois Isadora Duncan pode ser considerada como a mais interessante figura de mulher do início deste século e dos fins dos século que passou. Veio ao mundo “sob o signo de Afrodite”. Nota de Rousseau e Nietzsche, amante e filha de Whitman, o seu destino estava marcado pela fatalidade. Como Afrodite, vivia sob o signo da fatalidade.

\* \* \*

Andou bem o sr. Gastão Cruls traduzindo este momentoso livro “Minha Vida” de Isadora Duncan. Livro extraordinário. Sincero. Cheio de lutas. Intenso. Cerebral. Emocionante da primeira à última página.

“Qualquer homem ou mulher que escrevesse a verdade sobre a sua vida escreveria um grande livro. Mas ninguém jamais ousou escrever a verdade sobre si mesmo. Jean Jacques Rousseau fez este supremo sacrifício em prol da humanidade – desvendar a verdade de sua alma, suas ações e pensamentos mais íntimos. E o resultado foi um grande livro. Walt Whitman também doou à América o que lhe parecia a sua verdade, e tanto bastou para que o seu livro fosse condenado como imoral. Mas isso já nos parece absurdo, nos tempos que correm. Ainda não houve mulher que dissesse toda a verdade sobre sua vida. As autobiografias

da maior parte das mulheres célebres são uma série de episódios da sua existência exterior, de pormenores e anedotas fúteis, que nada dizem do que lhes foi realmente a vida. E todos guardam um silêncio estranho quanto aos seus grandes momentos de alegria ou de tristeza. Minha arte é precisamente um esforço para exprimir em gestos e movimentos a verdade do meu ser”.

De formação rebelde, Isadora Duncan desde cedo revelou-se um temperamento especial e de profundas tendências revolucionárias. A sua arte era revolucionária. Revolucionária a sua expressão artística. Revolucionária a sua vontade de libertação. Tudo nela gritava por revolução, tudo nela ansiava por completa emancipação do espírito. E nessa autobiografia de Isadora Duncan – transportada para o nosso idioma pelo sr. Gastão Cruls, que, em suas traduções, já de há muito revelou o gosto pelas grandes obras – vê-se com facilidade a artista, lutando pelo predomínio do espírito liberto. “Não me lembro de ter sofrido, em casa, por causa da nossa pobreza, que me parecia natural. Era só na escola que eu sofria. Para uma criança orgulhosa e sensível, o sistema da escola comunal, tal como dele me recordo, era tão humilhante como o de uma penitenciária. Eu vivia constantemente revoltada”.

Não é nada fácil uma reportagem ligeira através de um livro como esse “Minha Vida”, de Isadora Duncan. A sua amizade com Rodin, André Beaunier e D’Annunzio marcou indelevelmente as transformações intelectuais de Isadora Duncan. Aquela frase “procure alguma coisa que o sr. não pode compreender”, dita ao empresário de um **Music Hall** que a queria contratar, é deveras expressiva. E o seu memorável discurso na **Metropolitan House** esclarece as suas convicções: “Edifícais um simples e belo teatro. Não há necessidade de revesti-lo de ouro. Não são precisos ornamentos nem estuque. A arte verdadeiramente digna desse nome vem do espírito humano e não pede embelezamentos artificiais. Na nossa escola, não temos guarda-roupa nem cenários. Temos apenas a beleza que flui da alma humana exaltada e do corpo que é o seu símbolo. Dai beleza, liberdade e forças às crianças. Dai arte ao povo, que dela precisa. A grande música não deve ficar por mais tempo reservada à alegria de uma elite privilegiada; deve ser dada

igualmente às massas. Ela lhes é tão necessária como o ar e o pão, pois que é o vinho espiritual da humanidade”. Ela prega pela coletividade o mesmo ideal seu da libertação espiritual. E depois, com a mesma exaltação, grita: **“Sim, deixai-me ser pagã!”**.

“Minha Vida”, a autobiografia de Isadora Duncan, na tradução esmerada de Gastão Cruls, é um grande livro, livro de quadros fortes e pinceladas rápidas. Um livro onde pulsa uma alma americana e um espírito que vibra pela coletividade humana. E esse espírito e essa alma é Isadora Duncan vivendo nas páginas emocionantes de suas memórias.

# O TEATRO DE PIRANDELLO

*Folha da Manhã – 02 de fevereiro de 1936.*

*Republicado em: O Dia – 18 de setembro de 1936, L1/63v.*

Luigi Pirandello parece haver nascido para o teatro. Embora se houvesse detido com raro êxito no romance, em novelas curtas e no conto, a sua glória nasceu com a elaboração de suas dezenas de peças teatrais, onde se mostra senhor de uma técnica originalíssima. E hoje pode-se dizer mesmo, sem receio, que existe uma técnica pirandelliana, um homem pirandelliano vivendo em um mundo ideado pelo grande dramaturgo italiano. Pode-se dizer mesmo, sem receio, que a sua obra, prestando-se aos devaneios de público, criou um verdadeiro teatro cerebral tal como a obra de Ibsen, em fins do século passado.

Pirandello não se limita a apresentar quadros, a fazer seus personagens dialogarem. É preciso que exista certa relação entre a platéia e o palco, entre a peça e o público, é preciso que exista, para o próprio sucesso, uma unidade de pensamento entre o espectador, o artista interpretador e o autor. E essa é a principal vantagem de Pirandello, ao que parece, conhecedor da psicologia das assistências, onde ele se agarra constantemente com o fito de firmar a sua popularidade espantosa.

O teatrólogo moderno não prescinde dos ensinamentos do teatro de Pirandello. Os mais distintos e os mais diferentes autores teatrais, alguns deles com brilhantismo e outros com relativo sucesso, como Garcia Lorca e seu teatro

universitário, Peman e seu teatro de assuntos políticos, Oduvaldo Vianna e seu teatro de idéias, Joracy Camargo e seu teatro de autênticas prédicas morais, teatro francês, o teatro de Eugene O'Neill, o teatro inglês com Noel Coward, Maugham, etc., etc., se no assunto e na expressão emotiva procuram fugir do teatro pirandelliano por demais íntimo, na técnica, para efeito mais forte e de resultados mais seguros, seguem o autor de “Ciascuno a sua moda”.

Não somos daqueles que acreditam na decadência da arte teatral. É bem verdade que a arte cinematográfica, explorando na maioria das vezes com mais sinceridade os mesmos assuntos e os mesmos temas do palco, marcou notável ascendência do cinema e pequena fuga do público para os boulevards cinematográficos, onde, por menores preços e com maior realismo, podemos nos entreter e assistir ao desenrolar minucioso dos romances dos maiores autores, das peças dos maiores dramaturgos, transportadas do palco para a tela, sem dúvida, até com vantagem cênica. Isso, porém, não importa em decadência para o verdadeiro teatro. E acreditamos que esse desvio, em vez de concorrer, como parece à primeira vista, para a morte do teatro, venha aperfeiçoá-lo, cuidadosamente, renovando os métodos cênicos, a dialogação, tornando-o mais real, mais impressionante, mais sentido, sem os exageros do velho teatro francês e sem as blagues ridículas do antigo teatro norte-americano.

O teatro de Luigi Pirandello nada tem de exclusivo. Não é nem um teatro de diálogos como em certas peças de Eugene O'Neill, nem de abusiva sarcacidade como o de Bernard Shaw, nem demasiado romântico como o de D'Annunzio. Não é também um teatro de idéias, de sentimentos, de heroísmos, de morbidez, de espiritualidade exagerada, poético. Não é nada disso mas é tudo isso. Um conjunto de sentimentos os mais variáveis, de realidades as mais distintas, portanto, um teatro de vida intensa. Um teatro onde o contraste se apresenta como um fato naturalíssimo, onde a beleza e a fealdade se confundem, a emoção e a sensação se misturam, a ação e a inação se compreendem, a alegria e a dor são uma mesma coisa. E, assim, a sua prosa, elástica e maleável, sem arabescos, de linguajar regional e simples, se adapta às suas idéias e desenvolve-se com rara facilidade e extrema

clareza, com rapidez, movimento, intensidade dramática. Há equilíbrio completo, harmonia de partes. Tudo tem sua medida, a sua razão de ser. Nada é demais, estéril ou dispensável. Cada palavra é pensada. Cada período encerra uma realidade. Cada idéia encerra os frutos da mais segura observação.

Tulio Buti, Ponza, Matia Pascal, a senhora Frola, Silvia Ascenci e Martino Lori, Guglielmo Groa, o senhor Zuccarello, Giacomina, Paulino Lovico, etc., são figuras típicas do teatro pirandelliano. Eles fazem do teatro de Pirandello não só um teatro de idéias mas um teatro de caracteres, de tipos especiais de vida. Cada figura marca um espírito. Cada espírito, a novidade de uma psicologia original. Sensacionalista, motivo e cerebral, Pirandello não esquece de criar situações sugestivas, magnéticas, de criar problemas que espantam pelo imprevisto, de criar personagens que admiram pela extrema naturalidade, pela falta de cerimoniais e preconceitos, pelo jogo de frases inesperadas, quase imprevistas, anti-lógicas e lógicas. Ele pensa com o grande público mas age sozinho. Cauteloso encaminha o personagem e o espectador para o fim que tem em vista e, quando tudo está preparado, abandona-os, deixa-os para que se compreendam, para que tirem conclusões, para que façam o que bem entenderem. Com o seu humorismo e seriedade a gente não sabe se ri ou se chora, se o que se está assistindo é uma comédia ou não é uma comédia. A veia cômica e a força dramática interpenetram-se de tal forma que é impossível desviar-se separadamente o cômico do trágico, o trágico do grotesco, o grotesco do não grotesco.

Pirandello criou o teatro integral. A sua obra nasce de dentro para fora mas vive de fora para dentro. Cada contradição sua é uma afirmação. Afirmando está prestes a negar e negando afirma uma negação. É em teatro um verdadeiro mestre porque sabe o que deseja o público. Um autêntico aristocrata. Um nobre que sente a realidade e sente a seu modo, indiferente à opinião que dela possam ter os irrefletidos e os otimistas loquazes...

## REPORTAGEM LITERÁRIA

# TERRITÓRIO HUMANO

*O Dia – 22 de fevereiro de 1936.*

**P**ara a crítica, acostumada a ter em mãos romances e obras de ficção de um intenso realismo, chamadas por uns de literatura proletária, por outros de livros da esquerda ou da direita, e por outros ainda de literatura social, é um verdadeiro prazer correr os olhos pelas páginas eivadas de puro sentimento e alta emoção do romance “Território Humano”, do sr. José Geraldo Vieira.

Trata-se de uma obra invulgar, de méritos excepcionais que, na certa, conquistará, dentro em pouco, lugar de real destaque. Escrita em prosa agradável e simples, “Território Humano” não se pode classificar entre os romances ultimamente aparecidos. Nada pornográfico, o livro do sr. Geraldo Vieira, apesar da monotonia do seu desenvolver até o aparecimento de uma paixão verdadeiramente mórbida na vida do principal personagem, é livro que se pode ler e que se lê mesmo com imenso prazer. O autor é um isolado entre os romancistas modernos. Podem chamá-lo de reacionário, porque, na verdade, ele não vive em nosso mundo. Anda cheio de miragens, através de regiões etéreas, sonhando inquieto, com uma felicidade ultra-terrestre. Acredita no além. Creio mesmo que é um espírito profundamente religioso o sr. José Geraldo Vieira. “Adriana – fala o personagem central da obra – se choraste nada mais nos separará. Já agora, mesmo que nós nos tivéssemos que afastar, seria impossível, porque

entre nós houve lágrimas, esse cimento que liga até estrela no céu. O nosso caminho, Adriana, não é de perdição. Nosso amor não é pecado que nos atire sobre oceanos de desespero. Temos razões altas de viver um para o outro. Não sei se te perco, se te arrasto, nem sei se nosso caminho deve ser retrocedido. Sei que fomos apartados para o convívio eterno”. O sr. José Geraldo Vieira vive acima, no seu romance, das mediócras cogitações humanas. “Não ponhas o mundo no nosso nível. Nosso caso é extra-terreno”. “Território Humano” é uma verdadeira fuga à monotonia da vida. É um romance cerebral intenso.

Não reside, porém, só aí a originalidade do novo livro do autor da “Mulher que fugiu de Sodoma”. Possui elementos, o sr. Geraldo Vieira, de um romancista integral. Os processos de desenvolvimento que ele adota não são novos, mas estão impregnados do espírito e da personalidade do autor, marcando um cunho de originalidade relativa. Como em seu primeiro romance, caracteriza-se também pela extensidade, esgotando o assunto e completando o tema. A história desse menino pobre, açoreano, é comovente. “Território Humano” é livro que atrai, que prende. O sr. José Geraldo Vieira soube fazer ótimo romance.

## INGLESAS

VIRGINIA WOOLF — ELIZABETH BROWNING — KATHERINE MANSFIELD

*O Dia – 22 de março de 1936.*

*Republicado em: O Dia – 24 de fevereiro de 1937, L1/76v.*

A literatura feminina na Inglaterra possui as suas vantagens sobre a literatura feminina em França.

A escritora inglesa parece-nos, à primeira vista, mais austera que a francesa, preferindo mesmo temas mais severos com que possam superar os adversários do sexo oposto.

Em terras de França, com exceção de Madame de Stael, as demais mulheres que tentaram a vida nas letras, se não fracassaram, pelo menos, não conseguiram transpor as barreiras que as levariam à posteridade.

Ao passo que, na velha Inglaterra, a divulgação das idéias de Virgínia Woolf, o sucesso dos poemas e dos livros de Mistress Browning e a acolhida aos contos tristes de Katherine Mansfield permitem afirmar que a nomeada dessas escritoras admiráveis atingiu o extremo.

Virgínia Woolf, Elizabeth Browning e Katherine Mansfield são três notas maravilhosas das letras britânicas!

Cada uma apresenta formação particular. Os estudos da primeira contrastam com os contos da terceira e os versos da segunda. Woolf é acima de tudo feminista e tudo faz para vivificar a fé que ela possui nas energias da mulher moderna. Elizabeth, tal qual o seu marido Robert Browning, viaja pelo sofrimento dos semelhantes e escreveu humanamente, sem preocupação preconcebida de se dirigir

a este ou àquele sexo. Foi mais universalista. Katherine, ao contrário, é uma voz interior que grita angustiosamente a sua dor, que transborda a sua angústia, que revela a inquietude de uma alma nascida para a paz e detestando os homens, por não saberem eles compreender uns aos outros, vivendo na eterna luta de paixões medíocres para um espírito angélico elevado pelos grandes ideais de libertação espiritual.

Essas três figuras de mulher são três consciências em procura de estabilidade. Diferentes entre si, cada uma delas procura alargar-se o mais possível. Frágeis, sensíveis, irmanadas pelo ideal idêntico de superar os instintos bárbaros, opondo a eles fórmulas de um moralismo excessivo, duas delas, tuberculosas já na mocidade e conhecendo de perto o valor intrínseco do sofrimento, foram demasiado humanas para a nossa época. Três figuras místicas e emotivas.

Virgínia Woolf suspirando por um mundo melhor organizado onde a mulher substitui o amor pela força bruta. Mistress Browning, considerada por muitos a maior poetisa do tempo, reagindo contra a tuberculose precoce, como Katherine Mansfield, elevou-se até o amor como ponto final de sua expansão artística. A última delas, a cerebral Katherine, largada sozinha em Londres ainda criança, mais sensível do que as outras, existiu pensando na morte e morreu pensando na vida que não pôde viver.

## II

O ritmo do tempo presente influi de tal forma na personalidade do escritor moderno que é quase impossível abandonar de todo as formas de vida que condicionam a nossa existência.

Contam-se sem dúvida por centenas os escritores que em todas as literaturas se afastam das tendências que a sociedade, em sua evolução contínua e natural, aos poucos vai impondo. São esses os reacionários-românticos de todas as civilizações que fundem nas imagens poéticas o ideal de libertação artística.

Por outro lado, com efeito, contam-se milhares de escritores, em todas as literaturas de todas as terras, que procuram, na atualidade que vivem, o ideal de formas estéticas

puras, o reflexo da alegria e do sofrimento, a sensação do ar que se respira, os aspectos mais coloridos, as forças vivas do espírito, a exaltação que está no próprio conjunto do organismo social. São esses os atualistas, apegados mais à realidade do que à fantasia, que fundem as imagens poéticas nas fórmulas científicas e tiram as suas idéias do conhecimento do sentido do mundo no qual vieram a nascer.

Existem sempre duas mentalidades novas: a dos conformados e a dos que não se conformam. E a ordem social é vítima freqüente dos ataques dessas duas mentalidades que, na verdade, pretendem com energia desviar os rumos da civilização e afirmar princípios de vida e concepções filosóficas que julgam autênticas por seguirem juntas à realidade cósmica. Ao lado dessas duas formações intelectuais, existe, porém, uma terceira, mais displicente e mais firme nas convicções que a sustentam, que é essa mentalidade anti-moderna, em conflito constante com a ciência, na defesa da inteligência, da razão e da fé.

A essa terceira mentalidade pertencem as escritoras inglesas Woolf, Browning, e Mansfield. Elas falam com o coração. Usam do cérebro, mas o cérebro nelas traduz esplêndida e exaltada paixão, paixão pelo homem, pelo universo e pela figura de Deus, em todas elas, escondida nas fibras de uma alma cujas tendências para o infinito purificam o pensamento e exaltam a grandeza de viver.

O amor é o índice da vida. Residindo no coração, o coração é o centro do orbe.

Ele fixa as nossas atitudes diante de tudo e tudo resolve no sentido de alargar a felicidade social. No amor está a suprema libertação. O amor é tudo que liberta o homem. O amor transcende a arte. Projeta-se no vácuo do infinito, condensa-se na atmosfera social, emerge do coração humano. No amor estão o segredo divino da vida eterna e o mistério sagrado da filosofia perene.

## III

A dor da mulher é para Virgínia Woolf superior ao sofrimento universal.

O seu livro “A Room of One’s own”, escrito quando Virgínia estava dominada por esse estado de espírito, é um lindo libelo contra a condição da

mulher, na sociedade humana. A mulher não tem ainda o direito de viver, de expressar-se, de traduzir a beleza de um pensamento elevado, de, mesmo, como “mãe espiritual” que ela não deixa de ser, criar tradições de independência moral e de coragem humana. É pequena a energia vital da mulher porque ela pensa conforme a ensinaram, porque ela vive conforme lhe ordenaram, obedecendo, passivamente, as vozes da família, da mãe, do pai e dos avós. Seria inútil para a humanidade que todos pensassem da mulher como dela pensou Wolfgang Goethe, que todos a elevassem como Goethe em “Werther”. É preciso que ela não fale somente ao homem através dos sentidos, que as forças enérgicas da alma imperem entre o homem e a mulher e a harmonia se estabeleça dando à vida o esplendor que ela merece. A vida exterior e a vida interior devem ser uma e mesma coisa.

Elizabeth Barret Browning, viajando pela Itália, percorrendo as ruas tortuosas da Florença imortal, foi espalhando os versos que haviam de perenizar o seu nome, através das sucessivas gerações. Inspirada por Dante e Petrarca, fez ressurgir em seus poemas a mulher, a Beatriz, a epopéia da mulher amada e da mulher que sabe amar e venerar. Ao revés de Virgínia Woolf, nunca conseguiu acreditar na inferioridade do seu sexo. A inspiradora de “Vitta Nuova” falava bem alto aos seus sentimentos. Ela – Elizabeth – é assunto inesgotável para quem a queira compreender. Chesterton esqueceu-a, afastou-a o quanto pôde do livro em que estudava a personalidade de Robert. Não teve um biógrafo à altura de seu espírito de artista. Viveu na maior contemplação. No seu isolamento – no isolamento a que tuberculose incurável a obrigava – ela procurou escrever com a alma e falar com a alma para que toda gente a entendesse. Cada poema publicado, cada verso escrito, cada estrofe composta era um hino de doçura e um apelo ao que o homem tem de superior. “Aurora Leigh” é uma estupenda conquista moral. Sua existência foi suave. O sofrimento que a atormentava não a podia amedrontar porque era humano, bastante humano para ser eterno. Há de ser eterna também a mocidade de Elizabeth Barret Browning.

Katherine Mansfield só difere de Mistress Browning em sua tristeza e falta de esperanças. O seu ideal era terminar a obra já iniciada em seu espírito. Por isso temia

a morte, fugia da morte e ao mesmo tempo temia a vida e tentava fugir da vida. Veio da Nova Zelândia para Londres confiando no acaso que havia de a proteger. Viveu presa ao mar como a dançarina Isadora Duncan, sentindo os fluxos e os refluxos, os vais-vens monótonos e inconstantes. O afastamento do mar parece ter sido a causa íntima da tristeza que a acompanhou em sua peregrinação curta pela Terra. Em suas novelas e contos nada de extraordinário se nota. São comuns. A gente que descreve também comuns. O que há neles de original é o sentido humano das coisas triviais e de importância nenhuma. Ana M. Berry, uma de suas maiores admiradoras, fixa bem esse ponto dos contos curtos e das novelas de Mansfield quando diz: “ocupar-se de vidas anônimas, opacas, fugir do imponente e do vistoso, fazer surgir a paisagem, cuidar do detalhe, valer-se do estilo sem ênfases ou ressonâncias, não são as normas da prosa de nossos dias?” André Maurois não faz justiça quando traça o seu retrato no livro “Magiciens et Logiciens”. É por demais supersticioso e não consegue penetrar o espírito que animou Mansfield.

#### IV

Que vida mais admirável que a desses vultos inquietos da literatura feminina da Grã-Bretanha? Que vida e que obra mais imponentes?

Virgínia Woolf, das três, a que se deixa levar mais para a mediocridade, não deixa de ser extraordinária em querer mostrar a superioridade da mulher pelo muito do amor que ela consigo carrega, como fardo pesado mas não incômodo.

Foi mais superficial do que as outras. Não chegou ao fundo das coisas. Não sentiu a realidade total dos fenômenos da vida. Apenas batalhou com inteligência contra o que julgava uma afronta: a inferioridade da mulher.

Com Elizabeth Browning, sonhamos acordados o sonho da beleza da vida. Em êxtase nos transporta ao paraíso que ela podia julgar a sua Florença, mas, para nós, não é deste mundo. Vivendo intensamente, integrou-se no divino pela beleza, transportou-se ao além pela beleza do sofrimento.

Katherine Mansfield teve por missão conciliar a vida e a morte pelo sopro divino. Viveu e morreu sentindo a grandeza do destino humano.

## DIDATISMO

EM TORNO DO LIVRO DO PROF. LEÔNIDAS DE LOYOLA

*Diário da Manhã – 26 de março de 1936.*

Já é hoje possível, entre nós, no Paraná, falar em literatura didática. Não que até aqui não tivéssemos uma literatura infantil para crianças. Unicamente, por estar essa literatura bem longe das nossas coisas, bem afastada de nossa imaginação nativa, bem distante do espírito da juventude paranaense.

Não é nada fácil escrever-se para adultos, quanto mais para crianças. O pedagogismo dos que se dedicam à literatura didática, na maioria das vezes, tolhe a expansão do espírito moço e torna impossível a mais ampla libertação, o mais completo discernimento das coisas que nos rodeiam, concorrendo, o que é doloroso, para o esfalfamento das energias em estado latente.

O mal está em não sentirmos a alma da criança. O mercantilismo, a sedução do lucro, a ânsia do ganho, impede a esses fazedores de livros de compreenderem a obra fundamental de dar orientação à cultura infantil e orientação à inteligência espontânea da criança. Essa é a obra do pedagogismo, do diletantismo literário, do intuicionismo barato de vulgarizar idéias e pensamentos que não estão gravados em nosso íntimo e que não vivem a vida que nós vivemos. Toda obra de educação é uma obra de construção política. O simples fato de um indivíduo ser amador das letras não permite que ele se tenha na conta de um autêntico educador. Escrever para crianças não é escrever para gente grande. A responsabilidade é muito maior.

Não bastam erudição e lógica. É preciso conhecimento total do mundo em que vivemos, da realidade que nos envolve, do caráter, da índole e do ambiente, e das relações da alma infantil com todas essas coisas. Dominar com o artificialismo de obras menos dignas a força de expansão espiritual da criança é um crime contra a sociedade, é o crime do amadorismo e do mercantilismo.

Muitos dos livros didáticos editados ultimamente entre nós trazem consigo males nefandos de origem. A questão não está em explorar o terreno. Primeiro, é preciso conhecê-lo e, para conhecê-lo, é preciso examiná-lo. O mundo em que vive a criança não é o mundo em que vive o adulto. Lá predomina a imaginação. A nós, cumpre, como bons educadores, dar formas a essa imaginação e aproximá-la da realidade.

\*\*\*

O prof. Leônidas de Loyola acaba de publicar um livrinho bastante útil, com a ajuda do pintor Guido Viaro. É um livrinho impregnado de espontaneidade. “Álbum de Figuras” não deforma a vida, não se acha cheio de pedagogismo barato, de vulgaridades. Ao lado da idéia escrita, da imaginação escrita, a cintura que torna o quadro colorido, aguçando a curiosidade da criança, que se desdobra em transformações contínuas. O sr. Leônidas de Loyola não afasta a criança do nosso mundo. Faz obra de integração. E nisso está o seu mérito.

39-4-36 O DIA

## A posição de Henry de Montherlant

para "O DIA" — Oliveira Franco Sobrinho

O novelista Henry de Montherlant é dos poucos que na actualidade procuram situar o espírito num plano verdadeiramente superior.

No momento, em França principalmente não há escriptor por menos prestigiado que seja que não ouse definir a sua attitude em face dos últimos acontecimentos políticos.

A guerra da Itália com a Abissínia parece ter acirrado os ódios e concorrido para que essa definição de attitudes se torne mais clara mais severa dividindo os campos e caracterizando as forças.

Em todo territorio francez onde exista um órgão de imprensa ou mesmo, uma tribuna publica para o exercicio da intelligencia, a paixão ideologica pelas grandes causas da humanidade, impõe uma norma de conducta intellectual uma formula de examinar os factos e observar os acontecimentos.

Ao lado da corrente authenticamente revolucionaria prepara-se a corrente de reacção que ameaça baixar sobre as massas e sobre as populações, contra as leis estratificadas de uma cultura moribunda. A Europa nos traz o sentido dos grandes movimentos renovadores da vida colectiva. E a França agita-se, em torno dessa cultura que, no século passado, agüentou a civilização burguesa dando-lhes rumos, diretrizes, e fixando-lhe um carácter próprio.

Não será nada facil lançar as mesmas vistas sobre o panorama do mundo. A complexidade dos phenomenos e a confusão no dominio da intelligencia, impede-nos uma analyse total da sociedade moderna, dos factos da vida contemporanea, das condições ambientais e do aspecto das luctas politicas.

O ruido de armas envenena a atmosphera em que se agita o homem dos nossos dias. Os manifestos lançados em torno da guerra italo-ethiopia, ao invés, de procurarem dar explicação logica aos devios da humanidade, pelo contrario, propoem a luta dentro das fronteiras da França por intermedio da imprensa. Nem sombras mais existem daquela unidade organica de pensamento da época medievalista. O immonso vacuo de após guerra desnuda conflitos esquecidos de forças que buscam viver, permanecer como forças, agir e aniquillar as forças oppostas. A "L'Ordre Nouveau" e o renascimento catholico de Martin e Gibon, a "L'Action Française", a Croix de Feu, são consequencias desse estado de inquietude que, para Marcel Arland, é o mal de nosso século.

De um lado, Paul Claudel, Paul coñ Mauriac, Martin e Etienne Gilson. De outro lado Louis Aragon, Roland, e infavel Gide.

... // ...

... Todos nós temos necessidade de Gide porque elle fala ao nosso intimo, traduz a nossa propria revelação artistica. Montherlant odia o politico puro que nos aqui no Brasil chamaríamos de profissional. Daniel Rops quando prega a nova ordem e o exito de uma nova organização da sociedade não esquece a necessidade dessa harmonia de attitudes. Montherlant, porem, não crê nella. Ou o homem vive para a arte ou vive para a politica. A função politica de arte não quer dizer que todo artista deve ser um politico e se interesse directamente pelo destino da causa publica. Para Montherlant, um homem exclusivamente politico é um homem falido, falido na sua dignidade, falido na sua consciencia e falido na sua intelligencia. "A questão social e a questão politica, estão num plano que não é absolutamente o plano do espirito". Montherlant crê que ha em cada um de nós alguma coisa de original que differe do mundo exterior.

O autor de "La Relève du Matin" não tenta com a sua posição contraria a politica defender os valores do espirito que, mesmo dentro da lucta politica, são defendidos por escriptores da estatura de Romain Rolland e Malraux, sem desvirtuar o sentido da existencia interior. Proust, no começo de sua vida, foi um mundano invertido, e como sabemos, Proust, nesse periodo, tal como depois Paul Bourget, adquiriu o conhecimento com o homem sobre os business. Roland após a guerra temeu pelo futuro de Jean Christophe como se elle mesmo fosse desaparecer no tumulto das ruas e na inquietação dos campos. Parecia faltar a atmosphera necessaria á criação artistica.

Em "Service Inutile" mais Henry de Montherlant fixa os seus pontos de vistas. Para esse escriptor de talento invulgar e de invulgar capacidade de observação objectiva da realidade comica, e artista authentico, deve partir por cima do tumulto social contemplando o desenrolar dos acontecimentos.

Não sei se Montherlant é ou não combatido. O que se pôde dizer com acerto é que Robert Bessisach, como critico literario do ctylo politico de propaganda ideologica de "L'Action Française" com a responsabilidade formidavel de homem publico que é, anesias como ninguém, pelo retorno a paz da Torre de Marfim.

## A POSIÇÃO DE HENRY DE MONTHERLANT

O Dia — 29 de abril de 1936.

O novelista Henry de Montherlant é dos poucos que na actualidade procuram situar o espírito num plano verdadeiramente superior.

No momento, em França principalmente, não há escriptor por menos prestigiado que seja que não ouse definir a sua attitude em face dos últimos acontecimentos políticos.

A guerra da Itália com a Abissínia parece ter acirrado os ódios e concorrido para que essa definição de attitudes se torne mais clara, mais severa, dividindo os campos e caracterizando as forças.

Em todo território francês onde exista um órgão de imprensa, ou mesmo uma tribuna pública para o exercicio da intelligência, a paixão ideológica pelas grandes causas da humanidade impõe uma norma de conduta intellectual, uma fórmula de examinar os fatos e observar os acontecimentos.

Ao lado da corrente authenticamente revolucionária, prepara-se a corrente de reacção que ameaça baixar sobre as massas e sobre as populações, contra as leis estratificadas de uma cultura moribunda. A Europa nos traz o sentido dos grandes movimentos renovadores da vida coletiva. E a França agita-se, em torno dessa cultura que, no século passado, agüentou a civilização burguesa, dando-lhes rumos, diretrizes, e fixando-lhe um carácter próprio.

Não será nada fácil lançar as nossas vistas sobre o panorama do mundo. A complexidade dos fenômenos e a confusão no domínio da inteligência impedem-nos uma análise total da sociedade moderna, dos fatos da vida contemporânea, das condições ambientes e do aspecto das lutas políticas.

O ruído de armas envenena a atmosfera em que se agita o homem dos nossos dias. Os manifestos lançados em torno da guerra ítalo-etíope, ao invés de procurarem dar explicação lógica aos desvios da humanidade, pelo contrário, provocam a luta dentro das fronteiras da França, por intermédio da imprensa. Nem sombras mais existem daquela unidade orgânica de pensamento da época medievalista. O imenso vácuo de após guerra deu nesse conflito estupendo de forças que buscam viver, permanecer como forças, agir e aniquilar as forças opostas. A “L’ordre Nouveau” e o renascimento católico de Maritain e Gilson, a “L’Action Française”, a Croix de Feu, são conseqüências desse estado de inquietude que, para Marcel Arland, é o mal de nosso século.

De um lado, Paul Claudel, François Mauriac, Maritain e Etienne Gilson. De outro lado, Louis Aragon, Roland, o infável Gide, Malraux, etc. Na direita política, Charles Maurras e Leon Daudet.

Henry de Montherlant, no centro dessa paixão, consegue ficar afastado, não tomar posição política. A arte é que nos liberta dos convencionalismos. Outra seria a nossa situação se, ao invés do homem de pensamento abandonar a Torre de Marfim, permanecesse ainda nela. A idéia de libertação não pode ficar sujeita ao faccionismo de homens como Richard Bloch ou Daudet. Cada um de nós possui a sua fisionomia anterior distinta das demais. Querer modelar a todos os homens por uma forma política ideológica é estupidez irritante. O artista que abandona o recanto onde vive na pureza do seu ideal, é um falido na expressão mais exata da palavra. A arte requer silêncio, requer contemplação, equilíbrio de espírito, visão totalitária das coisas, a arte dispensa a paixão e busca a serenidade, a verdadeira arte se eleva do nível social.

Robert Brasillach, crítico de “L’Action Française”, pede aos intelectuais que se não deixem dominar exclusivamente pela política e que não abandonem por

completo a Torre de Marfim, para se integrarem totalmente na batalha política do mundo. É preciso de quando em vez volver à poesia pura, à vida contemplativa, ao estado de disponibilidade transitória, sem o qual não se pode sentir a plenitude mesmo da própria vida.

Montherlant sabe que toda obra de arte não pode deixar de ser política. O pouco que possui de social, porém, não transcende. Ninguém pode querer negar o sentimento artístico de André Gide, e, no entanto, Gide é hoje em dia um político, um homem que, apesar de pertencer a um grupo, continua, em matéria de arte, o mestre das gerações novas. Todos nós temos necessidade de Gide porque ele fala ao nosso íntimo, traduz a nossa própria revelação artística. Montherlant odeia o político puro que nós aqui no Brasil chamaríamos de profissional. Daniel Rops, quando prega a nova ordem e o êxito de uma nova organização da sociedade, não esquece a necessidade dessa harmonia de atitudes. Montherlant, porém, não crê nela. Ou o homem vive para a arte ou vive para a política. A função política da arte não quer dizer que todo artista deve ser um político e se interesse diretamente pelo destino da causa pública. Para Montherlant, um homem exclusivamente político é um homem falido, falido na sua dignidade, falido na sua consciência e falido na sua inteligência. “A questão social e a questão política estão num plano que não é absolutamente o plano do espírito”. Montherlant crê que há em cada um de nós alguma coisa de original que difere do mundo exterior.

O autor de “La Relève du Matin” não tenta com a sua posição contrária à política defender os valores do espírito que, mesmo dentro da luta política, são defendidos por escritores da estatura de Romain Roland e Malraux, sem desvirtuar o sentido da existência interior. Proust, no começo de sua vida, foi um mundano inveterado e, como sabemos, Proust, nesse período, tal como depois Paul Bourget, adquiriu o conhecimento com o homem entre os homens. Roland após a guerra temeu pelo futuro de Jean Christophe como se ele mesmo fosse desaparecer no tumulto das ruas e na inquietação dos campos. Parecia faltar a atmosfera necessária à criação artística.

Em “Service Inutile” mais Henry de Montherlant fixa os seus pontos de vista. Para esse escritor de talento invulgar e de invulgar capacidade de observação

objetiva da realidade cósmica, o artista autêntico deve pairar por cima do tumulto social contemplando o desenrolar dos acontecimentos.

Não sei de Montherlant é ou não combatido. O que se pode dizer com acerto é que Robert Brasilach, como crítico literário do órgão político de propaganda ideológica de “L’Action Française”, com a responsabilidade formidável de homem público que é, anseia, como ninguém, pelo retorno à paz da Torre de Marfim.

## NICOLAS BERDIAEFF, JOSÉ VERÍSSIMO & CIA.

*O Dia – 03 de junho de 1936.*

A livraria José Olympio vem há tempo afirmando um programa cultural de divulgação literária verdadeiramente assombroso. Novos e velhos juntam-se em suas edições. Obras nacionais e estrangeiras chocam-se constantemente. Ainda agora tenho sobre a minha mesa três livros que me pediram para dizer alguma coisa sobre eles. O primeiro é a tradução do atualíssimo “Nouveau Moyen Age” de Nicolas Berdiaeff e os outros dois “Letras e Literatos” de José Veríssimo e “Educação para a Democracia” do sr. Anísio Teixeira.

\*\*\*

Berdiaeff é um pensador do momento. Católico de formação, abismado na história do renascimento e dominado das formas da civilização da Idade Média, ele sente no equilíbrio orgânico medievalista a solução dos problemas básicos que afetam, na atualidade, os povos de todas as terras.

O seu “Nouveau Moyen Age” traduzido ultimamente pelo sr. Tasso da Silveira é um livro típico do nosso tempo. Nele, como em seus outros ensaios “L’Homme et la Machine”, “L’Esprit du Dostoiewski”, “Le christianisme et la lute de classes”, o pensador político se avantajava ao historiador, mostrando com clareza a sobriedade, as tendências irresistíveis da nossa época.

Uma força fatalística impele o nosso mundo para o passado. A voz da história fala alto às nossas consciências. Como pode o homem viver em um mundo divorciado da idéia de Deus? Como pode viver afastado de Deus quando a única força que possuímos contra a asfixia e a morte total é a idéia de Deus?

Berdiaeff – como Oswald Spengler e Hermann Keyserling – sente o peso de um destino cruel e procura fazer-se ouvido. Teme a morte da humanidade cristã. E mostra qual deve ser o nosso rumo. Em “Uma Nova Idade Média” ele estuda erros que produziram a civilização que veio a florescer no século passado.

\*\*\*

O sr. José Veríssimo foi um crítico de época. Junto a Silvio Romero formou a dupla respeitada e temida. A sua obra póstuma “Letras e Literatos” revive ainda um pouco aqueles tempos felizes da crítica romântica. O seu estudo nesse livro sobre a poesia de Alberto de Oliveira traz conceitos interessantes. O seu modo, porém, de interpretar a obra de Alberto Torres é por vezes falho e bastante fraco, dando a mostrar que o sr. José Veríssimo estava longe das lutas do pensamento político. Foi um apreciador do século XIX, um discípulo de Saint-Beuve e dos ensaístas da velha escola francesa de Victor Hugo. Isso, no entanto, não exclui o mérito de “Letras e Literatos”.

\*\*\*

O problema educacional está na ordem do dia. Há meses, nesta mesma folha, já tivemos a oportunidade feliz de, por várias vezes, estudar de perto o plano nacional de educação do Ministro Gustavo Capanema e de traçar junto algumas referências à obra do secretario da educação do sr. Pedro Ernesto, o prof. Anísio Teixeira.

O sr. Anísio Teixeira é um desses espíritos educados na escola da Norte América. Se bem que discordemos do ilustre educador em pontos técnicos-culturais, não podemos negar que o sr. Anísio Teixeira é, no Brasil, dos poucos que nesta matéria possuem orientação pré-fixada e rumos pré-estabelecidos.

O espaço não permite mais que um registro. “Educação para a Democracia” do sr. Anísio Teixeira vem colaborar com o que já dissemos. Nesse livro – aliás fragmentário – o sr. Anísio Teixeira estuda longamente as idéias políticas sociais que marcaram a fisionomia da sua concepção do fenômeno educativo.

## EM TORNO DE “USINA”

*O Dia – 27 de junho de 1936.*

É interessante como, à medida que alonga a sua análise através do ciclo da cana-de-açúcar, o sr. José Lins do Rego vai abandonando a literatura meramente descritiva e integrando os seus personagens nos mais árduos problemas da vida. Em começo, “Menino de Engenho” deixou à mostra o memorialista perspicaz. Depois, “Doidinho”, o espírito objetivo preocupado com problemas íntimos. Após o “Banguê”, onde a existência do personagem central recebe influxos de poesia. Depois ainda o “Moleque Ricardo”, irmão de Carlos de Mello, o moleque miserável e renegado e bagaceira. Após ainda, esse “Usina”, formigante de tragédia, “com máquinas de fábrica com ferramentas enormes, com moendas gigantes devorando a cana madura”. E chegamos ao fim do ciclo. “Carlos de Mello, Ricardo e o Santa Rosa se acabam, têm o mesmo destino, estão tão intimamente ligados que a vida de um tem muito da vida de outro.

Uma grande melancolia os envolve de sombras. Carlinhos foge, Ricardo morre pelos seus e o Santa Rosa perde até o nome, se escraviza”. O sr. José Lins do Rego vai aos poucos penetrando, com desassombro e com audácia, a história de uma época. Em princípio descritivo e displicente. Já agora com esse ótimo “Usina”, abandonando o desnecessário e o convencional, sentimos estar completando a sua caminhada.

Se fosse preciso situar em nossas letras um escritor de tão alto merecimento como é o sr. José Lins do Rego, eu o colocaria na vanguarda, na vanguarda com esse invulgar Jorge Amado. Dono de uma técnica puríssima que enleva e que domina, em matéria de romance, chegou Lins do Rego até onde era possível chegar. Em “Usina”, há equilíbrio e harmonia. Como fecho de uma obra, já popularizada entre nós, não conheço nada mais notável. É rápido e forte, eloqüente e sensual, nostálgico e soberbo. “Doidinho” enerva em certos pontos. “Banguê” hospeda banalidades. “Moleque Ricardo” exagera fatos. Com “Usina”, o talento do autor aparece mais à luz. Seria impossível agora negar talento a esse José Lins do Rego, tão real em suas expressões máximas de vida, tão palpitante na descrição empolgante de lutas íntimas, tão poético nas cenas comoventes de sofrimento e de angústia. “Usina” vale por todos os outros romances reunidos do sr. Lins do Rego.

Confesso que recebi “Usina” com certa indiferença e muita descrença. O que era mais possível dizer de aproveitável? A minha opinião era de que “Banguê” e “Moleque Ricardo” haviam esgotado o assunto. E a surpresa valeu horas de agradável leitura. “Usina” superou as minhas expectativas, não tenho temor em dizer. Uma coisa só eu lamento: é não ter o espaço necessário para dizer coisas incríveis que eu penso desse sr. José Lins do Rego.

No fim dessa pequenina reportagem não ficaria mal uma pergunta: o que irá escrever agora o sr. Lins do Rego? Ressuscitar Ricardo não é possível. Recompor a vida de Carlos de Mello também não. Continuar a viver com Santa Rosa quando Santa Rosa não mais existe seria fantasia. O que irá escrever José Lins do Rego? Em todo caso, o autor de “Usina” é um escritor que, de hoje em diante, pode ficar calado. A sua obra viverá longos anos. E outra coisa, creio eu, não desejeia José Lins do Rego... Que a sua obra viva e viva bastante...

## NOTÍCIA DE PIRANDELLO

*Trecho de um ensaio de Oliveira Franco Sobrinho\*\**

*O Dia – 03 de julho de 1936.*

Que dizer mais de Pirandello?

Sabe-se que o ilustre professor siciliano, muito antes de encontrar no teatro o prêmio de uma vida indiferente, não fez outra coisa que viver existência medíocre. A sua preocupação era ensinar meninos e meninas. E levou quase meio século assim. A sua prosa bastante fecunda e o seu espírito demasiado fino só conseguiam exasperar a crítica. Não sei bem quando começou a ser entendido.

A obra pirandellesca é inimiga da seriedade, e isso já notou Monner Sans, em trabalho interessante, sobre “El Teatro de Pirandello”. É Pirandello um ironista que muito pouco se incomodou de fazer ironia porque prefere copiar da vida a andar por aí quebrando a cabeça na criação de situações teatrais esquisitas. Por isso sua obra oferece copioso material para exame detido das suas idéias. É preciso não esquecer o que dele disse Ortega e Gasset. Muita razão sobra ao escritor espanhol: Pirandello é o verdadeiro inventor do teatro de idéias. E daí a dificuldade que teve, já em contato com o público, de afirmar sua técnica.

Não vi ainda estudo sobre Pirandello que não recordasse Bernard Shaw. Mas, entre os dois, não há nem pode haver comparação lógica. George Bernard Shaw compõe pilhérias. É um pilheriador autêntico. É o homem que melhor tem rido neste mundo. Que melhor tem rido da vida e dos homens. A obra de Shaw

é uma gargalhada sem fim. É o indivíduo mais escandaloso até hoje nascido na sisuda Inglaterra. Escandaloso e malcriado. Vegetariano por oposição sistemática. Fértil em farsas e pantomimas há, com razão, quem não o leve a sério. Com Pirandello não acontece o mesmo. É sério, seríssimo até em fotografias. Procura ser intelectual até na expressão do seu rosto e na imponência de sua barba simétrica. Shaw é disforme. Disforme em tudo. Em peças, em dramas ou comédias, chega ao fim antes mesmo de começar. Com Pirandello o fenômeno é outro – ele já começa pelo fim. O que vale para um estudo comparativo de Shaw e Pirandello é a técnica personalíssima, idêntica em muitos pontos, que os dois criaram, que não quer dizer que se assemelhem...

Contrariando Shaw, Pirandello intelectualizou o teatro. Intelectualizou e cerebralizou. Está longe de ser “uma palpitante expressão humana” como o definiu o crítico argentino sr. Octavio Ramirez. É super-humano. Cada trecho de peça é coisa nova que temos em mãos. Não esconde nada do espectador. É inimigo de mistérios e de encenações. O teatro de Pirandello não é malabarismo artístico. Dramático ou cômico, o italiano Pirandello é uma revelação da inteligência humana. É o homem do riso interior: o mais inteligente riso da Europa assanhada de Shaw e Chesterton.

---

*\*\* Oliveira Franco Sobrinho publicou há tempos, no “Correio da Manhã” do Rio e na “Folha da Manhã” de São Paulo, uma série de artigos sobre Luigi Pirandello. Hoje publicamos, escrito especialmente para “O DLA”, o fecho desses artigos, que correspondem a um ensaio do autor.*

# A ORIGINALIDADE TÉCNICA NA OBRA DE LUIGI PIRANDELLO

*O Dia – 05 de julho de 1936.*

**E**studemos a literatura no modo de confeccionar uma obra de ficção à maneira dos românticos, dos naturalistas, dos populistas, dos amantes do introspeccionismo, dos simbolistas, e vejamos onde se pode situar o amável Pirandello do “Pensaci Giacomino”.

Cerebralista terrível, Pirandello coloca, em tudo, um pouco de romantismo a gosto do impagável autor de “Boule-de-Suir”. Maupassant não fica mal como pai intelectual do velho e mordaz professor siciliano, como ascendente imediato desse homem de inteligência aguda que chegou a tirar, brincando, o prêmio Nobel de literatura. O que não sabemos é se Pirandello conforma-se com a paternidade forçada do escritor de “Yvette”, como admira, conforme faz crer, o seu ascendente mais direto que é ou que foi Marcel Proust.

Situado entre os românticos e os naturalistas, entre os introspeccionistas e os simbolistas, Pirandello conquistou, com o despeito de D’Annunzio e de Papini, os dois maiores mestres em arte literária de leveza espiritual, posição de relativo mérito, uma posição esplêndida que o permite dizer coisas que saídas da boca de um simples mortal equivaleriam por certo a uma justa condenação de morte.

Os escritores de hoje, esquecendo a influencia de Proust, esquecendo, conforme afirmam mesmo, a literatura enferma de Marcel Proust, procuram

afastar-se de seus problemas íntimos vivendo no centro da humanidade e tentando primeiro observar para depois contar e descrever. A literatura íntima, quase privada, do autor de “A la Recherche du Temps Perdu” deu lugar à literatura liberta, nascida não da viagem em torno de um quarto qualquer de qualquer água-furtada de Paris ou Londres, mas da vida no meio das multidões em conflito.

Proust ficou como um analista sutil da alma, ficou como um homem de olhos vendados que, para poder, independente das emoções do mundo exterior e independente das emoções que a vida coletiva produz em todos os seres humanos, olhar para dentro de si mesmo e perscrutar com nervosismo calmo a tragédia íntima do espírito que se consome aos poucos na luta com o terror e o misticismo.

Essa é a literatura de um Mauriac, onde a inspiração, elemento antigamente imprescindível a um bom novelista, é substituída pelo elemento dissertação, pela dissertação fiel do que se sente, do que se vê, das falsas verdades e das falsas mentiras, pela dissertação fiel do estado de uma civilização, da orientação do pensamento social segundo as formas ideológicas do autor, do estado de cultura e das condições essenciais da vida.

O que detém o romancista moderno é o tema. No caso por exemplo de Georges Duhamel, como também no caso do escritor de “Les plaisirs e les jours”, os personagens giram em torno da falência de nossa civilização, do aniquilamento de nossas formas de vida, falando, sentindo, interpretando o modo de agir, o modo de falar e o sentimento das massas. No estudo acurado do personagem em relação ao meio está o ponto capital a ser atacado com maestria pelo novelista moderno. Por isso, o conto, o romance ou a novela, elaborados em dias de hoje, trazem um sabor de fatalidade, um sentido ingênuo de sofrimento, de amargura e, no primeiro contato, chegam mesmo a desagradar o leitor. A vida em si nada representa. Do lado dramático da vida é que está a grandeza da própria vida. Na fuga à fatalidade, ao inevitável, está o segredo do entrecho. A literatura moderna acompanha o descontrole das forças espirituais que atuam no apalpar, no achegar-se ao núcleo de onde a vida se irradia e onde o sentimento coletivo toma-se mais agudo. E essa técnica, com alguma diferença, aliás,

fundamental característica no escritor moderno, quer em um populista como Leon Lemonnier ou quer em um escritor sem escola como Luigi Pirandello, concretiza as tendências desiguais que dão à literatura do presente um aspecto todo novo.

Na criação de uma técnica nova é que é imprescindível o elemento inspiração. Isto porque cada época e cada escola tem o seu modo particular de ver as coisas, porque cada escola tem a sua técnica, como cada época tem uma expressão e um sentido que lhe são próprios.

Pirandello fugiu às escolas, mas não fugiu da época. Sua obra em essência prende-se por todos os lados ao espírito do tempo. Tirando a mordacidade alucinante de “Tutto per Bene”, Pirandello lembra-nos com os seus imprevistos as situações imprevistas do velho Ibsen. No gosto dramático é que ele se afasta do etéreo Bernard Shaw. Silvia Ascenci, Marcos Verona, o pobre Martino Lori e a filha Ginetta são figuras típicas que mais parecem personagens de um drama ibseniano. E ninguém melhor do que Ibsen representa o início de nossa época.

Abstraindo o homem, Pirandello cria uma tragédia espiritual até hoje ignorada dos escritores que se propuseram desvendar a alma humana. Não que ele não ligue ao homem. Não que ele não ligue ao indivíduo. Pirandello nunca deixou de ligar ao homem e ao indivíduo. O homem criado por Pirandello é que não liga ao mundo que o envolve e ao que se passa cotidianamente ao redor dele.

Aí está a verdadeira originalidade da obra de Pirandello. Toda aquela fusão de séculos, toda aquela harmonia de partes que vem caracterizando o homem através de uma eternidade, toda a estrutura da vida social, toda a unidade orgânica, o equilíbrio, a coordenação, o complexo harmônico de forças, dá lugar à desintegração ou à desarticulação, dá lugar à supressão de valores e à criação de valores outros à medida que, de observação em observação, Pirandello penetra o pensamento do homem e domina a consciência universal. O seu repertório de idéias limita-se a atender os chamados da realidade que ele vê e sente do seu canto de analisador sorridente, do seu pequenino canto que é um mundo ou o espelho de um mundo, do seu canto de onde ele vê passar esbaforida a humanidade

em busca de um ideal que não existe e em busca de uma razão transcendental de vida que é a negação completa da existência de todo coletivo.

É assim o teatro de Pirandello: os personagens falam porque precisam dizer alguma coisa, andam e mexem-se porque é preciso não enervar o espectador paciente. Quem vive é o pensamento que ágil se transporta às regiões desconhecidas da alma do homem: o sub-consciente. No seu livro “Terzetti”, há um conto, “Chamando à Ordem”, que é uma estimável jóia de complicações mentais. É a história simples de um homem que ama uma mulher casada que possui verdadeira veneração pelo marido indiferente aos afetos sinceros da esposa que sofre terrivelmente ao ver o seu amado viver com outra mulher. Paulino Lovico é o herói. Não compreende como o sr. Petella tenha abandonado a esposa – uma verdadeira maravilha de candura – para coabitar com outra mulher que estava longe do comparar-se a sua doce e desgraçada “signora”. Procura um médico e convence-o de remediar o mal conforme já havia combinado com a “signora” Petella, que por ocasião da estadia do marido, chegado de Nápoles, onde vivia com a “outra”, o tentaria atrair chamando-o novamente ao legalíssimo lar. Lovico chega ao estupendo ponto de querer matar Petella. Entregue as pastilhas aconselhadas pelo medico à “signora”, passa a noite toda a rondar a residência do casal, pois tinha combinado com a “signora” um sinal que o deixasse ao par de tudo quanto se havia passado no interior. Cedo, quando amanhecia, ao dobrar a esquina, que dava para a rua onde se estava decidindo a “sua” sorte” eis que paf! o capitão Petella aparece à sua frente.

– Olá! O senhor por aqui?

– É verdade – balbuciou Lovico sem uma gota de sangue nas faces – levantei-me cedo e...

– Para passear ao fresco? – completou Petella – Feliz! Sem aborrecimentos... Livre e solteiro!

Lovico afundou os seus olhos nos olhos dele a fim de ver se conseguia descobrir algo... Mas só o fato daquele animalão andar fora de casa aquela hora, e além disso com aquele ar fora do jeito – ah! miserável! Naturalmente tornara a

brigar com a esposa (mato-o, pensou Lovico, palavra de honra, mato-o!) Mas sorridente foi dizendo:

– Vejo que também o senhor...

– Eu ? Resmungou Petella. Que há?

– O senhor... a estas horas...

– Ah! Espanta-se de me ver a estas horas? Uma noite horrível, caro professor!

– O senhor não dormiu bem?

– Não dormi nada! – gritou Petella com raiva. E sabes? Quando não durmo, quando não consigo dormir, eu me exaspero!”

Pirandello fixa aqui o contraste entre as duas individualidades e fixa mais de propósito a figura do pobre Lovico, do honrado Lovico querendo lavar a honra da mulher esquecida pelo marido.

– Eu não o deixo, pensava Lovico consigo. Subo com ele, e se não cumpriu com a obrigação, este é o último dia para todos os três!”

Firmou no espírito esse pensamento feroz. Concentrou violência e ódio. E... sentiu afrouxarem-se os membros, desfazer-se o corpo aos pedaços, assim que – dobrando a esquina e erguendo os olhos para a janela da casa de Pitella – viu, estendidos no cordel, (oh! Deus!) um... dois... três... quatro... cinco lenços! Enrugou o nariz, abriu desmesuradamente a boca e, com o cérebro em confusão, soltou um “ah” de espasmo dando expansão à alegria que o sufocava.

– O que é que o sr. tem? – gritou Petella, pensando-o socorrer.

E Lovico:

– Oh! meu caro capitão! Oh! meu caro! Obrigado, obrigado, mil vezes obrigado! Foi uma delícia para mim este belo passeio... mas estou cansado, quase morto, sinto que desfaleço, que caio... Obrigado de todo coração...

O sinal fora dado. Lovico reconciliara os dois com as pastilhadas aconselhadas pelo médico. Estava feliz com a felicidade da mulher do outro.

A originalidade desse mestre formidável está na concisão, na intensidade, na expressão real de vida que dá às suas criações para assombrar o puritanismo do leitor ou do espectador burguês. Em peças como “Ma no é una cosa seria” a

beleza está no grotesco. Ele espanta, amedronta, ridiculariza-nos. Dá-nos a certeza de que nada valem como homens civilizados. O problema da personalidade firma-se nesse ponto. Pirandello quebrou a estrutura de um mundo que parecia eterno. Ensina a desconfiar do super-homem de Nietzsche e a não acreditar mais em nada que parta do cérebro ou seja produto da inteligência. Ensina a negar, a negar afirmando o que aparentemente negamos.

REPORTAGEM LITERÁRIA

## MAR MORTO - CRÍTICAS E CRÔNICAS - A LUZ NO SUBSOLO

*O Dia - 04 de agosto de 1936.*

O momento literário nacional caracteriza-se especialmente pelo aparecimento de grande número de romancistas e todos eles, pela técnica e concentração poética, bons romancistas.

Para nós, críticos e consumidores de livros, para todos nós que assistimos aqui de fora o florescimento de belas inteligências, a chegada desses romancistas traz um grande contentamento íntimo: já se pode viver do romance brasileiro.

Ainda agora, acabo de receber três livros, e, dos três livros recebidos, dois deles são romances. E romances de clima bem nosso, de personagens totalmente, brutalmente brasileiros na vida, nas aspirações humanas, no sentimento poético e nos amores achegados à carne.

E entre os dois romances, um ligeiro livro de estudo sereno, meditado, calmo, sem os grandes imprevistos da obra poética, mas com a simplicidade do espírito crítico, acolhedor de idéias e condensador de sensações.

\*\*\*

Ao leitor despreocupado, parecerá notável que um escritor, em curto lapso de tempo, possa aparecer em público, sobraçando uma série de romances

interessantíssimos, como está acontecendo com o sr. Jorge Amado. Nada menos que cinco romances – romances fortes e concentrados – de três anos a esta data. E, em todos eles, desde “Cacau” até esse barulhento “Mar Morto”, em todos eles, sobressai sempre, de maneira admirável, a finura da inteligência do romancista. Mesmo “Suor”, o mais atacado dos livros do sr. Jorge Amado, é para mim uma das nossas maiores obras de ficção, pelo contraste da vida, pela mudança rápida de aspectos e panoramas, pela rudeza, pela secura, pela ainda feroz e escondida rebeldia de toda gente que sofre neste Brasil.

Dizem haver uma técnica para a confecção de um romance. Eu mesmo acredito na existência dessa técnica, como já muitas vezes tenho demonstrado em minhas pequenas “reportagens literárias”. Mas não de um modo absoluto. Albert Bérard sentiu bem esse fato quando mostrou, de acordo com a psicologia moderna, a permanência, dentro em nós, de diferentes elementos que formam, com o tempo, variadas individualidades. Ainda há pouco, também Benjamin Cremieux fazia essa observação. Para cada escritor, uma só técnica: o estado de espírito; a saturação espiritual, no entanto, pode desvirtuar essa técnica que, longe de ser resultante do amadurecimento intelectual, provém da formação mental e das condições psíquicas. É entre nós o caso de Jorge Amado e Lins do Rego, de um lado. E Lúcio Cardoso, Érico Veríssimo e Jorge de Lima do outro lado. O que eu quero dizer com isso é que o sr. Jorge Amado é um verdadeiro romancista. Verdadeiro e grande romancista. Quem vem acompanhando pode dizer o mesmo, certo de estar dizendo uma verdade. E “Mar Morto” vem confirmar o talento do sr. Jorge Amado.

“Mar Morto” ultrapassa a “Cacau” e segue junto a “Jubiabá” como livro adjetivo, espontâneo e sincero. Em “Mar Morto” não é o social em si que preocupa o sr. Jorge Amado: é o humano, o sofrimento e o amor, a luta contra os elementos, a tragédia íntima desses espíritos que vivem junto ao mar, nascem do mar, abrem caminhos no mar e, quando morrem, vão para o mar. Lívia e Guma são figuras estonteantes de realidade, cheirando a mar, vivendo do mar e para o mar, livres no amor, na vida, livres até a morte... “Mar Morto” define para sempre o sr. Jorge Amado: – um grande romancista!

\*\*\*

O sr. Homero de Barros é figura bastante conhecida na imprensa curitibana. Conhecida e admirada. Estudioso do português, o seu livro “Críticas e Crônicas”, coletânea de artigos escritos quase que diariamente, oferece trabalhos interessantíssimos sobre personalidades como a de Liberato Bittencourt, José de Sá Nunes, Julio Teodorico, mestres a quem o sr. Homero de Barros rende tributos sinceros de amizade e admiração.

Eu conheço o sr. Homero de Barros um pouco de perto. Sei que é um espírito virado para as coisas sérias. E, se não o conhecesse, bastariam os pequenos trabalhos “à margem de Mirkiné”, “a arte de escrever” e “a colonização alemã no Paraná”, para tê-lo entre os que muito se “alimentam” nesta terra displicente.

“Críticas e crônicas” não é tudo o que poderia dar-nos o sr. Homero de Barros. Sei que a nossa crítica bonacheirona há de elogiar muito esse livrinho. Eu fico apenas no seu registro porque espero muito dos homens que estudam, e o sr. Homero de Barros, entre nós, é um dos poucos.

\*\*\*

O sr. Lúcio Cardoso surgiu há mais ou menos dois anos com o seu ótimo “Maleita”. Logo após, publicou “Salgueiro”. Entre os dois eu interponho um abismo. “Maleita” é livro de romancista autêntico. “Salgueiro” deixa muito a desejar. Ambos são livros audazes. A diferença entre os dois parece estar na visão da realidade que impressionou o sr. Lúcio Cardoso. O primeiro tem amplidão. O segundo é estreito, revela certa precocidade, é quase sem vida apesar de bastante movimentado.

“A luz do subsolo” completa o romancista no sr. Lúcio Cardoso. É um romance surpreendente, inesperado, diferente. Depois dos srs. Jorge Amado e José Lins do Rego, estava-nos mesmo faltando um escritor da têmpera do sr. Lúcio Cardoso. “A luz do subsolo” é um retrato vivo, uma experiência terrível, um drama alucinante e comovedor. Retrato de nossos dias, experiência de nossa hora, drama alucinante e comovedor do homem moderno.

Cenas de arrepiar atroz, emocionantes, cenas dignas da pena e do espírito de um Dostoiévski ou de um Gogol, a tristeza e a inquietação, a incerteza e a dor d’alma fazem de “A Luz no Subsolo” um livro triste mas real, inconcebível mas verdadeiro.

Tais adjetivações parecem demasiadas para um escritor que entrou há pouco na casa dos vinte anos. Só quem conhece de perto a obra do sr. Lúcio Cardoso, principalmente esse “A Luz no Subsolo”, poderá avaliar a invulgaridade da inteligência desse moço escritor. E espero ainda, sobre ele, dizer muita coisa boa, que o espaço de uma simples nota crítica não permite.

# A NOVA LITERATURA BRASILEIRA

*O Dia – 07 de agosto de 1936.*

Um livro do sr. Andrade Muricy é, para nós paranaenses, motivo de sincero júbilo. Isto porque o sr. Andrade Muricy, filho do planalto, é, na geração atual, uma das figuras de mais lúcido espírito crítico e de mais penetrante capacidade de observação. Com Tasso da Silveira, o sr. Muricy está na vanguarda do pensamento novo do Paraná. E, com Tasso, é o representante dessa alma mística, alma “dos chapadões altíssimos, de horizontes de bruma ou cristal”.

Quando apareceu “Festa Inquieta”, eu ainda me encontrava incapaz de julgar o valor do livro do sr. Andrade Muricy. E no entanto, criança ainda, eu senti, melhor do que ninguém, aquela terrível sentimentalidade fria e aquela ânsia sublime para o infinito, aquele terror e aquela angústia, aquela tendência para o absoluto que tão bem caracterizou, entre nós, o grupo de “Festa”.

Disseram-se que “Festa Inquieta”, a nostálgica novela do sr. Muricy, era filha de um estado de espírito transitório que em nada tinha relações com a forte personalidade do autor. Em “Suave Convívio” é que o sr. Andrade Muricy transbordava toda a sua inteligência crítica e toda sua capacidade de condensação estética. Acredito ainda que isso seja verdade. O que não posso entender é como “Festa Inquieta”, onde a alma paranaense se reflete tão amiúde e onde aquele frio montanhoso de manhãs de vento, de manhãs paradas, pesa no íntimo dos

personagens, seja produto de um momento psíquico. Temos que levar em conta a parte climática, a índole da terra e a fisionomia da gente – o clima suíço tão paranaense, a geografia curitibana, a formação contemplativa do nosso povo. O sr. Andrade Muricy é, como Tasso da Silveira, um brasileiro do “hinterland”. “A névoa e o céu profundamente escancarado alternam naquela região (o Paraná)”. “Névoa, essa névoa que quiseram expulsar de nossa poesia, por estrangeira, e de que Ribeiro Couto, simpaticamente, reconheceu a naturalidade brasileira. Névoa que favorece a meditação e o recolhimento... Céu aberto que parece aproximar de Deus”.

“Festa Inquieta” ficou sendo para mim a novela mais tipicamente paranaense: paranaense em tudo, na forma, no conteúdo, na vida, na intensidade lírica, na virtuosidade e na poesia comum das coisas. E “Suave Convívio”, como “Igreja Silenciosa” e “Alegria Criadora”, o pensamento frio e contundente do paranaense intervindo nas criações emanadas do pensamento da Amazônia, do nordeste sensual e da metrópole rumorosa.

Agora, surge o sr. Andrade Muricy, com mais um livro de crítica. “A Nova Literatura Brasileira” (Edição da Livraria do Globo de Porto Alegre) tem pelo menos uma vantagem sobre todas outras obras no gênero, aparecidas ultimamente: define posições. “Em toda esta obra, raríssimo foi afastar-me do tom mais objetivo e impessoal. Estudei com interesse, parece-me que bem evidenciado, cada caso. Despi-me das mais justificadas preferências para não prejudicar o julgamento do leitor. Julguei (e, até certo ponto, julgar era inevitável) pouquíssimo, com a prudência indispensável a quem trata de matéria mais do que apenas contemporânea, porque, mal ou bem, sou participe da obra da geração”. Bela coisa é o julgamento de uma geração por uma figura dessa mesma geração. E esse foi o trabalho panorâmico do sr. Muricy.

“A Nova Literatura Brasileira”, como obra de apreciação crítica e, ao mesmo tempo, como antologia, vem prestar às letras nacionais um serviço inegável que é de colocar cada escritor dentro da posição adotada em face da vida. Os estudos do sr. Muricy sobre a poesia de Tasso da Silveira, Ronald de Carvalho, Raul Bopp, Murillo Araújo, Gilka Machado e Augusto Meyer são estudos admiráveis,

de precisão, fecundidade e síntese. O modo de interpretar, aliás, bastante original, a obra de José Américo de Almeida, José Lins do Rego, Jorge Amado, Alvaro Moreyra, Amando Fontes, pode, na verdade, não agradar por serem um tanto violentas as conclusões do sr. Muricy, mas, com isso, revela um temperamento crítico como poucos já possuímos no Brasil. O elogio de Amando Fontes e Barreto Filho, como as restrições apresentadas aos romances de Jorge Amado e Lins do Rego, as páginas de admiração sobre Jackson e Veiga Lima, a prosa risonha de Adelino Magalhães, como as palavras quentes sobre Plínio Salgado, dão, ao sr. Andrade Muricy, lugar de real destaque.

“A Nova Literatura Brasileira” vem compor o quadro exato do momento literário nacional. Livro de um paranaense, vem mostrar a elevação luminosa desses espíritos do planalto.

15-9-1936 - O DIA

## «» Reportagem literaria «»

(Como definir o romance de Plínio Salgado)

**OLIVEIRA FRANCO SOBRINHO**

Um homem como o sr. Plínio Salgado merece um lugar à parte na história de nossas letras. Apareceu abruptamente fazendo fanáticos em torno de sua figura mística, admiradores em torno de sua obra jovem. Abriu horizontes. Desvendou novos caminhos. Deu intensidade lírica ao desejo íntimo de renovação do espírito moço do Brasil.

Plínio Salgado é, sem dúvida, a inteligência mais profunda de artista que sente a alma de seu povo e que ouve o palpitir longínquo do coração dos brasileiros. É produto genuinamente caboclo e bem caboclo da terra selvagem do Brasil. É o homem que reflete no seu modo de pensar e no seu modo de agir as origens cósmicas do homem rude do Brasil. É uma expressão mística da poesia da terra.

"Estrangeiro" foi um rumor, uma comunicação, uma mensagem revolucionária, o "Esperado" uma agitação, uma ânsia, uma vontade de afirmação. O "Cavaleiro de Itararé" um convite, uma pulsação subterrânea, um choque. A "Voz do Oeste" uma expressão de rebeldia. Toda obra de Plínio Salgado uma atitude. Um caso único no Brasil. Um clarão. Um drama. Uma tragédia. A vida de uma nacionalidade.

O "Estrangeiro" é o romance mais típico de nosso tempo, romance de temas políticos, de sentido de finalidade, um aboço da realidade social brasileira. É preciso começar ao fim, vibrante, foi a apresentação do homem que é hoje a encarnação da maior luta interior. Uma época de amor à terra. Um entusiasmo. Uma poesia ardente. Um apelo. Válem por toda uma literatura. Foi a epopéia de uma geração que surge com o "verde-amarelismo" para culminar na maior das resoluções da inteligência nacional com a insurreição de 1939. "O Chacarrão" foi um incite, uma anunciação. "Viagem Maravilhosa" uma alegoria. O "Estrangeiro" uma definição.

No Brasil estamos a pensar com acérrico. Os produtos da inteligência eram mal recebidos. O valor das idéias não foi facilmente compreendido. Precisamos em alguns vivez a experiência de acérrimos, vivez vertiginosamente em busca a vida de milênios, para, poderemos, nos acérrimos, a realidade cósmica do Brasil. Condensamos energias aplicamos esforços formidáveis, existimos a pensar num destino superior, recebendo da terra o instrumento do nosso progresso. O brasileiro é um herói. Um mundo aqui se forma a pouco, um mundo fabuloso, lendário, um mundo que cresce sem que o possamos conter. Tudo, entre nós, marcha para o interior e o desconhecido. A obra de Plínio Salgado é resultado directa desse

estado irreversível de coisas. É verdadeiro produto dos factos históricos de nossa existência. Por isso, uma authentica obra de arte política, uma obra nascida da tensão nervosa do homem brasileiro quanto ao destino de sua raça.

Não é possível bem compreender o sr. Plínio Salgado sem estudar bem as circunstâncias que deram ao Brasil de hoje. A sua obra é uma obra profunda de reacção ligada à alma do brasileiro. A crítica, por mais que se esforçasse, está aqui só conseguindo esboçar o lado do "bello nos romances do sr. Plínio Salgado. Esboçou que em toda essa obra formidável ha um sentido bastante profundo de finalismo superior. É que somente a luz desse sentimento de finalidade é que pôde ser interpretada a obra do sr. Plínio Salgado. Um sonho político, um grandioso ideal de autonomia espiritual, vive o sr. Salgado na "Voz do Oeste". Nota-se, nesse romance, uma maestria nova de dizer as coisas, de ver os factos, de sentir interiormente os phenomenes. Não se pôde coisear o romancista Plínio Salgado, ao lado dos demais romancistas apparecidos ultimamente. Em Plínio ha um sabor de lucta, um sabor de angustiantes lucta. Nos srs. José Américo, Lima de Rego, José Amedo, Lúcio Cardoso, etc., ha impressionismo e não attitudinaria energia em face da vida ha o narrador mas não o homem de opinião formada.

Adeptos ou adversarios da formula de organização social ou politica do sr. Plínio Salgado, reaccionarios ou não reaccionarios, conservadores ou revolucionarios, é nesse dever examinar de perto essa figura de homem de acção para que, não possamos mais tarde, sermos accusados de injustiça, pela historia. Uma media politica de vida não existe para critico. Uma obra se analisa muito mais pelo que ella velle do que pelos erros que ella possa ter. A influencia sobre as massas, a accção de uma idea, de formula mythica tambem vamos distyri mesmo, não conformes com o nosso modo de sentir a verdade, obrigam a buscarmos na sinceridade palavras que as possam traduzir. Nem pôde ser de outro gulto. No caso do sr. Plínio Salgado, estamos vindo aqui as suas idéas, o seu pensamento, penetrar liberes de intelligencias, fazendo verdadeiros cacravas de um ideal. É o movimento das multidões ditto muito mais ao critico, fala bem mais perto ao espirito da ethica, que o faceticismo literario ou politico. Esse é o nosso modo de apreciação desinteressada. Uma obra de arte pôde ser entendida conforme a formula ideologica do critico, musca, poron, condensada, como obra de pura arte.

## COMO DEFINIR O ROMANCE DE PLÍNIO SALGADO

*O Dia - 15 de setembro de 1936.*

Um homem como o sr. Plínio Salgado merece um lugar à parte na história de nossas letras. Apareceu abruptamente fazendo fanáticos em torno de sua figura mística, admiradores em torno de sua obra jovem. Abriu horizontes. Desvendou novos caminhos. Deu intensidade lírica ao desejo íntimo de renovação do espírito moço do Brasil.

Plínio Salgado é, sem dúvida, a inteligência mais profunda de artista que sente a alma de seu povo e que ouve o palpitir longínquo do coração dos brasileiros. É produto genuinamente caboclo e bem caboclo da terra selvagem do Brasil. É o homem que reflete no seu modo de pensar e no seu modo de agir as origens cósmicas do homem rude do Brasil. É uma expressão mística da poesia da terra.

"Estrangeiro" foi um rumor, uma comunicação, uma mensagem revolucionária. O "Esperado", uma agitação, uma ânsia, uma vontade de afirmação. O "Cavaleiro de Itararé", um convite, uma pulsação subterrânea, um choque. A "Voz do Oeste", uma expressão de rebeldia. Toda obra de Plínio Salgado, uma atitude. Um caso único no Brasil. Um clarão. Um drama. Uma tragédia. A vida de uma nacionalidade.

O “Estrangeiro” é o romance mais típico de nosso tempo, romance de temas políticos, de sentido de finalidade, um esboço da realidade social brasileira. Épico do começo ao fim, vibrante, foi a apresentação do homem que é hoje a encarnação da maior luta interior. Uma época da amor à terra. Um entusiasmo. Uma poesia criadora. Um apelo. Valeu por toda uma literatura. Foi a epopéia de uma geração que surgia com o “verde-amarelismo” para culminar na maior das reações da inteligência nacional com a insurreição de 1930. “Canaã” foi um índice, uma anúncio. “Viagem Maravilhosa”, uma alegoria. O “Estrangeiro”, uma definição.

No Brasil, costumamos a pensar com acerto. Os produtos da inteligência eram mal recebidos. O valor das idéias não foi facilmente compreendido. Precisamos em anos viver a experiência de séculos, viver vertiginosamente em anos a vida de milênios, para podermos nos achegar à realidade cósmica do Brasil. Condensamos energias, aplicamos esforços formidáveis, existimos a pensar num destino superior, recebendo da terra o instrumento do nosso progresso. O brasileiro é um herói. Um mundo aqui se forma aos poucos, um mundo fabulesco, lendário, um mundo que cresce sem que o possamos conter. Tudo, entre nós, marcha para o incerto e o desconhecido. A obra de Plínio Salgado é resultante direta desse estado irreversível de coisas. É verdadeiro produto dos fatos históricos de nossa existência. Por isso uma autêntica obra de arte política, uma obra nascida da tensão nervosa do homem brasileiro quanto ao destino de sua raça.

Não é possível bem compreender o sr. Plínio Salgado sem estudar bem as circunstâncias que deram no Brasil de hoje. A sua obra é uma obra profunda de reação ligada à alma do brasileiro. A crítica, por mais que se esforçasse, até aqui só conseguiu enxergar o lado do “belo” nos romances do sr. Plínio Salgado. Esqueceu que em toda essa obra formidável há um sentido bastante profundo de finalismo superior. E que somente à luz desse sentimento de finalidade é que pode ser interpretada a obra do sr. Plínio Salgado. Um sonho político, um grandioso ideal de autonomia espiritual, vive o sr. Salgado na “Voz do Oeste”. Nota-se, nesse romance, uma maneira nova de dizer as coisas, de ver os fatos, de sentir interiormente os fenômenos. Não se pode colocar o romancista Plínio Salgado

ao lado dos demais romancistas aparecidos ultimamente. Em Plínio há um sabor de luta, um sabor de angustiante luta. Nos srs. José Américo, Lins do Rego, Jorge Amado, Lúcio Cardoso, etc., há impressionismo e não atitude enérgica em face da vida, há o narrador, mas não o homem de opinião formada.

Adeptos ou adversários da fórmula de organização social ou política do sr. Plínio Salgado, reacionários ou não reacionários, conservadores ou revolucionários, é nosso dever examinar de perto essa figura de homem de ação para que não possamos, mais tarde, ser acusados de injustos pela história. Uma noção política de vida não exclui juízo crítico. Uma obra se analisa muito mais pelo que ela vale do que pelos erros que ela possa ter. A influência sobre as massas, a aceitação de uma idéia, de formas míticas, também, vamos dizer, mesmo não conformes com o nosso modo de sentir a verdade, obrigam a buscarmos na sinceridade palavras que as possam traduzir. Nem pode ser de outro jeito. No caso do sr. Plínio Salgado, estamos vendo aí as suas idéias, o seu pensamento, penetrar milhares de inteligências, fazendo verdadeiros escravos de um ideal. E o movimento das multidões diz muito mais ao crítico, fala bem mais perto ao espírito da crítica, que o facciosismo literário ou político. Esse é o nosso modo de apreciação desinteressada. Uma obra de arte pode ser entendida conforme a formação ideológica do crítico, nunca, porém, condenada como obra de pura arte.

## O MÁGICO CLAUDEL

*O Dia e A Nação – 20 de setembro de 1936.*

Não sei como definir Paul Claudel. Há em toda poesia de Claudel uma demonstração íntima de confiança no absoluto. E em todo pensamento do poeta uma exaltação constante do milagre divino.

Poesia cuja tendência é o desconhecido, alma cuja aspiração é vibrar no infinito, espírito cuja ânsia é penetrar o mistério – a poesia, a alma e o espírito de Claudel falam às criaturas de Deus da salvação sublime na eternidade.

A poesia de Claudel é uma lição admirável de fé cristã. Uma lição para os sofredores deste momento, para os inquietos, para os que pensam em Deus. Uma lição também para todos os outros que não sofrem, para os não inquietos, para os que vivem afastados de Deus. Uma lição para todos aqueles que vivem do esquecimento da vida. A poesia de Claudel é uma lição admirável de plenitude, de amplidão, de consciência da verdade católica em Cristo. A poesia de Claudel é uma lição admirável de libertação em Deus.

Claudel é a poesia tecida de imagens cheias de beleza, pura na simplicidade, simples na pureza. Claudel é o espírito que anuncia a volta do Redentor. Claudel é a alma que sente o peso trágico do destino humano. Claudel é o poeta que fala ao nosso coração da purificação pelo sofrimento.

Claudel é poeta e somente poeta. No abandono espiritual em que vive, tem a sua alma eternamente presa ao espírito de Cristo. É o verdadeiro intérprete, na poesia nova, dos valores reais e eternos. Um intérprete sobretudo do amor divino.

Em seu conhecimento dos homens e das coisas, sorri da descrença como quem sorri da beleza exagerada e da arte que não consegue chegar à compreensão de Deus. Magnífica irradiação cósmica, Claudel dá de tudo uma impressão de novidade. Incompreendido pelo agnosticismo dos céticos, desprezado pelos inconvertidos e descrentes, atacado pela intolerância dos que são incapazes de crer, Claudel permanece firme na fé que o alimenta, na fé que o eleva, na fé que o conforta, na fé que o torna incompreensível para os céticos, para os inconvertidos e descrentes, para os incapazes de crer.

Esse místico está longe de ser um isolado no mundo, um inadaptado na terra. Evangelizador de ritmos, Claudel é um homem que avança para o céu, certo de avançar para a eternidade. A força dramática de sua poesia, a força de expressão do seu pensamento, a qualidade de sua fé, perduram em essência no corpo das civilizações. Claudel é o poeta único do “sublime”, poeta das transfigurações milagrosas.

# DESCOBRIMENTO DA VIDA

*O Dia – 08 de novembro de 1936.*

**T**oda a obra do sr. Tasso da Silveira é uma verdadeira mensagem poética. A mais séria, a mais profunda, a mais intensa mensagem poética, de um dos nossos poetas mais sérios, mais profundos, mais intensos, mais heróicos na resistência interior.

Em todos os seus versos, o pensamento é uma força de expressão, uma forma ideal de expressão da própria vida. Tasso da Silveira vive mergulhado na fonte da felicidade eterna, contente consigo mesmo, falando aos outros com puro entusiasmo criador, oferecendo aos que o lêem pedaços da beleza universal, da riqueza íntima dos homens, um pouco da alegria cósmica, tudo isso com simplicidade e serenidade. É um verdadeiro poeta. Um poeta do essencial.

“Ancoradouro”, desse novo livro de Tasso que é “Descobrimto da Vida”, extraordinariamente belo, é milenário e grandioso, solene, magnífico. Tasso da Silveira é o poeta do destino certo, o poeta que sabe para onde vai, para onde caminha, qual o fim a atingir, o fim de todas as coisas e de todos os seres.

“És uma estranha nave  
que ancorou junto ao cais da minha vida.  
Vieste de distâncias ignoradas

correste solidões adormecidas.  
E os ventos que te impeliram já pararam  
e as ondas remotas que sulcastes,  
entre sargaços verdes  
e espumas brancas, já desfaleceram.  
E ficaram perdidas noutras noites  
as estrelas sem fim que te iluminaram”.

O poeta consegue dar às suas composições a gravidade das almas místicas. Saber falar aos homens, do mundo e das coisas, sempre foi para Tasso da Silveira a sublime aspiração. Falar aos homens do mistério das coisas e do mundo do milagre universal, do divino e do humano. Tasso da Silveira não sonha, vive, vive com intensidade lírica em tudo buscando motivos poéticos, de tudo falando com docilidade poética, em tudo vendo poesia e poesia fazendo de tudo.

“Poetas de todos os tempos  
e de todas as nações:  
vossa lembrança é a minha mais profunda comoção.  
Porque fundiste num só soluço milenário  
a queixa humilde de cada homem,  
a ânsia obscura de cada povo,  
o grito perdido de cada momento do mundo,  
e assim perpetuaste a tradição do amor e da alegria  
e espiritualizaste e remiste  
a fadiga da terra...”

“Descobrimto da Vida”, os poemas escolhidos de Tasso, livro forte e belo, mais belo do que forte e mais forte do que belo, é uma verdadeira e única realização poética, a mensagem desse poeta paranaense, a todos aqueles que pensam e sentem a palpitação profunda do destino do homem por sobre a terra.

De ritmo espontâneo, suave, a poesia de Tasso é uma alegoria. Cheia de luz, de clarezas ofuscantes, a revelação de um sentimento de compreensão infinita. O valor desse “Descobrimento da Vida”, para a crítica, está na visão ampla que nos oferece da poesia de Tasso da Silveira. Registrar o aparecimento de “Descobrimento da Vida” é para mim uma grande satisfação. Conhecendo Tasso de perto e de longe, como amigo e como crítico, não falo nem como crítico nem como amigo, falo como o homem entusiasmado diante de uma fonte resplandecente de beleza ardente e perene alegria.

É uma expressão do sr. Andrade Muricy: “A obra de Tasso da Silveira abre clareira de êxtase puro e de beleza ardente na agitação descontrolada da poesia nova do Brasil”. “Descobrimento da Vida” é o livro que mais revela o poeta. São visões alucinantes de uma realidade formidável. E Tasso, um verdadeiro penetrador metafísico do absoluto, o poeta das forças remotas e inconscientes que condicionam a vida social e a existência do homem de todos os tempos. Tasso, entre nós, é dos poucos poetas cuja sensibilidade segue o ritmo da vida.

## “CAMINHO DE PEDRAS” - “EXPERIÊNCIAS”

*O Dia – 27 de fevereiro de 1937.*

A sra. Rachel de Queiroz, em começo do seu novo livro, faz uma advertência desnecessária. Nunca julguei indispensável que uma reentrada, como essa da sra. Rachel de Queiroz, exigisse explicação do tempo em que viveu afastada da vida intelectual. Esses quatro anos que medeiam entre “João Miguel” e “Caminho de Pedras”, para quem, como a sra. Queiroz, estreou na vida das letras sem atingir a maioridade legal, supõe maturidade, essa maturidade que conseguiu o sr. Jorge Amado em “Mar Morto”, o sr. Lins do Rego em “Usina” e que ainda não conseguiram os srs. Lúcio Cardoso e José Américo de Almeida, este último apesar de já encontrar-se em idade um tanto avançada. Em “No País do Carnaval”, passando por “Jubiabá” até “Mar Morto”, há uma evolução lenta formidável. De “Bagaceira” a “Boqueirão” e “Coiteiros”, pelo contrário, não há avanço de notar.

Com o sr. Lúcio Cardoso também acontece o mesmo. Apesar de notável talento, esse jovem romancista, em “A Luz no Subsolo”, em nada melhorou. É um verdadeiro trabalho de fôlego, digno de um escritor europeu-salvo, alucinante, mas sem os característicos firmes dos espíritos afeitos aos grandes arroubos, as grandes lutas interiores, aos magníficos conflitos íntimos que tanto celebrizaram um Turguenev ou um Flaubert.

Nunca, até hoje, escrevi coisa alguma sobre a sra. Rachel de Queiroz ou a sua obra. Não que as primeiras produções tenham sido desinteressantes ou não tenham apertado a minha curiosidade. Pelo contrário, li página por página de “Quinze” ou “João Miguel”, detive-me na análise atenta desses dois romances, e, falando com a máxima franqueza, neles nada notei que caracterizasse a personalidade de uma grande romancista. “Quinze” como estréia é admirável, principalmente porque se tratava de uma obra de uma jovem quase criança. “João Miguel”, já pela descrição do ambiente, já pelas fortes cenas tocantes que habitam as suas páginas, tocou-me mais no fundo. Esse “Caminho de Pedras”, há pouco saído, com aquela advertência tão pouco útil das primeiras páginas, é para mim o romance característico da sra. Rachel de Queiroz. Nele nada vemos ainda de definitivo. As convicções políticas da autora, se é que ela as possui, em “Caminho de Pedras” ainda estão por demais imprecisas, incolores, sem expressão nem sentido de fim. Aquelas vidas, porém, sem finalidade, aqueles seres múltiplos em destino, navegantes da incerteza e escravos do instinto desassombrado de rebeldia, comovem e impressionam pela vontade indomável de reivindicação revolucionária. O burguês João Jacques é o personagem mais frisante. Experimentado na vida, ganhou uma capacidade invulgar de compreensão e uma força de resistência contra os pequeninos acontecimentos cotidianos. Noemia, é vulgar e irreverente para consigo própria quando abandona João Jacques para viver em companhia do inexplicável Roberto, personagem agônico cujos sentimentos amorosos para com Noemia nasceram sem uma explicação, nem instintiva nem intelectual. Roberto não se sabe para que veio ao mundo. Como personagem principal, está bem aquém daquele que soube renunciar o João Jacques e muito aquém do Gury. Este último é que é o ponto central de todo o romance.

A sra. Rachel de Queiroz pode estar certa de que escreveu um belo romance. Se houvesse ainda alguma dúvida sobre o talento de romancista da sra. Rachel de Queiroz, este “Caminho de Pedras” a dissiparia.

\*\*\*

“Experiência” do sr. Martinho Nobre de Mello, é um choque. Escrito quase jornalisticamente, intensamente volumoso e cheio de peripécias sentimentais, nele habita um brilhante espírito cósmico, não sei bem se um romancista de verdade. Gostei e admirei “Experiência”, não porém como romance. Em parte, é ele um tanto parecido com aquele “Território Humano” do sr. José Geraldo Vieira. Na certa, há um pouco de espírito luso orientando esses homens de letras. Digo um pouco para não taxar o sr. Geraldo Vieira, escritor português, ainda mesmo que ele se acha quase tão afastado do Brasil como esse sr. embaixador Martinho Nobre de Mello. A Livia de “Experiência” tem muito daquela amorosa Adri de “Território Humano”. As cenas passadas em Constantinopla, aquele hotel internacional tão do gosto de turistas que nós vemos freqüentemente no Rio de Janeiro, aqueles Cabarés de meias luzes, onde se revezam o luxo e a miséria, o luxo de um império extinto e a miséria de um mundo que começa com os estertores de outro, tornam o romance do sr. Martinho Nobre de uma sugestividade de imagem única. Eu não ousaria dizer que esse “Experiência” é uma autobiografia”. No século XX, não é possível imaginar vidas tão despreocupadas como tão acidentadas em matéria sentimental. O que mais caracteriza o romance do sr. Nobre de Mello é a semi-inutilidade da vida dos personagens principais. Todos vivem em fraca luz, numa espécie de crepúsculo modorrento. Paixões inexplicáveis, sentimentos absurdos, ódios contemporizados pela formalística protocolar, mediocrizam o livro do escritor português. Sem dizer que “Experiência” é um grande romance: atrai e sugere, prende pelas suas peripécias emocionais, é quase um notável diário de viagens, evocativo de paisagens diferentes, de panoramas que se transmudam em novas cores e novas luzes. Escreveu o sr. Martinho um livro inteligente, íntimo, dizendo muita coisa de personagens desconhecidos de um mundo para nós quase estranho.

# LETRAS E LETRADOS 1

*O Dia – 24 de março de 1937.*

Ainda ontem, não acreditávamos fosse possível, tão cedo, definir tendências precisas em nossa literatura moderna. De fato, os nossos escritores do século passado e do começo deste, homens de letras e de pensamento, senhores de pena ágil e da ironia mordaz, não passaram de publicistas bem aquinhoados da inteligência. Machado de Assis foi um cronista de forte têmpera de romancista. Joaquim Nabuco e Oliveira Lima foram mais expressões de enérgica mentalidade de transplantação que individualidades marcantes da cultura brasileira. O elemento genuíno conta-se a dedos. Um deles, Euclides da Cunha, o outro deles, Affonso Arinos, na ânsia incontida de liberdade intelectual, viveram na eterna tortura de todos os dias, tentando, em arremessos geniais, afirmar algo que ainda dormia, sem que o percebêssemos, no coração da nacionalidade.

Coelho Netto, Eduardo Prado e Graça Aranha, dos quais são hoje filhos espirituais os srs. Gustavo Barroso, Gilberto Amado, Jorge de Lima e Alcântara Machado, criaram a eloquência literária ao lado do demagogismo poético. Outros, como Ruy Barbosa, homens da política, fizeram das letras instrumento contundente de guerra. Impregnados de ceticismo, de indiferença para com a vida, acostumados com a opacidade ambiente e à meia luz, encontraram sentido criador os srs. Manoel Bandeira, Mário de Andrade, Ronald de Carvalho, Felipe de Oliveira,

Tasso da Silveira, Cassiano Ricardo, Menotti del Picchia, Guilherme de Almeida, toda essa geração, afirmada logo após 1914.

Farias Brito e Tobias Barreto, espíritos de revolução – Farias procurando na Europa trepidante o mistério da vibração humana e Tobias a essência da força que move o mundo – ao lado de Araripe, Rocha Pombo, Veríssimo e João Ribeiro, deram ensejo ao surgimento desse “grupo” de “brilhantes”, do qual fazem parte os srs. Tristão de Athayde, Plínio Salgado, Gilberto Freyre, Oliveira Vianna, Agrippino Grieco e o falecido Jackson de Figueiredo, representantes do equilíbrio harmônico e do entusiasmo interior de renovação espiritual.

Foram essas inteligências de repercussão, sacudidas pelos frêmitos dos entrecosques políticos, os marcos da nossa era e da velha era, da velha era que encontrou o seu remate final, entre as convulsões da última grande guerra européia. Ainda agora, depois de tudo quanto se tem escrito, é bem fácil notar essa linha divisória e essa continuidade em nossas atividades intelectuais.

Revolvemos campos diferentes de ação. Discutimos e ensaiamos. Tateamos quando devíamos realizar. Vivemos numa cruel tentativa de organização social. Fundimos forças. Aventuramos romper os nossos laços com o passado. Cruzamos espíritos e tendências. Forjamos movimentos subversivos. Tomamos caminhos variados. Embrenhamo-nos por atalhos perigosos. E até há pouco nada conseguimos de positivo. A obra do sr. Tristão de Athayde é um esforço de interpretação. Esforço fecundo e nobre. Uma perpétua vigilância para que não nos afastemos mais do verdadeiro caminho. Vigilância do espírito sobre a arte. Uma vigilância sem reservas. Sempre atenta aos desvios que o próprio espírito pode sofrer em contato constante com a realidade. E vem trabalhando, nesta hora de sol poente, a mais formidável sistematização dos valores de um mundo em desordem. Neste momento de espírito, o sr. Tristão de Athayde é um ponto expressional de convergência.

\*\*\*

Difícil assim definir o instante que passa. Complexíssimo esse espírito brasileiro. Quase inútil o fixar traços marcantes. Quase impossível,

desprevenidamente, apontar linhas de diferenciação ou de identidade, uma vez que as circunstâncias obrigam atitudes. É preciso que, cada um de nós, conserve-se dentro de seu ângulo de ação, para poder, com algo de disponibilidade intelectual, de relance, abranger o panorama completo da vida do espírito. Nascemos já com tendências determinadas. Aos poucos vamos sendo completados pelas idéias que nos chegam e que nos parecem ser razoáveis. As circunstâncias, os imperativos da vida social, as forças políticas, o ideal que conservamos em estado de dormência dentro em nosso ser, fatores de ordem moral, o contato que vamos assiduamente mantendo com indivíduos de outros destinos e de outras raças, a consciência histórica que permanece e atua, dá-nos como que um senso absoluto de autonomia espiritual que nos afasta dos companheiros de geração, de um mesmo ideal político, pela originalidade do sentir e do pensar. Dentro da mesma fé, dentro da mesma crença, nos enxergamos com os nossos olhos, queremos com o nosso coração, sentimos com a nossa alma, amamos os instantes de negação do nosso ser, admiramos os momentos de humildade do nosso espírito. Somos nós mesmos e mais ninguém e, nos limites da nossa personalidade, integramos a totalidade dos valores de um mundo em formação. Em todos nós há um idealista absoluto. Há valores reais, abstratos, míticos ou religiosos, que delimitam o nosso crescimento. Outros valores, também no mesmo sentido e da mesma espécie, nos elevam ao mundo metafísico, na inquietude de solver o mistério divino e o milagre eterno de constância vital. E assim foi que começamos a pensar. E nesse ambiente cósmico que é o Brasil, o pensamento por si só já é revelação de forte tensão nervosa, de luta de adaptação, de reacionarismo contra uma natureza que, a cada passo, tenta absorver o homem e sujeitá-lo às suas regras imutáveis de vida. De outro lado, a formação íngreme da nacionalidade, a coexistência de raças e caracteres em um mesmo cenário de luta, favorece-nos a audácia e o desenvolvimento de rebeldia. E por isso o Brasil é um fenômeno diferente, difícil de compreender, através dos seus homens, vivendo de uma força formidável de autodeterminação vital. Dentro de nosso país, até hoje o indivíduo viveu como um isolado, tão grande é a afluência de seres diferenciados, ainda

mesmo comandados por uma mesma idéia ou orientados pelos princípios de uma mesma fé. E todo o nosso problema está na condensação dessa massa enorme de “isolados”. Os séculos que já passamos de vida em nada contribuíram para a solidificação das nossas idéias dentro de um mesmo círculo de coexistência social. Continuamos hoje o que éramos ontem: pensando isoladamente, agindo por determinantes econômicas, explicando pelo instinto de conservação atitudes erradas e deficiências como povo organizado. Não chegamos ainda àquele ponto de cristalização essencial, não chegamos mesmo ao essencial de nossa vida. Uma massa efervescente forma o povo brasileiro...

\*\*\*

Atualmente, outra não é a nossa intenção que deter o encaminhamento para o futuro dessa realidade tumultuosa que vem do passado. O pensamento moderno brasileiro é um esforço milagroso de coordenação. O sr. Plínio Salgado, expressão cabocla, é a prova violenta, que vem das nossas recônditas origens, de reação constante e enérgica. Em seus romances, o poeta supera o homem romancista, e as páginas de pura contemplação constroem cenários fabulosos de um Brasil fantástico. O sr. Plínio Salgado tenta, dando um novo sentido e significado à nossa história, desviar, com o poder místico que lhe dá a poesia embalada pelo ideal, as populações brasileiras dos ritmos primordiais de evolução. Ele procura um novo destino para o Brasil à influência de circunstâncias políticas universais. A força de vontade que orienta o sr. Plínio Salgado é um fenômeno mui pouco peculiar entre nós. Outro que aí está é o sr. Tristão de Athayde, um prodígio de bom senso e segurança doutrinária, um classificador intransigente de temperamentos, um homem que, pela crítica serena e justa, elevou todo um período literário e dos mais notáveis. O sr. Tristão de Athayde, com os srs. Agrippino Grieco e Andrade Muricy, marcam, em adivinhações lúcidas, o momento mais empolgante da crítica nativa. Outros ainda, entre os orientados, como José Geraldo Vieira, Jorge Amado, Ribeiro Couto, Gastão Cruis, V. de Miranda Reis, Lucio Miguel Pereira, Affonso Arinos de Mello Franco, José Américo de Almeida e

Octavio de Faria, imprimem às nossas letras, contra todos os velhos prognósticos, orientação quase precisa. O sr. José Lins do Rego, bem como os srs. Graciliano Ramos, Érico Veríssimo e Álvaro Moreira, desvirtuaram o sentido de uma obra apreciável, dando vazão rápida a livros que mais serviram para a desvalorização da estréia. O sr. Pedro Calmon está entre os talentos multiformes, entre aqueles impossíveis de definir e classificar. Seria longa uma exposição mais sucinta. O que estamos fazendo, e o que já é grande coisa, são obras de preocupação estética, política ou social, obras de pensamento interessado.

\*\*\*

Iniciamos hoje, neste rodapé, a primeira seção especializada da crítica literária pura, entre nós. Quanto à literatura brasileira, quanto ao movimento que lá fora se processa, nas linhas acima, já aclaramos qual seja o nosso pensamento e o nosso juízo crítico. Aqui faremos com total imparcialidade, obedecendo às boas regras de conduta intelectual, o balanço das atividades da inteligência indígena, sem descuidar, no entanto, do que se passar entre as fronteiras de S. Paulo e S. Catarina – aqui no Paraná. Dentro de nossos limites provinciais, o que nos vem faltando é um seguro critério de apreciação de valores. Qualquer indivíduo chama a si o direito de se julgar homem de pensamento ou de letras, não medindo a responsabilidade dos termos nem as determinantes da capacidade de ação mental. É bem verdade que não nos fogem as autênticas vocações literárias. Mas, em nossa imprensa, uma multidão de audaciosos anula qualquer intenção bem orientada, impedindo as grandes e belas revelações. O que é mais doloroso ainda são essas reuniões de grupinhos inescrupulosos, cuja capacidade profissional é duvidosa, querendo impor aos inexperientes e ingênuos realidades que não passam de sonhos e ilusões. A vida da inteligência exige bem mais. Exige sacrifício e dedicação, esforço e persistência. Curitiba já é ambiente para grandes celebrações. É preciso, por isso, saber afastar os valores falsos que tanto prejudicam o nosso bom nome e dar tudo para que se revelem os verdadeiros estudiosos, cuja modéstia intelectual priva-nos do contato com os mais belos espíritos do tempo.

O nosso trabalho, neste rodapé, será de fiscalização. Se por acaso ofendermos suscetibilidades, perdoe o público leitor, porque o fazemos em benefício da nossa terra e da nossa gente. Todas as semanas, aqui estaremos, para dar conta do que se faz, no Brasil e no Paraná, no domínio das letras. Não esperem os interessados o elogio protocolar, como é do costume. Queremos ser úteis aos que estudam, separando o mau do bom, afastando os elementos degenerados daqueles cuja vida interior é um mundo de reservas mentais. Queremos orientar com honestidade os que se iniciam, apontando os subsídios necessários ao encaminhamento da inteligência. A fortaleza do crítico está no fugir das próprias fragilidades. O Paraná, principalmente, passa por um dos momentos mais tristes da história de sua cultura. Todos aqueles que sabem prezar a dignidade do pensamento humano hão de estar conosco e louvar a nossa iniciativa.

## LETRAS E LETRADOS 2

*O Dia – 01 de abril de 1937.*

Uma coisa a notar, entre os nossos novos romancistas, é a fulguração originalíssima de estilo. Estilo livre, pouco pensado, nada castigado, mas espontâneo, vivo, irrequieto. O lado do essencial pesa mais, preocupa com mais paixão, absorve, domina. O romance nosso, atualmente, é bem mais fundo que forma, mais matéria-substância que exterioridades ostentosas. Veja-se, como exemplo, esse sr. Lúcio Cardoso, tão penetrante, tão contundente, tão pouco apegado a regras e bem mais humano que o finado sr. Coelho Neto. Veja-se também, como exemplo, esse invulgar sr. Jorge Amado, tão largado em suas descrições dos costumes baianos, tão indiferente à prosa artística, mas um assombroso construtor de realidades, bem mais real que o extinto sr. Aluizio Azevedo. Com isso não diremos que a boa arte atrapalha. Não, pelo contrário, caro leitor, ela faz bem, é como que um cartão de apresentação, sem ser, no entanto, o tudo. Estamos longe de admirar o desalinho lingüístico de tanto provinciano corajoso. O que achamos banal é o culto da forma pela forma, a religião da forma, a forma como fim. É contra a forma indispensável, corriqueira, batida pelos séculos, essa forma jornalística de todos os dias, que atiramos a nossa crítica. Escrever bem nunca foi defeito. Escrever demasiado, escrever sem a fiscalização de um raciocínio “racional”, é que não é de romancista. O nosso

único homem de letras do passado que vem subindo cada vez mais no conceito das gerações que se sucedem, Machado de Assis, nunca foi um torturado da forma. Foi um dominador do estilo. O estilo, como forma, foi o seu servo mais humilde. Estilo cheio de compostura. E o romance nacional moderno ganhou tanto prestígio, avançou tanto contra o supérfluo, contra o elemento paisagístico, aborrecido, interiorizou-se a ponto de criar um estilo próprio, uma forma adequada às descrições, sem apoquentar o espírito do leitor com minuciosidades, com inutilidades de redação bonita, com metáforas de efeitos imprecisos. “Pureza” é desse “tipo” de romance.

José Lins do Rego – PUREZA – romance

Livraria JOSÉ OLYMPIO Editora

Romance lento, de fatos que se sucedem lentamente, mas de profundíssima atividade sentimental. Romance de contrastes emocionais. Uma verdadeira confusão de sentimentos ocultos que se revelam. Romance de momentos fatais, de fragmentos de vida, romance que nos traz presos ao seu desenrolar quieto, manso, inevitável. Romance onde há sangue e vigor. Romance sem complexidades. Romance que a gente acaba gostando sem querer, e quando chega ao fim, uma vontade louca nos sacode, que é a de ver continuar a vida daqueles personagens tão simples, tão banais, tão reais.

Porque a vida mesmo está na simplicidade. O outro lado não é o verdadeiro, é artificial. Essa é a atmosfera em que se desenvolve o último romance do sr. José Lins do Rego. Atmosfera permanente de ansiedade, de ânsia de vida, de temor da morte. De luta contra as forças da natureza. De sujeição ao que é fatal, ao inevitável, ao que se não pode deter. Instantes solenes de luxúria, de amor livre, de naturalidade amorosa, instantes que são pedaços da existência de qualquer um de nós. Tome deste livro, caro leitor, e, depois de pensar bem, veja se ele não corresponde a verdadeiros fragmentos de vida. O sr. José Lins do Rego, aqui,

aparece diferente. É bem outro sr. José Lins do Rego que estamos conhecendo. Como técnico na arte não avançou nem recuou, ficou no mesmo. Não pensem, no entretanto, que esse “Pureza” venha a ser um grande livro. Há nele um defeito: a presteza com que foi escrito. Isto é, um único defeito, a rapidez com que o autor, dentro de um ambiente conhecido, levantou os seus personagens. O livro corre como um rio manso. A vida dos personagens também. Nada de extraordinário há por fora. A luta toda é lá dentro daqueles corações em constante fúria amorosa. A figura principal do romance é um derrotado. Com o organismo minado por moléstias hereditárias, procura o mais possível viver para si, com medo de que aquelas doenças herdadas o liquidem. E a todo momento espera o final do qual não pode sequer fugir. Preso a um destino de escravo, criado afastado dos companheiros, cresce cheio de cuidados, com horror da própria vida. O desenlace o preocupa em seus momentos de parca felicidade. A morte habita permanentemente o seu corpo de doente, aquele corpo incapaz de um esforço qualquer de conservação. Aconselhado pelo médico, pelo mesmo médico que acompanhou até os últimos momentos o seu pai, sua mãe e sua irmã, retira-se para Pureza. E lá renasce para a vida. Não é descansando em cadeiras espreguiçadeiras, olhando o céu em seus instantes angustiosos de transe, vomitando sangue, mas em contato de força com a natureza bárbara. Dentro daquele cenário rústico, Margarida é um milagre da criação, milagre forte, sensual, milagre de mulher que sabe amar. A gente sem querer vai gostando de Margarida, da sua libertinagem sexual, da sua independência amorosa, e também sem querer vai tendo inveja de Lourenço. “O que eu tinha agora era outra alma. Não encontrava uma imagem capaz de me definir com exatidão. É preferível que eu fale da vida, que fale de Margarida, que vá falando de Pureza e de sua gente. É melhor deixar que a vida corra. Mas para mim parece que já existiam duas Purezas: a primeira, da solidão, dos silêncios, das cigarras tristonhas, do rio lá em baixo roncando, da família do chefe da estação. Esta Pureza me dera horas de inteira dissolução de mim mesmo. Entregara-me a ela, dependera dela, sofrera e me amargurara. Esta Pureza dera lugar a outra, a outra terra, a outra gente”. Mais um milagre do amor. Milagre de um homem que encontra, às portas da morte, um

sentido para a sua vida em perigo. Não quero falar da outra, a Maria Paula. Mulher artificial, sem características, sem vontade nem querer. “O amor de Maria Paula não se escondia, não se disfarçava. Desde que se olhava para ela, os seus olhos diziam quem era ela”. Esse “Pureza” é um livro que qualquer um pode ler com entusiasmo. Francamente, não acreditava o sr. José Lins do Rego, capaz de semelhante desvio. Imaginava-o preso aos velhos engenhos transformados em usinas, preso às senzalas dolorosas. “Pureza” é alguma coisa fora do comum no romance brasileiro. E dentro da obra do sr. José Lins do Rego, uma produção louvável de admirar. É por isso que aconselho a leitura de “Pureza”.

Os que pensam no Brasil, os que estudam principalmente, sentem uma dificuldade enorme para andar em dia no domínio da cultura. As obras sobre assuntos especializados rareiam entre nós. Em matéria literária, já vamos tendo algo com que nos divertir e preocupar. Em assuntos políticos ou sociais, ainda vamos vivendo de traduções mais ou menos pobres, de traduções interessadas. O que faz, no Brasil, um Pontes de Miranda, um Tristão de Athayde, um Oliveira Vianna ou então um Gilberto Freyre, é trabalho, que temos necessariamente de aplaudir. São obras de verdadeira cultura. Obras de pensamento seguro e orientação clara.

Lúcio José dos Santos - FILOSOFIA - PEDAGOGIA - RELIGIÃO

Comp. Melhoramentos de S. Paulo

O trabalho do sr. Lúcio José dos Santos, que acabo de ler, é dessas composições intelectuais que agradam pelo método, convencem pela lógica e atraem pela sinceridade das idéias. Isso não é de admirar em um escritor como o sr. Lúcio José dos Santos, acostumado às grandes lutas mentais, já como professor, já como homem público, já como técnico. É possível cogitar de Pedagogia sem Filosofia? Pode ou deve a Pedagogia desinteressar-se da Religião? É o ensino da Religião incompatível com os processos da Pedagogia? É o que se propõe estudar

o distinto professor mineiro, nesse alentado tomo de ciência especializada. Ninguém ignora hoje em dia, como até agora a história não ignorou, a importância da Pedagogia, fixando os motivos da educação e atendendo ao indivíduo a que se deve educar. E, dentro da Pedagogia, deparamos com dois problemas, distintos na forma e na essência, o primeiro de Ética e o segundo de Psicologia. “Mais como pedagogo que como filósofo, foi Sócrates condenado a beber a cicuta”. Onde se conclui, em rápida síntese, que a Pedagogia não prescinde da Filosofia, como mesmo a Filosofia, para completa realização, depende de uma orientação pedagógica. “Se a Pedagogia é inseparável de uma concepção do mundo e da vida, de uma Filosofia, ela toca muito de perto a Religião. Efetivamente a Religião reclama, como direito sagrado, a sua parte de intervenção no período, em que devem formar-se o espírito e o coração do homem”. E daqui parte toda a discussão política do problema geral que de perto afeta a vida da humanidade. A Rússia traz, como princípio básico de uma integral atividade social, normas pedagógicas cujo surto é de necessidade política, para a afirmação de ideais marxistas. E o combate à Religião que é quase a afirmação da sua existência, é feito por meio da Pedagogia, da qual lançam mãos os educadores, para dirigir a juventude no caminho do novo credo. “A finalidade, em educação, não é o conhecimento, mas a auto-realização. Possuir o mundo inteiro e perder o próprio EU é um destino tão trágico em educação quanto em religião”. E os russos, na luta de renovação vital, parecem não querer desconhecer essa lição admirável que vem de Dewey e encontra escoro seguro na própria realidade da vida humana. “Em sentido geral, diz Bernberg, a educação é uma geração moral. Nenhuma criança deve ser educada para outros fins senão os da sua própria existência e destino. O objetivo da educação deve ser o da própria vida. Ora, o homem não foi educado só para a terra, mas para a terra e para o céu. Educar significa agir sobre a criança para torná-la capaz de alcançar os seus fins”. No comum, acontece que o professor, a quem está incumbido o trabalho da educação de dezenas de crianças, “apanha aqui e acolá, em manuais sem o necessário desenvolvimento, em conferências de orientadores de competência duvidosa, aos fragmentos, aos

pedaços, Filosofia, Biologia, Psicologia, Pedagogia, lei biogenética, transformismo, reflexos condicionados, Sociologia, Rousseau, Pestalozzi, Dewey, Stanley Hall, Herbert, Kerschensteiner, Kilpatrick, etc., etc., ilude-se e entra na tentação do orgulho anárquico. Ilusão porque, com esse processo, não consegue alcançar a verdadeira ciência. Orgulho, porque passa a julgar-se o reformador máximo da sociedade, superior a tudo, proclamando até, como já o fez uma professora no Rio de Janeiro, a falência da família em educação. Anarquia, porque daí resultam o desejo e a preocupação de destruir, por imprestável, tudo que o passado nos legou, para fazer obra inteiramente nova”. Orientação séria é o que é preciso. Todo princípio jurídico supõe primariamente fundamentação filosófica. Para ser aplicado em suas linhas orgânicas, necessita, está lógico, de uma distribuição pedagógica das idéias que o devem realizar. “Filosofia-Pedagogia-Religião” satisfaz porque, além da clareza peculiar do autor, é um livro que delimita fronteiras científicas, procurando situar com critério os grandes problemas da humanidade civilizada. Distingue sem confundir, e nisto está o seu grande mérito intelectual.

\*\*\*

Há, já hoje em dia, uma literatura do nordeste. Romancistas do nordeste, especuladores ou observadores do nordeste, sociólogos, poetas, novelistas do nordeste. E isso quase devemos ao surto de sucesso que aqui no sul foi obtendo a obra de ficção de um escritor como o sr. José Américo de Almeida. Até cronistas do nordeste...

Josué de Castro - DOCUMENTÁRIO DO NORDESTE  
Livraria JOSÉ OLYMPIO Editora

E cronistas como o sr. Josué de Castro, que, deixando de lado por algum tempo os estudos de sua especialidade, como por exemplo os da alimentação no Brasil, vem mostrar ao leitor despreocupado os pedaços mais sugestivos, tristes

e amargurantes da sua terra natal, o Recife pitoresco. Vivemos ignorantes do próprio Brasil. Dele só conhecemos as grandezas esplêndidas. E nos esquecemos que por baixo destas grandezas há misérias e um povo angustiado, lutando contra um destino trágico inevitável. “Documentário do Nordeste” traz um conglomerado de cenas comovedoras. Um capítulo só vale por todo o livro. É aquele do “Ciclo do Caranguejo”. Vejamos este trechinho: “Começou o arrocho. Só havia uma maneira de desapertar: era cair no mangue: no mangue não se paga casa, come-se caranguejo e anda-se quase nu. O mangue é um paraíso, sem o cor-de-rosa e o azul do paraíso celeste, mas como as cores negras da lama, paraíso dos caranguejos. Com as pernas e os braços atolados na lama, a família Silva está com a vida garantida. Zé Luiz vai para o trabalho sossegado, porque deixa a família dentro da própria comida, na lama fervilhante de caranguejos e siris. Os mangues do Capibaribe são o paraíso dos caranguejos. Se a terra foi feita pró homem, com tudo para bem servi-lo, também o mangue foi feito especialmente pró caranguejo. Tudo aí é, foi ou está para ser caranguejo, inclusive a lama e o homem que vive nela. A lama misturada com urina, excrementos e outros resíduos que a maré traz, quando ainda não é caranguejo, vai ser. O caranguejo nasce nela, vive dela. Cresce comendo lama, engordando com as porcarias dela, fazendo com lama a carinha branca de suas patas e a geléia esverdeada de suas vísceras pegajosas. Por outro lado o povo daí vive de pegar caranguejo, chupar-lhe as patas, comer e lambe os seus cascos até que fiquem limpos como um copo. E com a sua carne feita de lama fazer a carne do seu corpo e a carne do corpo dos seus filhos. São cem mil indivíduos, cem mil cidadãos feitos de carne de caranguejo. O que o organismo rejeita volta como detrito para a lama do mangue, para virar caranguejo outra vez”. Pena é que as outras crônicas, aquelas lá do fim, aquelas sobre literatura, sobre “Rondônia”, José Lins do Rego, Manoel de Abreu, etc., não estejam à altura das demais. São fracas e inexpressivas.

Estão mesmo deslocadas dentro do livro.

# «LETRAS E LETRADOS»

15-V-1937 MANOEL DE OLIVEIRA FRANCO SOBRINHO 16/2/37

tro e por féria, o romance é actividade emotiva, sentimental. So descripção não basta. E' preciso um pouco de contribuição pessoal, que é o que não existe nesse livro do sr. Coriolano de Medeiros. "Manaira" choca por não ser espontaneo. Os personagens movem-se como phantasmas. Como que electrificados. As scenas iniciadas entre aquella avó e aquelle neto, pream pelo desenvolvimento mechnico. A velha fala como se estivesse em sonho. O neto responde em phrases allucinadas de rethorica, e com a preocupação, de bem colocar os pronomes. E' uma novela discursada. Ha discurso até nos momentos tragicos. Um trabalho solemne, emfim. Existem lugares communs, em cada duas paginas.

As phrases feitas são innumeradas. O autor, parece ter escripto o livro, sem vontade de trazer novidade. O seu Manoil, é hoje colocado aqui e amanhã alli, como um boneco. O sr. Coriolano de Medeiros não é de hoje. E' bem irião do pioneiro sr. José de Alencar. E' irmão, o seu "Manaira", do "Iracema" e do "Ubirajara".

Aquellas penetrações audaciosas, aquelle choque continuo com o sertão barbaro, aquellas luctas e sangue frio noite e dia contra o meio abrupto, fazem porem, do romance do sr. Coriolano de Medeiros, um livro heroico. Revistem ahi as figuras espectraes de Oliveira Ledo, Braz de Oliveira e Luiz Soares, os alargadores das fronteiras parahybanas. A ebriedade do capitão-mór paulista Domingos Jerge Vieho, é outro trecho interessante. Ha brilho na descripção, quando o mesmo dirige-se aos Palmeares, sentindo pela frente a rapidez e a hostilidade do sertão parahybano.

Respira-se no ultimo trabalho do sr. Coriolano de Medeiros, uma atmosphera de justa intensa. Homens graves e fortes. Brasileiros heróicos. Mulheres que deixam a gente pensando nesses dias incertos que se foram. Acreditando num futuro que já hoje é uma espendida realidade solta...

Estamos cansados de ouvir dizer e repetir que no Brasil, economico é "blague". Não ha duvida, que ha razão de sobra, para uma affirmação entristecedora, desse país. Temos sido desolados ao extremo, não levando minima im-

portancia, a tudo quanto possa dizer respeito ao nosso desenvolvimento valorativo.

Alberto Torres, iniciou pacamente o movimento. E trouxe bons resultados, porque o que ahi está e já um bom inicio. Mas, tudo quanto surgiu, inspirado na obra torreana, não é nada de definitivo. Pelo contrario, escita francamente ao praezer inconstante dos acontecimentos politicos.

Em materia de economia, ainda não temos um firme ponto de referencia. Parece que nos faltam as linhas mestras, um fim, um angulo de convergencia por assim dizer. Aventuramos, nosso povo, em torno de programmas e planos, em torno de eschizas, cuja virtude unica, está em servir para o momento em que foram feitas.

Antes de resolvemos, algo sobre economia e finanças, temos necessariamente, de albeirar ou ter basta seguros para um estudo de nossa politica externa do futuro, que é o que não se dá. Economicamente, não somos um país facilmente caracterizavel. Não nos avantajamos nem pela grande exportação, nem pela inoprtação methodizada. Somos ainda daquelles em que a nação, com a organização de autarchias administrativas, delega a outros, sem controlar está claro, a incumbencia de gerir as finanças nacionais. E o meio de que lançam mão essas entidades particulares são tão variaveis, como as directorias que se succedem ao passo da politica governamental e ao saber das campanhas condemnativas nos programmas que as orientam. E' um facto communissimo do conhecimento de todos, o que fazemos é tentar e tentar sempre. Nada mais...

A de Lima Campos — IMPE-  
RATIVO ECONOMICO BRA-  
SILEIRO — Livraria José  
Olympio Editora.

E o livro de sr. Lima Campos, agora apparecido, não traduz outro estado de espirito. Coloca-se, ctemos erradamente, entre os dois sectores de actividade economica: o nacional e o internacional. Economia deve ter um aspecto totalitario. Não ha na materia, um elemento que podemos chamar de nacional, cuja orbita se restrinja unicamente ao nosso realida-

des. Economia não tem fronteiras. E, vamos dizer, medida de confronto, equilibrio e valorativo de interesses, pecaes oppostas. Dahl, a impossibilidade de um fixamento de formulas completas e definitivas, como julga ser possível o sr. Lima Campos. Si ao menos fosse possível a existencia de um plano conjuntural seria bem mais facil uma visão panoramica. "A ausencia dessa acção panoramica é a grande lacuna que exhibe a actualidade brasileira; falta tanto maior quanto contrasta com o que se está passando nas principaes nações do planeta". Sem dominio das forças activas da actual civilização, sem orientação e systematização das forças disponiveis, não cremos ser plausivel, tomar caminhos que evitem a derrocada fíral.

As medidas adoptadas isoladamente, para attender a questões que são meros elementos de um conjunto, tem por vezes, ainda quando acertadas, a eficiencia pratica bastante diminuida pela falta de synchronização dos factores interdependentes". E, para isso, temos buscar, nos elementos capazes, elementos cuja credencial unica é a competencia, no "trust de cerebros", a vontade de organizar as peças da nossa administração economica, como pondera o sr. Lima Campos. Ora, isso não é verdade, como parece. Caso fosse a questão somente de cerebros, estava o problema satisfactoriamente resolvido. Predominam circunstancias criticas, outras grandiosas, que só o tempo e a paciencia resolvem. Influem outros phenomenos, como os moraes e os religiosos, muito mais profundos que o economico, que elaboram verdadeiras construcções sociais, cujo estudo só a historia o pôde fazer.

O sr. Lima Campos acredita e diz que, "quasi todas as demais questões que vem preocupando a nacionalidade são dependentes do problema economico". E confunde então, capacidade orçamentaria com economismo. Pôde um país possuir educação adequada ao seu desenvolvimento, hygiene, instrução, defesa nacional capaz, e ter embaralhada situação economica. O problema não está na capacidade tributaria que acarreta logicamente boas disponibilidades orçamentarias. Em tudo isso, é bem um ir bem mais ao fundo, não it-

## LETRAS E LETRADOS 3

O Dia — 01 de abril de 1937.

O sr. Paulo Setúbal explorou entre nós uma verdadeira forma nova de literatura. Fez de fatos históricos conhecidos, das pesquisas sobre a nossa vida colonial, dos materiais em abundância que estudiosos como Capistrano de Abreu, Rocha Pombo e Alberto Rangel trouxeram modestamente à luz, o romance da existência passada do Brasil. É o Brasil que revive, é a alma do nosso povo entre as angústias dos acontecimentos políticos, as peculiaridades características de nossa gente, a luta contra o meio agreste, as investidas contra o sertão, as penetrações audaciosas, aventuras por sobre aventuras que fazem dos livros do sr. Paulo Setúbal autênticos sucessos literários.

Outro, o sr. Viriato Corrêa, já não foi tão feliz. Não soube encontrar na fertilidade de fatos do nosso passado um motivo que o afirmasse definitivamente no gênero do sr. Paulo Setúbal. O seu "Balaiada" é sugestivo, mas falta, como em toda obra do sr. Viriato Corrêa, domínio completo sobre os materiais em jogo. Há elementos que urgem ser explorados, como também outros elementos que urgem ser afastados e até esquecidos como perniciosos ao desenvolvimento de um bom romance ou novela. O elemento é que faz a obra. O romancista ou o novelista é um simples coordenador e ordenador desses elementos. Principalmente tratando-se do gênero histórico, não podemos sequer abandonar um só elemento,

porque tudo quanto possamos ter em mão é necessariamente material de contribuição indispensável.

Por outro lado, a nossa história é feita em etapas e está cheia de imprevistos. É bem difícil, ao observador inexperiente, ligar um fato ao outro sem encontrar dificuldades circunstanciais. Ao exemplo da colonização holandesa, vemos autores que a consideram notabilíssima. E outros que a condenam por haver cerceado o desenvolvimento do espírito nacional. Se, da mesma forma, apreciando a nossa evolução de povo, detivermo-nos frente aos elementos formadores da nacionalidade, seremos obrigados a reconhecer que a opinião formada é tão variável que é quase de todo impossível, em definitivo, dizer algo sobre eles. Vivemos de apalpadelas, e isso não nos atrasa, no ponto de vista cultural, porque os resultados são mais satisfatórios e reais.

A literatura agita-se nessa indecisão de opiniões, tornando impossível à crítica um cerrado critério de apreciação de fatos do passado histórico brasileiro. E isso nos obriga a uma condescendência peculiar ao espírito analítico. Não devemos abandonar a boa vontade e examinar o que surge, em relação da imprecisão dos elementos que possuímos em abundância. Fazendo seleção aos valores exponenciais, aos valores que n'outro tempo já foram básicos.

Coriolano de Medeiros – MANAÍRA – Novela histórica

Comp. Melhoramento de São Paulo

O sr. Coriolano de Medeiros não é bem um romancista. Nem tampouco um novelista completo. Sabemo-lo um rebuscador audacioso dos fatos paraibanos. E, como fala um seu admirador, que é o notável sr. Affonso de Taunay, “preso ao seu torrão natal, pelo coração e pelo cérebro, estudou-lhe os fatos com o carinho, o cuidado, o entusiasmo do afeto filial. Rebuscou-lhe o passado e observa-lhe o presente com a atenção de fervoroso apaixonado. E este sentimento domina-lhe toda a avultada obra onde tanta coisa valiosa existe,

quer em volume autônomo, quer nas páginas de publicações especializadas”. Tendo esse “Manaíra” em mão, a gente não sabe o que pensar das palavras bondosas do sr. Affonso Taunay. Não negamos valor intelectual ao sr. Coriolano de Medeiros. É apenas um novelista sem grandes recursos técnicos, desses que pouco sabem aproveitar do enorme material que foram aos poucos adquirindo no estudo metódico e na observação aguçada. Pelo seu desenvolvimento, “Manaíra” dá a impressão desses romances de aventuras publicados parcialmente em folhetins isolados. Não que o sr. Coriolano de Medeiros faça má literatura. Tão ao somente porque ainda obedece àquelas antigas regras gramaticais do velho romance, que tornam a leitura quase uma obrigação. A leitura moderna não adapta mais os recursos do “bonito”, os enfeites de retórica frouxa. Ela desviou do academicismo para quase um completo populismo. É uma expressão de sentimentos reais, não só descritiva, mas temática. Há um motivo, orientando o romance. As coisas literatilizadas, para usarmos de uma expressão feliz do sr. Tristão de Athayde, foram já totalmente afastadas. O que se quer é possuir a realidade. E humanizar a língua contra o próprio ortodoxismo lingüístico. Por dentro e por fora, o romance é atividade emotiva, sentimental. Só descrição não basta. É preciso um pouco de contribuição pessoal, que é o que não existe nesse livro do sr. Coriolano de Medeiros. “Manaíra” choca por não ser espontâneo. Os personagens movem-se como fantasmas. Como que eletrizados. As cenas iniciais entre aquela avó e aquele neto pesam pelo desenvolvimento mecânico. A velha fala como se estivesse em sonho. O neto responde em frases alucinadas de retórica e com a preocupação de bem colocar os pronomes. É uma novela discursada. Há discurso até nos momentos trágicos. Um trabalho solene, enfim. Existem lugares comuns, em cada duas páginas.

As frases feitas são inúmeras. O autor parece ter escrito o livro sem vontade de trazer novidade. O seu Manoel é hoje colocado aqui e amanhã ali, como um boneco. O sr. Coriolano de Medeiros não é de hoje. É bem irmão do pioneiro sr. José de Alencar. É irmão, o seu “Manaíra”, do “Iracema” e do “Ubirajara”.

Aquelas penetrações audaciosas, aquele choque contínuo com o sertão bárbaro, aquelas lutas e sangue frio noite e dia contra o meio abrupto fazem,

porém, do romance do sr. Coriolano de Medeiros, um livro heróico. Revivem aí as figuras espectrais de Oliveira Ledo, Braz de Oliveira e Luiz Soares, os alargadores das fronteiras paraibanas. A chegada do capitão-mor paulista Domingos Jorge Vieho, é outro trecho interessante. Há brilho na descrição, quando o mesmo dirige-se aos Palmares, sentindo pela frente a rispidez e a hostilidade do sertão paraibano.

Respira-se no último trabalho do sr. Coriolano de Medeiros, uma atmosfera de luta intensa. Homens graves e fortes. Brasileiras heróicas. Mulheres que deixam a gente pensando nesses dias incertos que se foram. Acreditando num futuro que já hoje é uma esplêndida realidade solar...

\*\*\*

Estamos cansados de ouvir dizer e repetir que, no Brasil, econômico é “blague”. Não há dúvida de que há razão de sobra para uma afirmação entristecedora, desse jaez. Temos sido descuidados ao extremo, não ligando mínima importância a tudo quanto possa dizer respeito ao nosso desenvolvimento valorativo.

Alberto Torres iniciou parcamente o movimento. E trouxe bons resultados, porque o que aí está é já um bom início. Mas, tudo quanto surgiu, inspirado na obra torreana, não é nada de definitivo. Pelo contrário, oscila francamente ao prazer inconstante dos acontecimentos políticos.

Em matéria de economia, ainda não temos um firme ponto de referência. Parece que nos faltam as linhas mestras, um fim, um ângulo de convergência por assim dizer. Aventuramos nosso povo em torno de programas e planos, em torno de esquemas cuja virtude única está em servir para o momento em que foram feitos.

Antes de resolvermos algo sobre economia e finanças, temos, necessariamente, de alicerçar ou ter bases seguras para um estudo de nossa política externa do ouro, que é o que não se dá. Economicamente, não somos um país facilmente caracterizável. Não nos avantajamos nem pela grande exportação, nem pela

importação metodizada. Somos ainda daqueles em que a nação, com a organização de autarquias administrativas, delega a outros, sem controlar, está claro, a incumbência de gerir as finanças nacionais. E o meio de que lançam mão essas entidades particulares são tão variáveis como as diretorias que se sucedem, ao gosto da política governamental e ao sabor das campanhas condenativas aos programas que as orientam. É um fato comuníssimo do conhecimento de todos. O que fazemos é tentar e tentar sempre. Nada mais...

A. de Lima Campos – IMPERATIVO ECONÔMICO BRASILEIRO  
Livreria José Olympio Editora

E o livro do sr. Lima Campos, agora aparecido, não traduz outro estado de espírito. Coloca-se, cremos erradamente, entre os dois setores de atividade econômica: o nacional e o internacional. Economia deve ter um aspecto totalitário. Não há, na matéria, um fenômeno que possamos chamar de nacional, cuja órbita se restrinja unicamente às nossas realidades. Economia não tem fronteiras. E, vamos dizer, medida de confronto, equilíbrio e valorativo de interesses reais opostos. Daí a impossibilidade de um fixamento de fórmulas completas e definitivas, como julga ser possível o sr. Lima Campos. Se ao menos fosse possível a existência de um plano conjuntural, seria bem mais fácil uma visão panorâmica. “A ausência dessa ação panorâmica é a grande lacuna que exhibe a atualidade brasileira; falta tanto maior quanto contrasta com o que se está passando nas principais nações do planeta”. Sem domínio das forças ativas da atual civilização, sem orientação e sistematização das forças disponíveis, não cremos ser plausível tomar caminhos que evitem a derrocada final.

“As medidas adaptadas isoladamente, para atender a questões que são meros elementos de um conjunto, têm por vezes, ainda quando acertadas, a eficiência prática bastante diminuída pela falta de sincronização dos fatores interdependentes”. E, para isso, iremos buscar, nos elementos capazes, elementos cuja credencial única é a competência no “trust de cérebros”, a vontade de organizar as peças da nossa

administração econômica, como pondera o sr. Lima Campos. Ora, isso não é verdade, como parece. Caso fosse a questão somente de cérebros, estava o problema satisfatoriamente resolvido. Predominam circunstâncias críticas, outras graciosas, que só o tempo e a paciência resolvem. Influem outros fenômenos, como os morais e os religiosos, muito mais profundos que o econômico, que elaboram verdadeiras construções sociais, cujo estudo só a história pode fazer. O sr. Lima Campos acredita e diz que “quase todas as demais questões que vêm preocupando a nacionalidade são dependentes do problema econômico”. E confunde, então, capacidade orçamentária com economismo. Pode um país possuir educação adequada ao seu desenvolvimento, higiene, instrução, defesa nacional capaz e ter embaralhada situação econômica. O problema não está na capacidade tributária que acarreta logicamente boas disponibilidades orçamentárias. Em tudo isso, é bem útil ir bem mais ao fundo, não ficar no raso de superfícies escusas. No caso do Brasil, e muita razão tem o sr. Campos, é de premente necessidade: 1) atrair o capital externo para a exploração de riquezas potenciais; 2) encorajar o capital nacional invertido na produção; 3) racionalizar a produção industrial, agrícola e extrativa; 4) incentivar a poliprodução, organizar o crédito, racionalizar a aparelhagem administrativa e aumentar o mais possível a cooperação federal, estadual e municipal. E, primeiro de tudo, obedecendo uma continuidade política, indispensável à boa solução dos grandes problemas que afetam a vida dos povos e das nacionalidades.

O trabalho do sr. Lima Campos coloca em foco questões um tanto esquecidas pelos nossos homens de governo. Consciente, pouco revolucionário, foge sempre das soluções doutrinárias para o campo da prática. Neste ponto é que o condenamos, não sem aconselhar ao leitor a sua leitura, porque nele muito de útil podemos aprender, devido à simplicidade com que o sr. Campos aborda a política cambial, a legislação bancária, o caso do café, etc., etc.

\*\*\*

Não sei se será audácia afirmar a existência de uma literatura paranaense. Há momentos em que acreditamos que ela existe. E com razão. O que se fez até

hoje, com raras exceções, é que dá motivo ao ceticismo exagerado. A não ser trabalhos intelectualizados puros como obra de estudo, o mais no campo da ficção, temos sido um fracasso estupendo, isto desde o ficcionismo de Rocha Pombo até essas novelinhas mal cheirosas de escritores improvisados.

Leônidas de Loyola – ÁLBUM DE FIGURAS

2.<sup>a</sup> Edição – França & Cia. – Curitiba

O sr. Leônidas de Loyola, ao menos, é um homem que estuda e trabalha. Tal mérito ninguém lhe pode negar. É desses que, isolados, afastados, vão criando um ambiente incentivador para si próprio, um verdadeiro mundo à parte. Os seus trabalhos são composições totais. Depois de feitos, é junto ao tipógrafo, ao impressor e encadernador que ele se agita, cuidando, vendo defeitos, evitando erros, orientando e dirigindo. Entusiasta e sempre animado, ainda não descrê das forças intransponíveis da verdadeira inteligência. Basta, para um homem de ideais, o mérito do trabalho.

O bandeirantismo é um fato discutido. Sobre a expansão geográfica do Brasil do primeiro século, as opiniões são tão variáveis que não chegamos a tirar conclusões completas ou acertadas. A fantasia é que tem mais influenciado nesses estudos. Orville Derby, falando sobre a bandeira de Nicolau Barreto em 1603, o veneziano Coronelli, na era seiscentista, imaginando afluentes invisíveis do Rio S. Francisco, criaram uma literatura imaginária, de afirmações incertas, sofismáveis e duvidosas. Ainda mais quando se tratava de traçar roteiros e apontar a caminhada das bandeiras nacionais, a dificuldade aparecia por ser difícil ao certo dizer que um Fernão Dias Paes, em sua jornada esmeraldina, galgou a garganta do Embaú, depois de atravessar os serros do Itacambira.

Affonso de E. Taunay – ENSAIO DE CARTA GERAL DAS BANDEIRAS PAULISTAS – 2.<sup>a</sup> Edição – Comp. Melhoramentos de S. Paulo

A esse respeito, o sr. Affonso de E. Taunay acaba de reeditar um notabilíssimo trabalho. Um estudo verdadeiro que espanta e conforta, um resumo completo do que foi a expansão geográfica brasileira entre 1500 e 1177, com uma certeza científica de embasbacar. Não é absolutamente trabalho improvisado. Os estudos do sr. Taunay já vêm de longe. E não vejo, a esse respeito, esforço que possa exceder a esse ensaio geral. E, ainda assim mesmo, escreve: “No nosso desvalioso Ensaio, procuramos condensar as indicações dos velhos cronistas como Pedro Tacques e Frei Gaspar da Madre de Deus, dos autores jesuíticos de antanho como Techo Jarque, Charlevoix e tantos outros mais, dos escritores platinos e paraguaios, os ensinamentos dos mestres como Varnhagem e Capistrano de Abreu e tantas outras autoridades brasileiras, ajuntando-lhes os resultados das pesquisas modernas e contemporâneas”. Não vejo, com franqueza, trabalho mais útil em toda já apreciável obra do sr. Taunay. Esse rebuscador formidável do passado paulista merece o apreço indefectível da crítica. E este trabalho formidável, o elogio grato. Trabalho que é um esforço incalculável pelo tempo que levou para ser organizado. Trabalho que é uma vida, tamanho são os dados coletados, tão impressionante o material científico e técnico em ação.

## LETRAS E LETRADOS 4

*O Dia – 01 de maio de 1937.*

Nicolas Berdiaeff - CINQ MÉDITATIONS SUR L'EXISTENCE - Plon

Chamam comumente o escritor Berdiaeff de filósofo. Não sei ao certo se o é, na verdade. O fato, porém, é que entre Berdiaeff e o mundano Keyserling, também chamado de filósofo, a distância não é nada pequena. O criador do mito da nova “idade média” traz incontestavelmente consigo uma vantagem fundamental: vai pela investigação do “ser” aos últimos problemas da existência, busca no agitar do tempo presente a finalidade de nossa vida, a finalidade profunda e superior. São autênticas reflexões sobre a vida humana, reflexões de quem enxerga a vida de perto, sem deformações nem falsidades.

Augusto Messer que, dos modernos, dos nossos contemporâneos, quero dizer, escreveu a melhor história da filosofia, inspirada no plano de análise fundamental de Rickert, esqueceu Berdiaeff, por um lapso deveras lamentável. O distinto ensaísta russo está no centro da filosofia atual, ao lado de Spengler, de Husserl, de Max Scheler ou Eucken. Não há dúvida que, apesar de estar no centro de nossas elevadas cogitações intelectuais, não é nada fácil situar o autor de “L'Homme et la Machine”. Berdiaeff não está e nunca esteve agarrado a escolas. Foi sempre um livre, do domínio das idéias puras. Pode não ser um filósofo, mas

o que escreve fora dos quadros normais da especulação é filosofia e da melhor. Ele fala de cultura, porque, depois de Spengler, foi quem melhor dividiu esse fenômeno. Vindo lá da Rússia asiática, esse ortodoxo cristão fala aos representantes do cartesianismo racionalista, mostrando que a verdadeira filosofia é aquela mais intelectualista que científica, menos apegada à ciência, mas perto do espírito e da pesquisa experimental.

O já citado Messer, como já o disse, parece haver esquecido ao nosso Berdiaeff. Acredito que Berdiaeff não ficaria mal ao lado de Hermann Schell, ao lado dos regionalistas confessionais. Um pouco neo-escolástico, isto porque é um homem que sabe manter melhor do que ninguém, no domínio da inteligência, as devidas distâncias, acha que a filosofia deve estar apegada ao princípio da revelação, bem perto do milagre divino, sem nunca desconhecer a imprescindibilidade do dogma. Se no passado ela lutou contra todo formalismo como crença, combatendo o mito e o ritual, hoje, como no tempo de Platão, o mito traduz o sentido das grandes conquistas interiores, conquistas do espírito no setor da existência humana. Todo idealismo alemão, Fichte, Hegel e outros, a filosofia racionalista científica orientada no sentido da ciência natural, está com Oswald Spengler e a filosofia orientada no sentido da ciência cultural, como Wildelband e o já falado Rickert colocam os fatores míticos, até os proféticos, no campo da especulação filosófica pura. Ainda, a chamada filosofia da vida, da intuição ou do “elan vital” a filosofia de Rathenau, Muller e Bergson, a filosofia oracular, do futuro, empresta aos seus adeptos, com a força de um pensamento mais abstrato que objetivo, a novidade de uma nova emoção.

Veja-se que Berdiaeff é tudo isso. Não distingue fatores objetivos dos subjetivos. Nem faz questão de distinguir. Para ele existem fatores vitais, neo-vitais e fatores contrários. Para Berdiaeff, “objetividade” ou “subjetividade” são preconceitos. Não é nada fácil sabermos quando saímos do campo “subjetivo” para penetrarmos o “objetivismo”. São estados de “conhecimento essencial” que se interpenetram, confundem-se no claro das grandes cogitações intelectivas. A fonte da filosofia real encontra-se, ao que mostra Berdiaeff, entre esses dois

estados, equidistante do que é “objetivo” e do que é “subjetivo”. Se por males tem passado a humanidade, esses males são devidos ao excesso crescente do pensamento humano ou para o objetivismo ou para o subjetivo. O que quer dizer que, nas épocas furibundas de crise social, o homem ou vira-se decisivamente para a realidade crua da existência ou fica na eterna contemplação. O fato de querer-se projetar o elemento objetivo aos nossos atos espirituais é quase um forçamento. Para Berdiaeff, a verdade tradicional e fundamental está no subjetivismo, para onde convergem todas as forças emocionais, intelectuais e mesmo materiais. A totalidade das energias humanas nada tem a ver com esse mundo exterior que nos rodeia. Nos arcanos da inteligência está a realidade integral da vida do homem, da existência, etc. A permanência de um conhecimento emocional produz a seriação enorme de valores que caracteriza o mundo em que vivemos. Filosofia é o que vemos no cotidiano. Filosofia não é criação bonita de cérebros imaginosos. Filosofia é a própria existência, no sentido que emprega a essa palavra “existência” o pensador francês Henri Bergson. Sendo a existência o conhecimento das coisas e dos fatos, expressão de nossas atividades profundas, interiores, na luta aqui de fora com os elementos a cada momento oferecidos pela natureza bárbara e instintiva. E a finalidade máxima da filosofia não é outra que a de trabalhar o mais possível pela projeção contínua e dominadora da personalidade humana, através da razão, do real ou do irreal. Filosofia, esta é a lição de Bergson adotada por Berdiaeff, não é subordinação, tal como pensava Spengler, ainda impressionado com a reação estupenda do germanismo abafado. A personalidade não deve estar sujeita às imposições de ordem política ou econômica. Deve ter livre desenvolvimento, desde a fase contemplativa até a fase superior do conhecimento emocional, fase já de atividades exteriores concretas. Para Berdiaeff tudo é personalidade. É preciso não confundir pessoa com indivíduo. A personalidade tem um destino íntimo a realizar, tem fins que lhe são exclusivos. O indivíduo, ao contrário, é reflexo da personalidade. A personalidade é criadora dos valores culturais, dos valores das grandes civilizações, valores emocionais, heróicos, de hierarquia, etc.

No entender de Nicolas Berdiaeff, para alcançarmos a verdadeira existência, para toparmos com a fase do personalismo criador, somos obrigados a afastar de nossa vida as coisas e os objetos que formam o hábito, rompendo com o mundo que nos cerca. Só assim alcançaremos a liberdade suprema. A liberdade de viver uma existência própria, livre, intensamente criadora. Temos uma alma a alimentar com o sangue da nossa inteligência e uma alma indecisa ante o choque de mentalidade que caracteriza essa fase estupenda e angustiosa da cultura universal.

A obra de Berdiaeff é um drama extraordinário de rebeldia consciente. Fora das elucubrações técnicas, fora dos pesadelos trazidos pela máquina, vive numa estupenda vontade de renovação de valores. Acusaram-no de mórbido. De doentio como os seus compatriotas que fizeram a Rússia conhecida do mundo inteiro. É verdade que nele palpita o fatalismo cósmico do espírito asiático. Se existem elementos patológicos, eles não atuam, de fato, na análise calculada e na meditação inteligente.

Orminda I. Marques – A ESCRITA NA ESCOLA PRIMÁRIA

Comp. Melhoramentos de S. Paulo

Vem este livro prefaciado pelo professor Lourenço Filho. Diz ele, tratando da “escrita e da escola renovada”: “Na velha tradição escolar era assim: considerava-se a letra, feita e acabada, não o aprendiz que a teria traçado. A caligrafia era quase como uma arte autônoma, separada do conjunto das demais disciplinas. Havia as aulas de ‘escrever bem’. Os alunos deveriam produzir letra bonita, nessas aulas. Aí deviam eles grafar sem borrões, o talhe caprichado, as hastes bem arqueadas, as minúsculas floridas... A escrita comum, a dos exercícios das outras disciplinas, aquelas que as crianças viam também nas cartas, nos registros, nos documentos – essa era a ‘outra’, a deformada pelo uso, a ‘bastarda’... Aos poucos, com melhor compreensão do assunto, a opinião foi sensivelmente mudando. A escola virada para o lado social não podia estar apegada a esse horrívelíssimo tecnicismo particularista, sem que a criança deixasse de perder, sem que a criança sofresse as mais visíveis desvantagens.

Tudo tem necessariamente o seu fim. Mesmo a arte de escrever. Escrever com arte é que não diz tudo. Foi o trabalho que empreendeu a sra. Orminda Isabel Marques na sua escola-laboratório do Instituto de Educação do Rio de Janeiro”. Tem muitíssima razão o professor Lourenço Filho: “Na verdade, o que mais impressiona neste trabalho... belo modelo de pedagogia experimental – não é apenas a paciente e sincera experimentação, que, por muitas vezes, tive ocasião de acompanhar, em suas minúcias. O que realmente impressiona, aos que estimam e procuram compreender as crianças, é a constante e vitoriosa intenção da autora em documentar que o ensino da escrita pode e deve ser ativo, isto é, apresentar-se em situação funcional, tal como o de outras disciplinas, que a renovação escolar já alcançou em cheio, reanimando-as em seus fundamentos e técnicas”.

Com os nossos hábitos mentais de civilizados, ensina Vendryes, não é nada fácil entendermos o problema da origem da escrita. Para isso, será necessário, quase, penetrarmos às épocas anti-históricas. “Enquanto a vida primitiva do homem se limitava a pequenos grupos isolados, quase sem contato com outros grupos, a comunicação verbal satisfazia completamente a seus mais próximos interesses. As atividades humanas circunscritas ainda à pesca, dentro dos limites naturais de suas terras, não exigem mais do que essa comunicação. Nas cerimônias religiosas, eram cantadas pelos mágicos e profetas as tradições históricas e religiosas. Com essas cerimônias, os jovens recebiam a iniciação do ritual místico e lhes eram ensinados os grandes poemas épicos. Os conhecimentos eram assim conservados pela tradição oral. Os registros dos antigos Vedas, contendo os dogmas religiosos e os códigos morais e leis da Índia, eram também transmitidos de geração a geração, por meio de poemas, cantados ou recitados. Os poemas de Homero, a *Ilíada* e a *Odisséia*, compostos nos primeiros tempos da Grécia, eram declamados pelo próprio Homero, diante dos jovens, nos quais se desejava despertar as mais delicadas virtudes. Na Germânia, na Gália, na Escócia, na Escandinávia, também os poetas, antes da escrita, pela palavra falada, procuravam perpetuar suas tradições”.

O trabalho da sra. Orminda Marques possui valor indeclinável, por ser dos únicos, a respeito do assunto, até hoje escrito entre nós. Vale pela orientação pedagógica, pela documentação histórica, pela experiência que nos traz da escrita das crianças das escolas do Distrito Federal, que mais de perto pôde observar.

Armando de Oliveira – CARVÃO DA VIDA – Novela  
Livraria José Olympio Editora

O sr. Armando de Oliveira, até aqui, era unicamente conhecido como poeta dos bons da última geração de São Paulo. O seu livro de “Poemas”, publicado há mais ou menos um ano, revela grande temperamento poético e emocional.

Agora, surge-nos de improviso, com uma novela ligeira, meio freudiana, de enredo um tanto complicado e de mérito literário a calcular.

Livro fraco esse “Carvão da Vida”, para um poeta de tanto talento. Escrevendo bem, com loquacidade e desenvoltura, o sr. Armando de Oliveira bem que podia ter apresentado a crítica com algo de mais original.

No entretanto, trata-se de um moço, e de um moço inteligente. Veremos o que não virá atrás dessa curiosa experiência...

## LETRAS E LETRADOS 5

*O Dia – 28 de julho de 1937.*

Harold J. Laski – EL ESTADO EN LA TEORIA Y EN LA PRACTICA  
(The State in theory and practice) – Editorial Revista de Derecho Privado

Certa vez, viajando em companhia de um amigo à catedral de Amiens, Heino, interrogado sobre a capacidade do homem dos nossos dias para construir uma tal maravilha de arte e arrojo arquitetônico, respondeu:

“– Meu amigo: naqueles tempos, os homens eram dominados por convicções; nós, homens modernos, apenas possuímos opiniões; e é preciso algo mais que opiniões para se construir uma catedral gótica”.

Essa índole do espírito é produto da democracia, no sentido em que hoje empregamos a palavra. O homem, pesando pelo número, atuando como partícula de um todo, coletivamente possui grau zero. A sua expressão não chega a ser personalíssima. Rousseau individualizando a vida e Marx desindividualizando-a caíram em um erro de que Augusto Comte soube abster-se e fugir, criando racionalmente, pela fé, um espírito ativo, orientador e religioso. A concepção comtiana leva uma vantagem incontestável sobre o pensamento de Rousseau e de Marx, integrando, na forma de toda moderna filosofia, o homem no meio social em que vive, como um ser em continuada integração orgânica e física. Dos extremos de interpretação

a que chegaram, em seus arrazoados científicos, Rousseau e Marx, saiu essa democracia “tipo” tal como atualmente a conhecemos. Individual, agnóstica, intransigente, apolítica no seu politicismo absurdo do voto e patrocínio da opinião.

A filosofia dos nossos dias, com Henri Bergson à frente, seguido de Herman Schell, Max Scheller, os românticos Spengler, Keyserling e Berdiaeff, luta no intuito de afirmar um sentido para a democracia. Isto porque a democracia, após atravessar os seus períodos de estesia pura passando por Atenas, Roma ou Tebas, perdeu o velhíssimo sentido coletivo de acordo entre os homens para a realização de fins religiosos elevados para tornar-se, no contato com as idéias diretoras da idade média, síntese do mito ontológico “vontade geral”. E a natureza da democracia moderna não é outra.

Quando, porém, aos poucos, impulsionado pelas necessidades imediatas da existência, vamos sentindo o peso de uma realidade diferente, isto com a predominância de um novo período autônomo da história do pensamento, o velho mito desaparece e surge o mito mais condizente com a situação do homem em face dos fatos cotidianos. Todo mito surge como uma tentativa de valorização intensiva da vida. E ao Estado cabe, como coordenador dos elementos intrínsecos vitais da sociedade, realizar uma mitologia política que se vai criando, na razão indireta das inquietantes angústias universais. O conceito de justiça não foge a essa tendência valorativa, nascida nas horas terríveis de expectativa e aflição.

O livro do professor de ciência política da Universidade de Londres traduz em nós, logo à primeira vista, esse sentimento de ânsia, provocado nos momentos das grandes crises sociais. Kelsen, quiçá o maior técnico em matéria de teoria do Estado, esqueceu esse ponto, abandonando quase por completo o aspecto político da questão, para, em detrimento da realidade, acreditar no Estado como fenômeno jurídico essencial. É um erro. O Estado, bem antes de realizar fins de ordem jurídica, é uma organização de determinantes políticas coativas imanentes da própria realidade que o gerou. O Estado existe para promover a boa vida, como dizia Aristóteles em meio à luz da Grécia. Nesse “boa vida” está o valor político do Estado. O bem-estar do cidadão, seja de conformidade com essa ordem política ou de conformidade com

aquela outra ordem jurídica, seja fascista, soviética, liberal ou que forma tenha ou venha a ter, porque o que menos importa é a fisionomia que adquira no interregno das grandes pugnas políticas de afirmação idealista. Platão não observara no Estado o organismo amorfo, observava tão-somente os fins necessários à existência legal e justa da sua cidade. Para Hobbes, o fenômeno já muda de figura. Para o velho inglês pragmatista, o Estado não passa de função civilizadora essencial. O conceito de Hobbes é bastante medievalista, tal como o do moderno Berdiaeff, que chega a reconhecer no Estado um fenômeno divino de revelação. Já Hegel, o inspirador de Karl Marx e do outro socialista, Engels; Hegel, o mestre do mesmo Berdiaeff, acredita ser o Estado uma idéia divina, na forma e na essência.

Harold Laski, não obstante o seu profundo conhecimento da ciência do direito, não conseguiu criar uma pura concepção jurídica de Estado. Ficou em abstrações doutrinárias, sem outro atrativo que não o da forma sistemática com que expõe e defende princípios pessoais de política jurídica. Não é propriamente um técnico. Quando aponta erros, esses erros são funcionais e não orgânicos, são erros de forma, não de meio de ativação dos elementos estatais. Além disso, na matéria, é dono de um defeito substancial, é inglês. Isto porque, em face de tantas e tão grandes transformações no domínio do pensamento político, não pode deixar de ser um intransigente conservador e, além do mais, um perfeito acadêmico.

Vejamos: para Laski, o Estado não é mais que um simples mantenedor de preceitos legais dentro de determinadas fronteiras. Ora, vamos dizer e com franqueza. Estado não é somente isso, é muito mais, não só como elemento de ordem, mas como elemento institucional. Para Laski, o Estado não passa de um guardião da propriedade pública ou privada, de polícia em todos os seus momentos de vida.

Tristão da Cunha – HISTÓRIAS DO BEM E DO MAL –  
Edição da Sociedade Felipe de Oliveira

O sr. Tristão da Cunha já teve a fama entre nós de grande estilista. E não sem razão. Desde o seu livro de crítica e estética “Coisas do Tempo”, até esse “Histórias

do Bem e do Mal”, a trilha que vem seguindo é de uma profunda honestidade para com a língua. Procura sempre não relaxar, manter o estilo, cuidando da forma da melhor maneira possível. Em pouco tempo, conseguiu os louvores da opinião do sr. Tristão de Athayde, o que não é nada fácil.

Os trabalhos desse seu último livro são todos leves, não obstante o cuidado que teve o sr. Tristão da Cunha em confeccioná-los. “As surpresas de Robespierre” traduz forte e são humorismo aliado a uma faculdade esplêndida de observação.

Iniciando a sua vida de escritor como poeta, essas páginas de “Histórias do Bem e do Mal” ainda guardam muito daquele sabor poético dos velhos tempos da “Torre de Marfim”. Isso não bastasse, então teríamos para louvar ao sr. Tristão da Cunha aquela maravilhosa tradução da tragédia do Hamlet de Shakespeare. Modesto, sem grande propaganda e pouco amigo da crítica, o sr. Tristão da Cunha é dos poucos homens de espírito do Brasil que se caracteriza por si próprio.

Madres Francisca Peeters e Maria Augusta de Cooman (religiosas de Santo André)  
EDUCAÇÃO (História da Pedagogia) – Comp. Melhoramentos de S. Paulo

A escolástica traz dessas coisas notáveis. O livro publicado por essas duas religiosas, por certo na penumbra e quietude de um claustro silencioso, tem o cunho dos trabalhos fielmente orientados. Quem por acaso lê esse pequenino tomo sente, logo de início, a firmeza com que foi escrito. O prefácio do prof. Lúcio José dos Santos, à primeira vista exagerado, parece-nos, logo depois, até insignificante em adjetivos para qualificar um trabalho de tanto vulto cultural.

Pode estar certo o leitor que é muito raro encontrar-se, no desalinhamento de nossas bibliotecas, um livro que em matéria de história do senso literário, de simplicidade expositiva se iguale a esse das madres Francisca Peeters e Maria Augusta. Falo com profunda isenção de ânimo, sem me deixar levar por qualquer entusiasmo literário, que é o que aqui não há.

Os tomos de história sofrem de um mal inicial: a falta de orientação. O indivíduo que muitas vezes se encarrega de um trabalho destes não possui sólidas determinantes

intelectuais. É preciso, para tal estudo, uma possível interdependência mental, só conseguível em gente de ordens religiosas tal qual essas estudosas de Santo André.

Até há pouco tempo, o fenômeno educação era facilmente caracterizável. O pensamento diretor era o mesmo, aqui no Brasil, na África, Europa ou América do Norte. Mas o profundo vácuo produzido pela Grande Guerra trouxe inesperadamente a ruptura na continuidade desse pensamento diretor. E também, pouco e pouco, com o assombro dos velhos pensadores liberais, cada povo, ao lado de uma consciência política das suas realidades, foi *pari passu* formando uma cultura política especial e própria. Os exemplos são retumbantes. Vejamos a educação alemã moderna que diferença não tem da era bismarkiana ou da de Hindenburg. A teoria racista transformou de baixo para cima toda idéia básica fundamental. A técnica da pedagogia atual da Alemanha nós vamos certamente buscar em Froebel e Herbart, o espírito dessa mesma pedagogia em Kant e Hegel, mas o pensamento que determina a ação na política hitleriana, há mais de cem anos prognosticada já por Hegel.

Sinto verdadeiramente o espaço ser tão pequeno para, sem detrimento da apreciação de outros trabalhos, examinar esse mais de perto, com mais minuciosidade, bem detalhadamente. Temos um dever, nós os consumidores de livros, que é o de bem aconselhar aos nossos leitores. E é o que fazemos com a mais integral disponibilidade intelectual.

Plínio Salgado – GEOGRAFIA SENTIMENTAL  
Livreria José Olympio Editora

A significação sociológica desse trabalho avulta à primeira vista. Escrevendo “Geografia Sentimental”, não visou outra coisa o sr. Plínio Salgado que poder falar mais de perto à inteligência brasileira. Apesar de escrito em linguagem clara, leve, sem arabesco de forma de impressionar, não deixa de ser um trabalho profundo, um trabalho que, além de tocar o cérebro, toca ao coração e a

sensibilidade. É o que mais admira no sr. Plínio Salgado, é essa sinceridade de analisar o Brasil, de auscultar o palpitar da alma sofredora do brasileiro.

“Geografia Sentimental” não é bem um livro, é um documentário de emoções patrióticas esplêndidas. Livro desigual quando fala do Brasil, eloqüente, revolucionário, quieto e manso, livro de panoramas sensíveis ao nosso espírito e à nossa crítica. “Geografia Sentimental” é um chamamento à inteligência, um apelo a todos os brasileiros que sabem ler, para entenderem nas noites claras de céu azul escuro, na beleza de nossas grandes estradas transcontinentais, no verde dos nossos mares, na agitação silenciosa ou bárbara do nosso povo, o destino profundo e nobre deste Brasil que é nosso.

Já não é de hoje a minha irrestrita admiração pelo pensamento claro do sr. Plínio Salgado. Em tempo e ocasião mais oportuna, já tentei definir a posição desse escritor transformado em político pelos imprevistos de um memorável movimento social. Situei-o entre os homens que estudam no Brasil, disse dele muitas coisas boas merecidas. E o último livro do sr. Plínio Salgado possui as páginas mais belas e sentidas que já tive oportunidade de ler a respeito de fatos e coisas de nossa terra, de fatos e coisas que sentimos e vivemos.

## LETRAS E LETRADOS 6

*O Dia – 04 de agosto de 1937.*

Djaci Menezes – O OUTRO NORDESTE (Formação Social do Nordeste)  
Livraria José Olympio Editora

Foi o sr. José Américo de Almeida quem, há mais ou menos dez anos, trouxe como material de investigação social da formação brasileira o estudo do nordeste e do elemento nordestino. “Bagaceira”, queiram ou não queiram os seus detratores, foi um livro que ficou, que aí está desafiando o juízo crítico dos “donos” da cultura nacional.

O romance é, à primeira forma, de interpretação da realidade. Por ele chegamos às minúcias do espírito e da vida. Haverá, por certo, muita gente arrepiada ao ler esse livro tão simples, tão contundente, tão belo nas suas expressões magníficas da existência. O mérito de “Bagaceira” está em ser coisa absolutamente nova, no longo tempo de nossa história literária. Ao lado dos “Corumbás” do sr. Amando Fontes (verdadeira tentativa de interpretação das ânsias humanas das populações pobres das nossas cidades), o “Bagaceira” é a imagem que se evoca em noites sonolentas do homem forte do nordeste em luta contra o meio agreste, contra a falta de trabalho, contra os elementos de uma sociedade decadente, tentando abafá-lo em sua vontade irrefreável, instintiva mais que racional, de fazer a sua vida, viver a sua vida, de ser brasileiro, dentro daquele solo cheirando a sol que é o Brasil quente, sensual, moreno, ardendo em febre tropical.

A nossa realidade é aquela que sentimentos dentro em nossa alma sonhadora. Embalado em tristezas, ouvindo o palpitar da terra, as vozes estranhas do espírito das florestas, o curupira descendo do sertão misterioso, é o que temos de nós na vida inquieta do nosso homem. O caopora acendendo o seu fogo no mato seco, chamando para a oração o caboclo rústico na volta do seu trabalho, é a mística nacional, é a alma em chamas da pátria livre.

O sr. José Américo foi o verdadeiro iniciador desse movimento de volta ao Brasil, de volta à terra, podemos dizer: tudo quanto surgiu após esse livro notável traz a preocupação nativa. São os romances do sr. Jorge Amado, o retrospectismo histórico do sr. José Lins do Rego, aquele quieto e nervoso romance que é o “Caminho de Pedras” da sra. Rachel de Queiroz. Em tudo se agita a alma da Pátria. Queremos penetrar o cerne da nacionalidade, traduzir o sentir do povo, exteriorizar o determinismo cósmico que nos embala para o futuro.

No campo das investigações sociais, das experiências políticas e históricas, os livros de Alberto Torres desvendaram horizontes largos à inteligência penetrante do sr. Oliveira Vianna. Fizemos história social e política do Brasil. A obra de penetração, porém, só agora vem nascendo, com mais ardor, entusiasmo, vontade de revelação.

O sr. Gilberto Freyre é também um desses pioneiros admiráveis. Não somos daqueles que o isentamos de crítica. Muito pelo contrário. No grande material científico que nos trouxe, já o dissemos, não poucas vezes, há falta de uma metodologia científica orientadora. De vez em quando, queremos crer que ele seja unicamente, sem mais nem menos, um cronista do passado. A idéia, porém, não pega. Se o sr. Gilberto Freyre, como nesse último “Nordeste”, pouca importância liga em dar forma à sua exposição, por outro lado, os elementos que vem oferecendo à história do Brasil, depois de longas pesquisas históricas, merece o nosso aplauso e a nossa incontida admiração. Disseram já, e se não me engano foi aquela revista “Fronteiras” do sr. Manoel Lubambo do Recife, que o “Casa Grande & Senzala”, “assemelhava-se a uma grande casa desarrumada”. As curiosidades são tantas, as descobertas que fazemos são tão inúmeras, tantas são as riquezas que se nos deparam, que a desordem ambiente pouco nos interessa. Queremos mexer, tocar com a

mão aquelas coisas preciosas, sentir a sombra maravilhosa do ambiente que nos rodeia. Outro que aí vem é o sr. Djacir Menezes. Nortista do recôncavo como o sr. Gilberto Freyre, há muito que já era nosso conhecido, mas somente em matéria pedagógica. Em conversa que mantivemos com o sr. Pontes de Miranda, lá pelos meados do ano de 1934, tendo em mão um número da “Revista Nacional” em que publicava um curioso trabalho do sr. Djacir, “Intuição da Lógica Matemática”, o culto mestre sergipano não mediu palavras quando tratou do autor do “Outro Nordeste”. Todos nós sabemos qual seja o conceito do professor Pontes de Miranda, na Alemanha e aqui na América, entre todos aqueles que se dedicam ao estudo da Sociologia, da Filosofia Jurídica e do Direito.

Este último estudo do sr. Djacir, para maior gáudio nosso, vem demonstrar que espécie de discípulo é, do sr. Pontes de Miranda. Recolhendo o resultado dos seus estudos sociais e jurídicos, trazendo para o campo das cogitações intelectivas o produto das investigações do sr. Pontes, o autor do “Problema da Realidade Objetiva”, fez do “Outro Nordeste” um manual de pura sociologia. Não joga quase nada com os elementos fornecidos pela história. Os postulados científicos, bem como as leis sociológicas já aceitas e reveladas, dão segura orientação ao seu estudo. Começa “Outro Nordeste” preparando terreno para compreensão mais nítida do que se vai ler. A pesquisa objetiva dos fatos, a natureza social e biológica do homem, a intervenção científica na sociedade, trazem a constituição científica da sociologia e são ao mesmo tempo elementos aos quais nos apegamos para um possível trabalho interpretativo. O tipo de vida e o meio físico, alimentação, trabalho e aclimação, regime alimentar e aspecto fisiográfico do nordeste, as condições sociológicas do nordeste, com a série de lutas econômicas e a miscigenação, a biotipologia e o ciclomotismo do sertanejo nordestino caracterizam em essência o trabalho do sr. Djacir Menezes. Vem da natureza dos fatos até a realidade histórica do passado.

Todo aquele que procura no livro o prazer de um estudo prático e objetivo terá nesse trabalho do sr. Djacir Menezes o que mais lhe convém. Traz uma bela lição de grande honestidade intelectual, de conhecimentos justos, de inteligência aberta para a vida. Dois defeitos de origem, porém, traz consigo: a rapidez com

que tocou em assuntos que não cabem em uma simples folha de papel e muita citação de nomes cuja responsabilidade intelectual e científica é bastante duvidosa.

#### Marques da Cruz – A VIRGEM DE FÁTIMA

Comp. Melhoramentos de S. Paulo

No dia 13 de outubro do ano de 1917, trazia Portugal para a glória do mundo cristão o milagre da Serra d’Aire, o milagre de Fátima. Peregrinos inúmeros atravessam inquietos o Vale-do-Lis. Villa Nova de Ourém, Leiria, Reixida e Amoreira, regiões inteiras tomadas de peregrinos. Todos queriam sentir de perto o milagre da virgem que a perseguição divinizara. Era Fátima que abria os braços à fé portuguesa, a pequenina Lúcia de Jesus, entre insultos e palavras de esperança, que surgia no avermelhado de um triste horizonte político, trazendo a última palavra de fé em Deus.

Em versos harmoniosos, sentidos, com o coração virado para a Pátria lá distante, o sr. Marques da Cruz, que em S. Paulo é um dos grandes mestres da literatura, escreveu a página mais emocionante, ainda que rápida, sobre aquela que, apesar das ordens expressas do Governador Civil de Santarém, trouxe para junto de si numerosas multidões sofredoras. Portugal inteiro ainda hoje vibra ao rememorar os fatos da história triste daquela doce menina, inspirada por uma centelha divina do céu. O culto da Senhora de Fátima, para o sr. Marques da Cruz, é uma obrigação dos portugueses. Depois então da Carta Pastoral de D. José Alves Correia da Silva, bispo de Leiria, a humilde Lúcia de Jesus não deixou mais o pensamento do povo nobre d’além mar. Fátima é um símbolo!

#### Carlos Dante de Moraes – TRISTÃO DE ATHAYDE E OUTROS ESTUDOS – Edição da Livraria do Globo – P. Alegre

Tristão de Athayde, o grande crítico das idéias puras, é um dos poucos grandes aristocratas da inteligência. Julgador de livros, o seu prestígio tem sido para muita gente uma tábua de salvação. Espírito completo, mestre em sociologia,

entendido em matéria política, filósofo de pensamentos claros e definidos, o nosso Tristão, homem de luta e homem de fé, é um milagre neste imenso Brasil. Intérprete, entre nós, da sensibilidade proustiana, revelador aos indígenas daquele profundo Maritain, o pioneiro nosso da “Ação Social Católica”, ainda é quem dirige o pensamento livre do brasileiro. Eu imagino Tristão, lá no seu gabinete de estudos do Rio de Janeiro, ouvindo o Brasil, pregando para o Brasil, sentindo o Brasil na profundidade dos nossos ideais.

Amigo da arte, perseguidor da beleza, tonto ante as estusias produzidas pela nova natureza de todos os dias, explicador do distributismo chestertoniano, do “Servile State” de Hilaire Belloc, amigo do sertanejo Affonso Arinos, crente na fé de um Moysés Marcondes, sincero discípulo dos rigorosos métodos de combate daquele inolvidável Leon Bloy, Tristão é o homem que caminha.

O seu reacionarismo sociológico é uma revolução total partindo do infinito e tocando ao finito, tendo como ponto inicial o ilimitado e tocando o limitado. “A obra sociológica de Tristão constitui, antes de tudo, uma reação espiritual, no sulco profundo da nova corrente católica, ao que ele denominou, em certa passagem, hipertrofia do concreto, revide necessário a esse predomínio do fato material que veio a tudo avassalando com o naturalismo”, como diria o estudioso observador de sua obra que é o sr. Carlos Dante de Moraes.

Em síntese, dois ensaios em que se estuda a figura e a obra de Tristão, pela lucidez interpretativa e pela profundidade de conceitos, merecem aprumo junto à obra do mestre. Um deles é desse grande morto Ronald de Carvalho. Estudo paciente, cheio de poesia, carregado de conhecimentos. Outro é de Antonio de Alcântara Machado, o contista falecido de “Mana Maria”, a quem Tristão ofereceu as credenciais de grande escritor. Penetrante, de escarpelo em punho, Antonio de Alcântara Machado, mais um poeta das “ciências” como era, definiu em termos claros o “complexo humano” de Tristão de Athayde.

O sr. Agrippino Grieco, em “Gente Nova do Brasil”, dedicou também algumas páginas de real conhecimento ao belo espírito do orientador do pensamento cristão na América. O sr. Agrippino, porém, como o sabemos, é

crítico de arte, conhecedor de coisas da literatura, que é onde sua autoridade se avanta e onde lhe reconhecemos insofismável valor, onde mesmo ele se coloca entre esses “maiores”, como Tristão e outros. O trabalho do sr. Agrippino, por isso mesmo, é comparativo, de situar Tristão entre aqueles que por aqui fazem alguma coisa pelo prestígio da inteligência. “Debaixo da sua armadura erudita, que coração honesto e quase infantil! Move-o uma tirânica necessidade de pensar, de escrever, de agir, e mete o dente em certos livros com a tenacidade dos gusanos que, segundo diz, roem até trilhos de aço. Metódico desde as poucas semanas em que exerceu a advocacia, não prosseguindo porque o ambiente policial e forense lhe inspirou náuseas invencíveis, não lhes faltam aspectos de ternura, de plena afetividade. Esse espiritualista, em quem tudo se transmuda em valor cristão, amou Affonso Arinos pela sua inconfundível bondade brasileira, e não esquecerei jamais a delicadeza com que me falou certa vez do seu antigo professor Silva Ramos”. Eis a palavra do sr. Agrippino Grieco.

O sr. Carlos Dante de Moraes, o que escreveu, tentando sentir aquele memorável momento de opção entre a verdade e a mentira que caracterizou a fortaleza de espírito e alma de escritor, a luta metafísica e moral, o debate veemente entre os impulsos que se contrariam e repelem, deu-nos a parte melhor do seu livrinho. Mais preocupado, no entretanto, com o largar amarras para um porto ideal desconhecido, deixou de lado, nessa luta trágica de opção, onde as ilusões procuram refrear os nossos ímpetos para a realidade objetiva dos fatos e das coisas, o homem tal qual ele é, e que foi quase o motivo do ensaio de Antonio de Alcântara Machado.

Não sei das tendências do sr. Carlos Dante de Moraes. Esse livrinho, porém, o define um homem de inteligência limpa. Pena que certos pedaços não fossem mais claros, que não tentasse se achar mais perto do homem para do homem poder falar. A trajetória do espírito de Tristão não se fixa em tão poucas páginas. O mérito incontestável do sr. Dante de Moraes, sem dúvida, está na história rápida e incisiva, que faz da obra notável de Tristão de Athayde isso sem mais pretensões.

As demais partes do livro não satisfazem a nossa curiosidade. O ensaio “Tristeza de Anto”, sobre o poeta Antonio Nobre e a tristeza lusitana, traz algumas

páginas apreciáveis. Antonio Nobre carregou consigo as ânsias milenárias do povo português. O “Só” é uma verdadeira reação espiritual em um mundo totalmente invadido pelo pragmatismo utilitarista. Depois, sentindo-se isolado, abandonado, “ele começa a existir unicamente para a doença”. Era poeta!

# LETRAS E LETRADOS 7

*O Dia – 11 de agosto de 1937.*

Marcos de Souza Dantas – HISTÓRIA VERDADEIRA DOS MARCOS DE COMPENSAÇÃO – Livraria José Olympio Editores

Este caso, dos marcos de compensação, é quase a história do início de uma autêntica guerra comercial. O sr. Souza Dantas, que, como funcionário da Nação que é, teve a oportunidade de apreciá-la, desde as suas origens, nesse pequeno livrinho onde estuda o intercâmbio teuto-brasileiro concerta a sua opinião a respeito das medidas tomadas em oposição ao regime anteriormente seguido.

O problema, cuja discussão tanto apaixonou, em suas linhas gerais, é este: os países produtores de matérias-primas, com o deflagrar violento da crise de 1929, não resistindo à violência da catástrofe, não encontraram ânimo para resistir à queda vertical dos valores de exportação. Desaparecendo assim a única medida real de garantia da importação pelo acúmulo de grandes quantidades de mercadorias invendáveis, foram-se, aos poucos, formando a massa formidável de congelados comerciais. Sem disponibilidades proporcionadas pelas nossas exportações, deixávamos de importar; ou importávamos porque carecíamos absolutamente de certas mercadorias, mas sem as pagar como de nosso dever, acumulando dívidas de natureza comercial avultadíssimas, causa imediata do nosso desprestígio e descrédito internacionalmente; esse foi o problema do Brasil.

Com intenção séria e honesta de saldar os nossos compromissos, lançamos mão de nossas possíveis reservas, mesmo em detrimento da economia nacional. A dificuldade, porém, não estava tão-somente do nosso lado. Os países industriais, em sua maioria, desprovidos de matéria-prima, de capitais e reservas, sentindo as suas exportações diminuídas, reduzido o trabalho de suas fábricas, aumentada a questão já política da **chomage** e desaparecidos os meios do pagamento da importação de matérias-primas, sentiram-se a braços com um problema de tão terrível solução como o nosso. Se, de um lado, o Brasil deixava de importar por não poder exportar, esgotando assim os seus recursos comerciais, por outro lado, a Alemanha, a exemplo, também precisava lançar mão dos seus recursos extraordinários, com o fim de evitar um fim provavelmente trágico. Nações puramente industriais sentiram o desaparecer rápido das suas indústrias com as formidáveis quebras e o aumento alucinante dos **sem trabalho**, que, ao lado do problema comercial e político, vinham formar o problema social.

Toda solução redundava em círculo vicioso. “Não comprávamos, porque não tínhamos com que pagar; e não vendíamos porque não nos podiam pagar a nós. Estávamos frente a frente, Brasil e Alemanha, nós com abundância de café, borracha, couros, lãs, peles, algodão, minerais, carnes e tantas outras utilidades; a Alemanha com estoques abundantíssimos, também, de carvão, artigos manufaturados, materiais ferroviário e elétrico, drogas e anilinas, automóveis e outras máquinas. Precisávamos vender, exportar os nossos produtos, descongestionando mercados, e a Alemanha carecia de todas as matérias-primas que lhe pudéssemos oferecer”. No entanto, não vendíamos à Alemanha porque ela precisava de nós, e, por sua vez, a Alemanha não nos vendia, porque nós também dela precisávamos. Os dois países sentiam insuficiência de lastro. A necessidade, porém, não encontra limites. Nos fins de 1934, os créditos alemães bloqueados no Brasil, resultantes de dívida nossa, marcavam, ao lado da oscilação cambial, a responsabilidade de um compromisso a pagar de cerca de quarenta milhões de marcos, equivalentes então em duzentos mil contos. E “a Alemanha nada nos devia porque, esgotando embora os seus últimos recursos, pagara pontualmente o que adquirira em nosso país”.

Talvez menores os nossos recursos, apelamos em tão má hora para a existência de um crédito, já sujeito à decomposição cambial, abalado pela queima de produtos naturais, pela insistência do governo em manter a medida dos nossos valores, quando os mesmos não sofriam só pelo congelamento, mas também pela queda vertiginosa de nossas relações financeiras e a quase impossibilidade de saldar as nossas dívidas anteriores. A mesma complicação veio logo após surgir em nossas relações comerciais com a Itália e Espanha, para maior mal nosso. Como, de momento, uma solução razoável não fosse apresentada, continuamos a comprar sem pagar, aumentando escandalosamente as nossas dívidas e os nossos compromissos, sem recursos, sem lastro, sem ao menos um plano sequer que concedesse prazo e condições para o pagamento das referidas dívidas. Foi aí que os países citados, temerosos de uma falência comercial ou de um fracasso financeiro, resolveram legislar sobre a matéria, exigindo compensação para aquilo que importávamos. O que quer dizer que viemos a cair em uma outra situação: presos os nossos materiais de exportação, éramos obrigados, gratuitamente, em relação à nossa dívida já passada e em relação às nossas necessidades de vida, a entregar aquilo que vínhamos de produzir. Nesse ponto, desaparecia, como por encanto, com o nosso crédito, a única fonte real de lucro que possuíamos. O Brasil teria de manter, com uma reserva formidável de mercadorias, os artigos todos necessários à existência do nosso povo.

Diante desse fato, dois caminhos surgiram: 1.º) suspender as nossas relações comerciais com a Alemanha, o que seria incorrer no descrédito das outras nações e ficar ainda com a responsabilidade daquela dívida já compromissada, provocando como que uma falência fraudulenta da Fazenda Nacional, ou; 2.º) trabalhar junto à Alemanha, esclarecendo os nossos honestos propósitos, até conseguir convencê-la da revogação da sua última lei quanto ao Brasil. Medidas essas que, além de comerciais, exigiam fundo trato diplomático. Ou então ainda, como escreve o sr Souza Dantas, conformar-nos com o fato consumado, procurando evitar-lhe todos os inconvenientes e retirar-lhe todos os proveitos possíveis.

A forma pela qual o governo brasileiro interpretou a nova lei alemã, sujeitando-se as suas imposições, não agradou muito ao governo do Reich.

Naturalmente, opinou a Câmara do Comércio do Reich que os nossos compromissos eram anteriores e não podiam ser assim saldados em marcos compensados. Não havia outra solução, porém, para a Alemanha: ou aceitar os marcos compensados ou provocar, talvez, um rompimento de relações comerciais, o que não era vantagem para nenhum dos países. O Brasil recuou, aceitando a lei alemã, e a Alemanha também viu-se na obrigação de recuar, sujeitando-se, por sua vez, ao modo de interpretação que demos a proposta de compensação oferecida pela falada lei. Estava criada, por assim dizer, uma nova moeda com uma nova medida de valores.

O sr. Souza Dantas, cuja atuação foi deveras apreciável junto à missão alemã vinda ao Rio de Janeiro, em seu livrinho, conta pormenorizadamente como se deu essa profunda transformação em nosso comércio exterior, como foi a medida aceita, a reação produzida, os seus efeitos e os seus resultados, os lucros trazidos para o Banco do Brasil, o equilíbrio econômico-financeiro produzido pelo novo estado de coisas, com o afastamento dos supostos inconvenientes adotados como arma de batalha pelos inimigos da nova iniciativa. Examina ainda, o sr. Souza Dantas, a pretensão de todos aqueles que, como representantes de outros, queriam fazer concorrência ao Brasil, trazendo para a discussão argumentos onde o interesse privado e particular visivelmente tentava superpor-se aos grandes interesses nacionais.

Virgílio Moreira – RINCÃO NATAL

Oficinas Gráficas da “A Cruzada” – Curitiba

Eis aí um poeta que vai conquistando um mundo de leitores pela espontaneidade de sua lira, pela leveza do seu espírito, pela harmonia do seu estilo, pela cadência clássica de suas estrofes.

Ainda que não seja um nome bastante conhecido, é dos bons líricos que temos, é da raça daqueles a quem o amor e a terra se acham ligados, numa profunda comunhão universal.

O sr. Virgílio Moreira, apesar de “Rincão Natal” ser um livro de sonetos, não é bem um sonetista. Fica bem nele a redondilha pura à maneira do sr. Belmiro

Braga. Um poeta livre não poderá nunca ser um perfeito sonetista. O soneto é prisão, o soneto é o domínio clássico da forma, onde os desabafos não são possíveis e onde a arte perdura na estreiteza das linhas.

Rústico, puro como o ar matinal dos campos paranaenses, o verso do sr. Virgílio Moreira são os nossos horizontes, as nossas campinas, o sorriso das nossas cidades, a graça languesciente das nossas mulheres. Ninguém melhor do que ele pode ser chamado de poeta nosso, poeta paranaense.

O “sentir” é que faz o poeta. O dizer “o que se sente” é que é do poeta. “Rincão Natal” é um livro de sonetos, bons uns, medíocres outros, outros péssimos. Todos, porém, saídos de uma alma virgem de poeta. O sr. Virgílio Moreira é um eterno deslumbrado, estou certo de que vive em eterno deslumbramento, deslumbramento ante a vida, diante da natureza bárbara e selvagem, ouvindo o marulhar dos nossos rios, tendo dentro de si toda a potência poética das quedas do Iguçu.

Renato Sêneca Fleury – ADOLESCÊNCIA

Comp. Melhoramentos de S. Paulo

Professor de Psicologia e Pedagogia na Escola Normal de São Paulo, o sr. Renato Sêneca Fleury é um grande estudioso da criança.

Publicando agora esse livro de vulgarização de conhecimentos iniciais, parece ter querido realizar uma obra de síntese do seu pensamento.

Procura, em “Adolescência”, como o título já vem explicando, estudar a criança na idade do crescimento em suas ações e reações, em sua vontade, interesse, ambição, em todos os seus sentimentos, os mais simples e os mais complexos.

Existe uma idade, a qual chamamos de pré-social, e que é a idade da formação do homem em relação das influências ambientes. É a fase da ontogênese, na expressão de Freud. E a criança, para chegar a esta fase, passa por três estados de espírito diferentes: 1.º) a idade dos interesses imediatos; 2.º) a idade dos interesses concretos especiais; 3.º) a idade dos interesses abstratos. Em cada um desses três

estados, é sempre um interesse que atrai, uma razão de ser, um sentido de vida. A primeira idade estende-se dos seis aos nove anos, a segunda vai aos doze, e a terceira aos quatorze, tudo no período primário da adolescência. Essa observação, aliás preciosa, vem de Ferriere, isto depois de a criança passar pelos períodos perceptivos, dos interesses glóssicos, dos interesses gerais e dos interesses especiais e objetivos.

O capítulo mais interessante é aquele que se refere à criminalidade. Cheio de quadros ilustrativos, o trabalho do sr. Sêneca Fleury, interessantemente confeccionado, relewa em suas linhas gerais, como já dissemos, um profundo observador da alma juvenil, observador de características próprias, tanto quanto original, discípulo daquele outro Kilpatrick.

## EM HOMENAGEM A PAULO SETÚBAL

*O Dia – 11 de maio de 1937.*

O que devo a Paulo Setúbal, no período que já passou de minha iniciação cultural, só eu o sei e posso avaliar.

Tomei tato com o Brasil, cheguei cedo ao conhecimento dos personagens espectrais de nossa história, na leitura de livros que hoje são clássicos em nossa literatura.

Ainda há dias, em meu rodapé de crítica, nesta mesma folha, eu tive a feliz oportunidade de, em meu comentário de uma novela do sr. Coriolano de Medeiros, situar a obra de Paulo Setúbal.

“Marquesa de Santos”, que a crítica, em começo, acoimou de cópia do notável livro de mesmo título do sr. Alberto Rangel, é a obra máxima, pela perfeição da técnica novelesca, em matéria de história, das letras portuguesas.

Parece que Paulo Setúbal nasceu romancista. E que a falta de material romanceável de que sofre a nossa literatura levou-o para o campo árido da história, com as suas pesquisas alucinantes, estudo comedido, forçamento de observação crítico-analítico. Porque, vamos dizer, pela própria índole e formação do povo brasileiro, o nosso romance é poesia e a nossa poesia romance em poemas de heroísmo e de amor.

Não sei quem igualar ao talento de Paulo Setúbal. Fixador extraordinário de individualidades, caracterizador de tipos, eu o considero um irmão daquele

finíssimo Antero de Figueiredo, que, em terras portuguesas, vem escrevendo em tom amoroso as mais belas páginas da literatura histórica.

Se outro mérito não possuísse este nosso escritor, pelo menos não se lhe negue a honestidade intelectual.

“Marquesa de Santos” e “Príncipe de Nassau” são obras acabadas. Se por acaso, nesta página de melancólica saudade, fôssemos fazer literatura comparada, não vemos no inefável Maurois nada de superior ao nosso Setúbal. Os meios de que se serviu o homem brasileiro é que foram bem mais parcós, em tudo mais imprecisos. Apesar disso, muitas das obras de Maurois, sem levar em conta o aparelho circulatório intelectual de que pode lançar mão um escritor francês, encontrou leitores tão ávidos e divulgadores tão interessados como a “Marquesa de Santos”.

Acredito nessa extraordinária escola de arte formada por Paulo Setúbal. Vimos o que se fez de notável, após o aparecimento memorável desses livros definidores. Investigou-se, o que é mais nobre, o sentido humano da história do Brasil. E foi Paulo Setúbal esse humanizador.

Um simples telegrama, divulgado em laconismo, pelos nossos jornais, trouxe-nos de São Paulo a notícia da morte desse audacioso abridor de estradas.

Nós que o vimos nascer, para a glória da inteligência brasileira, não podíamos deixar de reservar um canto do nosso coração àquele que vem ensinando o conhecimento do Brasil às juventudes inquietas que se sucedem.

Perdoe o leitor a simplicidade desse “in memoriam”. Tirada do fundo do coração sem forma preconcebida, esta página é o agradecimento que deixamos em público a um dos mais belos peregrinos da inteligência.

## O LIVRO DE MAGDALENA CAMUCÉ

*O Dia – 26 de agosto de 1937.*

Um livro cheio de poesia é o que nos traz a srta. Magdalena Camucé. Escrito com simplicidade e galhardia, deve ser apreciado com o sentimento. Não vem intelectualizado, arcado de notas rítmicas pesadas. Vê-se, desde o início, que a maior preocupação da autora foi fixar, em duas pequenas páginas, em pequenas linhas, um grande romance das cidades, à maneira de Humberto de Campos, a quem devemos as linhas mais ardentes sobre essas pequeninas tragédias ignotas e desconhecidas de todos os dias.

**Carta a um Menino que Não tem Mãe** é um documentário sublime de emoções suaves. “O destino, cedo, já marcou você. Mais tarde, homem feito, por muito que a vida lhe tenha dado em riquezas, você será sempre um homem triste, terá sempre pela metade a sua alegria”. Veja o leitor quanta poesia nessa curta frase. O pequeno ensaio sobre **Silvia Serafim** traz muita palavra nova de angústia. Vejamos esta outra frase: “Não conheci, em pessoa, Silvia Serafim. Apenas sabia que havia nascido mulher bela, inteligente e sensível, isto é, largamente dotada para não ser feliz”.

A srta. Magdalena Camucé escreveu livro sério demais para um espírito moço. Sério e profundo. As palavras sobre Silvia Serafim, repito, devem ser meditadas, marcadas a compasso, emoção por emoção.

Eis o que se pode chamar um belo livro, onde trabalhos de resignação triste, de cativante sensibilidade, dolorosos por vezes, vêm anunciar aos quatro ventos do Brasil o aparecimento de uma escritora de pulso, de uma mulher que sabe dizer o que sente, que tem o coração na terra e o cérebro sobre as nuvens.

Que predileção pelo silêncio, pela sombra, pelas paisagens mortas! Quanto amor pela luz, pela imensidade desse nosso imenso! Eu acredito na arte da srta. Magdalena Camucé, nessa arte que nasce do coração e passa pela inteligência.

# PANORAMA DO MODERNO ROMANCE BRASILEIRO

*O Dia – 20 de outubro de 1937.*

O mundo moderno perdeu precisamente o equilíbrio quando pensou conquistá-lo por intermédio do espírito.

O romance atual, interpretando o sentir do tempo presente, não ficou alheio a essa crise de desespero.

A poesia, ao contrário, embarafustou-se pela metafísica, perdendo todo senso do real e degenerando em anarquia.

Parece haver, em nosso tempo, atingido o romance sua plenitude. Enquanto a poesia, tentando narrar um profundo sentimento interior, não tem oferecido senão alguns poemas realmente expressivos, obras efêmeras de deslumbramento egocêntrico.

É fácil de observar que o romance atingiu ao seu máximo, com mais ambiente, mais atmosfera respirável, maior penetração, dentro do homem, fora do mundo ou dentro do quadro limitado da natureza.

A poesia, que era a liberdade, hoje é a prisão em nossa tortura, encarceramento em nossa angústia, irradiação natural de nossa inquietude.

O romance não tem fronteiras. A própria poesia está no romance, no arrojo das introspecções, na intensidade da existência, no choque de valores, na transição

de panoramas, no conflito econômico de interesses díspares, na reação política, no extra e no sobrenatural.

Por isso, seria perigoso tentar o elogio do romance. Principalmente na literatura brasileira, onde as tendências são as mais variadas e as orientações no muito das vezes extremamente perigosas.

Seria o momento de fazermos justiça ao sr. Octávio de Faria. De uma estirpe intelectual notável, que, sobretudo em França, vem dando escritores da têmpera de um Marcel Arland, Drieu La Rochele, Daniel Rops, Joseph Peyre e Charles du Dog. “Mundos Mortos”, se não é um grande romance pela perfeição da técnica, o é pelo menos como um documentário vivido esplêndido, rebelde, anárquico, inquieto, flutuando em infiltração permanente de fê, de ardor religioso. Os mesmos defeitos de Daniel Rops. As mesmas indecisões de François Mauriac.

Dos paisagistas, entre aqueles que procuram aqui fora os elementos de construção poética, o sr. Jorge Amado está no primeiro plano, na vanguarda. Esse não é da linhagem dos Rougemont ou dos Drieu La Rochele, mas dos Michael Gold e Upton Sinclair. “Jubiabá” é alguma coisa de novo. “Capitães da Areia” tem um defeito, repete muito fato de “Mar Morto”, cujo desenrolar foi para mim uma grande surpresa. Tenho “Mar Morto” como uma grande revelação literária.

Dizem que o sr. Jorge de Lima é poeta. Não creio, é um romancista de motivos poéticos. Nunca fez poesia pura. “Essa Negra Fulô” é quase entrecho de romance. O “Anjo” e “Calunga” não desmentem. Ali tudo é poesia.

O sr. José Américo de Almeida, à medida que a gente vai lendo, menos material poético vai encontrando. É um homem bastante preocupado com a construção literária, com as frases de efeito, como aquele Noel Coward lá da Inglaterra. Pouco inspirado, procura nos acontecimentos cotidianos o que escrever. Com um pouco de imaginação, tornar-se-ia, com as devidas restrições, um homem de teatro como o britânico Coward.

O sr. Plínio Salgado representa um ideal político. Cheio de poesia, de motivos poéticos, de forte têmpera de romancista, tudo sacrifica pela idéia, pelos imprevistos da campanha doutrinária a que se aventurou.

Os srs. Amando Fontes e Graciliano Ramos, bem como a sra. Rachel de Queiroz, fazem novela de família. Lembram um trabalho ultimamente publicado de Georges Duhamel, em que o escritor francês mostra os elementos familiares novelescos abundantes, valiosos, para a elaboração de interessantes obras de ficção. Em “Corumbas” e “Angústia” é o que se vê. “Caminho de Pedras” já faz da sra. Rachel de Queiroz uma ficcionista diferente. “O Quinze” e “João Miguel” revelam ambientes restritos, de família, bem mais largos, devido à tragédia que envolve aos personagens principais, que os livros dos srs. Amando Fontes e Graciliano Ramos. O sr. Érico Veríssimo, fora os vislumbres que apresenta de uma prosa mais livre, é também apegado às coisas de família. “Caminhos Cruzados” são pequenas tragédias íntimas, sem importância, vulgares até certo ponto. “Clarissa” é outra história leve que recorda muitos livrinhos passadistas de Bourget e “Helena”, de Machado de Assis, toda aquela literatura feminilizada de Henri Ardel.

O sr. Lúcio Cardoso não sabe o que fazer com os seus personagens. Ainda é um escritor bastante indeciso com o destino de sua obra. É o espírito de mais aguda penetração entre os nossos ficcionistas de talento. Outro arguto penetrador de almas é o sr. José Geraldo Vieira. Apesar de não ser brasileiro, “Território Humano” é romance bem nosso. “Sob o Olhar Malicioso dos Trópicos” pertence a esse tipo de romance. O sr. Barreto Filho é o insatisfeito titubeando entre a angelitude e a animalidade. É o romance mais tenso que possuímos, esse do sr. Barreto Filho, de profundas análises interiores.

O sr. José Lins do Rego é o romancista autêntico. “Pureza” revelou-o um compreendedor de vidas mediócras. Para mim, falando com franqueza, prefiro esse romance do sr. Lins do Rego a todas as aventuras do doentio Carlos de Mello. O “ciclo da cana”, com “Banguê”, valeu pela revelação histórica íntima que nos trouxe em tão boa hora, quando pareciam escassos os motivos romancéaveis.

Os srs. Marques Rebelo, João Alphonsus, Ernani Fornari e Orígenes Lessa não passam de excelentes contistas. “O Joquete”, então, é um conto ampliado de maiores proporções. “Marafa” possui alguns aspectos de romance, aliás interessantes. A instantaneidade do sr. João Alphonsus prejudica muito o bom fazedor de romances.

O sr. Eduardo Freire é uma novidade. “Cabo das Tormentas” apresenta um romancista desleixado com a técnica mas um romance puro. O sr. Dionello Machado é outra novidade. Os “Ratos” mais parece uma blague. Outra novidade é o sr. Cornélio Pena. “Fronteira” agrada de início porque é um panorama. Nada de restrições, sem medida, os marcos são os morais, os do espírito. É um romance livre, apesar do nome evidenciar sujeição a certos limites.

O sr. Gastão Cruls é o romancista mais simples que possuímos. Um homem de poucas palavras. “Vertigem” é livro para todas as mães. Ao contrário do sr. Cruls, o sr. Matheus de Albuquerque é um complicado sentimental. O sr. Mario Sette faz do seu Recife o seu mundo, é um cronista das coisas da terra natal.

O sr. Abguar Bastos merece relevo especial. Não que seja um grande romancista. Sim, pela originalidade do tema. É o primeiro a tratar da castanha. “Safra”, apesar de cansativo, de dialogações doutrinárias entre homens rústicos, é um romance cinematográfico de aspectos tão variados que chega a prender o leitor.

O mais difícil é situar a sra. Lúcia Miguel Pereira. “Em Surdina” teve o mérito de estudar de perto vidas desencontradas. Prefiro a sra. Lúcia como ensaísta. Outra que aí vem é a sra. Ignez Mariz. Espírito próprio mas bem falho de imaginação. Não sei bem se “Barragem” é conto ou romance. Como romance, está cheio de defeitos. Como conto, não atrai devido à extensão do tema. O certo é que a autora sabe dissertar com facilidade e muitas vezes com arrojo.

Os srs. João Cordeiro e Clóvis Amorim ainda estão nessa fase intermediária entre o conto e o romance. Não são novelistas porque “Corja” e “Alambique” nada têm de novelesco. São dissertadores de casos, contadores de coisas. O mesmo acontece com o sr. Luiz Martins. Com a vantagem de que o sr. Luiz Martins chega a fazer dos seus personagens figuras de romance.

O último surgido é o sr. Nélio Reis. Observador de talento, consegue em “Subúrbio” criar tipos à maneira do sr. Luiz Martins, tipos verdadeiros de romance.

Poderíamos ainda citar muitos outros, como os srs. Menotti del Picchia, Paulo Setúbal, Viriato Correa, Alberto Rangel, etc. Os srs. Menotti e Viriato fizeram do romance uma zona de refúgio: um é poeta e outro teatrólogo.

Como romancista histórico, o de maior brilho foi o euclidiano Alberto Rangel. O sr. Paulo Setúbal, o mais inteligente, tomou de temas que impressionaram e continuam a fazer época. O romance, para os srs. Alberto Rangel e Paulo Setúbal, não foram mais que pretextos.

## GARCIA LORCA

*O Dia – 10 de novembro de 1937.*

**O**s últimos telegramas da guerra espanhola trazem-nos uma notícia dolorosa: Frederico Garcia Lorca, poeta e teatrólogo, acaba de ser fuzilado em Granada.

Não há quem não conheça de nome o grande escritor. Vai para dois anos que, escrevendo algo sobre o “Teatro de Pirandello” para um jornal de São Paulo, eu me referia a Garcia Lorca e o seu “Teatro Universitário”, com entusiasmo pouco comum.

Agora, uma notícia como esta, com sabor de tragédia, vem dizer-nos que o grande poeta da Espanha moderna, cheio de mocidade, é varado a balas num muro esburacado de uma das praças de guerra de Granada.

Silenciem os rugidos de ódio, cessem as batalhas, abafem-se nos peitos os rancores políticos – Garcia Lorca está morto.

Perde a humanidade um dos mais altos representantes da inteligência nova. Assassinado pelos seus próprios irmãos de pátria. Reduzido a nada por aquele mesmo povo que o adorava e que lhe deu a glória. Glória efêmera que a paixão pelo poder aniquilou.

Dizem que, estando em San Sebastian, quando ali chegou a novidade do fuzilamento de Garcia Lorca, Manoel de Falla, o pintor da raça, enlouqueceu. Só um homem como Falla poderia avaliar a enormidade da perda, o crime monstruoso que se acabava de praticar contra a humanidade.

Lorca não era um simples cidadão da Espanha: era um homem do mundo. A inteligência não tem pátria. O gênio não tem fronteiras.

Sob aquele mesmo sol da Andalucia, sobre aquela mesma terra que o vira viver, brotou o sangue do inocente. O autor de “Huerta de San Vicente”, o que é mais triste, foi trucidado. Nem a honra de morrer nos campos de batalha lhe coube. Nem o dever de morrer lutando como viver o soube.

Assombrando a Península inteira, fazendo teatro de paz, a sua obra foi como que uma mensagem de amor e de alegria. **Yerma** revela o crítico, o espírito sério, o indivíduo de profundas qualidades psicológicas. **Dona Rosita la soltera e el lenguaje de las flores** é o comediante sutil, o bom humor andaluz, o espírito solto de Granada.

**Dona Rosita** é a solteira provinciana, é o romance incontido das mulheres de toda a Espanha, a alma vibrátil de todo coração feminino espanhol. É a mulher comum e por isso mesmo grande. A mulher que pensa casar e dar filhos para a paz. A comédia também é um drama. Um drama que vivemos diariamente. Um drama nosso como um drama da Espanha. Basta para explicá-lo o entrecho sentimental, o sentimento apurado de renúncia. Aparece silenciosa em pleno fim do século XIX, filha de mãe puritana e ao lado de um tio botânico e darwinista, espiritualizada e perdida pela imaginação. Pálida, cheia de melindres e desmaios, entre dois goles de vinagre, **Dona Rosita** pensa criar filhos para a paz.

Terrível contradição dos tempos! Passa uma geração e eis todo o trabalho das mulheres espanholas, representadas por aquela mãe puritana e por aquele tio darwinista, derrubado à primeira bala que parte da boca de um canhão.

A história, porém, é outra. Como toda história, possui um drama de amor. A espera de **Rosita** pelo noivo não interessa. Preocupa mais é o espírito do tempo. A sucessão alucinante de fatos de ontem até hoje. O que mais vale é o sentimento intensamente humano das obras de Lorca. “Humano até a emoção mais funda e legítima”, como soube escrever Eduardo Blanco-Amor.

Não fora a morte grotesca desse grande amigo dos homens, quiçá não estaríamos cansando o leitor.

Tenho para com Frederico Garcia Lorca uma grande dívida. Aqui a deixo saldada com o coração sangrando e o espírito em convulsões, agradecido e penhorado, feliz até, pelos instantes luminosos que me fizeram passar os idílios, os contrastes, os desencontros, as pequeninas tragédias conjugais e íntimas das magníficas peças dos mais genial teatrólogo da Espanha do nosso tempo, esse caracterizador admirável de arquétipos tradicionais, esse homem que se chamou Frederico Garcia Lorca.

# ROGER MARTIN DU GARD

## PRÊMIO NOBEL DE LITERATURA DE 1937

*O Dia – 02 de dezembro de 1937.*

O Prêmio Nobel, este ano, em matéria de literatura, foi buscar um escritor da guerra.

Roger Martin du Gard não representa absolutamente, no seu isolamento em França, escola ou grupo literário.

Vem caminhando sozinho através dos anos, silencioso, carregando consigo as inquietudes do século.

Abandonado pelos companheiros de geração, pouco excêntrico, não sabendo fazer blagues, detestando o humor banal, esse homem que não sabe lisonjear a glória é bem no fundo um grande sofredor.

Retratista de panoramas interiores, sempre com os sentidos despertos para a vida, sério no que pensa e escreve, de uma sisudez clássica, às vezes irritante, Martin du Gard parece ainda ver diante de si, para tortura do seu espírito, a tragédia de 1914.

Só quem perdeu algo de muito querido na hecatombe das nações, estou certo, poderá totalmente aperceber-se das maravilhas de conteúdo emocional desse extraordinário e torturado novelista.

Martin du Gard é um só. Não é revolucionário. Como artista nem mesmo sabe onde possa estar o marxismo. O movimento do “Front Populaire” é uma

avançada de românticos, um golpe de poesia extrema. Sabe sentir e compreender, é o que mais agrada. Primeiro sentir para depois compreender.

Esse homem à procura de tragédia, esse espírito à procura de sofrimento, essa alma eternamente torturada por visões que nunca mais passaram é a inteligência mais aguçada e penetrante do nosso tempo, a mais formidável revelação de homem que sente e pensa de toda uma época alucinada.

Um dos seus protagonistas, Jacques Thibault, reacionário de índole rebelde, faz-se um apóstolo de paz quando vê perigar o patrimônio da humanidade civilizada. Assim Roger Martin du Gard tenta evitar mais conflitos historiando o que foram os passados. Rememorando destruições inúteis. Focalizando aspectos dolorosos de uma tragédia imensa.

O romance “Été 1914”, no que de valor artístico afasta-se de “Les Thibaults”, vem por fim realizar a intenção da obra central de Martin du Gard.

Stefan Zweig, esse interessantíssimo fixador de caracteres, chegou a afirmar que, “se em diversos países se houvessem levantado cinquenta homens com uma decisão como a que Roger Martin du Gard pinta em seu protagonista Jacques Thibault, esses indivíduos heróicos deveriam quiçá feito impossível aquela catástrofe mundial”. E Jacques Thibault, em toda sua vida que foi uma só luta, é o próprio Martin du Gard, cheio de mais arrojo, mas forte em suas decisões, dizendo sorridente o que pensa, pensando alto o que sabe ser verdade.

O escritor de “Été 1914” é desses admiráveis da têmpera de Romain Rolland. Não é um alheio como aquele impossível Henry de Montherlant. Não é um romântico à maneira de um André Breton ou Marcel Arland. Não chega a ser um imoralista, como esse escandaloso André Gide.

Eu o tenho, em meu juízo crítico, como um desses indivíduos estilhaços, perigosos, sempre espalhando fogo, falando com a contundência de uma lógica irretorquível, penetrante, retalhadora. Eu o comparo, salvo restrições em coisas de técnica literária, ao Malraux de “La Condition Humaine”, aquele sério e arrojado Malraux, novelista revolucionário, mais do que revolucionário porque também rebelde, um homem que arranca de armas para proteger a paz.

É bom lembrar que o chefe do “Front”, sentindo a aproximação da guerra civil espanhola, transportou-se para Madrid, decidido a lutar, uma vez que já julgava “tudo perdido”, com aqueles com quem sentia estar a verdade.

Um ponto, porém, é bom que fique bem claro. Martin du Gard, atualmente é outro, bem diferente, bastante distante dos anos que já passaram. O aparecimento de “Les Thibaults” foi de logo após a guerra. Todo esse tempo, ele ficou, por assim dizer, afastado, conservou-se indiferente aos grupos, fez com o isolamento o silêncio mais completo em torno de sua existência. E com que gosto – contam os que ainda se conservam seus amigos – privam daquele bucolismo político, daquelas geniais convicções que ficaram lá para dentro.

O destino aprecia mesmo muitas curvas como esta. De “Les Thibaults” a “Été 1914”, a distância é tão imensa, tamanha é a mudança de atitude perante a vida que não sabemos o que apreciaremos mais: o Martin du Gard provocador, arrogante, gritador, ou se o Martin du Gard silencioso, poeta da própria vida, quieto, indiferente.

Creio que não desconhecia o júri que lhe ofereceu o Prêmio Nobel deste ano esse tumulto invisível de atitudes, essa pronúncia diferente sempre e sempre clara, o Martin du Gard exteriorizado e depois interiorizado, os dois Martin du Gard: o revolucionário e o pacífico, o interessado e o descrente.

Homens como Roger Martin du Gard só conhecem extremos. Detestam os meios termos. Homens sem amarras, de vida livre, pensando certo, homens de revoluções, são sínteses admiráveis de uma época.

Quem quiser, pouco mais de perto, sentir e conhecer, para analisar, o que é a inquietação do nosso mundo, do mundo que nasceu da alvorada do século vinte, tome das obras de Roger Martin du Gard e ali encontrará a própria explicação dos nossos complexos vitais.

Martin du Gard, como homem expoente, característico da época presente, representativo do indivíduo que hoje vive, é o escritor mais real, menos fantasista, por isso, em França, o intelectual menos afeito à crítica fácil.

O Prêmio Nobel em ninguém ficaria melhor. Premiaram já a tristeza apocalíptica de um Knut Hansum, a languidez literária de um Sinclair, as inversões

## AINDA SOBRE ROGER MARTIN DU GARD

*O Dia – 20 de janeiro de 1938.*

Quando a Real Academia da Suécia, entre Valéry Estaunié e Rosny, concedeu o Prêmio Nobel de Literatura deste ano e Roger Martin du Gard, fui dos primeiros a dar brilho ao ato memorável.

Valéry por certo mereceria a consagração do “prêmio universal”. Não diríamos tanto de Eduardo Estaunié ou J. H. Rosny. Ambos não representam em coisa alguma o “instinto literário do nosso tempo. Valéry, ao contrário, é o poeta dos acordes revolucionários harmoniosos, o homem de pensamento limpo e certo, o indivíduo de atitudes políticas definidas, que sabe pensar ao seu modo e porque pensa ao seu modo.

Estaunié é o comodismo intelectual, o descaso pela vida universal da inteligência, o egoísmo cerebral. Rosny, tudo quanto nos legaram as velhas culturas individualistas, o marxismo e o liberalismo, é o utilitário do momento e a blague inexpressiva de todos os instantes. Um, o homem que pouco liga para a vida. Outro, que gargalha da vida, das nossas misérias e das nossas angústias, das nossas aspirações e dos nossos ideais. São seres sem crença humana, pouco afeitos a essa formidável tragédia íntima que consome, uma a uma, todas as gerações do pós-

guerra. Ao passo que Paul Valéry é o homem no tempo e no espaço, é o homem sem limites e sem distâncias, de sentimentos bravos e gestos elegantes, é o nosso homem da revolução.

Já é notável o ser um intelectual de renome em França. O resto pouco importa. Quando conquistou a França, o autor de “Les Thibault”, apesar do pouco volume de sua obra, já esperava silencioso a consagração universal que lhe trouxe o Prêmio Nobel.

Desde 1901 que Paris vem enviando à Suécia o que possui de melhor e de mais intensamente expressivo. Em 1901, foi Sully Prudhomme, um belo poeta de ritmos elegíacos, boêmio e sofredor, cheio de amarguras profundas e de esperanças vãs. Um poeta que não foi do mundo, mas soube ser da França.

Logo após, em 1904, foi Mistral, o poeta sublime das cadências suaves, o admirável criador de ritmos amorosos, o sensibíllissimo Mistral das imagens gregas e das fantasias helênicas.

Em 1915, foi o educador político, foi Romain Roland, o homem que estava acostumado às turbas de Paris, ao amor do próximo. Note-se que Roland, um batalhador incansável da paz universal, anti-guerreiro, com tendências para o socialismo radical, em pleno conflito sangrento de nações, onde implicada estava também sua pátria, alcançou da totalidade dos juízes da Academia da Suécia, o sufrágio incondicional que a sua inteligência e ação bem o mereciam. Premiaram um coração confiante nos destinos da cultura da humanidade civilizada.

Cessadas as hostilidades, cansada a humanidade toda de lutar por um ideal impossível de poderio e conquista, fraca, pusilânime, incapaz de sentir a vida na extensão dos seus sentidos, em 1931, premiou-se a irreverência no gênio debochado do imortal Anatole France.

Anatole France não representava nada do que mais prezamos e idolatramos. Inteligência agudíssima, bastante genial, capacidade empreendedora e compreendedora notabilíssimas, interpretou no tempo a desesperança e o descrédito, a malquerença e o ódio, fez da blague uma arma de poderosa destruição, da ironia pérfida e intrigante o meio mais fácil de atingir uma possível celebridade.

Mais tarde, em 1927, Henri Bergson buscou na Suécia a consagração final de sua filosofia da vida. Homem afeito aos rigores das grandes tragédias cósmicas, Bergson é o maior orientador do mundo moderno.

Agora é o nosso Roger Martin du Gard. Pode-se dizer um completo desconhecido em nosso continente, desconhecido para o mundo. Só o conhecem os acostumados ao manejo das idéias e à vida agitada da inteligência. Bastou isso para que conseguisse em breve tempo alcançar a maior grandeza espiritual no cenário inconstante das letras universais.

Era preciso que Martin du Gard significasse algo de muito elevado no conceito da França moderna, para que pudesse de maneira tão eloqüente superar homens da têmpera espiritual de um Valéry, de um Claudel ou de um Gide.

Um amigo meu carioca, escrevendo-me certa vez, aconselhou-me com entusiasmo a leitura de “Les Thibault”, **um livro compressor, chocante, belo e sublime nos seus profundos arroubos revolucionários.**

Não é nada fácil de definir-se Martin du Gard. De sua vida, nada sabemos, e quase ninguém o sabe. Do seu irmão Maurício, sabemos que é unicamente diretor da “Nouvelles Littéraires”. Conhecemos e sentimos o que escreveu. No silêncio em que vive, no recolhimento de sua vida, o mundo que vem criando é o mundo com que sonhamos, o mundo dos nossos mais insubsistentes ideais de afirmação. Por isso ele satisfaz, satisfaz quando nos leva para longe das agruras de uma triste realidade, satisfaz quando nos faz sonhar com aquilo que moços não podemos conseguir e que passada a mocidade não sentimos força para atingir.

Martin du Gard é um nosso. Fala-nos com sua arte ao coração e ao cérebro. É o mais autêntico mensageiro da inteligência moderna da França. É o homem que soube entender da melhor maneira o mundo em que vivemos.

# ASPECTO DA EVOLUÇÃO DA CRÍTICA LITERÁRIA NO BRASIL

*O Dia – 26 de janeiro de 1938.*

O sr. Tristão de Athayde, com o brilhantismo que é peculiar ao seu espírito, publicou há pouco uma sinopse da evolução da crítica literária no Brasil.

A literatura de um país é, para o sr. Tristão de Athayde, uma resultante de obras, autores e movimentos. “E pela crítica é que estes últimos adquirem consistência, integram-se na tradição de um povo, agem e reagem sobre movimentos universais ou extra-literários”.

Esquece o nosso grande escritor dois pontos de maior relevância: a crítica possui função social e é além de tudo obra de pura interpretação.

Dizer que tão-somente há crítica quando os motivos literários a isso obrigam é desmentir a independência de observação e análise da inteligência humana. A própria obra do sr. Tristão de Athayde é de autêntica criação, até mesmo apresenta aspectos de vibrante inovação literária. O seu “Affonso Arinos” é um tipo novo que nos revela, é um verdadeiro ensaio de reconstrução de uma individualidade. A série de estudos não mostra tão pouco só a agudez do crítico, mas o pensador que afirma as suas idéias, ensina o que julga sua verdade, aponta caminhos como homem que sabe para onde vai e onde quer chegar. O crítico, quando faz questão cerrada de ser somente crítico, cai naquela literatura intolerável de Silvio Romero. Não acredito que alguém que viva às boas com a literatura possa aceitar o

“Machado de Assis” de Silvio Romero como real análise da obra do magnífico autor de “Dom Casmurro”.

Silvio Romero foi sempre um erudito. Nas grandes obras de erudição, como a sua **História**, é que melhor deixou marcada sua extraordinária personalidade de homem de pensamento.

Essa chamada reciprocidade entre a crítica e a obra de criação não existe. Em França, sabemos de momentos maravilhosos, momentos de verdadeira exaltação intelectual e artística, em que a crítica nada influiu por não existir.

Flaubert, logo após a publicação de “Madame Bovary”, foi tão atacado, viu o seu trabalho tão surrado pelos registradores de obras novas que mal o leram, que sentiu a utilidade quase social de uma crítica informadora capaz e orientada. No entanto, Flaubert viveu quicá o momento mais admirável da inteligência francesa.

De outros instantes sabemos em que a própria literatura é só a crítica. De obras de criação insignificantes dando vantagem ao exame de homens e de idéias.

Penso que o sr. Tristão de Athayde teve em mira evidenciar um possível papel para as atividades críticas. Isto porque, afirmar que a criação precede a crítica é quase dizer, quando a história demonstra o contrário, que não havendo crítica é porque não há obras de criação ou que, não havendo obras de criação, a crítica deixa de existir. Ora, o argumento, como vemos, por si já não agüenta. Não é a crítica que realiza uma literatura nem esta que traduz aquela. Vemos através do tempo homens que só muito após conseguem o prêmio dos seus trabalhos intelectuais. A incompreensão sempre fez parte da história da inteligência. Ao tempo de Montaigne, por exemplo, escasseavam obras de criação, sem que, no entanto, o sutil escritor de “Ensaaios” abandonasse a notável **verve** de crítico que tanto o celebrizou.

Entre nós é que o fenômeno então se apresenta mais desconexo. Em toda nossa rápida história, poucos são os críticos na exata expressão da palavra. Alencar até hoje ainda não teve o interpretador que merece. Tobias tem sido atacado e defendido sem resultado algum de útil para a crítica. Farias Brito – tratando-se dos homens de pensamento – a não ser no rápido ensaio do sr. Tristão de Athayde

ou na ligeira página que sobre ele escreveu o sr. Tasso da Silveira, ainda procura um espírito que o compreenda, um analista verdadeiro de sua vida e de suas idéias. Fazendo um parêntese, é por notar que quase toda a nossa literatura biográfica é uma confusão de casos e de datas.

Fernandes Pinheiro, Sotero dos Reis ou Pereira da Silva não são os críticos que procura revelar o sr. Tristão de Athayde. Simples anotadores, registradores de qualidades ou defeitos de linguagem. A falta de orientação ou de mais amplos conhecimentos de literatura comparada impediu que um escritor como Fernandes Pinheiro pudessem com vantagem se dedicar à crítica. Pereira da Silva foi um homem dos opacos registros literários. Sotero dos Reis apenas um bibliófilo que pouco fez pelas letras.

Reais tendências para o espírito crítico, medido e pesado, sereno e justo, nós vamos encontrar em Araripe Junior e José Veríssimo. Veríssimo deixou-se dominar muito pelo mesmo **registro em forma** de Pinheiro ou Sotero. Em coisas de literatura estrangeira, Araripe foi um notável. “Ibsen”, podemos dizer que é uma das maiores obras de interpretação crítica que já se publicou sobre o genial dramaturgo de “Casa de Boneca”.

Entre os mais modernos, não é possível esquecer Ronald de Carvalho. Não que Ronald tenha querido ser um crítico de profissão. O poeta de “Toda a América” foi um dominado por estésias puras, um esteta, um humanista. Fez boa crítica como fez boa poesia. Tinha como pendor do seu espírito inclinação para os grandes vãos da inteligência.

Nestor Victor merece evidência como divulgador do simbolismo. A sua reação ao naturalismo crítico em favor do subjetivismo literário foi para nós um grande avanço no domínio do espírito.

O próprio Tristão de Athayde, falando dos mais modernos, define a atividade dos mesmos como uma **reação do bom gosto**.

Agripino Grieco e Octávio Tarquinio de Souza, José Geraldo Vieira, Mucio Leão, Plínio Barreto e Tasso da Silveira, atualmente, na imprensa, realizam a crítica, sob maneiras diferentes.

Agripino é o homem que deixa de ser crítico por não o querer ser. É um dominado de excessos de humor. Demasiadamente combativo. Muito justo mas pouco sereno. Por isso mesmo, bastante perigoso, contundente até.

Não sei se podemos chamar de crítico ao sr. Tarquinio de Souza. Em vezes, ajuíza com brilhantismo. Em outras, é um repórter que vem contar o que leu sem muita certeza das conclusões a tirar. Assim também os srs. Plínio Barreto e José Geraldo Vieira. Os srs. Tasso e Mucio Leão, para quem costuma ler os suplementos do “Jornal do Brasil” ou da “Nação”, são registradores costumazes, repetidores de idéias de livros e autores, sem com isso querermos tirar o grande mérito que possuem de finos observadores, inteligentes e perspicazes, capazes de grandes e profundos avanços, como por exemplo, Tasso no seu trabalho inconfundível sobre Romain Roland.

Entre outros que vão ficando está o sr. Octávio de Faria. Toda sua obra possui um agudo sentido crítico. E também a sra. Lúcia Miguel Pereira, cujo ensaio “Machado de Assis” é um tratado de observações aproveitáveis.

## “VIDAS SECAS” - O ROMANCE DE 1938

*O Dia – 24 de junho de 1938.*

Cansados e famintos dentro da planície avermelhada, entre juazeiros e catinga rala, depois de um dia inteiro de caminhada fatigosa, arrastando devagar o fardo de um destino pesado, sinhá Vitória com o filho mais novo escanchado no quarto e o baú de folha na cabeça, e Fabiano sombrio, cambaio o aiol à tiracolo, a cuia pendurada numa correia presa ao cinturão, a espingarda de pederneira no ombro, caminhavam, caminhavam após três léguas de caminhos já vencidos. “A catinga estendia-se, de um vermelho indeciso salpicado de manchas brancas que eram ossadas. O vôo negro dos urubus fazia círculos altos em redor de bichos moribundos”. Na véspera eram em seis o número dos viventes. A fome, ao correr demorado do tempo sem fim, apertava demais os retirantes e por ali não existia sinal de comida. Fabiano procurara raízes; o resto de farinha acabara, não se ouvia um berro de rez perdida na catinga. As manchas dos juazeiros longínquos apareciam e desapareciam, aproximavam-se, recuavam, sumiam-se. “Fazia tempo que não viam sombra”. Os calcanhares tornaram-se duros como cascos, gretavam-se e sangravam. Fabiano pensava e delirava, no horror do deserto, sem esperança. Sinhá Vitória pensava em acontecimentos antigos: festas de casamento, vaquejadas, novenas, tudo numa confusão. Fabiano pensava e delirava, envolto na tragédia da paisagem. “Num cotovelo do caminho avisou um canto

de cerca, encheu-o a esperança de achar comida, sentido desejo de cantar. A voz saiu-lhe rouca, medonha. Calou-se para não estragar força”. Uma alegria louca dominou o coração de Fabiano. “Miudinhos, perdidos no deserto queimado, os fugitivos agarraram-se, somaram as suas desgraças e os seus pavores”.

### II

Mudança de cenário. O panorama já não é o mesmo. É outro o panorama. Há mais alegria, mais vida, comida para a família inteira. Eram todos felizes. Sinhá Vitória sentia uma saia larga de ramagens. As roupas de sinhá Vitória provocariam a inveja de outras caboclas. Baleia não mais jantaria os pés, a cabeça, os ossos do amigo Papagaio. Os dias eram outros. O tempo passava mais rápido. Já era possível pensar mais a sério na vida. Os filhos não mais dormiriam em folhas secas, cobertos com molambos. Sinhá Vitória estava alegre. Fabiano cantava, a voz não era mais rouca, nem medonha, podia gastar forças. Tudo mudara. Esqueceu fome, cansaça, ferimentos. Voltaram a conversar. As vermelhidões do poeta já eram poesia. Poesia por toda parte. Sinhá Vitória engordava. As mãos de sinhá Vitória não mais sentiriam a magreza cadavérica dos joelhos ossudos. Havia água, água demais, água de afogar gente, com água muita esperança. “E Fabiano esfregava as mãos. Não havia o perigo da seca imediata, que atemorizava a família durante meses”. Fabiano sentia-se capaz de atos importantes. A felicidade estava chegando, depois de lutas, sofrimentos, a comida vinha trazendo a felicidade pela frente.

### III

Mais um Natal passou com festas. Fabiano, Sinhá Vitória, com os filhos, foram até a cidade ver o Natal. Tudo mais bonito, mais sério, ninguém sentia fome. Baleia não mais lembrava do papagaio que ficara em ossos no deserto esquecido. Fabiano ficou forte, feliz, crescia, já desafiava soldado amarelo. Ganhou valentia. Baleia, porém, é que não ia bem. Estava emagrecendo, o pêlo caindo pelo corpo todo. Fabiano amarrou no pescoço do cachorro um rosário de sabugos de milho queimado. Mas Baleia morreu. Era o destino. Baleia não podia viver eternamente.

Com Baleia foi embora a felicidade. Novamente a indecisão do futuro. Toca a caminhar, nova volta ao sertão bruto, ao deserto em fogo. Sinhá Vitória sonhava uma cidade grande, cheia de pessoas fortes. “Os meninos em escolas, aprendendo coisas difíceis e necessárias. Eles dois, Fabiano e Vitória, velhinhos, acabando-se como Baleia, como uns cachorros inúteis”. O sertão mandaria para a cidade homens fortes, brutos, como Fabiano, sinhá Vitória e os dois meninos”.

#### IV

Eis aí uma admirável tragédia das secas. Graciliano Ramos é o romancista. “Vidas Secas”, o maior e o mais extraordinário romance de 1938. Aqui podemos avaliar a enormidade da luta entre a natureza e o homem. “Vidas Secas” é um testemunho fervoroso do sofrimento do homem brasileiro. Depois de José Américo e Rachel de Queiroz – só Graciliano Ramos. Imaginemos nós, aqui de longe, de remanso delicioso de nossos quietos gabinetes de leitura, o que seja a vida do homem rude do Brasil! Essas levas imensas, tristes de retirantes, abandonando suas casas, suas terras, suas lavouras bem cuidadas, abandonando paisagens que falam ao coração e ao sentimento! A dureza do sol, a fome, a falta d’água, um indefinível drama humano! “Vidas Secas” é um livro doloroso. Doloroso para quem ama o Brasil e sente a tragédia do homem brasileiro do nordeste. Porque o drama, intenso, de sangue, não é só do nordeste, é do Brasil inteiro. Não é o espetáculo da fome, de quadros de pavores indescritíveis, de multidões de desgraçados, a visão de caminhadas longas e sem destino, que valorizam o romance de Graciliano Ramos. É a dor que faz o romancista fugir do patético e atingir a realidade. Caem as chuvas e vem a transfiguração. A beleza dos quadros está sintetizada acima. Graciliano comove, aperta o coração. “Vidas Secas” é o seu maior romance. Depois da chuva vem nova prosperidade. Tudo vai bem enquanto chove. Basta água para haver felicidade. No capítulo final, Graciliano afirma os pendores de grande romancista. Um intelectual que vale o nome que carrega. Um espírito que compreende o sofrimento e sabe interpretar a dor daqueles heróis desconhecidos, ignorados dos gozadores e dos sibaritas.

#### V

Fui eu quem primeiro falou de Graciliano Ramos no Paraná. Li “Cahetés” e saí entusiasmado para a rua, contar o que li. Foi a mesma impressão que me trouxe a leitura de “Bagaceira”. Eu também bem sofro um pouco sabendo que há ainda gente que sofre no Brasil. Depois veio “S. Bernardo”. Disse pelo “O DIA” o que se pode dizer de um grande romance, de um romance escrito com o coração. “Angústia” me impressionou menos. Não sou lá muito amigo de tragédias íntimas. Detesto fantasias interiores. Interiorizações pachorrentas, sem interesse. Pouco nobres e sem elevação. Esse “Vidas Secas”, porém, fica longe de tudo isso. É bem perto de “Bagaceira”. Há quem não considere José Américo um grande romancista. Não acredito, no entanto, que haja alguém que não considere “Bagaceira” o maior romance moderno do Brasil.

Quando faço crítica evito sempre o elogio fácil. Está no meu método traduzir o pensamento do autor, para depois, dizer o que sinto e penso. Com “Vidas Secas” vou além. Aconselho a leitura. Não para frívolos e desinteressados. Mas para os espíritos sérios e atentos aos grandes fatos humanos. Não é um livro para quem não saiba pensar e sentir. Não fica bem em qualquer mão. Sei que muitos o detestarão. Outros nada compreenderão. Aconselho a leitura para aqueles que sentem um Brasil e trazem dentro do peito um coração em vida. Nele não há cenas espetaculares, não há coruscações de eloquência mórbida, não há encontros eróticos – há o homem que sofre do Brasil.

# VIDA, OBRA E MORTE DE NEWTON SAMPAIO

*Conferência pronunciada no Círculo de Estudos “Bandeirantes” pelo dr. Manoel de Oliveira Franco Sobrinho*

*O Dia – 16 de agosto de 1938.*

O Círculo de Estudos “Bandeirantes” realizou, há pouco, uma sessão em homenagem à memória de Newton Sampaio. Sobre a figura do grande escritor morto, falou o dr. Manoel de Oliveira Franco Sobrinho, pronunciando a conferência que abaixo transcrevemos na íntegra:

“Diante de Newton Sampaio morto, que, em sua curta existência, sentiu a vida e viveu-a com tamanha intensidade, nós, os que o estimávamos fraternalmente, sentimos que tombou o primeiro grande lutador dessa nossa geração de 20 anos.

Esse Newton Sampaio, que vimos passar em meio à angústia geral, representa o drama íntimo de uma juventude inteira.

Newton Sampaio foi, em nosso tempo, uma nota de alta ressonância intelectual. Foi um homem que sonhou. Chegou a ser humano e sofreu. Entre o sonho e a realidade, construiu um mundo de fé e de entusiasmo.

## CONHECIMENTO DO DESTINO

Newton Sampaio teve uma só dor profunda. Foi quando, no seu recanto silencioso de estudante pobre, sentia a aproximação do INEVITÁVEL.

Viveu então momentos de desencanto e de tristeza. O sonho, porém, afastou-o da amarga realidade. Sonhou como sempre sonhara. Evocando mundos

perdidos, fantasiando o próprio sonho na ânsia insuperável de sobrepor-se à fatalidade das coisas, Newton sempre conseguiu afastar o pensamento da hora final que já vinha próxima.

Diante da consciência profunda do seu mal, ele deixou dominar sempre o ardor de uma imaginação exaltada.

Ao contrário do que se podia esperar, a sua obra foi construída num ambiente de saúde e mocidade.

Perto da morte, certo do IRREMEDIÁVEL, viveu até o último minuto amparado pela esperança de viver. Não temeu o fim. Acreditava na vida. A necessidade de EXISTIR fez com que ele resistisse com heroísmo à própria idéia da morte.

## CONFIANÇA NAS PRÓPRIAS FORÇAS

Não se poderá nunca negar a coragem com que soube enfrentar as determinantes de um destino adverso.

Sua inteligência nunca soube duvidar. Se houve momentos em que sua fé se ateve abalada ante as negações do século, nunca se deixou vencer, porque o seu espírito pairava bem acima das misérias que nos rodeiam.

Difícil, como vemos, definir uma personalidade como essa. Poucos a conheceram. Poucos reconheceram valor em Newton Sampaio. Um nome quase apagado, uma obra inédita, um universo desconhecido.

No entanto, esse nome, essa obra, esse universo, significam para nós a afirmação de um grande espírito.

Quando lembro que uma antecipada morte impediu a realização total da obra que esse espírito arquitetava, eu me inclino a duvidar do valor do esforço humano. Quando, porém, evoco a figura do grande amigo morto, eu me sinto confortado. Aquele heróico esforço para a vitória, aquela confiança em si mesmo, aquela esperança de vencer a morte nos trazem a convicção de que foi ele o primeiro na luta, de que foi ele o primeiro que venceu a VIDA.

O combate que travou foi de morte. O que não importa quando a gente sabe lutar. O que mais vale é que, para nós, os amigos da geração, a lembrança de Newton é uma resposta a todas as nossas inquietações, um consolo para todos nós que sentimos inquietos a imperiosidade do destino humano.

## OS ÚLTIMOS MOMENTOS

Largado ao mundo, sozinho, sem apoio de espécie alguma, longe do carinho da família, desde cedo órfão de mãe, em vida ninguém pensou ajudá-lo.

Lutou do começo ao fim. Só de escolhos encontrou caminhos. Tudo, para Newton, na vida, foi uma agonia profunda. O seu amor ao mundo e às coisas do mundo foi profundamente doloroso. E em tudo, nos menores gestos – envolto em um otimismo sem explicação lógica – uma tristeza infinita, inquietante.

Newton carregou consigo, bem dentro do coração, a tortura da tristeza, uma tristeza quieta e mansa. O seu entusiasmo serviu para acalantar uma vida amargurada. Nunca soube ser um gozador. Recolheu no espírito toda tristeza universal.

Poucos sabiam que aquele rapaz, robusto de idéias, agitado e enérgico, era um sofredor, um triste.

Nós, que o acompanhamos desde cedo, que tivemos a amizade de Newton, nunca jamais ouvimos uma queixa, um lamento.

Era a conformação absoluta, a compreensão total da vida. Sofreu e produziu na penumbra. Cético, nunca espalhou a dúvida. Despertar e manter a fé no próprio espírito foi a preocupação máxima da sua existência.

Haurindo todas as influências do nosso tempo, a sua natureza vulcânica em contato com a vida, deixou que nele apercebêssemos traços de um talento invulgar.

O que nos ficou de sua passagem basta para que o glorifiquemos entre os moços do Brasil. Com raízes profundas na terra em que nasceu, espontâneo e sincero, trazia na mente aquela vontade indomável de escrever o romance do Paraná, de fazer a crônica do Brasil.

“Trapo” – romance social que não sei se chegou ao fim – e “Cria de Alugado” – novela cujo ambiente é uma fazenda de café – são dois trabalhos típicos de Newton Sampaio, onde sua preocupação pelo destino dos humildes e sofredores aparece bem a claro.

Nos seus últimos momentos, já quase transpondo os limites do temporal, sem amparo algum, interiorizado na tragédia imensa que o angustiava, Newton não deixou de ser um forte.

Com o organismo todo em decomposição, ele me escrevia oito dias antes do momento supremo: “Como você deve saber, estou fora do Rio desde 7 de abril. Fiquei em Londrina 1 mês e no dia oito de maio vim bater com os ‘costados’ no Sanatório, para curar um excesso de trabalho e um pouco de fraqueza pulmonar. Estou aqui, pois, há menos de 2 meses e espero ficar bom, em breve, para continuar a produzir qualquer coisa menos má e cuidar da vida, em suma”.

Com todo esse sofrimento dolorosamente experimentado, não deixou nunca fugir a esperança. A fantasia e a imaginação desenfreada – que por certo tornariam Newton Sampaio um dos nossos maiores ficcionistas – não permitiram que a realidade brutal se impusesse e dominasse o sonho bom da vida.

E foi assim que fez um poema dos seus projetos intelectuais: o poema de sua vida. Ficou doente, entregou o corpo já pesado, sofreu durante sessenta dias consecutivos. E num cair de tarde romântico, de sol puro, olhou o céu todo azul e dormiu na esperança de acordar para viver novamente.

## O CRÍTICO E O HOMEM DE AÇÃO

Ao lado do espírito sonhador, de mocinho romântico, estava o homem enérgico, o homem de ação. A obrigação de ganhar a vida, de procurar o pão no trabalho insano de todos os dias, faz que aumente a nossa admiração pelo escritor de “Irmandade”.

Ainda lembro alguma das poucas lamentações de Newton. Não contra a vida, porque a esperança do futuro era maior que todas as possibilidades do presente. Mas contra o tempo, que era curto e escasso para quem tinha um ideal

a realizar, uma grande obra em perspectivas e a obrigação de ganhar o sustento próprio e dos seus. No Rio, com que ufania ele me mostrou uma cartinha da irmã menor, pedindo dinheiro para tratamento dos dentes e estudo do piano. Rememoro esse episódio porque ele bem reflete o temperamento do nosso grande amigo morto.

Em política, a sua atuação serviu para desencantá-lo. O tempo, porém, que dedicou aos trabalhos eleitorais da extinta “União Republicana” basta para nos afiançar da capacidade de luta de Newton Sampaio. O Comitê Universitário que organizamos em pouco tempo conseguiu congrega, o que é quase um milagre, para mais de trezentos estudantes.

Em nossos comícios, nas manhãs de sol de antes das eleições de outubro de 1934, o moço se transfigurava pelo ardor da luta. Parecia que tentava deter o tempo, tamanha era sua necessidade de realizar alguma coisa de notável.

Lembro, por curiosidade, outro episódio. Passou-se na vizinha cidade de Campo Largo. Estava marcada uma reunião política, um comício eleitoral do Partido Nacionalista na Praça da Matriz. Nós tínhamos ido a Campo Largo com intuito de dizer alguma coisa ao povo da cidade, em favor da “União Republicana”. E Newton não teve peias. Antes da chegada dos próceres “nacionalistas”, ele tomou a palavra, trepado à tolda do automóvel do dr. Anibal Rocha Loures que nos havia conduzido, e dali mesmo falou ao povo aglomerado. Foi assim que organizamos um dos nossos alegres comícios e passamos um BLUFF em nossos adversários.

Já no Rio, nunca vi indivíduo de maior atividade. Empreendeu enquetes para “A Nação”, e para o “Diário de Notícias”, entrevistou escritores e políticos, ajudou Maurício Simões na redação de “A Pátria”. Foi ele, numa tarde de folga em minha homenagem, quem me apresentou a Jorge Amado e a José Lins do Rego, ali em frente da Briguet, nas portas da Livraria José Olímpio. Já me correspondia com esses dois intelectuais. Foi, porém, Newton quem nos aproximou.

Como crítico, foi de uma sinceridade à prova de fogo. Nunca foi homem de meias medidas. Atacou Eloi Pontes. Retalhou o catolicismo poético de Jorge de Lima. Elogiou Jorge Amado. Fez restrições severas a Lins do Rego.

Entre nós, foi de uma contundência inigualável. Sincero consigo mesmo, senhor de opiniões e atitudes, sabia que era justo em suas afirmações. Bastava ter uma opinião para falar alto, para dizer o que sentia. Na verdade, nunca o interessou o ser justo ou injusto. Assim, tentou a derrubada de ídolos espectrais. Sempre escrevia o que o Paraná desconhecia, os seus verdadeiros valores. Tinha em mira, pela imprensa de Curitiba, fazer brotar uma literatura de exceção, inteligente, dentro do tempo, cheia de sentido.

Temia, porém, ser mal compreendido. Demonstrar intenções pouco louváveis. Daí o escrever, em um desses artigos de análise do ambiente paranaense: “Já há muito tempo abdiquei definitivamente de quaisquer pretensões literárias, políticas ou profissionais no Paraná (devo pois ser considerado com bons olhos, desde que não farei concorrência a ninguém. Nem aos inimigos e muito menos aos amigos...). Meu interesse pelas coisas do Paraná é puramente emocional. Guardo amor pela terra, estimo nossa gente, mas me sinto atraído para ásperas lutas longe da terra e longe da gente”.

Era um modo de justificar natural atitude de guerra. De justificar um temperamento inconformado, um temperamento crítico.

Newton não era homem de uma só faceta. Nos limites da inteligência não encontrou barreiras que o detivessem. Procurou sempre ser novo, renovar-se. Queria atuar, fazer ruído, fugir da literatura de salão. E sempre atraído pela sedução do seu grande mundo interior.

## SUA POSIÇÃO NAS LETRAS NACIONAIS

Eu bem sei que não é nada interessante recordar esses traços da vida do escritor morto. Mas o que escreveu, toda sua obra, não pode ser bem compreendida sem o conhecimento certo das suas condições de vida.

Newton, nem que o quisesse, seria capaz de realizar uma literatura afetada, uma literatura de salão. Havia nele alguma coisa de profundo, pois que, ao mesmo tempo, em curto espaço, viveu duas vidas: uma para dentro e outra para fora.

Todos os seus contos, as novelas que escreveu, não o afirmam um criador de tipos. O que ele soube ser foi um admirável observador de homens. Tinha um gosto extraordinário para a revelação de situações psicológicas intrincadas. O mundo para ele era um contínuo choque entre emoções e sensações íntimas em contato com o conflito exterior, com o universo coletivo.

Descuidou da paisagem, do elemento paisagístico, para medir sentimentos humanos, para atingir ao mais fundo da vida e dos homens. Este – o homem – para Newton, era por essência, o ser que sofre, que se angustia, que se tortura, que está em oposição com o mundo que o cerca. Newton acreditava na adaptabilidade do corpo, na sujeição da matéria. Nunca acreditou, porém (o que explica a sua resistência ante a morte), na sujeição do espírito, porque ele está sujeito ao tempo, é o tempo que age sobre ele. Daí o seu indiferentismo para com a natureza bruta, o viver o momento dos ritmos emocionais.

A obra de Newton é assim reflexo fiel de um temperamento. A cada passo, é o cunho do seu espírito original que surge. Traduz sempre os seus estados d'alma com fidelidade pouco vista. O que explica a tristeza que envolve todo seu pensamento, que caracteriza todos os seus escritos. Reproduz-se em cada frase, em cada idéia solta, em cada palavra. O que escreveu foi quase a história de si mesmo, das inquietações do seu espírito, as próprias angústias e sofrimentos.

Como novelista, não creio que entre os modernos haja um que o supere. Pena que não tenha realizado o romance, como era de seu desejo. Como CONTEUR, podemos afirmar, ele ficou na linha de frente. Dois dos que possuem maior renome no Brasil, Marques Rebelo e Telmo Vergara, não chegaram a criar uma obra de tamanha intensidade. Os contos de Newton se assemelham bastante aos contos tristes de Ribeiro Couto. Este último é poeta, é delicado e sentimental. Newton, expressão de si mesmo, não ficou no puro esteticismo, na estesia. Foi além de Ribeiro Couto.

O cronista elaborou páginas de um realismo comovente. Aqui cerra fileira com Rubem Braga e Álvaro Moreyra. Ali, no conto, posso garantir que “Irmandade” é superior a “Fantoches” de Érico Veríssimo. Sua extrema espontaneidade fez com que ele contasse a vida como ela é.

## AINDA O CONTISTA E O NOVELISTA

“Remorso”, a primeira novela que viu publicada, explica o enigmático escritor (devemos essa publicação a Caio Machado, que cedeu durante duas semanas o rodapé do seu jornal para que Newton pudesse melhor entrar em contato com o leitor da terra). Nesse pequeno romance, o tema é um conflito de sentimentos, a luta do homem pela negação ou afirmação, a oscilação do espírito entre sentimentos puros e diabólicos. Há, neste trabalho de Newton, absoluta compreensão do destino do homem, das exigências da vida, dos imperativos interiores.

“Irmandade” é a novela psicológica por excelência. Não sei onde Newton foi buscar tanto material humano, tanta imaginação aguda, para imaginar um entrecabo tão profundo e sugestivo.

Em quadros curtos, como é do uso da moderna técnica literária, vai ele desvendando personalidades curiosíssimas. Aquele diálogo, frente o espelho, da figura central de “Irmandade” traz um sentido, um saber de novidade.

Newton, ao contrário de tantos por aí, não abusou da imaginação, evitou excessos de espírito. Nada de teorias, de amostras, de doutrinas – só a vida sentida, a preocupação da realidade humana.

Nunca recebeu escandalizar. Era do seu gosto contar os sentimentos como eles surgem, as coisas como elas são.

As pequenas notas autobiográficas que vão surgindo no decorrer dos seus trabalhos de ficção infundem um pouco da substância nova, revelam um curioso retratista de si mesmo.

## O ESTILO COMO O HOMEM

O maior característico do temperamento intelectual de Newton Sampaio – e que se observa tanto em “Remorso” como em “Irmandade” – é aquela prosa fluida, espontânea, por vezes simplista, do homem que sabe tudo contar. Nada de arcaísmos, de exotismos gramaticais. Um único defeito para quem escreve

ficção e constrói mundos: faltou a Newton (para conhecimento mais exato da existência alheia) um pouco de aventura, um pouco de boemia, um pouco de desperdício de inteligência pelos clubes e pelos cafés. O contrário não faria de sua obra uma mensagem íntima, dolorosa para quem sabe ler nas entrelinhas.

Newton, mesmo assim, chegou a ser um escritor para qualquer público. Chamaram Jorge Amado de comandante de multidões, tamanho o movimento dos seus romances. Não temo em alcunhar Newton de diretor de homens, de desvendador de individualidades. O que o autor de “Jubiabá” realizou no domínio do coletivo, Newton o fez no domínio do individual.

Nas histórias de nossas letras, estou certo, poucas estréias houve como a de Newton Sampaio, pela gravidade do seu esforço construtor.

## O EPÍLOGO

Para nós, o que mais valia era o grande amigo. O amigo de todos os instantes, o companheiro de todas as lutas.

Pobre, quase abandonado, quase esquecido, já num leito de hospital, fiel ao seu ideal de sempre, ele sabia que havia de contar conosco, para após a sua morte, de volta à obscuridade de origem – não deixarmos perecer o esforço de sua vida.

Nada mais belo nem mais justo. Devemos uma satisfação à inteligência de Newton Sampaio – ao intelectual e ao amigo.

Desaparecido em situação tão triste, em nossas recordações a sua memória há de ser vibrante e rumorosa.

Newton, como hoje, há de aparecer sempre, diante de nós, fortemente iluminado, em cores vivas, espalhando saúde e mocidade, palpitante de vida – sem aquela tristeza íntima, quieta e doce que encheu toda sua existência”.

## DICKENS E O SENTIDO DA COMPREENSÃO

*O Dia – 10 de setembro de 1938.*

**D**ickens não foi apenas um grande escritor. Há em Dickens a alma mais dramática de sua época.

Quando toda cultura vinha da França, ele anunciou o renascimento do espírito inglês desde Shakespeare.

Surgiu inesperadamente, do choque, para falar ao mundo, para trazer uma mensagem íntima de fé.

A Inglaterra era toda Gladstone ou Peel. Londres atraía pelos conflitos no Westminster. Um intelectual de poucos recursos, político ousado e inteligência agitada, pode, para nós, bem resumir a literatura do tempo. Esse homem que foi Benjamin Disraeli refletiu a tentativa de desvirtuamento do que, através dos séculos, ganhou o nome de espírito inglês.

Só Dickens, do recanto pobre onde viveu, menos desgraçado que os seus irmãos de pátria, pôde sentir o que de menos humano e mais real envolvia a faustosa era vitoriana. Coisa curiosa! Sendo o retratista mais perfeito da sociedade inglesa de 1850, Dickens foi um fugitivo no tempo.

A obra de Dickens só pode ser compreendida pelo coração. Parece que veio ao mundo para entender o sofrimento alheio. Quando lemos Dickens, observamos, a cada passo, a luta intensa que manteve consigo mesmo para fugir ao meio, para vencer o meio, para exceder-se.

Considero Dickens um enorme lutador. Um homem a quem pouco contentou a normalidade da vida. Que transpôs o limite do humano. Que sentiu a vida em si, em toda sua vibração, palpitante de tragédia.

Dickens é, para mim, o homem por excelência, aquele que compreendeu e amou, que viveu liricamente pela verdade das coisas e dos seres.

Pois há, na obra de Dickens, o mais completo desdobramento da própria vida. Dickens chegou até ao sofrimento, perscrutou consciências, desvendou o mistério de almas cândidas e criminosas.

Para ele, Dickens, nada é sem valor, nada é desprezível. Em contato com a vida, com a existência humana, aprendeu a amar o inútil, a valorizar o insignificante. A tendência para a verdade e o sentimento da suprema dor de existir tornaram sua obra a mais bela e poética experiência de vida.

Até hoje esse homem extraordinário que tudo soube compreender continua o grande incompreendido. Sabemos quão difícil mesmo é entender pelo coração. Os grandes espíritos se agitam e produzem no contraste. Assim também Dickens.

Mesmo visto de longe, alheio ao seu ambiente de formação intelectual, Dickens continua a parecer o “clown”, o divertido, o superficial, o mundano.

Quem, como ele, chegou a ser o mais humano dos homens, o mais perfeito dos espíritos, o melhor entendedor da vida, o menos artificial, o menos prosaico, o mais lógico, o mais matemático, que chegou a odiar a controvérsia, não podia ter deixado de sofrer, de possuir conhecimento do infortúnio, e de sentir melhor do que outros a dor, a beleza do sofrer humano.

Dickens fez do seu mundo um formidável palco. E ficou, silencioso e sorridente, como único espectador.

Nascido sob o signo da amargura, ganhou alegria na compreensão e no entendimento da vida.

O mundo não lhe foi adverso. Multidões inteiras riram de Dickens, riram de si próprias. Cada novo livro de Dickens era um motivo de gargalhadas. Dickens escrevia sobre a vida, retratava o mundo com carinho e fidelidade, e os homens riam um riso franco e alegre.

Se a humanidade pudesse ao menos compreender, haveria por certo entre os homens menos sofrimento e mais confiança.

Mais do que outro qualquer romancista, teve a vida interior mais dramática que é possível imaginar.

Oxalá pudéssemos interpretar integralmente o espírito desse indivíduo considerável. Nunca Dickens apelou para as negações. A sua existência foi uma afirmativa só. Afirmou, continuou afirmando, viveu e morreu afirmando. Tudo, para que a humanidade pudesse rir, pudesse gargalhar do próprio infortúnio, pudesse blasonar dos seus defeitos e inclinações...

Filho do povo, nascido na miséria, sem pão e sem carinho, ao contrário do que se podia esperar, ele foi um mestre da bondade.

Depois da leitura de Dickens, senti-me bastante diferente: mais homem e mais humano. Li-o de lágrimas nos olhos, sem gargalhar, olhando de perto, o mais próximo possível, os flagrantes vivos que compõem toda a sua obra.

Procurei justificar Micawber, não desacreditar de Copperfield, Pickwick, Toots, Cutters e Murdstone são exemplos de vida.

Fino entendedor, sensibilidade sutil, Dickens representou em minha formação o farol que me encaminhou para o mundo das realidades. Nos primeiros momentos, tudo era inútil, tudo simples aparência, a vida um gozo contínuo e perpétuo.

Com Dickens, o cenário já é outro. Tornamo-nos mais profundos, mais sinceros para com os nossos sentimentos, redimimo-nos perante os nossos semelhantes e perante Deus.

Para Dickens, não há o mal nem há o bem. Tudo é compreensão. Sem compreender, não é possível existir. O homem não mais é aquele ente desprezível e lamentado. Sabe já chorar com verdadeira sinceridade. Sabe já distinguir a dor da alegria. É todo piedade, todo amor, todo crença.

Antes de Dickens, nosso mundo era só aparência. Por isso, nossa existência era uma incessante contradição. Com Dickens, o mundo está nos sentimentos mais elevados, nos sentimentos que aproximam os homens, na estesia pura, na afirmação da beleza da vida. Procura sempre não ficar no plano das angústias

metafísicas. Não fica também somente nos limites da arte. Vai além, mais longe, busca distâncias ignoradas, amplia como Proust ou Dostoiewski o âmbito psicológico dos seus personagens.

Dickens, ao contrário de Balzac, faz obra de consciência, de criação consciente, evitando fantasias, o que está fora da vida, o que não é humano ou fuge do homem.

Quando lemos Dickens, o nosso espírito se oprime ante tanta revelação espontânea. Cada um dos seus personagens reproduz cenas reais do nosso costume. Acompanhamos página a página a narração do escritor, presos ao desenrolar angustioso e sentimental.

Dickens aumentou de muito a nossa afetividade, a nossa capacidade de admiração, de veneração pelos nossos iguais, pelos que nos cercam, desde o maltrapilho ao encasacado.

Todo homem tem alguma coisa de bom e elevado. Não é só instinto. É inteligência também.

No dia em que o gênero humano compreender como Dickens, outro será o destino da humanidade. Os homens serão mais honestos, haverá mais beleza pela vida afora, a poesia será do coração, haverá mais amor e inteligência.

Sinto uma admiração intraduzível por essa gente de origem rústica, filhos da humildade, do infortúnio e da desgraça, por esse Dickens que, como tantos outros, apesar dos sofrimentos de origem, ainda acreditam na bondade do homem e na graça divina.

Em contato com a miséria, sentindo fome e falta de conforto espiritual, sua obra podia ser de revolta ou de combate. Não conheceu o desprezo. Seu ideal foi o de um pouco mais de felicidade e alegria. Lutando para viver, procurou a vida no amor. Filho do pecado, buscou na divinização do homem a benção sagrada de Deus.

## ERNEST HEMINGWAY, HERVEY ALLEN, JAMES FARRELL & OUTROS

*O Dia – 14 de setembro de 1938.*

A literatura de ficção está transpondo, nos Estados Unidos da América do Norte, uma fase indefinível de expectativas e transição.

Todo esforço tendente a defini-la, a caracterizar os elementos fundamentais que a compõem, resultaria improficuo, seria de todo inútil.

Há, cada dia que passa, surpresas agradáveis. A última delas é o surgimento desse Erskine Caldwell, o autor de “God’s Little Acre”.

Caldwell é a violência em ação, os gestos bárbaros, as atitudes bruscas de indiferença e desprezo pelo bem viver humano. Já o chamaram de “romancista panfletário”. As suas novelas são um meio de dizer o que pensa, para melhor entendimento dos que o lêem, para mais clara compreensão dos que ainda acreditam na revolução dos espíritos e das massas.

Escritor, por excelência, instintivo, sua máxima preocupação intelectual tem sido a crítica vermelha das instituições do seu país.

Nunca acreditou na superioridade animal do homem e sente visível repugnância por todo ensinamento que vem da história. Em tudo só enxerga miséria e ruína. Chega a ponto de, num assomo de rebeldia, tentar a derrubada de heróis, ridicularizando as crenças e os ideais das populações norte-americanas.

Eu, em bom senso, não aconselharia a ninguém a leitura de Caldwell. Sinto-o pernicioso. No entretanto, é para ele, em favor dele, que a minha curiosidade se inclina espontaneamente.

Escreveu tão-somente para combater, para apontar erros do homem e enganos da história. Escreveu para mostrar que nem todos são conformados, que há ainda muita gente que luta sem cessar para desviar a humanidade do caminho da ruína e do desregramento espiritual. Para mostrar até que ponto chegou a degradação moral da grande nação norte-americana.

Semon Dye, o personagem central de “Journeyman”, é o elemento de que Caldwell lança mão para, de cidade em cidade, através das aldeias, poder pregar as suas incríveis idéias de dissolução social.

Caldwell foge de tudo quanto é puro e humano. Acredita na beleza como simples ilusão visual, como fantasia, como aparência. Tem horror sincero ao que julgamos nobre e elevado. Combate o sadismo patriótico. Nega o que o homem possui de mais admirável e eternamente humano: o amor e a amizade. Para Caldwell, o interesse econômico está no centro da vida, ainda continuamos a ser os mesmos animais de rapina, cheios de cobiça e inveja.

Bem ao contrário de Erskine Caldwell, ainda que em plano inferior, e com menores possibilidades artísticas, está o escritor de “Our America”, o Waldo Frank dos grandes lances espirituais.

Frank, à maneira de Walt Whitmann, é um inspirado na brutalidade da natureza americana. Em oposição a Caldwell, defende a superioridade do homem do nosso continente. Crê mesmo na possibilidade de um grande destino para a cultura humana, no retorno dos valores espirituais eternos, na permanência da ordem divina.

Enquanto Caldwell é o doutrinador do ceticismo e da descrença, Frank fala em palavras entusiasmadas, cheio de respeito pagão do homem, do mundo e de Deus. Não chega a ser um ficcionista, é um poeta de tudo quanto o cerca.

Que distância formidável de um escritor a outro! Que diferença de concepção e de mundos! Assim é, assim acontece, com todo intelectual novo que surge nos Estados Unidos: a mesma surpresa para o leitor incauto.

Essa geração de Caldwell e Frank, já nascida e formada em plena luz deste século vinte, geração eminentemente política, oriunda da influência de Sinclair Lewis e Upton Sinclair, da influência de “Babith” ou “Petróleo”, essa geração

representa no momento, em toda sua pujança, o próprio pensamento social do povo norte-americano.

De um lado, é Erskine Caldwell impressionado com o desregramento do homem, com a falta de respeito humano, com o reinado torpe da exploração que, segundo mesmo afirma, desvirtua e renega os princípios básicos da própria civilização ocidental.

De outro lado, é Waldo Frank mais conformado com as imposições humanas da vida social, menos turbulento, mais crente na poesia que vem da terra, mais crente na beleza que vem de Deus.

Caldwell e Frank, sem as características dos grandes chefes de escola, um pela linguagem arrojada e revolucionária e outro pela eloquência com que defende os ideais humanos, carregam consigo uma mocidade inteira, cuja atitude é também ou de desprezo ou de estesia.

Michael Gold, Benjamin Appel, Ludwig Lewisohn, Amy Lowell, Robert Frost, Val Lewton, Peri S. Buck, Dreiser, Ben Hecht, representam as duas correntes em choque, representam ou a negação ou a afirmação.

Quisera poder aqui resumir a formação e o conceito intelectual de vida de todos esses homens de pensamento. Seria interessante, curioso até, interpretar o sentido de vida de cada um deles, anotando as originalidades mais visíveis.

Não obstante a atração que possam despertar, segue a nossa curiosidade caminho diferente e distanciado. Há outras figuras, bem mais típicas da literatura atual norte-americana, bem mais representativas da ficção no país de Walt Whitmann.

Quero me referir, entre os modernos, a escritores dos mais expressivos, de maior renome e que mais admiração desfrutaram: Ernest Hemingway, Hervey Allen e James T. Farrell.

Esses três nomes resumem o que há de mais perfeito, o que existe de maior valor nesta geração última que se encontra no comando da inteligência nova do país de Poe.

Essas três individualidades, cada uma delas fazendo vida à parte, em setores incomuns, com características intelectuais diferenciadas e marcantes, cada uma

delas representa, no domínio do político ou do social, uma atitude própria de luta e de combate.

Ernest Hemingway é o maior acontecimento literário nos Estados Unidos, Maurice Edgar Coindreau, o crítico de Princeton, escrevendo sobre Hemingway, afirma: Entre os anos de 1926 e 1929 todos os olhos se voltavam para ele. Constituía não só a esperança da literatura americana, sendo para os seus admiradores a personificação mesma dessa literatura. Hemingway teve, para Maurice Coindreau, a honra de combinar a brutalidade de um Dreiser com a singeleza artística de um Anderson. Dreiser não era bem um artista. Sherwood Anderson o era em excesso.

Considero Hemingway o escritor mais equilibrado da América inteira. Temendo a morte, temendo a vida e o sofrimento, foi o primeiro autor norte-americano a fazer uso dos métodos proustianos psicológicos de interpretação. Todas as suas novelas giram entre estes três estados de espírito: a vida, a morte e o sofrimento. Há momentos em que a angústia o domina e abate. Nesses momentos ele surge para acusar, para menosprezar a inteligência alheia, para brincar com a crítica, para mostrar o que possui o homem de inferior quando sente e quando pensa no silêncio e na quietude. Todos estamos lembrados daquele drama divulgado pelo cinema e de tamanho sucesso: “Farewell to Arms”. Nele é outro o Hemingway que aparece. Bem diferente do Hemingway de “The Torrent of Spring”.

Hervey Allen estreou com uma biografia de Edgar Poe. O seu renome, porém, só ganhou vulto com o aparecimento de “Anthony Adverse”. Outra obra que o cinema maravilhosamente divulgou, despertando curiosidade geral. No domínio da ficção esse Hervey Allen se assemelha muito ao mestre Alexandre Dumas. “Anthony Adverse” é quase uma reprodução dos “Três Mosqueteiros”. Sei que não há nada no tema do livro que justifique plenamente o seu enorme sucesso. O desenvolvimento do romance é piegas. Uma história fantástica de um homem infeliz, esforçado, com todas as possibilidades de êxito, mas infeliz... Um verdadeiro livro da Idade Média, com aventuras quixotescas através da Itália, Cuba, África, França, Espanha, México, etc... Um livro para povo, que facilita o

sonho, que provoca o entusiasmo e a compaixão. Nunca, porém, um grande livro. O segredo do êxito reside na espontaneidade da prosa, no colorido das imagens, na poesia das idéias. Criando situações amorosas cheias de poesia e enlevo, descrevendo desenganos sentimentais à maneira de um poeta. Hervey Allen construiu em torno de si uma auréola de grande escritor, a popularidade de chefe de escola, com admiradores e discípulos.

James T. Farrell é o criador da literatura proletária norte-americana. É o intérprete fiel e sincero da vida humilde, da vida dos trabalhadores de todos os ofícios. Descritivo, pouco fotográfico, ama as grandes descrições. Não é um combativo. É um escritor da realidade, escreve sobre o povo com quem vive, sobre o que vê ao seu redor, o pouco de alegria e o muito de sofrimento. É o autor mais lido pelas classes intelectuais menos privilegiadas.

Ernest Hemingway, Hervey Allen e Farrell, três direções distintas para a literatura americana, três atitudes de vida, três gestos de luta e reação. O indiferente, o que despreza os desencontros da vida social e vive exclusivamente para as grandes construções artísticas, para a grande vida do espírito; o romântico, o criador de imagens coloridas, o eterno sonhador, o poeta; e o que se preocupa e sofre com o destino das massas, com a condição dos homens de trabalho modesto. Três direções, três vidas diferentes, três individualidades, três mundos, três Américas...

# INTELIGÊNCIA DO NORTE

*O Dia – 14 de outubro de 1938.*

Há dias, escrevendo eu um rápido ensaio sobre a personalidade original de Leonhard Frank, tentei abrir os olhos para o fato de desconhecermos quase por completo os grandes materiais humanos que fornece a nova literatura alemã.

Ninguém entre nós, nem de nome, o que é doloroso, conhecia o escritor reacionário. Sabemos que, em grande maioria, todos os que se dizem leitores e amigos da arte e da literatura estão acostumados a admirar a beleza das brochuras e das encadernações, sem no entanto tentarem uma investigação mais objetiva.

Outra tarde, conservando demoradamente com o sr. João Ghignone, o único livreiro que em Curitiba se interessa pelos fatos literários, ouvi desse senhor algo de lamentar. A sua livraria, sem dúvida a mais procurada, vendera em Curitiba 50 exemplares do “Rei Filósofo” de Pedro Calmon. Enquanto que a outra livraria que possui, na cidade do Salvador, conseguira colocar para mais de 1.300 exemplares. O caso é triste para uma cidade como Curitiba, que possui a fama de grande centro universitário e cuja população mostra tanto interessar-se pelas elevadas produções espirituais.

É preciso que os orientadores dos núcleos culturais façam uma divulgação mais eficiente dessa gente toda que lá por fora realiza os ideais plenos da civilização ocidental. Que haja maior preocupação artística e menos política literária de café.

Do contrário, de nada nos adianta contar grandezas da nossa inteligência, quando sabemos bem que pouco entendemos de literatura, ou melhor, que nada sabemos porque nada lemos.

Estou me afastando da intenção com que tomei da pena para escrever este artigo. Quero falar hoje de mais duas figuras, de valor imenso da nova literatura norte-americana. E quiçá bastante desconhecidos para a totalidade dos nossos homens de letras.

São eles: 1.º) John Steinbeck; e 2.º) John dos Passos. Dois romancistas da vida, dois escritores de revolução, dois temperamentos geniais, duas atitudes, duas maneiras diferentes de viver e combater.

O primeiro, em plena luz do nosso inquieto século vinte. O segundo, de ardências rebeldes e propagador do ideal socialista. Um conformado com a sorte. Outro lutando contra a sorte.

Steinbeck, vivendo na solidão, no abandono de si mesmo, procurando na vida a verdadeira poesia do espírito. Dos Passos, vivendo entre as massas, aconselhando e criticando, fugindo do isolamento, tentando sempre dizer alguma coisa de novo, falando mal da vida enquanto pode, destruindo, condenando, falando pelos sofrendores e oprimidos.

Só que os lê poderá falar da enormidade dessas duas atitudes. É preciso ser forte de espírito, ousado, para ou abandonar a luta ou buscar o sossego, ou, pelo contrário, abandonar o sossego para buscar satisfação na luta cotidiana.

Um assombra pelo seu desinteresse pelo destino humano. Outro pela vontade forte, pela decisão justa de se colocar a favor dos menos favorecidos, de se fazer advogado daqueles que na vida servem para somente carregar o fardo da inconsciência de uma aristocracia perniciosa e de uma burguesia gananciosa.

Steinbeck e Passos, ambos apóstolos da paz. Um procurando a paz no silêncio e no isolamento, aconselhando boa vontade e amor. Outro pregando aos quatro ventos uma redenção mais própria para homens e que seria no caso a reação violenta.

John Steinbeck nasceu no interior torturado pelo sol quente vindo dos desertos malditos. Passou a infância entre pessoas humildes e cujo único objetivo seria o de viver em paz, mesmo sem conforto e sem saúde.

Trabalhou com o corpo e espírito. Usou das mãos como usou da cabeça. Foi peão de fazenda, procurou ser ajudante de carpinteiro, chegou a ser aprendiz de pintor e até ajudante nas grandes construções de Nova York.

Viveu como pôde. Lutou contra a fome. Esteve desempregado. E foi daí, entre essa luta pela própria subsistência, que surgiu “The Pastures of Heaven”, a novela, como diz, “feita de fel e livre de todos os ódios”.

Cheio de superstições, possuidor de uma religião espiritual própria, foi a sua formação intelectual que deu à obra de Steinbeck aquele profundo sentido social. Escreve para dar um pouco de felicidade. Escreve com leveza e simplicidade para que os néscios e os ignorantes o possam entender e saibam compreender a grandeza divina do universo de Deus.

Flexível de imaginação, ele constrói mundos de paz e de prosperidade. Em tudo é a felicidade que comanda, é o amor que orienta, é a admiração sem a inveja que faz os homens amigos, que faz da vida uma eterna ânsia de viver.

Falando francamente, como Sinclair Lewis, Steinbeck nada entende do mundo, pouco conhecimento possui dos homens. Para ele o homem deve viver pelo espírito, superar as caudais de ódio, abafar ganâncias, fazer somente amigos, perdoar aos pecadores e a todos aqueles que exploram o trabalho dos humildes.

E que os homens vivam pelas aspirações comuns, pelos ideais coletivos, irmanados no amor e unidos pela fé.

Esse é John Steinbeck, o autor de “In Dubious Battle”.

John dos Passos já é diferente. Não acredita na sinceridade humana. E sabe que a grande realidade é a da força bruta. Cheio de doloroso pessimismo, descrente, traçou em linhas perfeitas a psicologia da sociedade norte-americana.

Como Steinbeck, não ignora dos Passos a nostalgia da solidão. Teme, porém, o abandono, o asfixiamento, a traição. Conhece bem mais os homens que o outro americano, vive temeroso porque sabe até onde vai um homem que quer

vencer, que precisa subir para ter o que vestir e o que comer, para viver enfim certo de que a vida não mais o atraícoará.

Dos Passos volta-se, então, para os fracassados, para os escravos de todas as lides, para os párias e infelizes. Ele ama com ardor a criança apaixonada, o operário que volta cansado do seu trabalho explorado, a prostituta que percorre as ruas, as cidades, trocando carinho pelo pão de cada dia. Ele ama a todos quantos tiveram a má sorte de não serem os escolhidos para as grandes posições, aqueles que não puderam roubar, que não ousaram explorar, que se apiedaram dos desgraçados, que sofrem porque ainda há sofrimento no mundo.

“Manhattan Transfer” é um libelo, uma acusação tremenda. Fala pelos justos, pelos que ainda sentem sangue nas faces. Pelos que ainda conseguem se envergonhar ante a sorte miserável de tantos desgraçados que a caridade pública protege e humilha. E o renome de John dos Passos nasce dessa sinceridade chocante, desse desejo infreável de jogar desaforos ao rosto dos que são menos infelizes e desconhecem o esforço dos que lutam para comer, para vestir, para viver, sem a ajuda hipócrita de uma sociedade comercializada até na moral, até nos costumes.

Maurice Edgar Coindreau, que é o grande crítico americano, referindo-se a Dos Passos, afirmou que o grande escritor é a figura mais interessante da sua geração. E eu o acredito e sei mesmo que Dos Passos é no momento o escritor mais lido e comentado da América do Norte.

Eu estou vendo, aqui de longe, o burguês displicente a rir das acusações de Dos Passos. Mas estou vendo também, muito infeliz, muita mãe sofredora derramar lágrimas pelos filhos sem comida e sem agasalho. Dos Passos não fez do sofrimento humano um motivo de literatura. A sua arte não é nova. Ele possui o mal de compreender e sentir as misérias das grandes sociedades burguesas e mesmo a formação social do homem. Ele sabe que a sua luta é estéril mas luta pela vontade de ser franco e sincero para consigo mesmo, para que todos saibam que há ainda grande número de homens, entre os intelectuais principalmente, que estão alerta, para no primeiro instante oferecerem préstimos aos pequeninos que são grandes e aos infelizes que ganharão o reino dos céus.

Acredito mais em John dos Passos que em Steinbeck. Descreio do conformismo. Pelo menos a missão de Dos Passos é mais nobre e mais humana.

## ROMANCE NORTE AMERICANO

*A Gazeta – 19 de setembro de 1943.*

*Transcrito da revista: Moços – sine die, dezembro de 1938.*

A literatura de ficção, no momento, vem atravessando nos Estados Unidos um período de sérias cogitações intelectivas.

Cartesianos, voltaireanos, hugonistas, tipos clássicos de épocas já passadas, homens de talento e coragem intelectual, homens de gosto amigos de Lawrence ou companheiros de Longfellow, sentem pela primeira vez o predomínio crescente dos “faubourgs”.

O homem atual dos Estados Unidos é o mediano. Só o indivíduo médio é capaz de entender a vida como ela se apresenta a nós burgueses ou homens de trabalho. Homens do mundo de conhecimentos exatos e certos de humanitarismo tradicional não encontram mais expressões para falar ao povo que antigamente os ouvia dentro de um ritual religioso inconcebível.

A América do Norte está mudada. E esse mudança surgiu de baixo para cima, atingindo fundamentos morais, regras de etiqueta mundana, direções intelectuais. Homens sem razão de existência. Bonecos do passado. Mortos na voragem do tempo. A liberdade cerceada, o pensamento amarrado a fórmulas políticas de censura policial, o grupo em vez do indivíduo, a verdade dissociada em seus elementos originários, não nos permitem contato com a beleza, que pensemos em poesia, que amemos o mundo e as coisas do mundo.

Não é só nos Estados Unidos. Também na América inteira. Aguirre Cerda, no Chile, começou a luta contra os intelectuais da direita. Como se para o homem da inteligência existissem dois mundos, como se todos nós não andássemos por aí atrás de sossego e felicidade, de paz espiritual e moral.

O intelectual da América representa esse trágico sentido de opressão. Não acredito também que a literatura deve ser uma zona neutra. Onde só impere o sonho e a fantasia. Mas o que pedimos e se exige por toda parte é um pouco de respeito, um pouco de respeito por essa gente toda que pelo espírito vem construindo os alicerces desta civilização ocidental. O palco literário é o reflexo do mundo inteiro e é por isso que a nossa literatura é tão triste, tão acanhada, tão fora da vida intensa, da vida humana. Parece mesmo que o homem, em nosso tempo, criou amores pelas espécies de artificialismo. Existe uma condição humana. Isso é que é útil. E que todos dela tomem conhecimento. Caldwell, por exemplo, que possui milhões de leitores, é um péssimo orientador. Bárbaro, sua vontade é desprezar o homem. Instintivo, reduz a natureza humana a simples contradições psicopáticas desinteressantes. No entretanto, esse homem, pela inteligência e tino de observação, somos obrigados a considerar como um dos tipos mais representativos do tempo que passa.

Michael Gold, cronista de poucos recursos, mas novelista de raras possibilidades, abandona sempre essas possibilidades numa tentativa de fazer do romance barricada de ideais políticos contraditórios.

No entretanto, existem três outros tipos inteligentes que, pelo equilíbrio e percepção rala da vida, podem, sem desdouro das idéias pouco aceitas, representar a inteligência da América moderna. São eles: Ernest Hemingway, Hervey Allen e James T. Farrell.

Hemingway, eu o considero o maior acontecimento literário dos Estados Unidos. O homem mais equilibrado que escreve na terra do Tio Sam. “Farewell to Arms” é tão vivo de sentido como “The Torrent of Spring”. Romances intensos que afastam toda probabilidade de se esquecer um autor de tamanho temperamento emocional.

Hervey Allen, o crítico de Edgar Poe, criou uma fantasia muito conhecida do Brasil: “Anthony Adverse”. Não interessa nesse caso o romance em si mas a construção ideal, a inspiração que anima o escritor, a fuga do mundo moderno, uma fuga espavorida para no mundo sonhado encontrar as mesmas misérias e sofrer os mesmos martírios. O romance parece querer vir provar que o homem é que faz o mundo e que enquanto existir o homem o mundo não se transmutará.

James Farrell, como criador da literatura proletária moderna dos Estados Unidos, não lança mão, como Michael Gold e seus discípulos, de literatura obscena, fora de uso e longe do comércio. Fala com critério dos humildes, escreve sobre o povo com quem vive, sem usar palavrões, o que o fez um dos mais lidos escritores entre as classes privilegiadas.

Benjamin Appel, John dos Passos, Amy Lowel, Robert Frost, Val Lewton, Dreiser, etc., etc., uma geração inteira inspirada no mesmo ambiente de formação de Farrell, Hemingway e Allen.

Estes três últimos são os artistas do senso político e da compreensão dos agudos problemas sociais. Não entram na luta pelo prazer de lutar mas sempre em defesa de um princípio sagrado de vida. Para mim, eles representam, pelo arrojo intelectual e galhardia de espírito, a classe média dos Estados Unidos. São eles assim quem tornaram possível o equilíbrio da sociedade americana, enlaçando ricos e pobres, escrevendo para eles, orientando e educando ao contrário do que faziam os dois tipos representativos das extremas, Waldo Frank e Michael Gold.

# UM POUCO SOBRE MARCEL PROUST

## FRAGMENTO DE ENSAIO

*A Gazeta, 1943.*

*Transcrito da revista: Moça – sine die, dezembro de 1938.*

**E**aquí não improvisaríamos novidade se afirmássemos que sob essa aparência gélida de desinteresse, Proust tentou criar em si o modelo do apóstolo, do homem que tem alguma coisa de sério a mais para dizer.

Talvez Proust quisesse permanecer um exemplo. Porque sua obra, em parte, é uma mensagem. Aponta direções, faz sistema, é uma satisfação a certas tendências do nosso sentimento de vida.

Proust não escreveu pelo simples prazer de criar mundos, de revelar incógnitas. Ele queria atuar sobre o espírito do leitor, queria ser compreendido, que fossem as suas idéias aceitas, que fosse o seu mundo interpretado logicamente, que bem ficassem caracterizados o conteúdo e a forma da sua obra.

“**Une journée de lecture**” é o catecismo artístico proustiano. Define os limites da criação literária, estipula regras de estética, fixa a função do livro na vida espiritual, ensaia um verdadeiro método de intervenção do autor na formação das idéias do leitor. Isto para que os resultados sejam os esperados, para que os efeitos não contrariem as manifestações do espírito que se transmite.

O livro é um incitamento de emoções. Não responde e não resolve problema algum. Não traz, nem pode trazer, a razão definitiva da existência das coisas e dos seres. O livro é desejo, é emoção, é sentimento. Ler para saber algo é pura

ilusão. Ler, sim, para sentir, para absorver novas vidas, embriagar o espírito ocioso com estranhas músicas e melodias invulgares.

O livro vale pelos prazeres que provoca, pela intensidade das emoções inevitáveis que trazem consigo a força de substituir a visão normal da vida. “Um livro não contém mais realidade que uma igreja, que uma cidade ou que uma mulher”.

O papel do livro situa-o nos limites das energias do espírito. O livro estabelece a comunicação de pensamentos, traz a mensagem de um espírito para outros espíritos. Seja de que valor, essa mensagem é sempre uma manifestação de inspiração ou de sentimento.

As belas maneiras do espírito, a sua natural elevação é uma resultante da leitura, do esforço de compreensão do pensamento alheio. “Toda arte poética de Proust se deduz de suas reflexões sobre a leitura. O papel da obra de arte será, antes de tudo, um motivo para sonhar, para pensar, servir de excitante, convidar o leitor a olhar as coisas, os seres, os sentimentos debaixo de um ângulo visual insólito no sentido de invulgar, extraordinário, incrível. A obra de arte é uma luta contra os costumes. Nessa visão normal da realidade é uma visão passiva, automática, onde impera, como soberano absoluto, o costume. A missão do artista consiste em romper esse automatismo, em convidar-nos a perceber o real de uma maneira ativa, em revelar-nos o que o costume dissimula e encobre. Assim, pois, o artista deve ser, com certa medida, um anormal”.<sup>1</sup>

O fim do homem de arte, do pintor ou do poeta, do romancista ou do contista, será por certo o de fazer a revisão dos valores, rompendo com a estabilidade e o equilíbrio social do meio ambiente. O homem existe pelo espírito. Mesmo o iletrado e o ignorante encontram encanto e satisfação na beleza das fantasias interiores que incentivam. Não há quem não procure fugir às determinantes universais da vida comum. Toda a existência do homem é – sabemos – uma história de rebeldias.

Cada personagem de Proust é um homem novo, porque nós vamos situar os seus personagens pelos desvios espirituais que o linguajar revela. Toda personalidade está no modo de falar, no jeito de dizer o que sentem e o que pensam.

Todo prestígio, todo sucesso dos livros de Proust, não foi só devido àquilo que Albert Thibaudet chamou de decomposição de após guerra. Como melhor

explica Massis, todo sucesso proustiano surge do conflito nascido do moral e do imoralismo e da sua incapacidade de ao menos manter vivo um ideal ou uma fé, uma orientação moral sequer.<sup>2</sup>

O livro ideal, segundo Proust, “é aquele que destrói pela análise a visão normal do universo ou de uma parcela do universo e reconstrói outra, por inteiro original e subjetiva, que aumenta a atividade espiritual de uma minoria mais seleta, orientando-a em um novo sentido e se impondo lentamente à massa”.<sup>3</sup>

Como profeta, Proust aceita o livro como elemento de educação. A sua arte basta como instrumento de investigações. Reunindo inteligência, sensibilidade e temperamento artístico, Proust chegou a descobrir a nova dimensão da vida. Não há mais hipocrisia no domínio da arte, explicou Jean Jacques Riviére, depois que o romance é um caso de consciência ou sensibilidade.

Como ninguém, Proust possuiu a percepção do que chamamos viver intensamente. É o investigador e o esteta, o homem e o artista, um explorando o outro num trabalho de interpenetração, de mútua compreensão, onde intervém a consciência contra as aparências enganosas do instinto e do costume.

Essa alta luta, por certo, teria que ser escrita. Outros homens, menos ou mais humanos, deveriam conhecer o que pôde realizar o superimpressionismo proustiano, e o que significa essa palavra tão enigmática para os futuros analisadores da alma do homem.

Os exemplos de Schopenhauer e Renoir fizeram com que Proust, depois de cada descoberta, imediatamente a cada nova penetração, escrevesse sobre o seu admirável trabalho de recriação artística.

E Proust buscou, no livro, o milagre da comunicação e do entendimento, “porque o que sabemos não é nosso”,<sup>4</sup> é também daqueles que nos entendem e que conosco sentem a aproximação do mesmo sonho e ainda observam o mundo sob aquele mesmo “ângulo visual insólito”.

<sup>1</sup> De Benjamin Crémieux.

<sup>2</sup> Henri Massis – *Le Drame de Marcel Proust*.

<sup>3</sup> Benjamin Crémieux – *Marcel Proust – Revista de Occidente – n. XIV – 1924*.

<sup>4</sup> “A L’Ombre des Jeunes Filles en Fleurs”.

## CRONOLOGIA

- 1916 - Manoel de Oliveira Franco Sobrinho nasce, em Curitiba, no dia 11 de janeiro
- 1933 - Aos 17 anos, começa a carreira de escritor colaborando para vários jornais e revistas, atividade que mantém durante toda a vida. Filia-se ao Círculo de Estudos Bandeirantes. É nomeado Secretário e posteriormente Presidente do Diretório Acadêmico de Direito, futuro Centro Acadêmico Hugo Simas - CAHS
- 1936 - Forma-se na Faculdade de Direito do Paraná. Escreve a tese “Concessão de Serviços Públicos em Direito Administrativo”
- 1938 - Torna-se Doutor em Direito e é nomeado docente livre de Direito Administrativo na Faculdade de Direito do Paraná e segue a carreira do magistério até a aposentadoria
- 1939 - Torna-se Professor de Sociologia do Ginásio Paranaense, atual Colégio Estadual do Paraná.
- 1941 - Nomeado diretor da sucursal da Empresa Editora “A Noite” no Paraná.
- 1943 - Assume a Cátedra de Direito Administrativo da Faculdade de Direito do Paraná. Empossado como membro da Câmara dos Contribuintes e do Conselho Técnico de Economia e Finanças do Estado do Paraná

1946 - Designado Procurador-Geral do Estado

1947 - Nomeado Procurador-Regional da Justiça Eleitoral do Paraná

1950 - Nomeado Presidente da Caixa Econômica Federal do Paraná

1954 - Eleito deputado federal para a legislatura 1955-1959

1955 - Eleito membro do Conselho Técnico e Administrativo da Faculdade de Direito da Universidade Federal do Paraná

1955 - Nomeado Secretário de Estado dos Negócios do Governo do Paraná. Designado para presidir a Comissão de Redação da Câmara dos Deputados

1956 - Eleito por jornalistas e diplomado pela Câmara dos Deputados como um dos vinte melhores parlamentares do país

1958 - Eleito deputado federal para a legislatura 1959-1963

1959 - Representante parlamentar do Brasil na 4ª Reunião do Conselho Interamericano de Jurisconsultos, em Santiago do Chile

1960 - Representante do Brasil na Assembléia Mundial da Saúde em Genebra, Suíça. No mesmo ano, participa da 6ª Sessão da Conferência da Unesco em Paris, França.

1961 - Como representante do Brasil, é designado para compor a 5ª Comissão de orçamento durante a XVI Assembléia Geral das Nações Unidas, realizada em Nova Iorque

1962- Suplente de Deputado Federal

1964 - Diretor Interino da Faculdade de Direito da Universidade Federal do Paraná

1964 - Presidente do Instituto Nacional do Mate

1966 - Eleito para a Academia Paranaense de Letras, na cadeira nº13, cujo patrono é Generoso Marques dos Santos, e o primeiro ocupante o professor Enéas Marques dos Santos

1967 - Nomeado o primeiro Juiz Federal para o Estado do Paraná

1970 - Diretor do Instituto de Ciências Sociais e Direito Comparado da Universidade Federal do Paraná

1971 - Diretor Interino da Faculdade de Direito da Universidade Federal do Paraná

1972 - Nomeado Diretor da Faculdade de Direito da Universidade Federal do Paraná

1974 - Participa como representante do Brasil em Buenos Aires, da Reunião dos países latino-americanos sobre economia, problemas jurídicos e políticos, relativos a empresas públicas e multinacionais

1975 - Aclamado como presidente do Instituto Brasileiro de Direito Administrativo, criado durante o 1º Congresso Brasileiro de Direito Administrativo, realizado em Curitiba

1977 - Professor Honorário da Facultad de Ciencias Juridicas e Sociales de la Universidad de Mendoza, Argentina, e Professor Honorário da Universidad Nacional Mayor de San Marcos, em Lima, no Peru. Membro correspondente da Asociación Argentina de Derecho Administrativo

1978 - Recebe o título de Vulto Emérito de Curitiba

1982 - Conselheiro consultivo do Instituto Internacional de Derecho Administrativo Latino em Montevideú, no Uruguai

1985 - Recebe o título de Professor Honorário do Colégio Mayor de Nuestra Señora Del Rosário, em Bogotá, Colômbia. Agraciado pelo Tribunal Superior do Trabalho com a Comenda de Grande Oficial da Ordem do Mérito Judiciário do Trabalho

1986 - Diretor do Setor de Ciências Jurídicas da Universidade Federal do Paraná

1990 - Professor Emérito da Universidade Federal do Paraná

1993 - Nomeado pelo Presidente Itamar Franco para participar da Comissão de Revisão Constitucional

1997 - Presidente de Honra do 1º Congresso Sul- Americano de Direito Administrativo, em Foz do Iguaçu, no Paraná. No mesmo ano, é Presidente de Honra do XI Congresso Brasileiro de Direito Administrativo, em Vitória, Espírito Santo

1998 - Presidente de Honra do XII Congresso Brasileiro e II Congresso Sul-americano de Direito Administrativo, em Foz do Iguaçu, no Paraná

2000 - Recebe o título de Membro Honorário da Academia Brasileira de Letras Jurídicas

2002 - Falece, em Curitiba, em 17 de julho. O novo prédio da Justiça Federal em

Curitiba recebe seu nome

2003 - O Fórum Eleitoral de Umuarama recebe seu nome.

## BIBLIOGRAFIA

*Concessão de Serviços Públicos em Direito Administrativo.* Curitiba: João Haupt, 1936.

*Do conceito do contracto administrativo.* Curitiba: Livraria Mundial, 1937.

*Noção Social de Antarquia.* São Paulo: Revista dos Tribunais, 1938.

*Noção Jurídica de Antarquia.* São Paulo: Revista dos Tribunais, 1938.

*Antarquias administrativas.* São Paulo: Revista dos Tribunais, 1939.

*Os serviços de utilidade pública.* Curitiba: Empresa Gráfica Paranaense, 1940.

*Caxias e o destino do Brasil.* Curitiba: Empresa Gráfica Paranaense, 1942.

*Desapropriação por utilidade pública.* Curitiba: João Haupt & Cia., 1942.

*O problema da municipalização dos serviços públicos.* Curitiba: João Haupt & Cia., 1942.

*Afirmções na prática do Direito Internacional.* Rio de Janeiro: DASP, 1960.

*Defesa do direito adquirido.* Curitiba: Lítero Técnica, 1963.

*Reflexões sobre o Direito Internacional Político.* Curitiba: Imprensa da UFPR, 1963.

*O homem na comunidade política internacional.* Curitiba: Imprensa da UFPR, 1964.

*Ensaio sobre a mecânica política do Estado.* Rio de Janeiro: Serviço de Documentação do Ministério da Justiça, 1965.

*Município e municipalização*. Brasília: DASP, 1966.

*Estudos de Direito Público*. Brasília: Serviço de Documentação do Ministério da Justiça, 1966.

*Política, Estado, Constituição*. Curitiba: [datilografado], 1968.

*Subversão e contra subversão*. Curitiba: Conselho de Pesquisas da UFPR, 1969.

*História breve do constitucionalismo no Brasil*. Curitiba: Editora da UFPR, 1969.

*A prova no processo administrativo*. Curitiba: Editora da UFPR, 1971.

*Introdução do Direito Processual Administrativo*. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1971.

*Fundações e Empresas Públicas*. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1972.

*A prova administrativa*. São Paulo: Saraiva, 1973.

*Desapropriação*. São Paulo: Saraiva, 1973.

*O controle da moralidade administrativa*. São Paulo: Saraiva, 1974.

*Comentários à reforma administrativa federal*. São Paulo: Saraiva, 1975.

*Manual dos municípios*. São Paulo: Resenha Universitária, 1975.

*Empresas públicas no Brasil*. São Paulo: Resenha Universitária, 1975.

*Do mandado de segurança nas desapropriações*. São Paulo: Resenha Universitária, 1976.

*Da competência administrativa*. São Paulo: Resenha Universitária, 1977.

*Desapropriação*. São Paulo: Resenha Universitária, 1977.

*Da desistência nas desapropriações. Jurisprudência Brasileira – Desapropriação*. Curitiba: Juruá, 1978.

*Curso de Direito Administrativo*. São Paulo: Saraiva, 1979.

*Direito Administrativo aplicado e comparado*. São Paulo: Resenha Universitária, 1979.

*Atos administrativos*. São Paulo: Saraiva, 1980.

*Contratos administrativos*. São Paulo: Saraiva, 1981.

*Ensaio sobre a teoria do órgão*. Curitiba: Editora da UFPR, 1981.

*Matéria expropriatória*. Curitiba: Editora da UFPR, 1982.

*Obrigações administrativas*. Rio de Janeiro: Forense, 1983.

*Regimes Políticos*. Rio de Janeiro: Forense, 1984.

*Parlamentarismo – Presidencialismo*. Curitiba: Editora da UFPR, 1985.

*Desapropriação*. São Paulo: Saraiva, 1989.

*O Princípio Constitucional da Moralidade Administrativa*. Curitiba: Gênese, 1993.

*Da competência constitucional administrativa*. Curitiba: Gênese, 1995.

*Desapropriação*. São Paulo: Saraiva, 1996.

#### **Livros editados pelo Instituto Manoel de Oliveira Franco Sobrinho**

*O Magistrado – Registro da Homenagem prestada pela Justiça Federal*, Instituto Manoel de Oliveira Franco Sobrinho, 2003.

*O Cidadão - Coletânea de Crônicas de Manoel de Oliveira Franco Sobrinho*, Instituto Manoel de Oliveira Franco Sobrinho, 2004.

*O Literato Precoce – Coletânea de Artigos Literários de Manoel de Oliveira Franco Sobrinho publicados em jornais*, Instituto Manoel de Oliveira Franco Sobrinho, 2004.

---

Esta obra foi composta por Taperouge Editorial Designs ([design@taperouge.com](mailto:design@taperouge.com)) em Garamond e Garamond Light Condensed, e impressa pela Maxigráfica em off-set para o Instituto Manoel de Oliveira Franco Sobrinho em outubro 2004.

